



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

PEDRO VÍTOR GADELHA MENDES

**A RACIALIZAÇÃO DOS NORDESTINOS EM SÃO PAULO: REPRESENTAÇÕES
NA IMPRENSA DA DÉCADA DE 1950 E RELATOS DE MIGRANTES IDOSOS**

PORTO ALEGRE

2021

PEDRO VÍTOR GADELHA MENDES

A RACIALIZAÇÃO DOS NORDESTINOS EM SÃO PAULO: REPRESENTAÇÕES NA
IMPrensa DA DÉCADA DE 1950 E RELATOS DE MIGRANTES IDOSOS

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Linha de Pesquisa: Minorias Sociais: Estigmatização, Discriminação, Desigualdade e Resistência.

Orientador: Prof. Dr. Karl Martin Monsma

PORTO ALEGRE

2021

CIP – Catalogação na Publicação

Mendes, Pedro Vítor Gadelha
A Racialização dos Nordestinos em São Paulo:
Representações na Imprensa da Década de 1950 e
Relatos de Migrantes Idosos / Pedro Vítor Gadelha
Mendes. -- 2021.
210 f.
Orientador: Karl Martin Monsma.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em
Sociologia, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Migração Nordestina. 2. Racialização. 3.
Relações étnico-raciais. 4. Estado de São Paulo.
5. Racismo. I. Monsma, Karl Martin, orient. II.
Título.

Pedro Vítor Gadelha Mendes

A RACIALIZAÇÃO DOS NORDESTINOS EM SÃO PAULO: REPRESENTAÇÕES NA
IMPrensa DA DÉCADA DE 1950 E RELATOS DE MIGRANTES IDOSOS

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Linha de Pesquisa: Minorias Sociais: Estigmatização, Discriminação, Desigualdade e Resistência.

Orientador: Prof. Dr. Karl Martin Monsma

Aprovada em Porto Alegre, 03 de novembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Karl Martin Monsma
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Prof^a. Dr^a Andréa Vettorassi
Universidade Federal de Goiás – UFG

Prof^a. Dr^a Luciana Garcia Mello
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Prof^a. Dr^a Fernanda Oliveira da Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Para minha família,

Valentina e Aline Neris.

Para meus pais, Sandra e Ernandi.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Sandra e Ernandi, por todo o suporte e apoio que me deram ao longo de minha vida.

À Valentina, por iluminar meus dias e à Aline Neris pelo companheirismo diário e carinho constante.

Ao Prof. Dr. Karl Martin Monsma, que acolheu o meu projeto, me ofereceu uma excelente orientação e demonstrou uma sensibilidade ímpar.

Às professoras participantes da banca examinadora Prof^a. Dr^a Andréa Vettorassi, Prof^a. Dr^a Luciana Garcia Mello e Prof^a. Dr^a Fernanda Oliveira da Silva pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS, por toda dedicação e conhecimentos compartilhados.

À antiga secretária do PPG em Sociologia pelo excelente trabalho realizado, em especial à Regiane pela constante disposição de ajudar estudantes e professores, assim como aos servidores que atualmente compõem o IFCH.

Aos membros da Compós pelas oportunidades e sensibilidade com o momento vivido.

Aos colegas do PPGS que se tornaram grandes amigos, em especial à turma de doutorado de 2016, sempre contribuindo com debates e sugestões. Não poderia deixar de falar dos “compadres”, Lizandro Lui, Jéssica Lucion e Gabriel Coelho. Ainda quero destacar os colegas que faziam mestrado quando entrei no PPGS, Pedro, Gustavo, Wagner, Felipe e Michel.

Aos entrevistados Bené, Cícera, Elenita, Gilda, Irene, Ivan, Zé Raimundo, Luzanira, Mafra, Maria de Saleta, Maria do Carmo Martins, Maria do Carmo, Sivaldo, Valdete, Antônia, Carmelita, Laudicéia, Macário, Sérgio Pereira, Maria de Lurdes, Zilmar, Maria das Graças, Marlene, Zé, Bento, Maria do Espírito Santo, Sarapião e Geraldo Brito por me receberem tão bem nas suas lembranças.

A Matheus Gato de Jesus que de maneira muito solícita me ajudou com ótimas sugestões de leitura a formular meu projeto antes de ser aprovado no PPGS.

Aos historiadores José Neto Almeida e Tito Barros Leal pela paciência com que me ensinaram a pesquisar numa hemeroteca.

Aos valorosos amigos que tanto me ajudaram no contato com entrevistados Leandro Brasília, Marie Aui, Ruy Bento Vidal, Bruno Aranha, Rejane Lima, Lisa, Samara

Martins, San Soares, Diana e especialmente Rosa Montero, que, além da ajuda com a pesquisa, também me recebeu em sua casa nas duas ocasiões de pesquisa de campo.

À minha família gaúcha Bianca, Daniela, Lélia Brasil e José Mario. Âncoras de afeto em Porto Alegre.

Ao Cristian e ao Luciano, colegas de república que fizeram me sentir em casa.

À minha sogra Rosehele Neris, carinhosa avó e brava mãe. Sem a senhora não teria conseguido.

Uma tese nunca é um trabalho individual. É resultado do trabalho e ajuda de muitos sempre submetida a um contexto de produção. Tendo em vista o momento difícil em que esta tese foi escrita, não posso deixar de agradecer a amigos, familiares e profissionais que nos ajudaram a enfrentar as adversidades.

Ao amigo Daniel Fonsêca pela ajuda com os documentos.

A Vlândia Gadelha, Raphael Coutinho e Rodrigo Pinheiro como informais assessores jurídicos.

A Bruno Segundo e Ângela Delmira, sempre nos orientando sobre procedimentos necessários e melhores especialistas.

Ao Júlio César Hoffman pela ação judicial vencedora.

Aos médicos Celso Abdon, Rodrigo Gobbo e Virgínia Moreira Braga por aliarem humanidade e rigoroso conhecimento técnico.

Ao Guilherme Soares pela calorosa hospedagem.

“Motociclistas brasileiros do sul do País’:

– A gente é do sul do Brasil. Uma região muito rica, com colônias alemãs e italianas. Somos mais como vocês. (...)

‘Estadunidenses’:

– Eles não são brancos, são? Como podem ser como a gente? Nós somos brancos. Vocês não são brancos.”

(BACURAU, 2019).

RESUMO

Entender a sociedade brasileira e suas especificidades passa por considerar a centralidade do racismo na disposição e interação dos elementos que conformam nossa realidade social. Embora o racismo antinegro seja o modelo mais evidente de essencialização negativa presente nas interações sociais brasileiras, também existem outros processos de racialização. O estudo em questão busca entender que elementos da racialização dos migrantes nordestinos em São Paulo podem ser encontrados nas páginas do jornal *Correio Paulistano* na década de 1950 para em seguida identificar quais deles foram sentidos ao longo da vida de nordestinos idosos. Para isso se recorre à bibliografia nacional e internacional sobre raça, racismo e processos de racialização, o que permite conceber que os nordestinos, na medida em que compõem um grupo étnico em São Paulo que sofre uma dominação simbólica, econômica e política pelos paulistas, se constitui num grupo racializado. Posteriormente, ao se construir um histórico sobre o tema anterior a 1950, demonstra-se que a racialização do nordestino agrega elementos anteriores a própria formulação do Nordeste enquanto região do norte que sofre com as secas. Logo após a criação do Nordeste em 1919, o nordestino é representado em mídias impressas como a antítese do paulista, contraponto a ser reiterado ao longo das décadas, num discurso racista que se reinventa ao apontar no Nordeste uma cultura inferior. Na década de 1950 os nordestinos começam a chegar em grandes números a São Paulo, gerando um rico material de análise nos jornais da época que passaram a tematizar com frequência os migrantes que aportavam. Norteado pela processualidade com o que se pode compreender o lastro de uma realidade, recorri ao jornal *Correio Paulistano* e suas edições da década de 1950, em que pude identificar um discurso que não só reflete uma racialização que essencializa negativamente os migrantes nordestinos, como também indica elementos de um racismo próximo do que se define como racismo de exploração. Valendo-me de entrevistas semiestruturadas com migrantes idosos, se identifica em suas experiências narradas a quase totalidade das representações e características atribuídas aos nordestinos já presentes no *Correio Paulistano* da década de 1950.

Palavras-chave: Migração Nordestina; Racialização; Relações étnico-raciais; Estado de São Paulo.

ABSTRACT

Understanding the Brazilian society and its specificities involves considering the centrality of racism for the arrangement and interaction of the elements that comprise our social reality. Although anti-black racism is the most evident model of negative essentialism present in Brazilian social interactions, there are also other processes of racialization. This study seeks to understand which aspects of northeastern migrants racialization in São Paulo can be found in the pages of the *Correio Paulistano* newspaper in the 1950s and ultimately identify which of them have been felt throughout the older north-eastern's lives. For this, national and international bibliography on race, racism and racialization processes is used, which allows us to conceive that northeastern people constitutes a racialized group since they comprise an ethnic group in São Paulo that suffers a symbolic, economic and political domination by São Paulo. Later, when building a history of the theme prior to 1950, it is shown that the racialization of the northeastern has other elements prior to the formulation of the Northeast as simply 'a northern region that suffers from droughts'. Soon after the creation of the Northeast in 1919, the Northeast is represented in printed media as the antithesis of the São Paulo native person, a counterpoint to be reiterated over the decades, in a racist discourse that reinvents itself by pointing to an inferior culture in the Northeast. In the 1950s, northeastern people began to arrive in São Paulo in large numbers, generating a rich material for analysis in newspapers at the time, which frequently began to focus on the migrants who arrived. Guided by the process of understanding the foundation of a reality, I turned to the *Correio Paulistano* newspaper and its editions from the 1950s, in which I was able to identify a discourse that not only reflects a racialization that negatively essentializes northeastern migrants, but also indicates elements of a racism close to what is defined as exploitative racism. Using semistructured interviews with older migrants, in their narrated experiences, we could identify that most of the representations and characteristics assigned to northeastern people were already present in the *Correio Paulistano* newspaper back to the 1950s.

Keywords: Northeastern Migration. Racialization. Ethnic-racial relations. State of São Paulo.

RESUMÉ

Comprendre la société brésilienne et ses spécificités implique de considérer la centralité du racisme dans la disposition et l'interaction des éléments qui façonnent notre réalité sociale. Bien que le racisme anti-noir soit le modèle le plus évident d'essentialisme négatif présent dans les interactions sociales brésiennes, il existe également d'autres processus de racialisation. L'étude en question cherche à comprendre quels éléments de la racialisation des migrants du nord-est brésilien à São Paulo se retrouvent dans les pages du journal *Correio Paulistano* dans les années 1950, puis à identifier quels éléments ont été ressentis tout au long de la vie de ces personnes âgées du Nord-Est. Pour cela, une bibliographie nationale et internationale sur les processus de race, de racisme et de racialisation est utilisée, ce qui nous permet de concevoir que les originaux du Nord-est, en tant qu'ils constituent une ethnie à São Paulo qui subit une domination symbolique, économique et politique des paulistes, constitue un groupe racialisé. Plus tard, lors de la construction d'une histoire du thème avant 1950, il est montré que la racialisation des personnes du nord-est ajoute des éléments antérieurs à la formulation elle-même du Nord-est comme une région du nord qui ne souffre que de sécheresses. Ensuite la création du Nord-Est en 1919, l'individu du Nord-Est est représenté dans la presse écrite comme l'antithèse du natif de São Paulo, contrepoint réitéré au fil des décennies, dans un discours raciste qui se réinvente en pointant du doigt une culture inférieure dans le Nord-est. Dans les années 1950, les gens du nord-est ont commencé à arriver en grand nombre à São Paulo, générant un riche matériel d'analyse dans les journaux de l'époque, qui ont commencé à thématiser fréquemment les migrants qui sont arrivés. Je me suis tourné vers le journal *Correio Paulistano* et ses éditions des années 1950, dans lequel j'ai pu identifier un discours qui reflète non seulement une racialisation qui essentialise négativement les migrants du nord-est, mais indique également éléments d'un racisme proche de ce qui est défini comme un racisme d'exploitation. À partir d'entretiens semi structurés avec LES migrants âgés, la quasi-totalité des représentations et des caractéristiques qui leur sont attribuées déjà présents dans le journal *Correio Paulistano* dans les années 1950 peuvent être identifiées dans leurs expériences racontées.

Mots-clés: Migration du Nord-est. Racialization. Relations ethniques raciales. État de São Paulo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1	– Número de menções no período compreendido entre 1950 a 1959	70
Gráfico 2	– Número de menções no ano de 1950	71
Gráfico 3	– Número de menções no ano de 1951	72
Gráfico 4	– Número de menções no ano de 1952	72
Gráfico 5	– Número de menções no ano de 1953	72
Gráfico 6	– Número de menções no ano de 1954	73
Gráfico 7	– Número de menções no ano de 1955	73
Gráfico 8	– Número de menções no ano de 1956	73
Gráfico 9	– Número de menções no ano de 1957	74
Gráfico 10	– Número de menções no ano de 1958	74
Gráfico 11	– Número de menções no ano de 1959	74
Gráfico 12	– Número de menções por mês na década de 1950	75
Gráfico 13	– Esquema representativo de entrevistados por estado do Nordeste	142
Gráfico 14	– Primeiro emprego em São Paulo	145
Gráfico 15	– Já sofreu discriminação em São Paulo?	156
Gráfico 16	– Já te chamaram de baiano?	182
Quadro 1	– Imigrantes alocados em fazendas no interior de São Paulo / ano	80

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANESP	Associação Nortista de São Paulo
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Codeno	Conselho de Desenvolvimento do Nordeste
CTN	Centro de Tradições Nordestinas
DIC	Departamento de Imigração e Colonização
GTDN	Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDT	Instituto de Desenvolvimento do Trabalho
INIC	Instituto Nacional da Imigração e Colonização
IOCS	Inspetoria de Obras Contra as Secas
IFOCS	Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas
ITN	Inspetoria de Trabalhadores Nacionais
PPGS	Programa de Pós-Graduação em Sociologia
PSD	Partido Social Democrático
PT	Partido dos Trabalhadores
SINE	Sistema Nacional de Emprego
Sudene	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
UDN	União Democrática Nacional
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	PERSPECTIVAS SOBRE O RACISMO E SOBRE A RACIALIZAÇÃO	21
2.1	RAÇA, RACISMO E RACIALIZAÇÃO	21
2.2	RACISMOS: ENTRE A EXPLORAÇÃO E A EXCLUSÃO	30
2.3	A REPRODUÇÃO DO RACISMO	38
3	CONSTITUIÇÃO RACIAL E REGIONAL DO BRASIL: O NORDESTINO INVENTADO	42
3.1	O NASCIMENTO DO NORDESTE E A INVENÇÃO DO NORDESTINO ..	42
3.2	SÃO PAULO ÍMÃ DE IMIGRANTE	52
3.3	EXISTE RACISMO SEM RAÇA?	59
4	OS JORNAIS PAULISTAS DA DÉCADA DE 50 E SUA NARRATIVA SOBRE OS NORDESTINOS	63
4.1	COMO LER COM OS OLHOS DO PASSADO?.....	63
4.2	O CORREIO PAULISTANO	65
4.3	RECORTE	67
4.4	FALAR DE NORDESTINOS É FALAR DE POLÍTICAS PÚBLICAS	76
4.5	O “SOTAQUE” DA POBREZA	94
4.6	A MIGRAÇÃO COMO RISCO SANITÁRIO	105
4.7	O CORPO NORDESTINO E A DISCRIMINAÇÃO RACIAL	109
4.8	COMPARAÇÃO ENTRE NORDESTINOS E IMIGRANTES INTERNACIONAIS	118
4.9	NORDESTINO: BOM POR QUE “AGUENTA” O TRABALHO	127
4.10	O PERIGO PELO CRIME, PELA FOME E PELA REVOLUÇÃO	130
4.11	NORDESTINOS: O PROBLEMA OU A SOLUÇÃO?	136
5	MIGRANTES NORDESTINOS EM SÃO PAULO: RELATOS DE INSERÇÃO E EXCLUSÃO	141
5.1	MECANISMOS DE RECONHECIMENTO	146
5.2	SITUAÇÕES DE RACISMO CONTRA NORDESTINOS	155
5.3	O ELOGIO DO SACRIFÍCIO NA INVERSÃO DE HIERARQUIAS	166
5.4	ANTES ERA BOM, MAS ERA DIFÍCIL; HOJE É RUIM, MAS É MELHOR	172

5.5	BAIANOS E BAIANADAS	181
5.6	RACISMO RECREATIVO: QUANDO A OFENSA NÃO DÓI	187
5.7	RACISMO COMO DEFEITO MORAL	189
5.8	COMIDA AMARGA AO MENOS É COMIDA	191
5.9	NOS JORNAIS DO PASSADO E NA VIDA DOS PRESENTES	193
	CONCLUSÃO	197
	REFERÊNCIAS	203

1 INTRODUÇÃO

Não há como falar de racismo no Brasil sem pensar no racismo antinegro e suas consequências perversas para a população brasileira. Embora esse racismo seja o processo de racialização, hoje, mais evidente na realidade nacional, outros grupos étnicos também são racializados. Pensar em “raça” é um processo que vai além das diferenças físicas. Ao contrário da divisão que muitos acadêmicos fazem vinculando a raça ao biológico e a etnia ao cultural, em sua assimilação popular a raça pode articular não só possíveis traços fenotípicos como também pode fazer referência a elementos culturais (MONSMA, 2017). Ou seja, a distinção entre fenótipo e cultura não tende a ser tão clara no racismo manifesto em práticas sociais.

Entender como a população percebe uma raça é importante para entender os mecanismos de exclusão ou privilégios oferecidos pela sociedade. Sendo o racismo uma dominação étnica que ocorre sistematicamente sobre um grupo que também sofre uma essencialização negativa, ele tende a se expressar vinculando elementos raciais a características e potencialidades internas como valores morais e disposições. Essa essencialização negativa atua como uma justificativa para a exclusão ou dominação de determinado grupo por outro. Esse processo se abate não só por grupos reconhecidos e aceitos popularmente enquanto “raças”, mas também a outros agrupamentos, como acontece com algumas “etnias” e “migrantes”. Estes grupos, apesar de não serem reconhecidos socialmente enquanto raças, estão sujeitos aos mesmos processos de essencialização negativa em que se configura situações de racismo (MONSMA, 2016).

Um processo de racialização envolve a imposição de categorias por um grupo dominante sobre outro. Ou seja, a racialização se caracteriza por uma dominação simbólica, econômica e política de um grupo por outro (MONSMA, 2016). No entanto, a racialização também pode implicar características positivas ou mesclar estas características com outras consideradas negativas.

Recorrentemente, ao longo dos últimos anos, manifestações na internet em ataque à dignidade de nordestinos tem emergido e causado polêmica no ambiente digital da internet. Estas manifestações tendem a ocorrer principalmente em situações de competição como em concursos de miss, partidas de futebol e, principalmente, nas eleições presidenciais.

Nas eleições presidenciais de 2014, diante da vitória de Dilma Rousseff pelo Partido dos Trabalhadores (PT), estas manifestações de ódio não ficaram restritas ao ambiente quase anônimo das redes sociais digitais, mas também chegaram a ser reproduzidas por

expoentes da imprensa nacional que caracterizaram o Nordeste como “retrógrado, bovino, subalterno” e “região atrasada” (GÓIS, 2014), culminando com a manifestação de um parlamentar paulista defendendo a divisão do País numa ruptura com o Norte e o Nordeste (MELO, 2014). Manifestações semelhantes voltaram a inundar as redes em 2018 quando, ao não ser eleito no primeiro turno das eleições presidenciais, apoiadores de Jair Messias Bolsonaro voltaram a atacar nordestinos imputando a eles a “culpa” por ainda terem de aguardar os resultados do embate de seu candidato com Fernando Haddad, candidato do PT (TERRA, 2018). Os discursos violentos contra os nordestinos, única região no pleito daquele ano onde o presidente eleito não obteve maioria dos votos, lembra elementos da xenofobia moderna contra minorias migrantes (GUIMARÃES, 2002). Estes discursos apresentam elementos de caracterizações e estereótipos construídos desde antes de o Nordeste ser concebido como termo e recorte geográfico; como esse discurso afeta a vida dos migrantes nordestinos em São Paulo e nos fornece indícios sobre o desenho das relações de poder entre estabelecidos e migrantes.

O estudo em questão busca entender como esse processo de racialização é sentido por migrantes nordestinos em São Paulo. Quais elementos dos discursos sobre nordestinos se relevam mais ofensivos aos próprios migrantes? Faz parte desse processo entender que inclinações potenciais foram mais atribuídas aos migrantes. Virtudes e defeitos são articulados neste processo de racialização. Identificar o uso dessas qualidades atribuídas nos indica se esse processo é essencialmente negativo ou se se trata de uma combinação com elementos de uma racialização positiva. Quais as especificidades do processo de racialização da identidade nordestina? Paulistas reconhecem nordestinos por meio de que elementos? A depender de quais características do nordestino são mobilizadas, é possível a estes migrantes, estratégias de fuga do processo de racialização?

A década de 1950 é um marco para São Paulo no que diz respeito à migração interna. Pela primeira vez a capital paulista detinha um número maior de migrantes nacionais de fora do Estado que provenientes do interior paulista. Os quase um milhão de novos moradores que chegaram à São Paulo nessa década representavam um crescimento populacional da cidade de aproximadamente 60%, sendo a maior parte destes da região Nordeste (FONTES, 2008). A presença desses migrantes era sentida e repercutida pelos veículos de comunicação. Em que medida os discursos desses jornais tentaram racializar a identidade nordestina? Quais as construções racializadoras mais frequentes?

O mundo não é configurado de forma estática, mas sim processual. Para que a ciência possa revelar um mundo mais fiel possível à realidade dada, essa ciência precisa

computar a processualidade do mundo. Com a sociologia não é diferente. Nessa perspectiva esse estudo se propõe a pensar uma sociologia processual, buscando não só avaliar as conexões, estruturas históricas e outras dimensões de mundo social, mas também buscando entender que a importância de cada elemento desses varia a depender do contexto e de como esses elementos interagiram no transcorrer do tempo (ELIAS, 2001).

O projeto previamente pensado e aperfeiçoado nas disciplinas sob sugestões dos colegas e professores previa entrevistas com nordestinos e filhos destes. Entre outros objetivos que permaneceram no trabalho em questão, havia a suposição de que os descendentes talvez levassem consigo alguma identificação com a identidade atribuída a seus pais. Para encontrar esses descendentes, se preferiu a abordagem de jovens em pontos de atendimento do Sistema Nacional de Emprego (SINE), onde é comum encontrar adolescentes ou jovens adultos buscando encaminhamento profissional e oferta de estágios.

Na experiência vivida no primeiro campo de pesquisa cuja finalidade era testar a viabilidade dos métodos previamente traçados, se evidenciou a dificuldade e resistência deste grupo social a entrevistas. Essa dificuldade limitou o foco das entrevistas a nordestinos. Sob influência de meu orientador, estabelecemos como foco os nordestinos mais velhos, já que os idosos são um grupo que em geral é mais aberto a entrevistas. Para podermos lidar com vivências de migração mais uniformes e circunscritas a um universo de eventos históricos específico, estabelecemos como condicionante para a entrevista nordestinos que tenham migrado no máximo até o final da década de 70. Sob este novo enfoque, consegui, ao retornar ao campo, gravar um total de 28 entrevistas.

Ainda na primeira experiência no campo de pesquisa, ao me voltar para entrevistas com nordestinos vivendo em São Paulo sem estabelecer ainda um crivo de idade nem de ano de chegada na cidade, percebi diferenças de postura e abertura dos entrevistados a depender da forma com que eram feitos os primeiros contatos e sondagens. Quando a aproximação e pauta das questões pertinentes se desenvolviam como numa conversa informal, com frequência e naturalidade os migrantes relatavam situações de discriminação vivenciadas. Apesar das possibilidades de abordagem neste método, preferi por não o adotar na pesquisa sob o risco de acessar dados enviesados por influência minha como entrevistador. Por outro lado, neste primeiro momento, quando as questões eram apresentadas sob forma de entrevista, raramente os entrevistados reconheciam a vivência de algum tipo de discriminação, sendo frequentes os comentários evasivos, tais como “sim, existe preconceito, mas eu nem ligo...”; “já passei por isso, mas são pessoas inferiores, é melhor não dar atenção”; “coisa de gente pequena”; “ah, a

gente sempre escuta umas brincadeiras, mas o melhor é não ligar...” etc. Essa primeira experiência foi importante para que a estrutura da entrevista pudesse ser repensada.

Outro elemento importante que o primeiro campo de pesquisa conferiu ao rearranjo final do método utilizado nas entrevistas foi perceber como uma sondagem mais formal tendia a gerar respostas lacônicas, muitas vezes sob o receio de não “responder a coisa certa”. Ficou claro que uma abordagem mais aberta e dialogada era necessária, se optando por uma entrevista semiestruturada como método, o que possibilitou um contorno informal ao mesmo tempo em que determinados pontos obedeciam a uma sequência propositalmente montada para não enviesar as respostas dos entrevistados.

Quando retornei para realizar minha pesquisa de campo em São Paulo, o método já estava reestruturado. As entrevistas foram realizadas durante estadia no estado de São Paulo entre as datas 03/11/2018 e 21/11/2018 incluindo-se a capital e cidades satélites. Foram entrevistados idosos que migraram até a década 1970, estando compreendidos migrantes que chegaram em décadas anteriores. Na cidade de São Paulo as entrevistas aconteceram nos bairros Bela Vista, Tucuruvi, São Miguel Paulista e Tatuapé. Além da cidade de São Paulo, também foram colhidas entrevistas em Guarulhos no bairro dos Pimentas, em Taboão da Serra no bairro Jardim Santo Onofre e em Diadema no bairro Vila Nogueira. Foram 28 migrantes entrevistados gerando, pela transcrição, um material que totalizou 469 páginas. A escolha por estas cidades paulistas aconteceu em razão do contato com a pessoa a ser entrevistada. Os altos preços dos aluguéis historicamente empurraram a moradia dos migrantes nordestinos para regiões mais afastadas do centro urbano da capital. É comum, portanto, encontrar migrantes ainda residindo em suas casas nas áreas periféricas da capital paulista ou nas cidades-satélites mais próximas. O contato com os entrevistados foi estabelecido por meio de diferentes conhecidos e amigos. Uma vez realizada a entrevista, se tentava o contato com outro possível entrevistado numa técnica de *snow ball*, o que poucas vezes rendeu novos contatos para entrevista.

Um marco para a migração nordestina foi o período do pós-Guerra, na década de 1950. Levas cada vez mais numerosas de migrantes nordestinos rumaram para São Paulo a fim de se empregarem nos variados ramos de indústria e serviços em franca expansão. Alguns jornais da época arriscavam dizer que o desemprego na cidade de São Paulo era zero (FONTES, 2008). O “nordestino” passou de uma representação frequente nos debates da intelectualidade paulista para um elemento cotidiano e frequente na vida dos que viviam em São Paulo. Como resultado deste fenômeno social vivenciado pelos paulistas, a presença dos migrantes era frequentemente pautada nos jornais da época. Tendo em vista a importância

desses relatos e discursos, o outro método escolhido para, em complemento ao primeiro, abordar a racialização do nordestino em São Paulo foi a utilização de jornais da época como fontes. A ideia inicial pretendia abordar diferentes jornais da década de 1950, decênio em que a grande quantidade de migrantes nordestinos atingiu números nunca antes registrados na história de São Paulo, gerando impactos socioculturais em todo território brasileiro (FONTES, 2008). Partindo de estudos de outros autores que já haviam se voltado para a produção de jornais da época, como Paulo Fontes (2008), foi definida uma lista de palavras a serem buscadas na Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional. As palavras a serem buscadas seriam: nortista; baiano e baiana (também na grafia “bahiano”, ainda presente naquele período), nordestino e nordestina, nordeste, sertão, migrante, imigrante, cangaço, cangaceiros e cangaceiras.

No decorrer do registro das referências ao termo “nordestino” ficou claro que a lista previamente definida demandaria muito mais tempo e trabalho do que o inicialmente previsto. A lista foi reduzida para as palavras nortista, nordestino e nordestina. As menções a estas palavras foram registradas numa tabela que serviu de “mapa” para organização das referências. Nessa tabela, além de constar o jornal utilizado na pesquisa, constam informações importantes para a localização do texto e identificação de sua natureza. Fazem parte desse processo os registros da página, edição, palavras-chave, data, manchete ou chamada e autor, quando disponível.

O primeiro desafio consistiu em entender e filtrar que reportagens, notícias e colunas de fato atribuíam características e qualidades ao povo nordestino, uma vez que citar a palavra do gentílico do Nordeste num texto e referenciar uma virtude ou defeito não era suficiente. Os destaques coletados foram registrados numa tabela sempre que o conteúdo da notícia, reportagem ou coluna atribuíu aos nordestinos qualidades, defeitos ou características num viés coletivo. Dentre os resultados encontrados, alguns conteúdos foram descartados, como publicidades com nomes de marcas, pacotes de turismo, nomes de lojas, resultados esportivos, referências a personalidades supracitadas no texto (como, por exemplo, em “o político nordestino em questão destinou seu apoio a outro partido”) e até registros em que eram anunciados os nomes de cavalos vencedores de corridas em listas de aposta.

Foram pesquisados os jornais *Correio Paulistano*, *Diário da Noite*, *A Gazeta Esportista*, *Jornal de Notícias (São Paulo)*, *Mundo Esportivo – Um semanário completo dos esportes*, a *Revista “A Cigarra” (São Paulo)*, *Correio Paulistano – Pensamento e Arte*, *O Governador (São Paulo)*, *Il Moscone: Operazioni di Credito Commerciale Agricolo e Populare*, *Cine Reporter: Semanario Cinematografico* e *Fundamentos: Revista de Cultura*

Moderna todas estas publicações do estado de São Paulo. A escolha por estes jornais foi definida pela disponibilidade no acervo da hemeroteca virtual consultada. Com o termo “nortista” foram sondadas 830 ocorrências, 2.062 para o termo “nordestino” e 960 para “nordestina”, totalizando 3.852 ocorrências. Destas, foram catalogados 114 termos como “nortista”, 216 como “nordestino” e 25 para “nordestina”, o que gerou uma tabela que se estende por 46 páginas. Dado o volume de passagens que demandaram atenção, voltei-me apenas para o jornal *Correio Paulistano* com o maior número de menções, decisão respaldada pela relevância social do mesmo para a época. Por fim, foram abordadas 201 passagens catalogadas em edições diversas deste jornal, total que compreende a soma das 36 referências a “nortista”, 149 a “nordestino” e 16 a “nordestina”.

Para diferenciar os argumentos e expressões originais presentes no jornal das mobilizadas no argumento desta tese, as palavras entre aspas destacam como está escrito no original. Quando um autor não assina a coluna ou reportagem, ele é referenciado como “autor”.

O presente trabalho se organiza em quatro capítulos. O primeiro, corresponde a esta introdução. No segundo capítulo apresento o escopo teórico que orienta nas discussões sobre raça, racismo e racialização no Brasil e no Mundo. Destaco a importância de entender a dinâmica e as categorias mobilizadas nos processos raciais vividos e reproduzidos nas sociedades. Na sequência apresento dois modelos de racismo, o racismo de exploração e o racismo de exclusão, inspirados respectivamente nas características que compõem o racismo antinegro nos Estados Unidos e o antissemitismo na Alemanha. O racismo não permanece numa sociedade por inércia, portanto encerro o capítulo elencando que aspectos de uma realidade racializada favorecem a reprodução do racismo.

No terceiro capítulo resgato discursos sobre os nortistas que serão importantes na forma que o Nordeste será retratado quando se popularizar como conceito. Contraponho o discurso da intelectualidade paulista vinculada à Revolução Constitucionalista de 1932 com as representações disseminadas pelos intelectuais regionalistas da denominada geração de 30 extraindo desse embate os símbolos que seriam atrelados ao Nordeste e ao nordestino nas próximas décadas. A seguir, constituo a dinâmica das atividades socioeconômicas de São Paulo e de como o Estado e a Cidade reagiram institucionalmente à vinda dos migrantes na década de 1950, assim como debato os impactos da migração nas instituições locais. Ao final, levanto os elementos históricos presentes nesse capítulo e os articulo com as categorias do segundo capítulo a fim de saber se, além de racializado, pode-se dizer que o nordestino sofria racismo em São Paulo.

O quarto capítulo se constituiu das problematizações em torno dos textos veiculados nas edições do *Correio Paulistano* publicadas durante a década de 1950 que se referem a nortistas, nordestinos e nordestinas. Para tanto faço um resgate do histórico do jornal e de seu significado para São Paulo. Cruzo as estatísticas sobre as menções aos nordestinos com fatos históricos buscando elementos de correlação. No restante do capítulo destaco as principais representações encontradas sobre os migrantes.

O quinto capítulo reflete sobre as dificuldades do campo de pesquisa e sobre as soluções a que se recorreu diante delas. Na sequência traz-se os resultados encontrados depois da análise das entrevistas semiestruturadas com idosos migrantes em São Paulo e indicação de quais construções presentes nos jornais foram pautadas pelos entrevistados.

Concluo na esperança de que o trabalho em questão venha a contribuir com o debate teórico sobre racializações e estudos étnico-raciais a fim de prover elementos que ampliem o escopo das reflexões sobre os racismos assim como dados que auxiliem o desenvolvimento de políticas públicas respaldadas por princípios de justiça social.

2 PERSPECTIVAS SOBRE O RACISMO E SOBRE A RACIALIZAÇÃO

São muitos os autores que contribuíram para a construção de categorias referentes às relações raciais, pensando termos como raça, racismo e racialização no Brasil e no Mundo. Destaco a importância de entender a dinâmica e as categorias mobilizadas nos processos raciais vividos e reproduzidos na sociedade e como dialogam com os veículos de comunicação. A relação entre racismo e racialização é problematizada.

Pensar as teorias sobre o racismo não significa apenas entender como ideias sobre raças humanas foram cunhadas e como a hierarquia entre elas passou a ser justificada em círculos acadêmicos, mas também significa entender como essas teorias impactaram os debates públicos sobre esses temas, como cada uma foi acolhida socialmente e como elas se “renovaram” sob outros discursos.

2.1 RAÇA, RACISMO E RACIALIZAÇÃO

As teorias do racismo têm em suas abordagens clássicas muito do que ainda podemos encontrar no discurso público sobre as relações raciais graças a estes processos de acolhimento ou negação das categorias articuladas pelas academias e saberes legitimados por autoridades. Entender os processos de racismo e racialização presentes hoje na sociedade significa encontrar pedaços dessas teorias clássicas nos processos de racionalização e entendimento das coletividades sobre a estrutura racista (BANTON, 1979).

Michel Banton (1979) em seu livro “*A ideia de raça*” aponta como a raça, a classe e a nação surgiram no mesmo meio europeu e têm muitas similaridades. Todas as três são conceitos desenvolvidos para ajudar a interpretação de novas relações sociais. Destas três, a ideia de nação foi e ainda hoje é a que mais goza de prestígio, sendo considerada a mais afortunada pelo autor; dado que a consciência de classe é frágil, enquanto que a raça, num primeiro instante, prometia que cada tipo racial tomaria posse de um território específico, logo reforçou a ideia de que a superioridade racial pertencia aos brancos e que, portanto, todos os territórios do mundo pertenceriam a eles.

Banton traça um histórico dos primórdios do entendimento acadêmico sobre as raças humanas. Ele se detém sobre as comumente conhecidas teorias eugênicas e esmiúça seus principais autores. O autor divide os ditos eugenistas em duas fases de pensamento,

tipologia racial e darwinismo social, ambas influenciadas pelos estudos biológicos (BANTON, 1979).

Este autor entende o surgimento da consciência racial como um processo gradual, um fenômeno sobre o qual é difícil definir um ponto zero. Apesar da dificuldade, ele deixa claro que certamente esse processo coincide com a história da Europa Ocidental (BANTON, 1979). A racialização aparece primeiro, com uma certa hesitação, nos trabalhos históricos europeus, principalmente nos historiadores e romancistas britânicos de meados do século XIX. A palavra “raça” aparece para se referir às divisões entre a população inglesa. O comportamento da maior parte da população, identificada como saxã, era posto em destaque com a nobreza, originária da Normandia francesa. Supunha-se que essas diferentes “raças”, saxões e normandos, entravam em choque de acordo com seus diferentes caracteres. Mas quando abordada pela ótica dos pesquisadores que utilizavam a biologia para tecer suas reflexões, essa categoria passa a ser tratada por tipos e não raças (BANTON, 1979).

Um tipo era uma noção muito conveniente para se referir às diferentes populações humanas, assim se evitava “raça”, “espécie” ou qualquer outro nível de classificação da zoologia e suas armadilhas para este debate. Os autores da tipologia racial articulavam e buscavam explorar as contradições dos dados fornecidos pela Bíblia com os dados fornecidos pelo método científico da época, principalmente pelos dados fornecidos pela biologia. Além desses fatores, é importante destacar a especificidade dos autores alemães, influenciados pelos ideais da literatura romântica pautando noções como diferenças culturais relacionadas a um espírito comum a indivíduos de um povo. Mas Banton vê nas discussões da tipologia um direcionamento muito mais influenciado pelo contexto sócio-político de cada país e região do que necessariamente por uma perspectiva de ciência em formação, estando esta primeira formulação muito mais atrelada às tensões políticas na Europa, aos processos de colonização pela Europa na África e na Ásia e às tensões raciais nos Estados Unidos (BANTON, 1979). Diversas versões da teoria dos tipos apresentavam o antagonismo inter-racial como um fato implantado na natureza das raças, um elemento quase inerente ao relacionamento entre tipos diferentes. A miscigenação não era vista com preocupação, pois se presumia que os filhos miscigenados fossem estéreis (BANTON, 1979).

Com o trabalho de Charles Darwin, um novo paradigma secular ganhou força na ciência. Os chamados darwinistas sociais aplicavam as premissas do darwinismo na biologia às ideias sobre o progresso da sociedade humana. A seleção natural seria um mecanismo para a criação de raças puras. Para que a ascensão dessas raças pudesse ocorrer, era preciso adotar medidas eugenistas, com a reprodução das melhores características dos grupos raciais mais

virtuosos, a fim de que a mudança biológica pudesse propiciar progresso humano. Reificando a ideia da teoria dos tipos de que havia na natureza uma tensão inerente entre as raças, com os darwinistas essa tensão passou a ser compreendida como positiva já que ela existiria em função da seleção natural. As raças tenderiam à rivalidade pela lógica natural que faria com que a mais adaptada prevalecesse. Assim as guerras, massacres e extermínios deixavam de ser lamentáveis catástrofes para, em muitos dos ideólogos darwinistas, serem louvados como a marcha humana rumo ao progresso. Aspectos morais, sociológicos e psicológicos no campo das relações raciais passaram a ocupar o segundo plano ante a função das forças objetivas do grande plano biológico (BANTON, 1979).

O racismo científico e seus estudos seguiram influentes e respeitáveis áreas do saber nos Estados Unidos e Europa até o momento em que, como destaca George M. Fredrickson (2002), Adolf Hitler manchou a reputação desses estudos e pressupostos com o Holocausto na Segunda Grande Guerra, o que atribuiu ao racismo uma péssima conotação, pois foi justamente através do regime nazista que o termo “racismo” viria a ser de uso comum e disseminado. Ela se fez necessária como termo para descrever as teorias que justificavam a perseguição dos judeus pelos nazistas. Porém, como tende a acontecer na história, uma palavra quando surge vem para descrever práticas que já existiam até então sem nomenclatura definida.

Muito se debate sobre a extensão dessas práticas na realidade latino-americana. A partir de que momento o racismo se viabilizou como estrutura? Para Aníbal Quijano (2011), a ideia de raça se originou na relação colonial dos europeus na América, sendo um importante eixo para a diferenciação do colonizador sobre indígenas e africanos. Quijano sugere que não só a raça, após a descoberta da América, já era articulada como um fator de divisão como também estabelecia uma hierarquia entre diferentes povos, o que nos leva a crer que, para o autor, a divisão dos grupos humanos em raças aconteceu em concomitância à sua hierarquização. Karl Monsma (2017) chama de “paradigma colonial” a visão, compartilhada por autores decoloniais como Aníbal Quijano, de que o racismo no mundo moderno é uma consequência da expansão europeia iniciada no final do século XV. Se Monsma destaca que este paradigma, por um lado, dá suporte à compreensão do racismo contra negros, indígenas e imigrantes, por outro lado, escapam ao paradigma colonial outras formas de racismo, como as presentes internamente na Europa direcionadas a judeus, mulçumanos e povo romani.

Louis Dumont (1992), por outro lado, nos ajuda a questionar, através de suas reflexões sobre o sistema de castas na Índia, se é possível falar de racismo numa sociedade que não se estabelece sob o princípio igualitário da modernidade. O autor desloca a ideologia

moderna do seu lugar de verdade universal e indica que uma sociedade como a indiana, ao não se assentar sobre valores modernos como a igualdade, não pode ser identificada com categorias que derivam do princípio de igualdade como o racismo. A sociedade de castas e sua segmentação é resultado, numa primeira instância, do princípio hierárquico de onde derivam as suas instituições. Falar em racismo é partir do *dever ser* que deriva do princípio igualitário: deveríamos ser considerados iguais, no entanto, não somos considerados como tal, estabelecendo grupos sociais dispostos em hierarquia. O problema que se expõe com a sociedade moderna é a cisão entre a forma como a sociedade está disposta e como ela deveria estar. Como Antonio Sérgio A. Guimarães (2012) aponta, o racismo moderno no Brasil e a desigualdade atrelada a ele irá se refugiar na diferença biológica enunciada pela geração de 1870, nas escolas de direito de Recife e São Paulo e nas de medicina da Bahia e do Rio de Janeiro. Assim a feição primeira do racismo moderno no Brasil se apresenta como doutrina científica.

Antes disso, o que Guimarães aponta é que existia uma divisão racial intrinsecamente relacionada ao que se identificava como “classe”, sobre uma justificativa teológica. Sendo o Brasil uma nação que se formou principalmente sobre a escravização de povos da África ocidental e meridional por povos europeus, em sua maior parte portugueses, a posição social coincidia com o “lugar” de cada um nesta sociedade racialista em que “senhores” e “escravos” eram vistos como pertencentes a “classes” diferentes. Essa divisão se assentava sobre a crença de que os africanos eram descendentes de Cã e, portanto, amaldiçoados. Com a presença cada vez maior de uma classe de homens livres pretos, essa racionalização teológica passou a ser abrandada e a “cor” passou a ser a classificação social mais importante (GUIMARÃES, 2003).

Guimarães (2003) nos chama a atenção para, nas ciências sociais, estarmos sempre atentos à natureza do conceito pautado. A de ter sempre atenção se um conceito é analítico ou se trata-se de um conceito “nativo”. Na área que estuda relações raciais esta distinção tem particular importância dada a popularização de alguns conceitos e a consequente mudança de sentido que neles pode ser operada. Quando falamos de conceito nativo, falamos de termos que têm sentido no mundo prático (GUIMARÃES, 2003). Já conceitos analíticos podem ser de difícil tradução para uma linguagem compartilhada e, portanto, podem constituir um desafio quando peças importantes de uma sondagem em entrevistas ou *surveys*.

Um exemplo sobre a importância de estar atento aos termos se analíticos ou nativos são os revezes que cercam a utilização do termo “raça”. Depois das tragédias da

Segunda Guerra Mundial, cientistas como biólogos, sociólogos e antropólogos empreenderam esforços para sepultar o uso do termo “raça” como categoria analítica. No entanto, o termo persistiu em sua importância como meio de entender realidades com diferenças e divisões entre grupos humanos, sendo, cientificamente, uma construção social a ser estudada pelas ciências sociais (GUIMARÃES, 2003). O autor define raça como sendo discursos sobre as origens de um grupo que fazem referência à transmissão de “traços fisionômicos, qualidades morais, intelectuais, psicológicas, etc.”, pelo sangue (GUIMARÃES, 2003). O autor diferencia estes discursos dos que fazem referência a lugares de origem como discursos sobre a etnia, sendo distintos dos discursos sobre raça.

A definição de etnia de Guimarães (2003) é weberiana, pois Max Weber (2009, a) define grupo étnico como um grupo de pessoas que afirmam ter uma origem em comum. A fronteira que separa o “nós” do “eles” num grupo étnico é aprofundada em Fredrik Barth (1998) quando ele destaca a importância de elementos culturais determinados operando como essa fronteira. Na interação social é que estes elementos surgem, por meio de significados compartilhados, e produzem uma etnicidade (JENKINS, 1997). Estes elementos culturais são importantes para um grupo reconhecer a si como pertencentes a uma mesma etnia e isso opera independentemente das semelhanças culturais com outros grupos. Grupos poderiam compartilhar um vasto repertório cultural e ainda assim se reconhecerem como etnias diferentes, ressaltando os elementos que acreditam ser relevantes na constituição do limite que separa um grupo dos demais (BATH, 1998). Diferenças físicas também são elementos culturais já que são produzidas e percebidas socialmente: nem toda diferença física é relevante para um grupo (WADE, 2000). Desta forma, traços físicos, hereditários ou produzidos, podem constituir uma fronteira étnica quando estes traços forem reconhecidos como relevantes para um grupo (MONSMA, 2016).

Monsma (2016) chama a atenção sobre um discurso popular e também presente em muitos cientistas sociais que tende a definir a “raça” como o que diz respeito a diferenças físicas e ascendência comum enquanto “eticidade” diria respeito a diferenças culturais. Esse discurso popular, segundo Monsma (2016), é fruto da separação radical entre biologia e cultura operada nas ciências sociais dos séculos XIX e XX. Em se tratando de racismo, essa distinção entre o biológico e o cultural torna possível com que muitos grupos dominantes possam justificar posturas preconceituosas alegando não serem racistas por levarem em consideração aspectos culturais e não “raciais” de uma população (MONSMA, 2016).

Separar rigorosamente, na análise sociológica, a discriminação cultural da discriminação e em base da ancestralidade ou da aparência física é introduzir distinções intelectualistas que pouco preocupam, ou nem fazem sentido, aos atores envolvidos na discriminação e no racismo. Além disso, hoje na Europa, nos EUA e provavelmente em várias outras partes do mundo, os termos “grupos étnicos”, “etnias”, “culturas” e “imigrantes” muitas vezes servem como eufemismos para “raças”, porque o racismo é oficialmente inaceitável, mas persiste. (MONSMA, 2016, p.46)

Uma perspectiva determinista de cultura pode ser tão eficiente em estigmatizar grupos quanto o racismo biológico. Fredrickson destaca o que novos sociólogos britânicos, como John Solomos e Les Back, estão chamando de “novo racismo cultural”, processo em que qualidades e características enxergadas em determinados grupos sociais são fixadas neles e naturalizadas, atuando na prática de forma tão essencializadora quanto o racismo baseado em argumentos biológicos. Isso nos demonstra a capacidade de adaptação do racismo a novos contextos e novos arsenais de ideias. Se diante de um panorama em que citar diferenças biológicas é moralmente repreensível, um discurso racista pode falar sem constrangimento que um país será sempre pobre pela cultura atrasada de seu povo (FREDRICKSON, 2002).

Se por um lado essa divisão entre biologia e cultura pode ser instrumentalizada para amenizar discursos racistas e torná-los mais aceitáveis, por outro Monsma (2016) chama a atenção para que as abordagens sobre o racismo assimilem a dinâmica popular que não necessariamente absorve a produção científica contemporânea sobre o tema. Com frequência, estudiosos do racismo, ao resgatar as diferentes abordagens sobre as relações raciais, tendem a representá-las como se suas discussões se projetassem imediatamente sobre a sociedade no período em que foram publicadas, abandonando-se os velhos paradigmas que passavam a ser substituídos pelos novos. Esse processo de assimilação, em que categorias analíticas são absorvidas por um público leigo, é mais complexo e depende de vários fatores. Quando divulgado na sociedade, um novo paradigma pode ser reproduzido pelas mesmas bocas que ainda professam paradigmas antigos, num discurso que alia e sobrepõem teses que se fundam sobre premissas academicamente opostas. Um discurso contemporâneo sobre questões raciais pode articular num mesmo argumento categorias teológicas e darwinistas ou baseadas na biologia e na cultura etc. Foi o que aconteceu, por exemplo, na guerra constitucionalista em São Paulo, em 1932, em que cronistas e expoentes da “Revolução de 1932” retratavam os soldados “nortistas” que acompanhavam Getúlio Vargas como um povo inferior, representantes de um impecílio nacional ao progresso. Sobre este momento histórico, Barbara Weinstein (2006) demonstra como uma linguagem calcada na diferença biológica “deslizou” para uma linguagem racista que enfatizava a diferença cultural entre São Paulo e o resto do

país, principalmente o Nordeste, abrigando concomitantemente nos manifestos e escritos separatistas tanto argumentos craniológicos como argumentos econômico-culturais.

Monsma (2017) reconhece que parte considerável da literatura relaciona a ideia de “raça” às diferenças físicas, mas destaca que cada vez mais outros autores reconhecem que este conceito também responde a outras distinções, como a cultural e religiosa (FREDRICKSON, 2002). Para o autor, os traços físicos são elementos acessórios numa conceptualização do racismo, podendo ser central em alguns contextos, mas não onipresente em todas as manifestações de racismo (MONSMA, 2017).

Nos casos de racialização de povos da Europa, com a exceção parcial dos romani, não havia diferenças físicas marcantes que distinguiam de maneira confiável os povos dominados. Os racistas muitas vezes exibem, uma fascinação pelas diferenças físicas e as inventam, mesmo quando não existem — por exemplo, a noção de que os judeus têm o nariz grande, que os italianos têm pele “tom de oliva” (noção ainda comum nos EUA) ou, ainda, as representações dos irlandeses com feições símias. Mas como essas marcas físicas são fantasiosas — em grande medida ou totalmente — na prática, esses povos racializados eram identificados pela ancestralidade, pelo sobrenome, pelas práticas religiosas e culturais ou pela origem geográfica (MONSMA, 2017, p.65).

O autor destaca contextos em que a identificação de raças não opera pelos traços físicos. No entanto, estes contextos se assemelham em sua constante busca por representações físicas que permitiriam o reconhecimento desses povos subalternizados (MONSMA, 2017). Podemos supor que características físicas, quando não distinguem de maneira confiável membros de um grupo, são reafirmadas por um viés de confirmação que, independentemente de ser encontrados objetivamente, os traços atribuídos em questão, dependem sempre de características ou informações de outras ordens para identificar membros de um grupo. Como diz Monsma (2017), “a diferença física muitas vezes facilita a identificação dos povos racializados, mas não integra a definição do racismo por que existem outras maneiras de identificar os povos dominados, mesmo na ausência de diferenças fenotípicas”.

Entendendo o estabelecimento de um fenótipo como uma possibilidade, mas não uma regra na configuração de relações racistas, Monsma (2017) trabalha com a definição de racismo que consiste na “dominação sistemática de um grupo étnico por outro, acompanhada por representações e ideologias que essencializam e depreciam o povo subordinado, servindo para justificar a exploração ou exclusão material”. Esta definição é a adotada no trabalho em questão, pois permite dar visibilidade a fenômenos racistas que poderiam ser definidos como outro tipo de preconceito, a exemplo de fenômenos xenofóbicos vividos por imigrantes em várias partes do mundo. Monsma (2016) também destaca que uma definição sociológica do

racismo deve reconhecer a relação íntima que existe entre ideologias ou discursos racistas e práticas de dominação racial.

As práticas de dominação têm especial importância para dimensionar um processo de racialização. Monsma (2016) define racialização como sendo o processo em que há uma imposição de categorias a um grupo subordinado por outro dominante, “ou seja, a racialização decorre da dominação simbólica que acompanha a dominação econômica e política de um grupo étnico por outro” (MONSMA, 2016). As categorias mobilizadas neste processo de racialização não ficam restritas a um discurso interno do grupo dominante, havendo um processo de imposição pública das categorias referidas.

Kwamw Anthony Appiah (1997) define racismo como uma doutrina em que características hereditárias permitem que se divida grupos humanos em raças de forma que os membros dessas raças compartilhem traços e tendências únicas, próprias de cada grupo, compondo o que ele chama de “essência racial”. No entanto, o racismo não seria necessariamente uma doutrina racista, pois a existência de “predisposições morais e intelectuais” pode figurar uma distribuição equitativa de qualidades entre todas as raças, o que apontaria para a necessidade de que todas as raças fossem igualmente respeitadas. A racialização, levando em consideração o racismo, pode representar uma essencialização positiva, negativa ou uma combinação das duas, já que a racialização pode ocorrer num contexto em que não há uma dominação sistemática, levando em consideração a tendência de grupos étnicos em considerarem-se melhores que outros grupos (MONSMA, 2016). Por exemplo, na interação entre cariocas e paulistanos, são frequentes as anedotas paulistanas que representam os primeiros como malandros, enquanto também é comum que os cariocas representem os paulistanos como estressados sem que ocorra necessariamente uma relação de dominação de um grupo sobre o outro.

Quando há uma dominação de um grupo étnico por outro, o processo de racialização tende ser mais negativo, retratando “uma ideologia racista que afirma a inferioridade essencial do grupo subordinado e justifica a dominação racial” (MONSMA, 2016). Neste contexto, a racialização se configura numa categorização racista que essencializa grupos étnicos identificando disposições e qualidades tidas como inerentes e herdadas de uma geração para outra (MILES, 1993). O fenótipo pode até ser importante num processo de racialização, mas ele atua como um marcador de diferenças essenciais internas (MONSMA, 2016).

A racialização num contexto de racismo, quando a dominação simbólica acompanha a dominação econômica e política, com frequência pode impor uma nomenclatura

de um grupo étnico sobre outro. Nomes articulados impostos podem ser instrumentalizados pelo grupo racializado com finalidades próprias, configurando o que Monsma (2016) define como uma “racialização defensiva”.

Guimarães (2003), ao tratar dos conceitos analíticos e nativos ressalta a relevância da categoria “cor” como discurso classificatório nativo para a definição racial no Brasil, chegando até mesmo a ser classificado como um discurso naturalizado.

E quando eu falo naturalizado, estou querendo dizer totalmente nativo, pois quanto mais nativo é um conceito mais ele é habitual, menos ele é exposto à crítica, menos conseguimos pensar nele como uma categoria artificial, construída, mais ele parece ser um dado da natureza. É isso que quer dizer “naturalizado”. (GUIMARÃES, 2003, p.98)

Embora o termo pareça se referir apenas à cor da pele como traço determinante no processo de racialização, Guimarães indica que “cor” no Brasil é uma categoria racial que orienta a classificação das pessoas em diferentes raças, se constituindo num conceito analítico nominalista, pois “orienta e ordena o discurso sobre a vida social”. Já “raça”, segundo a etnografia, ainda não se coloca como conceito nativo, sendo mais compreensível a um interlocutor responder a uma questão sobre “qual é a sua cor” do que responder “qual é a sua raça” (GUIMARÃES, 2003).

Em Fredrickson (2002) o racismo parte de uma visão em que “nós” somos diferentes “deles” como um dado permanente e intransponível, a concepção de racismo neste autor se relaciona a dois componentes: diferença e poder. A partir dessa diferença assumida por um grupo, quando este é dotado de poder para impor ao “outro” situações em que, caso acomessem alguns membros de seu grupo, seriam vistas como crueldade ou injustiça. Ele considera que em todas as gradações de manifestação de racismo, das mais sutis às mais severas, o que é negada é a possibilidade de que racializadores e racializados possam coexistir na mesma sociedade, salvo talvez em uma situação baseada em dominação e subordinação (FREDRICKSON, 2002).

De modo similar, Norbert Elias e John L. Scotson (2000) em seu livro “*Os Estabelecidos e os Outsiders*” discorrem sobre como determinados grupos podem se relacionar a depender do poder de cada um e como esse poder pode ser fortalecido através de mecanismos de coesão grupal, como a fofoca elogiosa e a fofoca depreciativa. Para eles, as chamadas “relações raciais” nada mais representariam que relações do tipo estabelecidos-*outsiders* de um modo particular. Os autores entendem que pautar esses conflitos como raciais ou étnicos desvia a atenção para elementos como a cor da pele e nos distancia do que

realmente importa: a diferença de poder e a exclusão do grupo menos poderoso dos cargos com maior concentração de poder. A maneira como os autores abordam o tema lança luzes sobre um fenômeno até aquele momento lido com frequência como pertencente às esferas individuais e particulares para entendê-lo como um fenômeno mais amplo e relacionado à ocupação de cargos de poder por integrantes de grupos estigmatizados.

Para chegar a estas conclusões, os autores expõem um estudo de caso sobre a comunidade próxima a Leicester, na Inglaterra, a qual os autores atribuem o nome fictício de Winston Parva (ELIAS; SCOTSON, 2000). Os autores apontam a vantagem que grupos mais antigos e articulados em determinado lugar podem ter diante da chegada de *outsiders*, forasteiros em desvantagem pela ausência de coesão interna enquanto grupo. O estudo se pautou em analisar dois grupos com muito em comum: cor, renda, classe social etc. No entanto, um grupo gozava de um sentimento de superioridade sobre o outro. Os autores tentam entender essa figuração à luz de um processo. A partir dessa perspectiva eles descobrem que o grupo que se entende como superior estava ocupando a região há três gerações enquanto os estigmatizados eram recém-chegados. O estudo desta pequena localidade ilustra, segundo o autor, a figuração de um processo universal. Um grupo mais coeso contribui para o seu excedente de poder, consegue as posições sociais com mais poder e *status* social o que torna ainda mais eficaz a estigmatização de um grupo por outro. Cabe destacar que não necessariamente essa figuração se prende a uma posição geográfica, mas sim a uma concentração de poder. Se um grupo *outsider* conforma mais coesão e mais poder, ele inverte a relação e os antigos estabelecidos é que passam a conformar os *outsiders* (ELIAS; SCOTSON, 2000).

2.2 RACISMOS: ENTRE A EXPLORAÇÃO E A EXCLUSÃO

A particularidade do racismo ocidental está relacionada à premissa de que os seres humanos são iguais. Num primeiro momento, é uma ideia amplamente divulgada pelo cristianismo e depois reafirmada em outra roupagem na influência iluminista de que todos são detentores de direitos iguais ante o governo e a sociedade. Trata-se de uma concepção que distingue o racismo ocidental de outras sociedades baseadas de desigualdade natural, como se organizou tradicionalmente na Índia a sociedade de castas (DUMONT, 1992). Fredrickson (2002) destaca que o fato de o racismo científico pré-darwinista ter florescido mais na França e nos Estados Unidos do que na Inglaterra deriva, paradoxalmente, dos legados revolucionários dos estados nacionais baseados em direitos iguais de todos os cidadãos. Leis

igualitárias necessitam de razões especiais para a exclusão, razões estas oferecidas pela tipologia racial (FREDRICKSON, 2002).

A Revolução Francesa permitiu que direitos democráticos pudessem ser estendidos a grupos raciais e étnicos oprimidos. Em 1790 a escravidão foi abolida das colônias francesas ao mesmo tempo em que emancipava os judeus franceses de taxas especiais, restrições de mobilidade e segregação sociopolítica, tornando-os cidadãos da República Francesa (FREDRICKSON, 2002). Esse momento histórico não aconteceu isolado: fez parte de uma ampla movimentação de agentes e movimentos em outras realidades sociais, como se deu na Revolução de São Domingos.

C. L. R. James (2010) no seu livro “Os Jacobinos Negros” expõe, através de sua narrativa sobre a história da Revolução de São Domingos, as tensões e alianças entre os grupos que formavam a ilha: os brancos da burocracia real, os brancos patriotas da Assembleia de São Marcos, os brancos da Assembleia Provincial, brancos pobres, mulatos, negros escravizados e negros quilombolas. As tensões revelam elementos importantes para entender como uma sociedade escravista constitui comportamentos, paradigmas e *habitus* que dão suporte para o surgimento de uma sociedade racista.

O autor revela as contradições geradas pelo sistema, denominado de mercantil na Inglaterra, mas que pela França era chamado de Exclusivo: os bens manufaturados necessários aos latifundiários de São Domingos, quaisquer que fossem eles, deveriam ser comprados exclusivamente da França. A produção de São Domingos também deveria ser toda vendida para a França. Se, por um lado, a riqueza de comerciantes viabiliza, no contexto francês, a ascensão da classe burguesa e seus ideais de igualdade, por outro, essa riqueza que consolidou a força política dos burgueses advinha direta ou indiretamente do lucrativo mercado de escravizados e da manutenção da escravidão, principalmente em São Domingos. A burguesia francesa era a força econômica mais poderosa da França e o comércio de escravizados e as colônias eram a base de todo esse poder e riqueza. Essa contradição gerou muitos debates na Assembleia Nacional. A ideia de igualdade derivava dos anseios da burguesia de atacar o sistema que impunha limites à sua ascensão social e que garantia privilégios à nobreza. Esse novo paradigma era fruto do acúmulo de capital e foi central para a grande adesão popular que a Revolução Francesa demandou. Mas esse acúmulo de riquezas derivava justamente de um sistema colonial em que defender igualdade era, até então, inconcebível. A igualdade estendida a todas as pessoas minava a principal fonte de renda das ricas famílias francesas. Essa contradição entre ideologia e realidade econômica demarca um importante capítulo na tensão entre o novo paradigma sobre a humanidade e o velho

paradigma que sustentava uma sociedade de castas do feudalismo. Mas como já foi destacado, uma mudança formal de paradigma por lideranças políticas e acadêmicas não necessariamente apaga os efeitos e o *habitus* do paradigma anterior sobre uma sociedade (BOURDIEU, 2007), muito menos quando essa mudança de paradigma impacta eoa de um país para outro, como foi da França para São Domingos (JAMES, 2010). Assim como em São Domingos grupos como a burguesia marítima e proprietários de escravizados tentaram a todo custo encontrar justificativas que pudessem excluir os escravizados desse novo paradigma de igualdade, outros grupos, como os caucasianos nos EUA seguiram mantendo justificativas para excluir negros do seu paradigma de igualdade, seja sob o escravismo, seja após sua abolição. É sobre viver esse segundo momento que W. E. B. Du Bois, sociólogo estadunidense, escreveu.

W.E.B. Du Bois (1999) aborda os efeitos de uma sistemática opressão sobre a população negra nos EUA. Os direitos foram gradualmente sendo retirados, mesmo com as conquistas posteriores à Guerra de Secessão. Fora as leis estaduais que mais tarde conformariam o sistema conhecido como “Jim Crow”, a *Radical Reconstruction* veio a desfazer conquistas como a 14° emenda, que garantia direitos de cidadania aos libertos, e a 15° emenda, que protegia os direitos eleitorais dos libertos. A lei e a justiça se configuram como fontes de humilhação e opressão em vez de oferecerem salvaguardas protetoras ao hostil panorama encontrado no Sul. Ele denuncia a instrumentalização dos tribunais de justiça como uma tentativa de reescravizar a população negra.

Du Bois destaca a diferença de qualidade das instituições de educação oferecidas para a população negra e as oferecidas para a população branca. Uma divisão que se estendia para todos outros equipamentos de consumo e de direito. Era a convivência de dois mundos separados. Ele ilustra com o seguinte dado essa desigualdade: a cada cinco dólares gastos em educação pública no estado da Geórgia, quatro iam para as escolas brancas e um para as escolas negras. Apesar de toda precariedade, o autor celebra as conquistas que estes poucos equipamentos propiciaram à população afro-americana. Em uma única geração, segundo o autor, as instituições de ensino negras forneceram 30 mil professores negros no Sul do País, o que viabilizou a erradicação do analfabetismo da maior parte da população negra da região. O panorama apresentado por Du Bois dá ênfase à rápida ascensão social de intelectuais negros que se convertiam em professores, comerciantes, administradores e profissionais liberais, quadro que se expressa num cenário continuado de demanda de ensino superior pelos jovens negros. Para ele, seria uma questão de tempo para que o Sul, diante das evidências de igualdade entre brancos e negros, viesse a se tornar um lugar mais civilizado, cedendo às influências da educação e da cultura, sob consciência que o desenvolvimento do Sul passaria

necessariamente pelo desenvolvimento de sua população negra e pela paz. Para o autor, a tensão racial do Sul do País só poderia ser resolvida quando tantos brancos como negros se propusessem a mudar e construir juntos uma nova sociedade (DU BOIS, 1999). Estendendo essas fronteiras para toda manifestação de racismo antinegro no mundo, Fanon (2008) aponta que a solução para o fim do racismo seria universal e fruto de um conjunto esforço entre negros e brancos.

Apesar de sua importância para a emancipação dos povos negros contra o racismo, a Revolução Francesa não teve o poder de anular o *habitus* nas relações raciais na França e em suas colônias. E é sobre os efeitos desse racismo que Franz Fanon escreve o seu “*Pele Negra, Máscaras Brancas*” em que trata das teorias que imputavam aos próprios colonizados a responsabilidade pela manutenção, entre outras instituições coloniais, do racismo através de um complexo de inferioridade. Reagindo ao argumento de que o complexo de inferioridade seria uma reação de uma minoria ante à presença de uma maioria, Fanon aponta o quão essa realidade destoa da vivida nas colônias, onde mesmo sendo os brancos a minoria, eles lá se sentem superiores à grande maioria nativa. Em suas palavras, é o racista que cria o inferiorizado: ao colonizado só restaria escolher entre a inferioridade e a dependência. Ele também reage à ideia de que o racismo seria um problema das colônias, não da Europa, lugar em que os cidadãos nunca tiveram que se reconhecer racistas. Fanon traz sua própria vivência enquanto martinicano em Paris como contraposição a este argumento quando percebe que sua cor é mais relevante que a sua humanidade.

O autor sente e entende o lugar de norma que ocupa a branquitude quando um homem branco é visto como homem e ele, um martinicano, é visto como homem negro. Processo semelhante ele destaca que acontece com o judeu quando ele se vê apenas entre ser o judeu que todos esperam ou ser o judeu não esperado. Mas destaca que os judeus, diferente dos negros, não podem ser reconhecidos pelos seus traços. Já Fanon, como martinicano, é sobredeterminado pelo exterior. Suas reflexões inferem sua percepção sobre a branquitude que é vista como representante da raça humana e que, portanto, concentra todos os louros das grandes conquistas civilizatórias da humanidade, enquanto que, para um homem negro como ele, esse legado é limitado a eventos com protagonistas negros, como a revolta de São Domingos. Ele denuncia como a sociedade francesa nesse contexto põe a sua negritude à frente de sua humanidade. Subvertendo essa lógica, ele se apresenta como um humano herdeiro de todos os grandes feitos da humanidade (FANON, 2008).

A Revolução Francesa também foi um marco importante para o processo de racialização dos judeus. Depois da Revolução, o ideal de igualdade não era compatível com a

presença judaica representando uma nação dentro de outra nação. Mas a anomia dessa situação seria reduzida com a necessidade crescente dos estados europeus de conseguir financiamento para os empreendimentos incertos de além-mar, o que os fez apelar aos judeus como credores. A ausência de um grupo disposto a conceder crédito ao Estado levou este a conceder certos privilégios aos judeus em troca de tratá-los como um grupo à parte, aliviando as tensões geradas pelo significado do novo paradigma calcado na igualdade que poderia, através da assimilação, ameaçar a existência dos judeus, possibilidade temida pelos mesmos (ARENDDT, 1989).

Assim, segundo Hannah Arendt, os judeus se tornavam um grupo superprivilegiado, recebendo proteção especial do governo, e ao mesmo tempo subprivilegiado, privado de certos direitos e oportunidades. Essas famílias, principalmente as que conseguiram se firmar depois como donas de bancos, reforçavam a impressão aos olhos do mundo de que elas representavam o povo judeu (ARENDDT, 1989).

A penetração que estas famílias tiveram nos governos europeus somada à memória que identificava neles um forte vínculo com a nobreza, classe a que muitos judeus serviram antes da Revolução Francesa, se mostrou um terreno fértil para a falsa ideia de que se vivia um governo mundial judaico. Mas a comunidade judaica, fechada em si mesma com pouca relação com os gentios, não sentia os efeitos da discriminação social como a geração mais próxima à Primeira Guerra Mundial veio a sentir. Estes, boa parte concentrados em atividades acadêmicas e artísticas, foram fruto de um processo de declínio de classes mais abastadas de judeus que teve início na perda de prestígio dos bancos judeus, o que levou muitos a atividades comerciais mais triviais. Muitos filhos destes aproveitaram o que restou do capital econômico de suas famílias para acumular capital intelectual. Esses judeus intelectuais, segundo Arendt, sentiam uma vivência similar ao descrito por Fanon (2008) enquanto martinicano negro: eles não eram vistos como seres humanos, mas, antes de tudo, eram vistos como judeus. Isso gerava situações em que, se eles obtinham sucesso, isso se devia à sua identidade quanto judeu; se era fracasso o que se vinha a viver, isso também se devia ao fato de serem judeus. Sua humanização e sua individualidade eram fatores secundários ao seu judaísmo (ARENDDT, 1989).

Na Alemanha, a “questão judaica” já era tratada mesmo quando o país, ainda sem ser um Estado, se resumia a uma comunidade cultural e linguística. Como os judeus encaixariam a sua identidade cultural e linguística na cidadania alemã era uma questão que se apresentava com duas respostas: ou eles abririam mão de sua identidade enquanto judeus e se tornariam bons alemães ou não haveria espaço para eles. Uma das razões pelas qual a

Alemanha apresentou uma “questão judaica” mais persistente que o resto da Europa ocidental foi que esta tinha uma das maiores populações de judeus em comparação com outros países da região, mesmo esse número correspondendo a apenas 1% em 1990 (FREDRICKSON, 2002).

Fredrickson (2002) cita as distinções cunhadas pelo sociólogo francês Pierre-André Taguieff sobre duas possíveis lógicas de racismo: o racismo de exploração e o racismo de extermínio. O racismo de exploração se caracteriza por ser inclusivo: admite a existência do grupo subalterno desde que incorporado na base de uma rígida hierarquia social, como é o caso dos que defendem a supremacia branca. O racismo de extermínio por sua vez é exclusivo, pois não admite que os grupos em questão possam conviver na mesma sociedade, típico de manifestações como o antissemitismo. Estes tipos ideais são nortes para a abordagem das relações raciais, não sendo necessariamente autoexcludentes (FREDRICKSON, 2002). São modelos ideais importantes para entender as nuances e diferenças entre o racismo antinegro e o antissemitismo.

É baseando-se nestes dois modelos, o racismo de exploração e o de exclusão, que Fredrickson (2002) reflete sobre o surgimento do racismo seguindo o rastro de duas de suas grandes manifestações: o antissemitismo na Europa e o racismo antinegro nos Estados Unidos. O autor destaca que é importante pensar o racismo dentro de um processo histórico e que, se hoje ele é visto como algo inerentemente repudiável, nem sempre foi assim. Sobre a suposição de que os judeus foram perseguidos não como um fenômeno derivado do racismo, mas como consequente de uma intolerância religiosa, o autor responde destacando que intolerância religiosa significa ser condenado e perseguido levando em conta o que você acredita, enquanto racismo leva em conta o que você intrinsecamente é.

Fredrickson expõe similaridades e diferenças entre o racismo antinegro dos EUA e o antissemitismo da Alemanha. Alguns elementos nos respectivos contextos de reprodução dessas estruturas guardam similaridades. Tanto na Alemanha como nos EUA o federalismo serviu como obstáculo para direitos civis iguais ao fragmentar as arenas institucionais em que eram disputadas ações a favor dos grupos minoritários. Outro ponto a ser destacado é que a rápida industrialização e crescimento econômico de ambos propiciaram situações de competição com membros dos grupos subalternos. Outra similaridade diz respeito ao fato de que em ambas as situações os sucessos da emancipação dos grupos subalternos dependeram da ascensão ao poder dos movimentos liberais em seus países (FREDRICKSON, 2002).

O autor, por outro lado, considera que as diferenças entre o racismo antinegro nos EUA e o antissemitismo na Alemanha sejam mais significantes do que as similaridades de compreensão das especificidades de cada regime racista. A primeira diferença entre os efeitos

do racismo que ele destaca é o extrato em que se dava a concorrência no mercado de trabalho entre o grupo subalterno e o dominante. Enquanto nos EUA os escravizados e depois libertos competiam com brancos pobres da classe trabalhadora, na Alemanha a competição entre judeus e gentios acontecia nas camadas médias, entre profissionais de diversas áreas como comércio, medicina, jornalismo, direito assim como também em bancos e no setor financeiro. Essa diferença de concorrência em postos de trabalho também explica que características faziam parte da obsessão dos ideólogos racistas em cada realidade. Os judeus não eram acusados de incompetência ou inferioridade intelectual, mas eram acusados de não serem capazes de se adaptar à vida cultural alemã, evocando nestes termos valores de um espírito cultural alemão em antítese ao que os judeus representavam. Já contra os negros era evocada a biologia evolucionista para apontar sobre eles tendências animais se remetendo principalmente às ideias de incompetência, crime, estupro, selvageria e atraso (FREDRICKSON, 2002).

Outro elemento importante para entender os contextos sobre os quais cada racismo foi reproduzido foi a reação às ideias liberais. Nos EUA os negros eram vistos como pessoas que tinham dificuldades em assimilar valores modernos e racionais, diferentemente dos brancos. Enquanto os EUA abraçavam os princípios iluministas, na Alemanha eles eram vistos como ideais que iam contra os valores tradicionais da sociedade alemã. Para o antissemitismo, os valores modernos, como o racionalismo e universalismo, entravam em consonância com as potencialidades judaicas e significavam a antítese do espírito alemão. Para os caucasianos nos EUA os afro-americanos não eram modernos o suficiente, para os arianos na Alemanha os judeus eram modernos demais (FREDRICKSON, 2002).

O racismo de exploração que visa uma hierarquia racial onde um grupo é tolerado desde que se mantenha limitado a determinados afazeres e nichos econômicos nos permite compreender por que um sistema tão violento como o regido pelas leis do Jim Crow não desembocou no resultado de um holocausto como vivenciaram os judeus sob a Alemanha nazista. A animosidade a eles sempre foi constante, porém eles conseguiam acessar diferentes níveis da sociedade alemã. Os judeus viveram uma configuração que pode ser identificada como racismo de exclusão em que o povo subalterno não é bem-vindo em nenhum espaço daquela sociedade. Como Monsma (2016) sintetiza, quando a dominação sobre um povo é exercida para a exploração, sua manifestação extrema é a escravidão; quando a relação se estabelece pela exclusão, a manifestação extrema é o genocídio.

Estes tipos ideais também podem se combinar e gerar situações que em que a exclusão vira instrumento para a exploração, como acontece com a população negra brasileira

ao ser excluída de oportunidades educacionais ao mesmo tempo em que é forçada a aceitar empregos mais precários e mal remunerados (MONSMA, 2016).

Racismo de exclusão e racismo de exploração podem se manifestar também em aspectos simbólicos. Existe uma correlação entre a materialidade do domínio de um povo sobre outro que se reflete em nível simbólico. “Mesmo quando repousa sobre a força nua e crua, a das armas ou a do dinheiro, a dominação possui sempre uma dimensão simbólica” (BOURDIEU, 2001). As mentiras embasadas no “Os Protocolos dos Sábios de Sião” não se espalhariam com tanta facilidade na Alemanha sem que um terreno fértil para a aceitação de uma suposta conspiração internacional judaica estivesse preparado. Arendt (1989) pontua os fatores que desencadearam na aceitação desta tese, culminando na exclusão simbólica dos judeus da nação alemã, primeiro estendendo a todos os judeus a realidade de uma minoria judaica dona de bancos como “orquestradores da economia” e depois tento este aspecto vinculado a todos os problemas vivenciados pelos alemães. A exclusão simbólica se manifesta, portanto, quando o grupo racializado é impedido de competir por reconhecimento e respeito (MONSMA, 2016), estando sempre, de antemão, em descrédito.

Assim como o racismo de exclusão se reflete numa exclusão simbólica, a permanência de um racismo de exploração também permite apontar elementos de uma exploração simbólica. A exploração simbólica consistiria numa constante depreciação do grupo racializado.

A exploração simbólica ocorre quando integrantes do grupo subordinado se sentem obrigados a prestar homenagem, com demonstrações de respeito, apreço ou gratidão, a integrantes do grupo dominante para conseguir bens ou oportunidades, ou quando as pessoas racializadas são obrigadas a aceitar humilhações e insultos de indivíduos do grupo dominante sem responder. (MONSMA, 2016, p.57)

A exploração simbólica se constitui em discursos e ações que naturalizam as hierarquias estabelecidas sobre o grupo racializado. A ofensa, quando derivada de uma exploração ou exclusão simbólica, é um fenômeno que estabelece uma relação entre dois grupos, estabelecidos e *outsiders*. A capacidade de que um insulto consiga ferir seu interlocutor vai depender da consciência que tanto o usuário quanto o destinatário da ofensa de que a humilhação conta com o aval de um poderoso grupo estabelecido sob o qual se encontra o grupo do destinatário, um grupo com poucas fontes de poder (ELIAS; SCOTSON, 2000). É por isso que a forma como um indivíduo do grupo dominante consegue ferir pela ofensa outra pessoa de um grupo subalterno não pode ser reproduzida em mão dupla, com alguém do grupo subalterno ofendendo com a mesma gravidade alguém do grupo dominante,

pelo menos não quando a ofensa expressa uma exploração ou exclusão simbólica de um grupo sobre outro.

Nada é mais característico do equilíbrio de poder extremamente desigual, nesses casos, do que a impossibilidade de os grupos outsiders retaliarem com termos estigmatizantes equivalentes para se referirem ao grupo estabelecido. Mesmo quando dispõem de termos desse tipo para que seus membros se comuniquem entre si (o termo ídiche “goy” é um exemplo), estes são inúteis como armas numa disputa de insultos, porque um grupo de outsiders não tem como envergonhar os membros de um grupo estabelecido: enquanto o equilíbrio de poder entre eles é muito desigual, seus termos estigmatizantes não significam nada, não têm poder de feri-los. Quando eles começam a ser insultuosos, é sinal de que a relação de forças está mudando. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.27)

A dimensão simbólica atua legitimando relações de poder distintas e hierarquizadas entre dois grupos podendo ter efeitos tão devastadores sobre grupos racializados quanto aspectos materiais (MONSMA, 2016).

2.3 A REPRODUÇÃO DO RACISMO

A postura do grupo racializado diante de como a dimensão simbólica é operada pelo grupo étnico dominante pode indicar elementos importantes sobre a reprodução de um *habitus* referente à relação entre os dois grupos étnicos. Pierre Bourdieu (1982) define o *habitus* como práticas “definidas como um sistema de disposições não conscientes, princípios coletivamente inculcados geradores e estruturadores de práticas e representações”. Integrantes do grupo racializado podem resistir e entrar em conflito por capital simbólico, buscando deslocar designações impostas pelos membros do grupo dominante (MONSMA, 2016). Estes conflitos podem tomar corpo em conflitos de diferentes naturezas, desde debates perpetrados em jornais e outros meios de comunicação e arte a até mesmo se expressar em agressões físicas violentas.

Em Pierre Bourdieu (2007; 2001) *habitus* diz respeito à internalização e consequente reprodução de padrões de comportamento que legitimam uma relação de dominação de um grupo sobre outro. Os esquemas de percepção e as estratégias de ação envolvidas nesse processo tem estreita relação com o mundo prático em que se vive, num padrão de comportamento e ação mais próximos ao reflexo do que à reflexão. Esses reflexos não se manifestam de forma aleatória, obedecendo a um processo de internalização de estruturas existentes no mundo social. “O conceito de *habitus* tem por função primordial

lembrar com ênfase que nossas ações possuem mais frequentemente por princípio o senso prático do que o cálculo racional” (BOURDIEU, 2001).

Habitus racial diz respeito a um contexto de dominação racial de um grupo étnico por outro. O habitus racial se reproduz através da internalização das divisões raciais do mundo social, inculcando nas pessoas disposições e formas de percepção racializadas (MONSMA, 2016). Esse processo pode ocorrer de diversas formas. A incidência frequente de uma identidade racializada em estratos sociais mais pobres pode levar a um processo de internalização e naturalização de hierarquias. As ações e dispositivos reproduzidos como habitus racial tendem a sofrer erros sobre as ações originais aprendidas o que gera mudanças do decorrer do tempo sobre o habitus racial reproduzido. O habitus racial também pode explicar como determinadas ideologias racistas populares podem ser disseminadas e assumidas pela população, como a ideia de que determinado povo tem uma cultura inferior. É através de interações cotidianas que as ideologias nos habitus raciais se transfiguram em práticas racistas, práticas que, apesar de seus efeitos, nem sempre são reconhecidas como tal, seja pelo grupo beneficiado ou, até mesmo, pelo grupo prejudicado.

Além do habitus racial, Monsma (2016) destaca quatro outros elementos importantes para entender como funciona a reprodução do racismo. Estas cinco ordens da realidade social são separadas analiticamente, mas na realidade se conectam e se influenciam. O autor enfatiza, junto ao habitus racial, as instituições, redes sociais, rotinas de interação e ideologias como fatores que, racializados, compõem a reprodução do racismo numa sociedade.

Instituições racializadas podem ser tanto as vinculadas ao estado como as que não, por exemplo empresas, igrejas ou famílias. A racialização nestes contextos pode acontecer de maneira explícita, com leis proibindo a entrada de pessoas de determinada raça em um local, como também pode estar presente de maneira implícita, norteando as ações dos profissionais envolvidos sem, no entanto, ser pautada. No que diz respeito às instituições do estado, Omi e Winant (1994) definem “Estado racial” com não só um estado que discrimina ou combate a discriminação por meio de políticas afirmativas, mas também um estado que pode racializar grupos que nem mesmo são vistos como raças institucionalizadas. Sendo estatal, não significa que haverá uma coerência interna, podendo uma instituição estatal entrar em choque com outra também do estado (OMI; WINANT, 1994). Uma instituição não estatal também pode reproduzir a racialização de um grupo, mesmo que este processo não seja explícito, como vagas de emprego em que se exige uma “boa aparência” em que se subentende que os padrões de estética são centrados em um grupo étnico específico (DAMASCENO, 2000) ou quando

devotos de uma igreja não tratam com hospitalidade pessoas de um grupo étnico forçando-os a buscar outra agremiação “mais apropriada”. A família é outra instituição central para a reprodução do racismo, por ser nela em que se dá a “socialização primária” e a “reprodução das primeiras camadas do habitus” sem falar na frequente intervenção dos familiares nas escolhas matrimoniais de uma geração para a outra (MONSMA, 2016).

Se há racismo na interação entre dois grupos étnicos, podemos dizer que as redes sociais desses grupos tendem também a ser racializadas, influenciando a dinâmica de amizades, de famílias, de contatos profissionais etc. Redes sociais podem garantir informações preciosas e favores beneficiando um grupo em detrimento do outro. A depender de como opera o racismo numa sociedade, estas redes podem permitir ou não o contato entre o grupo dominante e o subalterno. No racismo antinegro brasileiro, seu caráter de exploração faz com que as interações dos brancos com os negros tendam a acontecer com estes ocupando lugares subalternos, o que alimenta um habitus racial em que se pressupõem que brancos estarão em postos de comando e negros não. Como o poder tende a estar concentrado nas mãos de brancos, estes compartilham entre si mais oportunidades as restringindo ao alcance de negros de quem os brancos esperam agradecimento pelas poucas oportunidades ofertadas (MONSMA, 2016). No Brasil, “manter boas relações com brancos poderosos, ou simplesmente de classe média, muitas vezes significa a diferença entre a miséria e uma vida simples, mas digna” (MONSMA, 2016).

Ideologias raciais podem se expressar em pensamentos explicitamente racistas, fornecendo “razões” que, aceitas por alguma parcela de uma etnia, dão sentido a uma organização social racista. No entanto, nem sempre estas ideologias se apresentam como argumentos abertamente racistas, podendo também ser expressas sob representações negativas do grupo subalterno, como defender que ele gere expectativas negativas por sua cultura rudimentar. As representações podem ser menos estruturadas ainda, interagindo com pressupostos amplamente difundidos e tratados como verdades ou até mesmo articulando conceitos contraditórios (MONSMA, 2016). A ideologia racista de um povo não necessariamente pede licença para a ideologia racista de sua elite.

As rotinas de interação racializadas forjam os limites do que é considerado um “comportamento aceitável” de um integrante de um grupo étnico subalterno que, caso ultrapasse um desses limites, poderá ser alvo de coerções que vão desde a perda de oportunidades de empregos até o risco de agressão física. Quando um membro do grupo dominante ofende um membro do grupo subalterno, ele está testando a capacidade deste de

aceitar a exploração ou exclusão simbólica presente nos limites impostos ou de se insurgir e arcar com os possíveis ônus sociais de sua revolta.

A hostilidade utilizada neste mecanismo pode ser direta ou se valer de estratégias mais complexas, como pode ser o racismo recreativo na realidade brasileira (MOREIRA, 2020). Adilson Moreira define o racismo recreativo como uma estratégia que visa reproduzir relações assimétricas de respeitabilidade entre grupos raciais, que, na realidade brasileira, serve para garantir que a respeitabilidade permaneça como exclusiva de pessoas brancas. É um recurso que impacta sobre as redes sociais racializadas mas que se vale de uma natureza benigna ao encobrir a hostilidade com o artifício do humor.

Trata-se de uma estratégia que visa poupar o enunciador da “brincadeira” do ônus de ser identificado como racista, pecha que, no contexto brasileiro, tende a ser repudiada por quem é acusado. Na ideologia brasileira da democracia racial, o humor racista enfraquece a raça enquanto uma categoria socialmente relevante. O racismo recreativo quando toma a forma de piadas constrange membros do grupo subalterno mas, de antemão, pretende assegurar que a vítima da agressão se sinta constrangida ao desejar retrucar a fala dos membros que por sua vez rechaçam eventuais acusações de racismo ao defender que têm relações cordiais com minorias raciais (MOREIRA, 2020).

3 CONSTITUIÇÃO RACIAL E REGIONAL DO BRASIL: O NORDESTINO INVENTADO

Este capítulo um pequeno histórico da região que hoje chamamos de Nordeste. Desde antes da criação do termo, de quando elementos que depois viriam a ser ativamente mobilizados na invenção do Nordeste e do nordestino. Esse processo começa no momento anterior à própria criação do nome que viria a definir a parte “seca” do norte do Brasil, não sendo obra apenas das elites intelectuais paulistas, mas também das elites intelectuais nordestinas. Em seguida contextualizo como e por que os nordestinos começaram a migrar para São Paulo, construindo o panorama anterior à década de 1950, década marcada pelas grandes levas de migrantes que chegaram a São Paulo. Ao final, elenco os conceitos que permitem estabelecer o nordestino como uma “raça” na perspectiva sociológica.

3.1 O NASCIMENTO DO NORDESTE E A INVENÇÃO DO NORDESTINO

As diferenças entre Sul e Norte do Brasil já eram tematizadas como assuntos de debates desde meados do século XIX. Quando não se referiam ao Norte a grosso modo como sendo toda a metade do país que existe tendo Minas Gerais como limite ao sul, se referiam ao um Estado específico, principalmente a Bahia. Algumas diferenças regionais já eram pinceladas desde antes da Primeira República. Um dos marcos deste processo é a seca de 1877-79 que somada à epidemia de varíola devastou as províncias do Norte matando nestes três anos pelo menos 500 mil pessoas, sendo que as províncias do que é hoje o Nordeste na época contabilizavam uma população de 4,6 milhões. Diante de uma rede de comunicação que unia o país de maneira ainda muito débil, as elites dirigentes destas províncias tiveram que apelar ao apoio financeiro do Império e das elites do sul do país com uma estratégia de comunicação focada em destacar as mazelas do drama vivenciado àquele momento, principalmente por meio de cartões postais com fotos que registravam pela primeira vez vítimas de uma seca daquela região (SECRETO, 2020).

Outro momento marcante para esta diferenciação regional no século XIX foi a Guerra de Canudos na década de 1890. Se um pouco antes da deflagração do conflito, os republicanos já viam a Bahia como uma representação do passado português e colonial a ser esquecido (GUIMARÃES, 2002), agora sob a Primeira República, a revolta de um povoado próspero no Norte sob liderança de Antônio Conselheiro, um líder beato que defendia a volta

da monarquia como regime de poder, foi interpretado à luz tanto das ciências europeias como também de suas pseudociências. Essa diferença estabelecida com o Norte ganha contornos mais definidos com a publicação, em 1906, de *Os Sertões* de Euclides da Cunha. É a partir desta obra que uma série de “opostos” passam a ser trabalhados entre o “paulista” e o “sertanejo”, uma dicotomia que já nasce morta pois o elemento paulista é retratado como garantidor da unidade nacional. O sertão é encarado como o repositório do folclore e da tradição, mas sua relação com a civilização é de exclusão. A civilização opera sobre o sertão que, apresentando as bases do que seria uma cultura nacional, “evolui” para o seu “dever ser”. (ALBUQUERQUE JR., 2011).

Estas doutrinas se conformaram à realidade do Brasil. Se algumas delas na Europa apontavam que um povo mestiço seria inviável, no Brasil encontra-se uma “solução” através da “transfusão” de sangue europeu nas veias do povo brasileiro com a defesa de que a política de imigração europeia deveria ser incentivada. A influência de teorias naturalistas, disseminadas por analistas como Nina Rodrigues, no final do século XIX, ajudam a consolidar a ideia de povo rude moldado pelo meio hostil. Nina Rodrigues aponta que a grande presença de negros e mestiços naquela região a condenaria a um futuro de inércia e indolência sendo contraposta sempre numa comparação com o Sul cada vez mais branco e desenvolvido. (RODRIGUES, 1982 *apud* ALBUQUERQUE JR., 2011). Se para analistas como Nina Rodrigues o Sul do Brasil representava o futuro do país, os estados do norte representariam o passado. Oliveira Vianna, duas décadas mais tarde, apresentaria o Sul, especificamente São Paulo, como o lugar onde estaria concentrada a “polarização dos elementos arianos” enquanto no Norte a “mistura de sangue bárbaros” traçava um destino evidente de subordinação ao Sul. Para este autor a divisão “racial, psicológica e moral” entre as regiões poderiam se refletir um país dividido que inibiria a formação de um Estado verdadeiramente nacional. Para autores como Oliveira Vianna e Dionísio Cerqueira, a miséria descrita no Nordeste era o produto de um habitat inóspito com uma raça mestiça fruto do encontro de “raças extremas”. Por outro lado, São Paulo é colocada como contraponto, em que seu progresso econômico refletia o eugenismo da “raça paulista” (VIANNA, 1952 *apud* ALBUQUERQUE JR., 2011).

“A Bahia era a mulatice. Sem imigrantes europeus novos e sem esperança de novos imigrantes europeus. Era o velho caldeirão racial parado no tempo, a receber o influxo demográfico dos negros” (GUIMARÃES, 2002, p. 131.)

Visando o ensino de geografia, a divisão regional de 1913 dividia o Brasil em cinco regiões: Setentrional, Norte Oriental, Central, Oriental e Meridional. O atual Nordeste

estava dividido entre a região Oriental, em que Bahia e Sergipe se somavam a Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, e a região Norte Oriental em que se encontrava o restante dos hoje conhecidos como Estados Nordestinos. Em concordância com a nomenclatura de Norte Oriental, a identificação das pessoas provenientes da região se dava pelo termo “nortista”. Já a região “Meridional” era representada por São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Até meados de 1910 o Nordeste não existia. O termo é usado inicialmente para definir a área de atuação da Inspeção Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS) criada em 1919. O Nordeste é em grande medida um filho das secas já que este nome, naquele momento, era usado para representar a região Norte do país que sofria com os longos períodos de estiagem. (ALBUQUERQUE JR., 2011).

O nome é rapidamente absorvido por alguns veículos de imprensa que, durante a década de 1920, passa a usar Norte e Nordeste como sinônimos, se configurando este um momento de transição. Naquela década o jornal Estado de São Paulo desenvolve uma série de artigos intitulados “Impressões do Nordeste” junto a outra, contraposta, de nome “Impressões de São Paulo”. Essa contraposição usava o Nordeste como métrica daquilo que São Paulo “não era”, graças à formação desta por elementos europeus, se omitindo nestas narrativas os elementos indígenas e africanos na história da cidade (ALBUQUERQUE JR., 2011). Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011) usa este exemplo para ilustrar o que ele chama de “regionalismo de superioridade”, que no caso paulista se caracterizaria pelo desprezo pelos outros nacionais e no “orgulho de sua ascendência europeia e branca”. Para o autor, os modernistas teriam sido formados sob esse deslumbramento com “o novo mundo urbano” a enviar “influxos modernizantes” para regiões como o Nordeste. É quando o regionalismo nordestino se apega ao discurso que descreve o Nordeste como essa grande região rural devastada pelas calamidades climáticas que o autor entende se configurar um “regionalismo da inferioridade”.

Estes regionalismos vão além de uma concepção anterior que se limitava à paisagem natural. Extrapolando as fronteiras dos Estados e se agrupando em um espaço maior, também agrega uma dimensão histórica, artificial, construída pelo elemento humano. A emergência de uma nova ideia de região não depende apenas de uma nova nomenclatura, mas da disposição dos saberes em torno daquele novo objeto de conhecimento. Não é apenas a forma de olhar o referente que muda, mas o surgimento de um novo modo de olhar um novo objeto a ser visto, se configurando na emergência uma nova formação discursiva. O Nordeste seria então uma produção imagético-discursiva formada por sensibilidades cada vez mais

específicas num processo histórico. Assim o Nordeste vai agregando em torno de si, símbolos e temas a preencher a imagem da região e dando materialidade a esta. Estas figuras não são aleatórias, mas dirigidas por interesses não só de dentro da região, como também na relação desta com outras regiões (ALBUQUERQUE JR., 2011).

O racismo embasado nas teorias eugênicas se concentrou enquanto vertente mais aceita pelo estado nos 40 anos de poder da Primeira República. Nos 1930 começam as reações ao antilusitanismo e antibarroquismo da era da Primeira República. Estas reações tomam forma na restauração dos valores luso-brasileiros com Gilberto Freyre ou na recriação de uma cultura nacional na semana de 1922. A Bahia volta a ser uma fonte de inspiração assim como o resto do norte brasileiro. Mas essa “reabilitação” ocorre sob vários signos ligados às riquezas naturais, à natureza e ao mistério, símbolos mais próximos de elementos pré-industriais e pré-modernos (GUIMARÃES, 2002).

A trágica seca de 1877-79 dá realce à possibilidade de se valer da suposta “influência do meio” como um instrumento que, mobilizando e emocionando, podia demandar mais recursos financeiros para as Províncias e, mais tarde, para os Estados do Norte, que viviam um processo de decadência de suas atividades econômicas principais: a produção de açúcar e algodão. Desde então a seca passa a ser tema central nos discursos dos políticos nortistas, que a elegem como o problema central de suas Províncias e Estados. Da seca derivariam todos os outros problemas destacados no Norte. Fenômenos messiânicos e o cangaço passam a ser tidos como meras manifestações deste problema central. É também a seca de 1977-79 a gerar a queixa entre os proprietários de terras das províncias do “Norte” sobre uma diferença de tratamento entre eles e o “Sul” (ALBUQUERQUE JR., 2011).

Seja na imprensa do Sul com seus paradigmas naturalistas, seja no discurso da seca dos representantes nordestinos, o “Norte” era na década de 1920 frequentemente retratado como uma vítima das condições climáticas. Essa “deficiência” da região deveria ser “compensada” com mais atuação do Estado, que deveria buscar alternativas para “solucionar” o problema das secas. “Mestiço” e vivendo sob a “seca”, o “Norte” ficaria naturalmente para trás em relação ao “Sul”, necessitando de mais políticas públicas que “corrigissem” a sua rota. (ALBUQUERQUE JR, 2011).

O messianismo, ainda muito marcado na memória coletiva pela cobertura da imprensa e atenção dada a Canudos, é reforçado na década de 1920 pelo fenômeno do Padre Cícero. O fanatismo religioso é associado à loucura e aversão à razão moderna dos nortistas. Já o banditismo e o cangaço são instrumentalizados como consequências perigosas das secas e da falta de investimentos do Estado no Nordeste. Os reportes sobre estes temas seriam

responsáveis, em grande parte, pelo estigma que recairia sobre o homem nordestino vinculando-o à violência e selvageria. No entanto, este medo do nortista não é necessariamente novo, remontando ao período do tráfico interprovincial em que os escravizados vindos do Norte eram particularmente conhecidos pela agressividade (ALBUQUERQUE JR. 2011). Era uma resposta natural de resistência humana às condições de uma nova realidade cativa em que as condições nas lavouras de café e cana eram piores que no estado de procedência. Os atos de insubordinação de escravizados nortistas ganhavam tons mais dramáticos quando este tráfico significava o desmembramento de famílias e casamentos (SOBRINHO, 2011). As narrativas sobre o cangaço são articuladas com frequência para marcar a diferença com o “Sul”: o “Norte” era o “exemplo” de tudo o que o “Sul” não deveria ser. (ALBUQUERQUE JR., 2011).

Os escritores nordestinos das décadas de 1920 e 1930, ajudaram a fortalecer o discurso regionalista nordestino que contribuiu na construção de um ideal de Nordeste homogêneo ligado ao agrário, à seca, ao sertão, ao tradicionalismo, ao fanatismo religioso, ao cangaço etc. Esses intelectuais viam nessas características elementos a serem valorados, denotando uma identidade própria, sem as influências europeias que dominavam no Sul; identidade que talvez representasse o verdadeiro ideal de Brasil (FONTES, 2008). As representações limitavam a multiplicidade de realidades presente nas vidas, histórias, práticas e costumes do Nordeste em prol de uma unidade imagético-discursiva (ALBUQUERQUE JR., 2011).

A produção sociológica de Gilberto Freyre e dos chamados “romancistas de trinta” ou geração de 30 vão tentar edificar um Nordeste a partir de suas lembranças de quando crianças em que predominavam tipos de relações sociais que nas suas épocas estariam ameaçadas. Como descendentes de uma antiga elite em decadência suas obras tendiam a serem saudosistas e representavam o passado como momento áureo da cultura e da sociedade nordestina. O apego à tradição representava a luta pela perpetuação de privilégios e lugares sociais ameaçados. Não à toa a busca constante pelas “tradições nordestinas” traziam fragmentos de um passado rural e pré-capitalista em que a sociabilidade se dava sob padrões patriarcais quando não escravagistas (ALBUQUERQUE JR., 2011).

“A ênfase na memória, por parte dos tradicionalistas nasce dessa vontade de prolongar o passado para o presente e, quem sabe, fazer dele também o futuro. Eles abominam a história, por ela estabelecer uma cisão entre temporalidades. A descoberta de historicidade de todas as coisas e, portanto, o seu caráter passageiro e mutável é que provoca este sentimento de angústia” (ALBUQUERQUE JR., 2011, P.95)

Congregando intelectuais ligados às artes e cultura voltados às questões políticas locais e nacionais, o movimento Regionalista e Tradicionalista de Recife tem início, oficialmente, em 1924. Sua ação como movimento destinado a resgatar e preservar as tradições nordestinas é marcada com o Congresso Regionalista de Recife em 1926 sob inspiração direta da sociologia de Gilberto Freyre. O elemento sociológico neste regionalismo da década de 1920 vai criar uma distinção ao regionalismo anterior, pois a região passa a ser pensada como “um problema social e cultural” (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 101).

O pensamento freyreano relaciona a nacionalidade à tradição e por isso abre com o movimento modernista uma divergência que iria se somar a vários outros pontos de atrito. Para Freyre o movimento modernista era desnacionalizador, já que ele não derivava da “tradição nacional”. Para ele, os modernistas visavam transformar o Brasil numa área subeuropeia de cultura. Suas críticas ao modernismo eram reproduzidas também, à sua maneira, por José Lins do Rego, que considerava que o movimento paulista não passava de “uma camada de mundanismo parisiense” e o comparava frequentemente com o romance nordestino. Este, ao contrário daquele; simples e voltado para o povo. Para Gilberto Freyre, o regionalismo seria uma resistência contra a colonização cultural do país, consequência do processo de modernização que subordinava a tradição cultural brasileira a padrões burgueses. Para ele a arena onde esse debate se dava era na região, já que um suposto âmbito nacional era uma artificialidade política e não uma realidade cultural (ALBUQUERQUE JR., 2011). Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011) considera que as diferenças entre os dois movimentos eram menores do que aparentavam. Ele aponta que assumir que eram movimentos antitéticos seria adotar a imagem de si que cada movimento quis construir numa oposição ao outro na disputa por hegemonia cultural. Ele aponta que elementos como a dubiedade entre a forma moderna e conteúdos tradicionais e a crítica à ética e sociabilidades burguesas poderiam ser encontrados em ambos os movimentos.

O pertencimento de classe destes intelectuais nordestinos na década de 30 também se relacionava à construção de uma narrativa em que o Nordeste era representado como uma região historicamente parasitada pelo Sudeste, se configurando numa retórica de “nós contra eles” que tendia a homogeneizar as desigualdades sociais tão nítidas nos Estados nordestinos (ALBUQUERQUE JR., 2011). Essa representação encontrou um eco distorcido nos intelectuais paulistas apoiadores da revolta constitucionalista de 1932. A representação que eles faziam das tropas getulistas, muitas delas compostas por soldados “nortistas”, era de homens animalizados, não civilizados, pertencentes tanto a uma raça como a uma cultura inferiores (WEINSTEIN, 2006). As descrições e textos desses agentes sobre os “nortistas”

falavam muito também sobre si mesmos e quem eles consideravam que eram os “paulistas”.

Barbara Weinstein (2006) considera que o período de 1931 a 1932 é um dos mais adequados da história brasileira para se explorar a relação entre raça e regionalismo no Brasil, um momento de escalada de tensão que culmina numa guerra civil que termina em menos de três meses, a Revolução Constitucionalista de 1932. Em 1930, Getúlio Vargas assume o Governo Provisório no Brasil. Naquele período o discurso de escritores, intelectuais e políticos em São Paulo pautava sua região como culturalmente e economicamente superior em distinção ao restante da nação, parte que seria “arrastada” pela “locomotiva” que era a potência de São Paulo. A ascensão de Vargas ameaçou a configuração de poder estabelecida até 1930. As elites paulistas não podiam reagir ainda, dada a impopularidade do sistema republicano à época fragilizado pelas várias crises dos anos 1920. No entanto, em 1932, constitucionalistas paulistas que demandavam uma assembleia constituinte aliados a oficiais militares descontentes proclamam, em 9 de julho, guerra ao Governo Federal, contando com relevante engajamento popular (WEINSTEIN, 2006).

Nesse momento de ebulição social uma série de textos, poesias, panfletos e outras produções culturais são trocadas e distribuídas por São Paulo. Estes textos resgatavam com frequência a saga bandeirante como mito fundador do empreendedorismo paulista e como evidência de que São Paulo era o “Brasil que deu certo”. O discurso regionalista paulista retratava o restante da população brasileira como o seu “outro”, uma contraparte atrasada e pouco civilizada. Se a ala separatista dos revoltosos retratava de forma mais ofensiva as outras regiões como inferiores a São Paulo, a outra ala mantinha um discurso diferente. Ainda esperando apoio de facções anti-Vargas do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul, a ala não separatista tendia a representar estes estados de forma mais favorável, restando como ponto em comum entre as duas alas o desprezo a Norte e Nordeste do país, que passaram a ser cada vez mais identificadas pelos paulistas com o regime Vargas (WEINSTEIN, 2006).

As tropas de Vargas eram descritas como recrutas de povos “semi-selvagens” e que, por pertencerem a comunidades agrárias e pastoris, teriam uma afinidade natural com “regras arbitrárias e autoritárias”. Estas tropas “invasoras”, passam a “ganhar um corpo” através de descrições dos paulistas, que se referem a elas como uma raça de homens “baixos”, “amarelos”, com “maçãs salientes” e “olhos oblíquos”. As características morais e intelectuais dessas tropas eram resgatadas da experiência de Euclides da Cunha.

Durante a breve fase do conflito armado em 1932, os correspondentes de guerra

paulistas e os combatentes relutavam em admitir que as forças Constitucionalistas estivessem em severa desvantagem técnica, uma vez que isso poderia contradizer a noção de que São Paulo estava longe de ser a região tecnologicamente mais avançada e materialmente mais próspera do Brasil. Ao invés disso, eles preferiam colocar a culpa nos milhares de “nortistas” que “fanaticamente” arremessavam seus corpos contra as tropas paulistas e esmagavam as forças constitucionalistas com sua superioridade numérica. O cenário de soldados racionais e modernos competindo contra bárbaros irracionais está muito próximo da luta descrita na crônica de Euclides da Cunha e nos seus relatos sobre Canudos, mas dessa vez foram as auto-proclamadas “forças da civilização” que sofreram a derrota. (WEINSTEIN, 2006, p.290)

Os paulistas descreviam o Brasil do Norte nas tropas de Vargas em termos como “mestiços que têm almas de escravos”, “jagunçada colhida nos sertões” e “jagunços fanáticos”. A ala separatista dentro do movimento possuía retórica mais violenta e abertamente racista, veiculando com frequência no seu jornal “O Separatista” caricaturas ofensivas e humor racista contra nordestinos, como quando se disse que Lampião merecia um monumento em São Paulo por haver matado muitos no Nordeste. Apesar de seu racismo escancarado, nem sempre esta ala recorreu aos dispositivos tradicionalmente racistas. Eles mobilizavam um outro vocabulário, novo àquele período, em que aos efeitos da escravidão, das doenças e da miséria se valendo também do discurso que embasado na ideia de “estágios de civilização”, em que o Amazonas seria caçador e coletor, o Nordeste seria agropastoril e São Paulo já teria entrado na “era industrial”, o que o destacaria de todo o resto do Brasil (WEINSTEIN, 2006). O discurso racista, mesmo na ala que ainda mobilizava muitos conceitos do “racismo científico” se adaptava aos novos tempos mas atuava de forma tão essencializadora quanto, apenas substituindo termos biológicos por justificativas sócio-históricas que tinham poderes tão determinantes sobre o futuro de populações quanto a biologia e o meio (ambiente) um dia tiveram (FREDRICKSON, 2002). Outras facções mais moderadas, como os que defendiam uma confederação de estados, avessas às determinações ideológicas raciais, já utilizavam com desenvoltura os discursos de civilização e progresso que de maneira implícita racializavam o conflito entre São Paulo e o governo central. “Em outras palavras, intelectuais e políticos paulistas não abandonaram necessariamente um discurso racista quando mudaram para a linguagem do ‘estágio de civilização’” (WEINSTEIN, 2006, p. 295). O racismo de base biológica se converte num racismo de base cultural operando da mesma forma sob uma roupagem mais aceita e consonante com o período.

“(…) Penso que esse episódio histórico específico em São Paulo mostra-nos, com exemplos abundantes, o considerável deslizamento de uma linguagem racista para a outra, e o modo pelo qual o discurso baseado em processos históricos e inclinações culturais pode ser ao mesmo tempo mais flexível e mais durável” (WEINSTEIN,

2006, p. 298).

Barbara Weinstein (2006) destaca uma narrativa do período atribuída a um soldado paulista em que, num cessar-fogo improvisado, brasileiros do Rio Grande do Sul e paulistas, conversando, lamentavam ter que “lutar contra irmãos” até que foram interrompidos por um “desvairado mulato nordestino” que começou a ameaçar os paulistas. Ou seja, entre brasileiros brancos havia uma solidariedade natural que não era estendida aos “não-brancos” nordestinos, atrasados e hostis. É importante destacar que mesmo com as tropas paulistas sendo compostas também por cidadãos negros, em nível de representação, o paulista era apresentado como um branco (WEINSTEIN, 2006).

As produções dos paulistas reforçavam a ideia de uma comunidade branca ilustrada, civilizada e defensora das leis frente a um povo não-branco, bárbaro, ignorante e propenso a se submeter a uma ditadura. No entanto, tampouco os paulistas ofereciam uma alternativa à “ditadura” vista em Vargas não fazendo do grito pela democracia uma bandeira: poucas foram as referências à democracia nas produções dos revoltosos. Defender a democracia significava defender a igualdade civil e política, noção que não era inclusiva para os paulistas. O regionalismo paulista via nos habitantes de outras regiões entraves para o progresso da cultura nacional. O que poderia ser diversidade, se limitava ao estabelecimento de uma hierarquia entre as populações e as regiões brasileiras não viabilizando uma alternativa democrática ao governo de Getúlio Vargas que, a despeito de suas ações, pelo menos projetava a instauração de uma democracia num futuro indeterminado (WEINSTEIN, 2006).

Essa hierarquia estabelecida entre as populações brasileiras era reproduzida no discurso dos paulistas e repousava sobre conceitos racializados, de forma que o discurso sobre civilização e modernidade não precisava fazer referência explícita à raça e cor para dar a entender quem eram os representantes “óbvios” a representar o progresso. A representação sempre operada sobre São Paulo dependia de um “agudo contraste”, de um nêmesis a incorporar as características que deviam ser superadas, os nordestinos e sua cultura atrasada, inculta e semicivilizada. No entanto, a pretensão paulista à superioridade não ficaria isenta de reações. Foi no contexto propiciado pelo conflito armado que surgiu a oportunidade da construção de uma nova identidade nacional que desafiava o exclusivismo racial dos paulistas. O discurso presente nas obras de Gilberto Freyre, hoje frequentemente referenciado como “democracia racial”, ofereceu um modelo de identidade nacional mais inclusivo ao que a intelectualidade paulista tinha a oferecer, concebendo um modelo que aceitava a diversidade

racial brasileira em que o branqueamento não era a única via possível para o futuro do País (WEINSTEIN, 2006). Ao serem vencidos no conflito de 1932, os intelectuais paulistas, obviamente, não desaparecem, nem entram necessariamente em descrédito entre seus iguais; mas, continuam sustentando suas opiniões sobre os nordestinos e, posteriormente, sobre a migração nordestina em outras publicações nos anos seguintes, continuando a influenciar o debate público opiniões de populares sobre o Nordeste.

A partir dos anos 30, o regionalismo nordestino de Gilberto Freyre passa a ser o modelo de identidade nacional que melhor responde aos anseios do Estado Novo, um modelo que propiciava, a partir das identidades regionais, matéria-prima para a constituição de uma identidade nacional. Na sociologia de Gilberto Freyre, ser leal à nação não significava trair a região. Mesmo que a longo prazo as ideias de Freyre tenham resultado num discurso que oculta a discriminação racial e que romantiza as torturas e violações impostas pelos brancos a indígenas e negros, naquele momento histórico seu modelo se apresentava mais progressista e inclusivo que o racismo explícito, excludente e hierarquizado dos paulistas (WEINSTEIN, 2006). Freyre “inverte o sinal” do significado do que era a mestiçagem para os paulistas e a dota de positividade, não só a genética, mas também a “mestiçagem” cultural, revalorizando também o espaço, o habitat, em que ela ocorre, lugar também marcado pela mestiçagem. O conflito em seus escritos não se apresenta entre as raças ou as classes sociais, mas entre culturas, o que justificava as tensões entre regiões diferentes. Para ele, a luta de resistência de escravizados era uma luta de mentalidades e culturas e não de raça ou de classe (ALBUQUERQUER JR., 2011).

O Nordeste se consolida a partir daqueles anos como uma instituição sociológica e histórica a partir de dois grupos, nordestinos e paulistas que disputavam a hegemonia no interior do discurso histórico e sociológico. Trata-se de uma invenção não apenas “nortista”, mas também do “Sul” (FONTES, 2008). Talvez a grande diferença entre os elementos elencados para definir um nordestino pela elite paulista e os que eram elencados pela elite nordestina reside, naquele momento, ainda na ideia de uma natureza biológica inferior por parte dos paulistas. Natureza esta que pouco a pouco virou uma cultura, mas que permanecia incrustada ao corpo e natureza do nordestino. Ambos os grupos, constitucionistas paulistas e intelectuais nordestinos da geração de 30, se valiam da seca como elemento definidor do caráter e das características de quem nasce no Nordeste. Para os paulistas, a seca era o “habitat”, um ambiente desumano a partir “desumanos”, seres de características subumanas. Para os nordestinos, a seca era um obstáculo, mas também era uma incubadora em que se forjava seres de capacidades quase sobre-humanas. Sem a “moleza” do Sul, o nordestino se

constituía sem frivolidades, apegado à honra, enfrentando jornadas extenuantes de trabalho e fiel à cultura de “tradição nacional”. Nessa atribuição de valores, ambos os grupos concordavam que o nordestino seria um grupo étnico mais “brasileiro” que o paulista, diferenciando-se nesse qualitativo os valores atribuídos a essa “brasilidade”.

3.2 SÃO PAULO ÍMÃ DE IMIGRANTE

Segundo Francisco C. Weffort (1988) a imigração italiana foi praticamente paralisada depois de 1930, com os nordestinos chegando em grandes números em São Paulo a partir de 1950. Nessas duas décadas compreendidas entre 1930 e 1950, a cidade de São Paulo foi tomada por ondas massivas de imigrantes do interior paulista e de mineiros (WEFFORT, 1988). O acentuado decréscimo da imigração estrangeira foi agravado pela fixação de quotas restritivas determinadas pela Constituição de 1934, o que ampliava a necessidade de mão-de-obra para os cafezais que se expandiam e para o crescimento da lavoura de algodão. Naquela mesma década a migração de trabalhadores de outros estados brasileiros passou a ser oficialmente estimulada (FONTES, 2008).

"Em 1935, o então governador paulista, Armando Salles de Oliveira, iniciou gestões e contratos com empresas particulares que começaram a atuar no norte de Minas Gerais e no Nordeste agenciando e promovendo a vinda de trabalhadores rurais para São Paulo. A antiga política de subsídios à migração foi retomada e redirecionada aos trabalhadores nacionais, como eram genericamente chamados os migrantes mineiros e nordestinos. (FONTES, 2008, p.44)

No início as próprias empresas agenciavam trabalhadores em Minas Gerais e na região do Nordeste assim como outras companhias famosas no interior do País, como eram a Cia. Itaquerê, a F. Sodre Filho, a Cia. de Agricultura e Imigração e Colonização. Depois, em 1939, essa função passou a ser responsabilidade do Estado com a criação, durante a interventoria de Ademar de Barros, da Inspetoria de Trabalhadores Nacionais (ITN), órgão ligado ao Departamento de Imigração e Colonização (DIC) (FONTES, 2008). Um exemplo de como esse agenciamento se dava podemos encontrar no caso da Nitroquímica de São Miguel Paulista. Nos primeiros anos de existência da fábrica, o agenciamento de trabalhadores no interior de São Paulo, Minas Gerais e Nordeste foi a principal estratégia para arregimentar mão-de-obra. Dada a insuficiência numérica da força de trabalho nas imediações de São Miguel Paulista, a direção da fábrica encontrou no agenciamento a melhor maneira de completar seu quadro de funcionários. Boa parte dos próprios empregados que trabalharam na

construção e montagem da fábrica na segunda metade da década de trinta foram contratados por meio de agentes, destes, a presença de oriundos de Minas Gerais e de outros estados do Nordeste já começava a se destacar. Em 1940, ano de inauguração da fábrica, o contingente de trabalhadores do Nordeste já compunha aproximadamente 15% do total de trabalhadores. Dez anos depois, esse percentual saltaria para 30% e em 1960 mais da metade dos trabalhadores da fábrica seria de migrantes nordestinos. No começo, os agenciadores agiam em estados do Nordeste, muitas vezes já contando com transporte para a migração. Os “gatos”, como eram conhecidos os agenciadores, também operavam nas principais estações ferroviárias. Há registros de suas atuações, por exemplo, no entroncamento ferroviário de Montes Claros em 1940. O mesmo ocorria na estação do norte, no Brás. Fontes (2008), em sua pesquisa, destaca que o agenciamento direto era lembrado pelos trabalhadores mais antigos em suas entrevistas. Seria este agenciamento o que possibilitou a grande presença de nordestinos na fábrica. Depois dos anos de 1940, essa prática já não seria mais tão utilizada, pois é possível que o próprio contato entre os empregados e seus parentes, amigos e conterrâneos tenham suprido a necessidade de mais trabalhadores no processo de produção. Essa rede de contatos por si só já garantiu um intenso fluxo de mão-de-obra para a indústria (FONTES, 2008). Embora não formal, a política de contratação de parentes e indicados por empregados era estimulada pela própria empresa, que tanto garantia um provimento constante de empregados como contribuía para a criação de laços de confiança e responsabilidade. (FONTES, 2008).

Entre 1935 e 1939, dos 285.304 trabalhadores que passaram pela Hospedaria dos Imigrantes no Bairro do Brás 96,3% eram brasileiros. Destes, 47,36%, quase metade, eram do estado da Bahia. Duas cidades eram importantes no processo de migração: as mineiras Montes Claros e Pirapora, ambas também terminais ferroviários da E. F. Central do Brasil. De lá os imigrantes eram encaminhados para a Hospedaria dos Imigrantes. De modo geral Pirapora era ponto de encontro para migrantes que vinham pelo Rio São Francisco, a pé ou por barco, vindos do Piauí, Ceará, Pernambuco, Sergipe e Alagoas. Já em Montes Claros se concentravam a população do norte de Minas e do sertão baiano.

Durante a II Guerra Mundial houve uma ligeira queda no número de migrantes de outros estados para São Paulo, o que foi retomado no pós-1946, principalmente incentivados pela nova política de industrialização nacional que desde a era Vargas garantia a reserva de 2/3 do mercado de trabalho brasileiro aos nacionais (GUIMARÃES, 2002). Entre 1946 e 1960 passaram pela Hospedaria no bairro do Brás aproximadamente 1.6 milhão trabalhadores, que miravam, ao menos inicialmente, a zona rural paulista como campo de oportunidades

(FONTES, 2008).

A década de 1950 foi marcante para a cidade de São Paulo. Pela primeira vez a quantidade de migrantes vindos de outras partes do país superou em número a quantidade de paulistas que viviam na capital. Isso gerou efeitos diretos na forma como a urbanização da cidade acontecia. A zona metropolitana de São Paulo nos anos 1950 foi onde se deu um acelerado e diversificado processo de industrialização e urbanização. Desde o final da Segunda Guerra Mundial até 1960 a indústria no Brasil cresceu em média 9,5% por ano, o que constituiu um dos mais acentuados processos de industrialização no período em todo mundo. No final da década de 1950, quase metade de todo emprego gerado por fábricas no país se concentrava no estado paulista, o que, por sua vez, estimulava também a geração de empregos no setor de serviços (FONTES, 2008).

Ao longo da década de 50 as rodovias passam a ser cada vez mais utilizadas para a migração, um resultado direto das melhorias estruturais desenvolvidas no período, em especial a construção da rodovia Rio-Bahia em 1949. Mesmo assim o transporte ferroviário segue sendo um dos meios principais de migração. No Bairro do Brás, na estação Roosevelt, a “Estação do Norte”, a chegada do “Trem Baiano” com o desembarque de centenas de migrantes tornou-se tão famosa quanto corriqueira (FONTES, 2008).

A grande presença de migrantes nordestinos no centro-sul do país a partir de meados da década de 1940 define e é definida por imagens e construções sociais já existentes do que representava o Nordeste e do que representava São Paulo. Durante a II Guerra Mundial houve uma ligeira queda no número de migrantes de outros estados para São Paulo, o que foi retomado no pós-1946. Entre 1946 e 1960 passaram pela Hospedaria no bairro do Brás aproximadamente 1.6 milhão trabalhadores, que miravam, ao menos inicialmente, a zona rural paulista como campo de oportunidades.

A zona metropolitana de São Paulo nos anos 1950 foi o palco de um acelerado e diversificado processo de industrialização e urbanização. A região foi a principal responsável pela elevada taxa de crescimento industrial do país. Entre 1945 e 1960 o setor secundário no Brasil cresceu em média 9,5% ao ano, constituindo um dos mais acentuados processos de industrialização no período em todo mundo. Em 1959, quase metade de todo o emprego fabril do país estava concentrado no estado de São Paulo. Este crescimento industrial por sua vez gerava uma expansão no setor de serviços, criando mais postos de trabalho à equação (FONTES, 2008).

Os milhares de migrantes nordestinos, mineiros e do interior de São Paulo que acorreram para a capital paulista no pós-guerra e na década de 1950 encontraram um mercado de trabalho dinâmico e em expansão. O acelerado desenvolvimento industrial do período na Região Metropolitana de São Paulo exigia um número crescente de trabalhadores e ampliava enormemente a oferta de emprego. Responsável por cerca de dois terços da produção manufatureira do estado, a região Metropolitana teve, apenas no decênio 1947-56, um crescimento médio anual de empregos industriais da ordem de 4,1%. O total da força de trabalho na indústria no estado de São Paulo era calculado em aproximadamente 900 mil trabalhadores em 1956, sendo que 500 mil somente na cidade de São Paulo. Mas não apenas o setor fabril necessitava de mão-de-obra. A própria industrialização e expansão urbana da cidade geravam uma crescente demanda de trabalho também no setor de serviços, que teve um expressivo crescimento nesse período. (FONTES, 2008, p.61)

Nos 20 anos que separam 1950 de 1970, a capital paulista triplicou seu tamanho; enquanto, no mesmo período, a população de origem nordestina cresceu 10 vezes. O censo em 1970 já apontava que a grande São Paulo entre as nove maiores regiões metropolitanas do país. Era também a que apresentava a maior concentração de população migrante do país. O censo de 1970 também apontava que quase 70% da população economicamente ativa da cidade havia passado por algum tipo de experiência migratória. Os anos 1950 foram, provavelmente, o momento no qual o impacto da migração interna foi mais acentuado. Os trabalhadores oriundos dos estados nordestinos compunham a grande maioria dos recém-chegados e empregavam-se em massa nos variados ramos da indústria e serviços em franca expansão na Região Metropolitana (FONTES, 2008).

Os milhares de migrantes nordestinos, mineiros e do interior de São Paulo que correram para a capital paulista no pós-guerra e na década de 1950 encontraram um mercado de trabalho dinâmico e em expansão. O acelerado desenvolvimento industrial do período na Região Metropolitana de São Paulo exigia um número crescente de trabalhadores e ampliava enormemente a oferta de emprego. Responsável por cerca de dois terços da produção manufatureira do estado, a região Metropolitana teve, apenas no decênio 1947-56, um crescimento médio anual de empregos industriais da ordem de 4,1%.

Os anos 1950 foram, provavelmente, o momento no qual o impacto da migração interna foi mais acentuado. Pela primeira vez na cidade de São Paulo o número de migrantes de outras regiões ultrapassava o das pessoas vindas do interior do estado. No final daquela década, de cada 10 pessoas que chegavam à capital, sete eram de fora do estado de São Paulo. A cidade recebeu quase um milhão de novos habitantes no período, representando aproximadamente 60% do crescimento do município na década. Os trabalhadores oriundos dos estados nordestinos compunham a grande maioria dos recém-chegados e empregavam-se em massa nos variados ramos da indústria e serviços em franca expansão na Região Metropolitana. " (FONTES, 2008, p.46)

São Paulo é o caso que melhor representa o ritmo vertiginoso de urbanização que

o Brasil viveu após a Segunda Guerra Mundial. Entre as décadas de 1940 e 1960 esse ritmo alcança os maiores índices do século. Esse processo aconteceu com um caráter segregador que expulsava famílias do centro para as periferias da cidade. Depois de 1942, com a Lei do Inquilinato, em pleno Estado Novo, que a priori pretendia congelar o preço dos alugueis por até dois anos, mas que acabou prorrogada até 1964. Durante esse período só houve dois reajustes, o que gerou, como efeito não intencional, um agravamento dos números de despejos uma vez que, a cada novo contrato, o proprietário do imóvel poderia reajustar os preços dos alugueis com os novos inquilinos. Nabil Bonduki (1988) calcula que entre 1945 e 1948 o número de despejos pode ter alcançado até 15% da população de São Paulo. Isso sem falar de outros estratagemas utilizados pelos proprietários para aumentar seus rendimentos como cobrança de taxas “extras”, ameaçando os inquilinos ou até vendendo as casas. Ficar no Centro da cidade ficou cada vez mais insustentável para a população mais pobre o que gerou, nos anos 1950, um fluxo interno que deu origem a novos distritos e bairros na periferia da cidade (FONTES, 2008). A consequência disso foi um intenso processo de especulação imobiliária que, com quase nenhum tipo de controle ou regulação estatal, deu origem a comunidades extremamente precárias em termos de serviços e equipamentos urbanos, comprometendo o planejamento urbano da cidade. Situação que era agravada pela distância dessas comunidades até o centro de São Paulo, uma vez que os espaços intermediários, regiões mais próximas do centro da cidade, também se configuravam em alvo da especulação imobiliária criando trechos vazios que não eram acessíveis, pelo preço, à maior parte da população. E se mudar para a periferia indicava a tentativa de fugir do aluguel por meio da aquisição da tão sonhada “casa própria”, que, como destaca Fontes (2008), representava não só segurança, mas garantia de estabilidade, de um abrigo familiar, de um investimento concreto. Uma eventual poupança e pequeno capital. O autor aponta que a periferização da classe trabalhadora reduziu, entre 1940 e 1970, de 75% para 38% o percentual de domicílios alugados em relação ao total das unidades habitacionais.

Maior distância entre moradia e trabalho, crescente dependência do transporte rodoviário baseado no ônibus, casas próprias construídas pelos próprios moradores em loteamentos periféricos são algumas das características mais marcantes da experiência cotidiana da classe trabalhadora nesse novo período. (FONTES, 2008, p. 96)

Os motivos para a migração eram vários. O esgotamento da estrutura agrária presente no Nordeste ficava evidente pelo seu baixo grau de produtividade. O acesso à terra pelos trabalhadores do campo, que já era difícil, ficava cada vez pior com a falência dos

sistemas de arrendamento e parceria diante da expansão das usinas de engenho. O difícil contexto rural somado às elevadas taxas de crescimento vegetativo já somava um quadro de forte estímulo à migração. As duas grandes estiagens da década de 50, a de 1951 e 1958, fomentaram os dois grandes momentos de pico no número de migrantes do Nordeste rumo a São Paulo. Ou seja, os atrativos se apresentavam em melhores salários, empregos, direitos trabalhistas, benefícios urbanos como saúde e educação, respaldo e reconhecimento social por meio de signos como roupas elegantes, terno e ouro nos dentes etc. (FONTES, 2008).

Fontes (2008) destaca que análises economicistas tendem a menosprezar o papel dos próprios migrantes como agentes deste movimento. Ao se destacar sua agência, valorizamos sua experiência e memória. E a agência desses indivíduos se movia dentro de possibilidades tecidas nas redes sociais que viabilizavam o processo de migração, redes estas representadas nas suas comunidades de origem, família e amigos.

Longe de um movimento caótico e desesperado, o movimento migratório era meticulosamente pensado, preparado da melhor forma possível, cabendo o destaque de que o movimento migratório não era nenhuma novidade para muitas famílias nordestinas. Os meses em que mais se imigrava estavam relacionados à espera da chuva. Entre março e agosto se concentrava um maior número de migrantes como resultado da espera da chuva que indicasse a vinda de um bom “inverno” o que, em geral, se dava até março.

Fontes (2008) aponta que pesquisas sociológicas realizadas na década de 1970 descaram a importância da proximidade de familiares para a definição de onde se buscou morar entre os trabalhadores que se mudaram para São Paulo nas décadas anteriores. Um desses levantamentos apontou que quase 70% dos trabalhadores de baixa renda na capital possuíam parentes morando no mesmo bairro ou no mesmo quarteirão (BERLINCK; HOGAN, 1972).

Na chegada à São Paulo, as pensões cumpriam um importante papel sendo um lugar para a consolidação e ampliação de contatos do migrante. Além de primeira instância de sociabilidade, essas pensões também ocupavam o nicho de mercado de restaurantes, quase inexistentes por muito tempo em São Miguel Paulista. Elas também funcionavam, na rede de contatos, como referências para encontro de conhecidos e parentes, uma vez que muitas pensões passaram a atrair pensionistas de uma mesma região. Desta forma, existia a “pensão dos piauienses”, a “pensão dos mineiros” etc. Com público majoritariamente masculino e jovem, o período nas pensões ficou, nas recordações dos migrantes, marcado como os tempos de “farra”, uma vez que o término desse período se concretizava por meio do casamento ou pela vinda de outros familiares (FONTES, 2008).

Em geral o processo de migração é capitaneado por homens solteiros. No que tange à São Paulo, parte significativa é de migrantes indiretos, isto é, residiram em outro lugar que não sua terra de origem antes de chegarem a São Paulo. Almeida, sobre o censo de 1970, aponta que “dos 109 mil nordestinos residentes nos municípios do ABC na época do recenseamento, 49 mil declararam como domicílio anterior localidades não-pertencentes ao nordeste”. Outra característica relevante da migração nordestina é a alta mobilidade espacial por parte das primeiras gerações, o que denota que a migração era vista como algo provisório, parte de um plano para sobrevivência e ascensão familiar. Fontes aponta que as taxas de retorno ao longo da década de 1950 sempre foram muito altas. “Indicadores parciais a partir da movimentação na estrada Rio-Bahia mostravam um índice de retorno por volta de 39% no primeiro semestre de 1953 (FONTES, 2008).

Netto (1963) em sua pesquisa do DIC no início dos anos de 1960 espantou-se com casos de pessoa que retornavam à São Paulo em até pela oitava vez num espaço de um decênio.

Algumas leituras interpretavam o acentuado deslocamento de migrantes nordestinos como problemas de adaptação à “cidade grande”. No entanto, Fontes aponta que esse processo dinâmico de deslocamento fazia parte de um plano racional de minimização dos riscos e dificuldades. Nem todos estavam dispostos a abrir mão de suas pequenas propriedades e a migração podia ser encarada como uma forma de obter recursos importantes em um processo de capitalização e investimento. O autor cita uma pesquisa de 1971 realizada em uma fábrica de Santo André em que destaca que, dentre os trabalhadores migrantes, 72% dos nordestinos deixaram alguma propriedade no local de origem e 72,5% tinham familiares morando na terra natal. Para trabalhadores de outras regiões do país, esse percentual baixava para 24% e 45% respectivamente (POLI, 1981). Diferentemente de rotas que seguiam um único curso que ia das regiões ditas “atrasadas” para “os lugares do progresso”, o processo migratório dos nordestinos era mais complexo apresentando tanto desenhos contínuos quanto circulares (FONTES, 2008).

Existia um corte de gênero no processo migratório. Muito raramente as mulheres eram as primeiras a se transferir, fazendo-o somente em conjunto com a família ou quando parentes e amigos se encontravam bem estabelecidos. Não era comum a transferência simultânea de todos os membros da família, como se costuma retratar em imagens e narrativas os “retirantes”. Pesquisa realizada em 1959 apontou que 77% dos homens e 81% das mulheres migrantes entrevistados tinham algum amigo ou parente já estabelecido na cidade. A mesma pesquisa realizada em 1959 mostrava que 86% dos homens e 74% das mulheres que

migravam para São Paulo conseguiam emprego dentro do primeiro mês de estadia. (HUTCHINSON, 1963 *apud* FONTES, 2008).

A generalização que se fazia do nordestino sob o termo de contornos pejorativos como “baiano” expressava o grande contingente de migrantes vindos daquele estado: a Bahia. Os órgãos de controle de migração destacavam que, entre 1952 e 1961, aproximadamente 330 mil trabalhadores provenientes da Bahia, 30% do total, chegaram a São Paulo, o que os colocavam como o maior grupo migrante do período. A presença nordestina sob a designação generalista “baiano” também denota alguma relação com a negritude dos migrantes que aportavam. De acordo com levantamento do início de 1962, aproximadamente 60% dos migrantes que chegavam a São Paulo nos anos de 1950 eram “pardos ou negros” (FONTES, 2008).

3.3 EXISTE RACISMO SEM RAÇA?

Pensar em “raça” é um processo que vai além das diferenças físicas. Ao contrário da divisão que muitos acadêmicos fazem vinculando a raça ao biológico e a etnia ao cultural, em sua assimilação popular a raça pode articular não só possíveis traços fenotípicos como também pode fazer referência a elementos culturais. Ou seja, a distinção entre fenótipo e cultura não tende a ser tão clara no racismo manifesto em práticas sociais. Entender como a população percebe uma raça é importante para entender os mecanismos de exclusão ou privilégios oferecidos pela sociedade. A percepção desses elementos raciais pode se dar tanto através da identificação de características físicas como por meio de elementos culturais, como adereços, signos religiosos, roupas ou sotaques.

A ideia de racismo concebida neste trabalho dialoga com a percepção de um essencialização negativa que vincula elementos raciais a características e potencialidades internas como valores morais e disposições. Essa essencialização atua como uma justificativa para a exclusão ou dominação de determinado grupo. Esse processo se abate não só sobre grupos reconhecidos e aceitos enquanto “raças”, mas também a grupos entendidos como “grupos étnicos”, “etnias” e “migrantes”.

Estes grupos, apesar de não serem reconhecidos socialmente enquanto raças, estão sujeitos aos mesmos processos de essencialização negativa em que se configura situações de racismo. As relações entre dois grupos distintos se caracterizam por racismo na medida em que implicam tanto numa assimetria de poder entre eles como na atribuição ao grupo subordinado de características inerentes.

Um processo de racialização pode envolver a imposição de categorias por um grupo dominante sobre outro. Ou seja, a racialização se caracteriza por uma dominação simbólica, econômica e política de um grupo por outro. No entanto, a racialização também pode implicar características positivas ou mesclar estas características com outras consideradas negativas.

Ver o nordestino enquanto raça pode parecer estranho, pois não estamos acostumados a reconhecer no Brasil um processo de racialização fora da diagramação das cores reiterada nos seguidos censos demográficos, muito em face da centralidade do racismo antinegro para entender os processos sociais brasileiros. Mesmo como conceito nativo perceber o nordestino enquanto raça é pouco frequente com construções isoladas que falam da “raça de nortista” ou de nordestinos falando de paulistanos como “a raça deles”. A racialização dos nordestinos talvez tenha iniciado antes mesmo de que o termo viesse a existir, quando os nascidos no que hoje é o Nordeste eram identificados como “nortistas” ou “sertanejos”. Quando o Nordeste ganhou nome assim como seu gentílico, o nordestino, já existia todo um tecido de atribuições e qualidades relacionadas à região a àquele povo que poucos anos depois jornais já construía a polarização entre o Nordeste e São Paulo. O Nordeste já estreia como o lugar da seca e antítese do que os intelectuais paulistas desejavam para São Paulo. Assim como a composição racial da população brasileira, a diferença entre regiões era com frequência mobilizada para debater questões nacionais. Raça e região estão intimamente relacionadas nos debates de intelectuais sobre o Brasil ao longo do século XX.

Alfredo Ellis Jr., um conhecido historiador e político republicano. No seu “Confederação ou Separação?”, publicado no início de 1932, Ellis enfatizava dois temas: a “divergência” étnica das várias regiões do Brasil e o desenvolvimento extremamente desigual das suas regiões. Ambas as características, ele argumentava, tinham se tornado mais pronunciadas desde a abolição da escravidão e da transição da Monarquia à República, quando a imigração “branqueou” ainda mais São Paulo e esse estado emergiu, de longe, como o mais rico da nação. Ellis, diferentemente dos seus colegas mais moderados no movimento, nunca evitou a utilização explícita de “evidências” e argumentos racializados. Por exemplo, embora reconhecesse que todas as regiões brasileiras tinham misturas raciais, ele sustentava que São Paulo tinha 85% “de brancos puros”, enquanto a Bahia tinha apenas 33%. Por isso, ele sustentava que tais “divergências” raciais se traduziam em laços nacionais débeis. (WEINSTEIN, 2006, p. 293)

Neste período em questão, em 1932, os debates sobre as diferenças regionais são em parte derivados dos debates sobre raça. Debater a genética ou a cultura dos povos que faziam parte do Brasil também era debater as regiões que faziam parte dele, já que os processos de mestiçagem eram vistos como diferentes. As diferenças regionais, no entanto,

também se referiam ao “habitat” em que cada brasileiro se desenvolvia, destacando-se no caso do Nordeste o quanto a seca debilitou o desenvolvimento do tipo humano que vivia naquela região.

Nas camadas populares essa relação entre raça e região se expressava à sua maneira. A intersecção entre o racismo antinegro e o racismo contra nordestinos não só pode ser verificado nos textos do conflito de 1932, em que o paulista é visto como um branco e o nordestino como parte de uma “horda” de pessoas escuras. Essa relação seguiu sendo reproduzia até a década de 1950, como relata Fontes (2008), por exemplo, na dificuldade dos jovens migrantes nordestinos em São Paulo em construir relacionamentos com mulheres paulistas. Em suas entrevistas, o autor destaca que a aversão partia ou das próprias moças ou da família delas. Lidia Castelani, uma de suas entrevistadas, destaca o peso do elemento racial para a aversão de famílias italianas e japonesas à possibilidade de que uma filha se casasse com um nordestino ao comentar sobre estes migrantes que “a cor deles é quase todo meio preto”.

O nordestino se configura como esse contingente nacional de migrantes constantemente comparado com levas de imigrantes europeus e asiáticos, principalmente a italianos e japoneses, no contexto paulista. A capacidade de acúmulo de capital e sucesso de empreendimentos comerciais e industriais é resgatado com frequência nesse processo de comparação qualitativa que tende a representar o nordestino como um migrante de “cultura inferior”. Desta forma, pensar o nordestino em São Paulo é pensar uma identidade que, pelo seu volume e expressão, com frequência é comparada às imigrações europeias do final do século XIX e início do século XX. No entanto, diferente dessas migrações, a descendência de migrantes nordestinos não é facilmente reconhecida como tal, já que a sua característica de maior destaque para o processo de racialização, o sotaque, se perde nas novas gerações nascidas em São Paulo, diferente de outros fatores herdados pelos filhos de imigrantes europeus, como a sonoridade característica de seus sobrenomes (excetuando-se neste caso os descendentes das levas portuguesas), traços europeus e, institucionalmente, a manutenção da cidadania europeia que se revela com o porte de documentos específicos, a exemplo dos passaportes europeus. Por essas características, um descendente de imigrante italiano dono de uma grande indústria herdada de seus antepassados pode ser reconhecido como tal enquanto o filho de um nordestino, mesmo quando herda de seus pais a posse de uma empresa, pode ser identificado como um empresário paulista de sucesso.

Com as definições trabalhadas permitindo conceber o nordestino como uma etnia racializada, a única área cinzenta que permanece é a noção de hereditariedade do racializado.

Tendo por base a convivência com filhos e netos de nordestinos em São Paulo, me inclino à percepção de que, para os descendentes, a ascendência nordestina não tem importância para seu reconhecimento étnico enquanto paulista ou, mais especificamente, paulistano. Por outro lado, tendo por base essa mesma convivência com descendentes de imigrantes alemães e italianos, contraponto frequente à imigração nordestina, os descendentes de nordestinos parecem “silenciar” sobre os ascendentes se comparados com os descendentes de imigrações europeias. Este silêncio, a princípio, não parece uniforme, já que sua ascendência, com frequência, era um mote para conversas com nordestinos como eu. Por outro lado, o comportamento me parece distinto da frequente vocalização da ascendência europeia por alguns paulistanos, ainda que a ostentação de sobrenomes não lusófonos deixasse evidente essa ascendência.

Como nordestino me parece evidente a identificação dos descendentes de migrantes meus conterrâneos com os paulistas e paulistanos, restando a ascendência nordestina apenas como um detalhe, uma curiosidade da constituição de sua família. No entanto, é possível que essa aparente não identificação com o Nordeste possa ser uma rota de fuga, uma estratégia com fim a evitar os efeitos do racismo sobre si. Estudo empreendido por Andréa Vettorassi (2018) em seu estudo sobre a migração contemporânea de nordestinos em Guariba e Serrana, no interior paulista, dá indícios de que há um esforço por estudantes filhos de nordestinos em omitir a origem dos pais a fim de evitar exclusões e estigmas sobre si. Se há uma preocupação em ser reconhecido como descendente de nordestinos é plausível imaginar que essa identificação com a migração do Nordeste possa implicar em algum ônus para estes estudantes. Diferente do vivenciado por mim, a ascendência de migrantes nordestinos pode consistir em um processo de racialização por hereditariedade sob a ótica dos paulistanos.

Em que se pese os estereótipos negativos historicamente retificados sobre o nordestino apontados pelos autores aqui abordados, a década de 50 ocupa um espaço importante para a popularização dessas imagens num período em que os moradores de São Paulo sentiam muito nitidamente os impactos sócio culturais da migração nordestina. A presença desses migrantes era sentida e repercutida pelos veículos de comunicação. Que imagens sobre o nordestino eram disseminadas? A racialização em curso tomava contornos essencialmente negativos ou balanceava algum elemento positivo? É possível identificar quais imagens eram amparadas e reproduzidas pela sociedade? Quais as construções racializadoras mais frequentes? Sob estas questões o próximo capítulo se debruça.

4 OS JORNAIS PAULISTAS DA DÉCADA DE 50 E SUA NARRATIVA SOBRE OS NORDESTINOS

Por meio do levantamento de reportagens, textos de opinião e narrativas divulgadas no jornal “Correio Paulistano” entre o ano de 1950 e 1959, foi feita uma análise processual deste conteúdo a fim de levantar quais características morais e comportamentais eram atribuídas aos migrantes nordestinos naquele decênio. Estes elementos sendo pensados numa perspectiva que destaque os efeitos de sua reprodução para a sociedade daquele período, pode jogar luzes sobre a natureza da racialização que se imporia aos migrantes nordestinos no decurso do tempo.

4.1 COMO LER COM OS OLHOS DO PASSADO?

Norbert Elias, em seu livro *Sociedade da Corte* (2001), se propõe a estudar a organização espacial dos palácios ou dos detalhes da etiqueta de corte. A partir desse estudo, o autor revela que a etiqueta de corte, para além de mera curiosidade, se evidencia como um indicador sensível e um confiável instrumento de medida para entender o prestígio dos indivíduos em sua estrutura de relações. Ele aponta que, entre os fatores que deixaram um tema como este sob as sombras nos estudos históricos está relacionado a maneira como a ciência histórica tende a pautar os estudos anteriores.

O autor se refere ao próprio objeto de estudo para realçar o potencial de contribuição da sociologia histórica para o estudo da história. Ele defende que ao se aplicar uma perspectiva sociológica ao estudo de um objeto específico, deve-se levar em consideração a maneira como as estruturas sociais vigentes se relacionam com esse objeto. Para o autor, estudar a sociedade de corte sob a lente da sociologia histórica implica em estudar também a evolução de modelos que tornam possível a comparação entre outras sociedades de corte.

Ele usa como exemplo o tratamento dado aos documentos na abordagem da história. Nesse processo, à medida que se debruça sobre documentos, o historiador, sob o prisma de elementos contemporâneos e extra científicos, pode distribuir luz e sombras, censuras e louvores, juntando numa narrativa “ruínas do passado” segundo seus “ideais e valores” para construir delas casas características do seu tempo. Para fugir dessas armadilhas tão frequentes, os cientistas da história deveriam adotar algumas posturas. Por exemplo, Elias

destaca a importância de hipóteses e teorias do passado sobre a natureza das conexões para as hipóteses e teorias que norteiam a história hoje. Ele aponta que há pouco valor dado às hipóteses e teorias do passado, como acontecem em outras ciências, o que acaba destinando esforços de pesquisadores que trabalharam a três ou mais gerações a uma condição de livros mortos nas bibliotecas.

Norbert Elias também frisa como a história pode se valer da sociologia histórica a fim de ser mais assertiva no seu propósito de identificar a singularidade de fenômenos únicos e individuais entendendo os problemas sociológicos concernentes ao objeto. Por exemplo, estudar o governo de Luís XIV sem investigar a posição do rei na sociedade em questão pode deixar incerta a singularidade do fenômeno a ser estudado, se fazendo necessário diferenciar o rei em questão quanto indivíduo e o rei enquanto posição social. Se entendendo a estrutura formada por indivíduos interdependentes, se pode entender a margem de manobra de um rei enquanto posição social e quanto dessa margem de manobra foi aproveitada pelo rei indivíduo. Ele enxerga na sociologia uma tradição mais voltada à análise das estruturas e figurações enquanto na história o foco tenderia a se debruçar sobre o indivíduo. Ele avalia que a interação entre ambas fracassa no sentido de que não há uma obra de teoria unificadora para as duas tradições, que seja referência para as pesquisas de ambas.

Em *A Sociedade de Corte*, o autor entende que o mundo não é configurado de forma estática, mas sim processual. Como exemplo dessa premissa, ele discorre sobre a pesquisa histórica e a sua ausência de um modelo teórico satisfatório capaz de explicar a ligação entre as sociedades feudais e as sociedades industriais. Ele então critica a maneira estática como alguns estudiosos da história concebem estruturas sociais e eventos sem computar nesse processo a dinâmica própria que as movimenta. Ele aponta que a dificuldade de avaliar as conexões e estruturas históricas é a consequência dessa ausência de compreensão do movimento. Propondo-se a resolver a ausência de movimento no mundo social verificada na ciência histórica, ele resgata a necessidade de reflexão sobre a ideia difundida de que indivíduo e sociedade são conceitos estáticos. Ele defende que a compreensão do mundo social se torna mais rica a partir de conceitos que sejam construídos em congruência com a processualidade do mundo.

Levando em consideração as observações de Elias, fica claro que buscar entender o impacto da migração nordestina para os nativos de São Paulo na década de 1950 é também resgatar que imagens se fazia até então do Nordeste e que imagens retratadas à época reforçavam ou divergiam das construções disseminadas até então. Para isso é importante saber

da relevância para a época de uma notícia veiculada no jornal naquele período assim como do significado do “Correio Paulistano” para os moradores do Estado paulista. Levar em consideração os valores, preocupações e ideologias da época ajuda a dimensionar a compreensão que a sociedade fazia dos fenômenos vividos.

4.2 O CORREIO PAULISTANO

Segundo Nelson Werneck Sodré (1966), a publicação do Correio Paulistano em 1854 marcou o início do que viria a ser o 64º jornal de São Paulo num período em que muitos outros jornais tentavam alçar voo. A vida curta de quase todos os seus contemporâneos se distingue da longevidade do Correio Paulistano. A publicação foi um dos poucos jornais a permanecer com tiragens diárias pelos quase 109 anos de sua existência, tendo ficado bi-semanário apenas entre 14 de julho de 1855 e 01 de agosto de 1858 (THALASSA, 2007). A longevidade e frequência de sua publicação o fez ostentar o título de verdadeiro primeiro diário da história de São Paulo e um dos primeiros diários do país.

Fundado por Azevedo Marques, o jornal se propôs a ser uma “tribuna livre” e “aberta a todas as aspirações”, como foi destacado na edição de estreia. Sua inclinação a ser um jornal livre, preferindo se distanciar do papel de “porta-voz” de partido político ou escolas acadêmicas, função ordinária das publicações da época, trazia ares de novidade para a cena periodista daquele período. Por volta de 1855 a 1858, o jornal enfrenta uma crise o que o leva a aderir publicamente ao “Partido Conservador” (THALASSA, 2007). Se Sodré (1966) pontua que os jornais de vida longa no Brasil foram sempre conservadores, com o Correio Paulistano, com a exceção de alguns intervalos liberais, não seria diferente. Em 1882 Azevedo Marques vende o jornal para o Antônio de Silva Prado, o Barão de Iguape. Em 1890, o jornal é adquirido por um grupo de republicanos, entre eles Manuel Lopes de Oliveira, Victorino Gonçalves Carmilho, Jorge Ludgero de Cerqueira Miranda, Vladislau Herculano de Freitas, José Luiz de Almeida Nogueira, Carlos de Campos, Luiz de Toledo Piza e Almeida, Wenceslau de Queiroz e Delphim Carlos. Esse movimento define o jornal como o órgão oficial do Partido Republicano Paulista (PRP), função em que permaneceria até 1955 (THALASSA, 2007; LUCA, 2008).

A primeira metade do século XX é caracterizada por publicações diárias que incorporam diversos gêneros entre suas páginas como notas, reportagens, crônicas e produção ficcional. Se no século anterior o jornal servia à doutrinação de perspectivas partidárias e acadêmicas, cada vez mais a matéria de caráter informacional se distinguia do texto de

opinião. Parte dessa transformação se deve às agências internacionais cuja presença no Brasil havia iniciado nas primeiras décadas do século XX. Marcas como *Reuters*, *Associated Press*, *Havas* e *United Press Association* disseminavam a ideia pelas redes sucursais de que o jornalismo implicava cumprir a nobre função de informar o leitor o que se passou, com fidelidade à “verdade dos fatos” (LUCA, 2008).

Naquele período toda a vida intelectual era dominada pela grande imprensa, que atribuía a maior parte das gratificações e posições intelectuais da época, apontando que intelectuais deveriam ser ouvidos e respeitados (LUCA, 2008).

Angela Thalassa (2007) destaca a vanguarda do jornal ao se envolver com o movimento modernista entre 1920 e 1922, o que o marcou como o primeiro jornal de alta circulação a reconhecer o movimento, propiciando uma cobertura histórica da Semana de Arte Moderna. Entre 1930 e 1934 o jornal permaneceu fechado a mando de Getúlio Vargas. Em São Paulo o mesmo ocorreu com a *Gazeta*, a *Folha da Manhã* e a *Folha da Noite* (LUCA, 2008). Tania Cristina de Luca (2008) considera que este golpe roubaria para sempre o antigo brilho do *Correio Paulistano*. Enquanto o governo Getúlio Vargas argumentava que essas ações se faziam necessárias diante da instabilidade dos momentos iniciais, outros meios de comunicação ganharam mais incentivos para se expandir, como foi o caso do rádio e do cinema, veículos de difusão muito apropriados para um país continental e com altas taxas de analfabetismo (LUCA, 2008). Depois de 1934, o *Correio Paulistano* seria vendido a uma Sociedade Anônima e comprado outra vez em 1945 por João Sampaio.

Em 1949 o jornal comemorava seus 95 anos de existência, ostentando uma tiragem de 50 mil exemplares, segundo seus próprios porta-vozes. Um acompanhamento realista dessas tiragens durante a década de 1950 não é factível segundo Ana Maria de Abreu Laurenza (2008). A autora enfatiza que durante esta década não havia no País institutos sérios para averiguar o número de tiragem dos meios de comunicação impressos, pois o Instituto de Verificação de Circulação (IVC) data de 1961. Levando em consideração os dados fornecidos pelo próprio jornal, sua tiragem era significativa para a época, podendo ser equiparada a dos jornais dos *Associados*, o *Correio da Manhã*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*, todos jornais do Rio de Janeiro que exibiam tiragens entre 70 e 140 mil exemplares. O próprio dono do *Tribuna da Imprensa*, Carlos Lacerda, chegou a afirmar que em 1949 seu jornal, em que pese a ferrenha oposição direcionada a Getúlio Vargas, rodava apenas 6 mil exemplares (LAURENZA, 2008).

Segundo Tania Regina de Luca (2008), os dados de meados do século XX indicavam uma taxa total de analfabetismo na casa dos 50%, contexto que ajuda a

compreender por que as tiragens de livros e periódicos eram consideradas baixas (Luca, 2008).

Após o centenário do jornal *Correio Paulistano*, comemorado em 26 de junho de 1954, o ex-governador de São Paulo Altino Arantes compra os direitos de João Sampaio e por sua vez os vende em 1955 para João de Scantimburgo, que foi seu proprietário até 1961, quando o jornal gozava de uma tiragem de 70 mil exemplares (THALASSA, 2007). Naquele ano o jornal é vendido ao padre Victor Ribeiro Nickelsburg que encerra suas atividades em 1963.

O jornal é encerrado sem evidências de decadência ou problemas de ordem financeira, sem justificativas ou notas destinadas ao público leitor (THALASSA, 2007).

4.3 RECORTE

Aqui se tem em claro que os veículos de informação funcionam como caixas de ressonância do que é sentido ou dito por determinada classe ou categoria social. Não necessariamente criando elementos para a racialização, mas amplificando seu alcance e popularizando sistemas de pensamento que justifiquem o processo de essencialização. A abordagem segue o fio de Lilia Moritz Schwarcz (2008) quando vê nos jornais um produto social de que se pode desprender valores de uma época a partir dos segmentos sociais que viabilizavam os jornais e a partir dos grupos a quem as reportagens, artigos e textos de opinião eram destinados.

A pesquisa se voltou para as edições do jornal “*Correio Paulistano*” que foram publicadas no decênio entre os anos de 1950 e 1959. Na caracterização de nordestinas e nordestinos que termos eram mais comuns, que elementos antes já mobilizados em outros discursos se consolidaram na narrativa deste jornal e quais os possíveis efeitos sociais desse discurso na relação com os migrantes nordestinos presentes no estado de São Paulo. As construções mobilizadas serão relacionadas ao contexto histórico no decorrer da década de 50.

A zona metropolitana de São Paulo nos anos 1950 foi lugar de um intenso processo de industrialização e urbanização. O período entre 1945 e 1960 é um bom exemplo dessa pungência ao apresentar índices de crescimento de em média 9,5% ao ano, dado que reflete naquele momento histórico um dos mais acentuados processos de industrialização em todo o mundo. Esse crescimento se refletia na disponibilidade de empregos. Metade de todos os postos de trabalho no setor fabril do Brasil se encontrava em São Paulo, segundo dados de 1959. Tudo isso sem falar dos empregos indiretos gerados por todo esse quadro (FONTES,

2018, p.47).

A referência a nordestinos foi procurada nos arquivos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Além dos termos “nordestino” e “nordestina” foi buscado nos jornais da época o termo “nortista”, ainda muito presente em matérias que faziam referência aos nascidos no Nordeste e na fala cotidiana. É importante reafirmar que só consta no estudo o material que articula estas palavras quando referentes aos nordestinos, sejam eles migrantes ou não. Assim sendo, textos contendo estes termos numa referência a outros significados foram descartados, como, por exemplo, o termo “nortista” se referindo ao exército da Coréia do Norte na guerra contra a Coréia do Sul durante a Guerra da Coréia. Outros exemplos de conteúdos descartados foram publicidades com nomes de marcas, pacotes de turismo, nomes de lojas, referências a políticos supracitados nas matérias e até registros em que eram anunciados os nomes de cavalos vencedores de corridas em listas de aposta. Ao todo foram 1.672 ocorrências no jornal Correio Paulistano, sendo 908 referentes ao termo “nordestino”, 485 à palavra “nordestina” e 279 menções a “nortista”. Desta forma reportagens que tematizavam artistas ou personalidades nordestinas e que pautavam sua história de vida foram descartadas, enquanto manchetes que denunciavam a ação de “um nordestino” antes de identificar a referida pessoa receberam a devida atenção e registro, pois atrelavam a ação desenvolvida à origem do agente antes de identificá-lo.

Das 1.672 ocorrências registradas nas páginas do Correio Paulistano, apenas 198 menções foram utilizadas para o capítulo em questão. Estas ocorrências, catalogadas em edições diversas deste jornal, compreende a soma das 36 referências a “nortista”, 146 a “nordestino” e 16 a “nordestina”.

O termo “nortista”, ainda muito utilizado na época, embora não tanto em frequência quanto nordestino e nordestina, é uma reminiscência de um período em que, a grosso modo, o Brasil era dividido entre Norte e Sul. Divisão ainda muito evocada nos jornais da década de 1950. Os currículos de geografia anteriores a 1940 dividiam a região agrupando a parte baiana numa região conjunta com Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais denominada “Oriental”, enquanto o restante do que é hoje o Nordeste seria ensinado como “Norte Oriental”. O termo Nordeste seria usado para definir a área de atuação da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), criada em 1919 (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). O termo referente ao “gentílico” do Nordeste como “nordestino” passaria por um processo de popularização que passaria pela década de 1920 até o final da década 1940, resultando, na década de 1950, num quadro em que a maioria das menções nos jornais faziam referência a “nordestino” e “nordestina” mais que a “nortista”.

A princípio imaginou-se que o processo de hegemonia de uma nomenclatura sobre outra estivesse em curso na década de 1950. Para averiguar essa possibilidade, as menções foram divididas entre a primeira metade da década e a segunda, a fim de constatar o desuso do termo nortista. Ambas tiveram reduções similares na frequência com que apareciam nas páginas do *Correio Paulistano*. Para “nordestino” e “nordestina” houve uma redução de 97 menções entre 1950 a 1954 para 65 entre 1955 e 1959. Para “nortista”, houve uma redução de 22 menções na primeira metade da década para 14 na segunda. Em outras palavras, “nordestino” e “nordestina” reduziram juntos 32,9% enquanto “nortista” reduziu 36,3%. Ambos os termos foram menos frequentes na segunda metade do decênio como resultado da seca de 1952. A pequena diferença entre as duas reduções indica que a década de 1950, em que pese o nítido predomínio do termo “nordestino” e “nordestina”, representa um período de estabilidade no uso do termo nortista.

No entanto, no mesmo decênio, se “nortista” era usado com frequência para definir os migrantes que vinham do Nordeste, o termo também era utilizado para se referir a estados e pessoas da região Norte, embora numa frequência não tão grande como no primeiro uso. Por exemplo, na seção que descreve as atividades legislativas, na edição do dia 03/09/1952, enquanto se narram os debates na Câmara dos Deputados a respeito de Emendas da Petrobrás, o jornal diferencia as bancadas de deputados nordestinos da dos nortistas.¹

Em outras ocasiões, os dois termos são usados, mas deixam dúvidas se a intensão era adicionar gentílicos da região Norte ao argumento ou apenas incluir na compreensão de seu texto os leitores mais afeiçoados à nomenclatura antiga designada aos nordestinos. Numa coluna do dia 09/03/1955 que reflete sobre as potencialidades do Brasil como destino turístico, nortistas e nordestinos são referidos separadamente, embora para ambos “São Paulo é uma sedução extraordinária”. Não fica claro se essa diferenciação diz respeito ao Norte e Nordeste ou se é uma forma de abarcar os dois termos sinônimos utilizados por diferentes grupos da população.²

Já em outros contextos, é possível verificar a utilização dos termos a fim de contemplar os que utilizam nortista como migrante advindo do Nordeste num texto que se

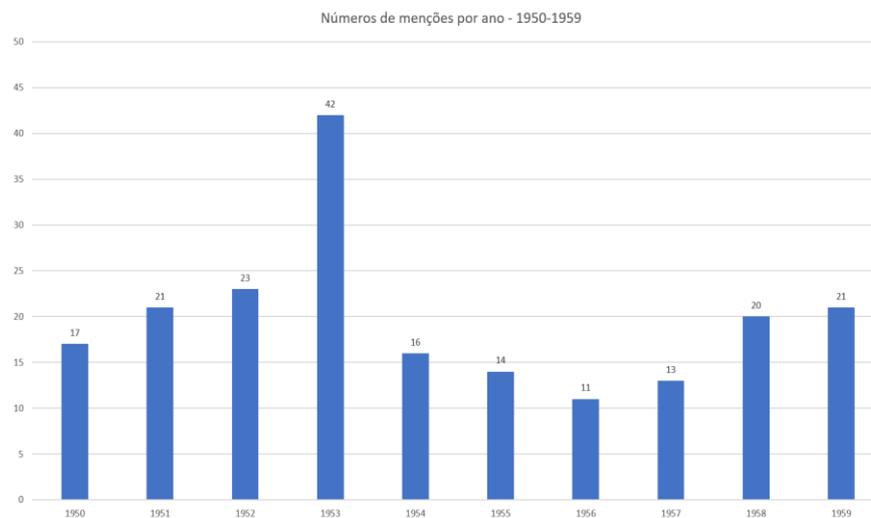
¹ LONGOS debates para a votação das numerosas emendas da “Petrobrás”. *Correio Paulistano*. São Paulo, v. 1, n. 29571, 03 set. 1952. Seção Notícias do Rio e dos estados, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=nortista&pagfis=12562 Acesso em: 13 set. 2021.

² HOTEL Comodoro e Paul Claudel. *Correio Paulistano*. São Paulo, v. 1, n. 30342, 09 mar. 1955. Seção Correio turístico, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=nortista&pagfis=25125 Acesso em: 13 set. 2021.

refere também a nordestinos. Um exemplo é o jornal de 04/10/1957, em que, embora a chamada anuncie “Festa de Confraternização de Nordeste em S. Paulo”, no subtítulo e na lide o evento é descrito como uma “homenagem” de “Nortistas e Nordestinos” a São Paulo. O fato de o título, em sua necessidade de ser sucinto, tenha condensado os dois termos em apenas “nordestino” dá a entender que o termo nortista empregado tem a função de pleonasma, não se referindo à região Norte, mas abarcando numa redundância os dois tipos de pessoas vindas do Nordeste, as que costumam usar o termo “nortista” e as que usavam “nordestino”.³

A disposição dos termos ao longo dos dez anos estudados não é homogênea ao longo do decênio. Fatores como a seca aumentaram significativamente a frequência com que matérias abordando os nordestinos fossem veiculadas. O gráfico a seguir ilustra a disposição dos termos estudados por ano entre 1950 e 1959.

Gráfico 1 – Número de menções no período compreendido entre 1950 a 1959



Fonte: elaborado a partir do levantamento realizado no jornal Correio Paulistano

Na década de 1950, o sertão nordestino foi tomado por dois momentos de seca, os anos iniciais, precisamente 1951, 1952, 1953 e posteriormente nos anos 1958 e 1959. Por mais que as estiagens já representassem situações e condições conhecidas pelos sertanejos, uma seca trazia com ela privação, fome, medo, a miséria e necessidade de se deslocar do seu lugar de origem.

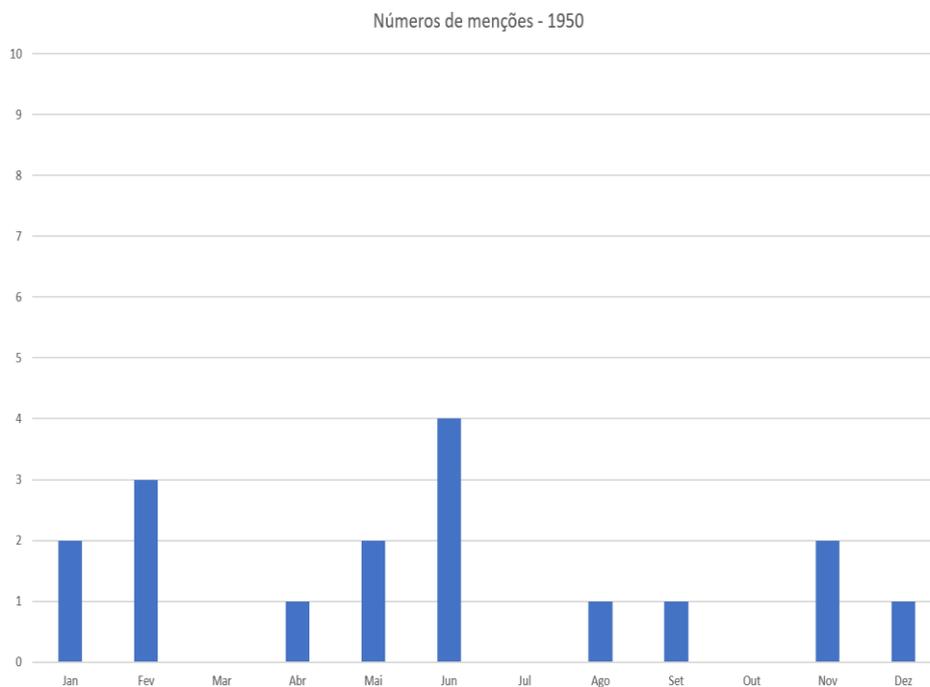
Observa-se que no início da década há um crescimento gradual da frequência com

³ FESTA de confraternização de nordestinos em S. Paulo. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 31139, 04 out. 1957, p. 9. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=nortista&pagfis=39318 Acesso em: 13 set. 2021.

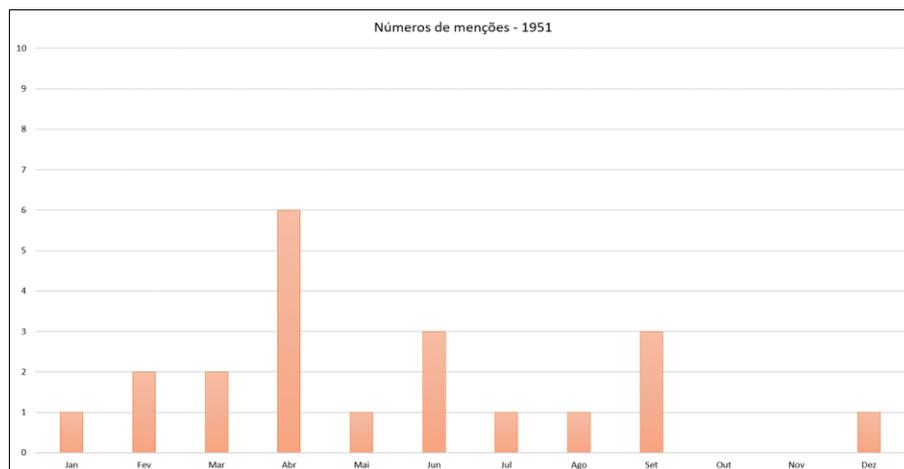
que os termos “nordestino”, “nordestina” e “nortista” vão aparecendo. A seca iniciada desde 1951 é tematizada no jornal tanto pelos efeitos locais identificados nos Estados nordestinos como pelo efeito e temores suscitados com o aumento de migração rumo a São Paulo, efeito que terá seu ápice em 1953 ante os temores de que a seca se prolongasse ainda mais por aquele ano. Após a data, podemos visualizar um “vale” que só retomará a frequência do início da década diante dos temores de uma nova seca em torno de 1958 e 1959.

Assim como os temas sobre o nordestino tenderam a ser abordados heterogeneamente ao longo do decênio, o mesmo pode-se dizer de sua disposição ao longo dos meses em um ano. Para melhor ilustrar essa diferença, abaixo estão dispostos gráficos que ilustram cada ano do decênio com a frequência com que cada mês trazia questões sobre os nordestinos.

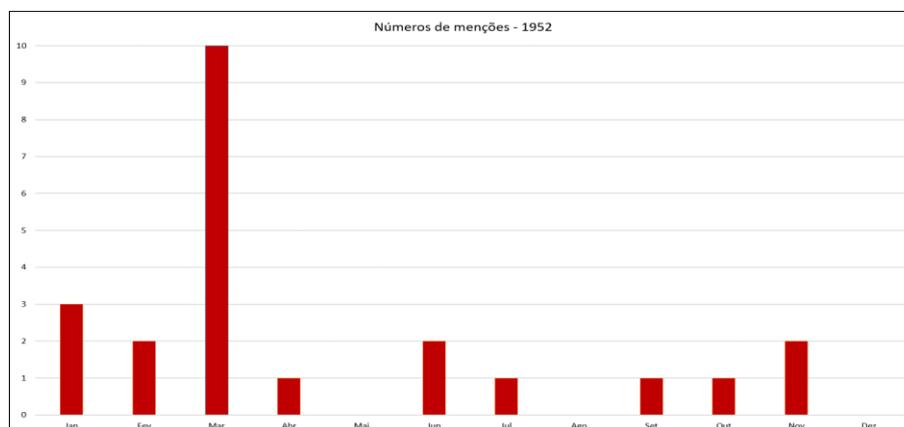
Gráfico 2 – Número de menções no ano de 1950



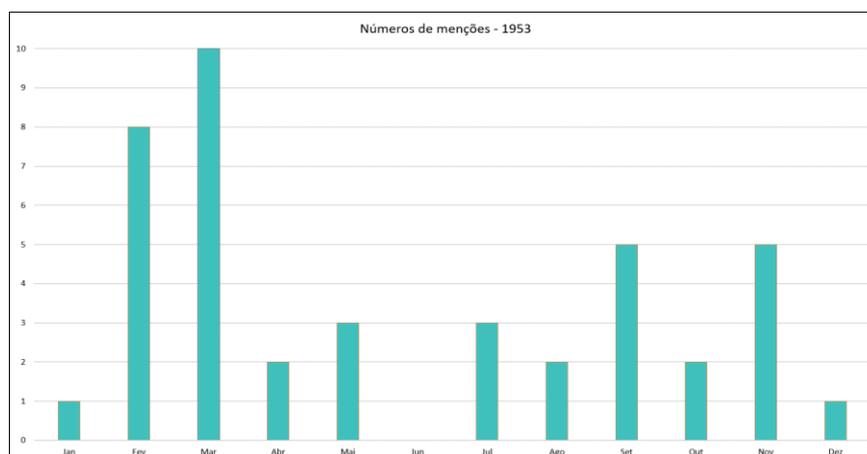
Fonte: elaborado a partir do levantamento realizado no jornal Correio Paulistano

Gráfico 3 – Número de menções no ano de 1951

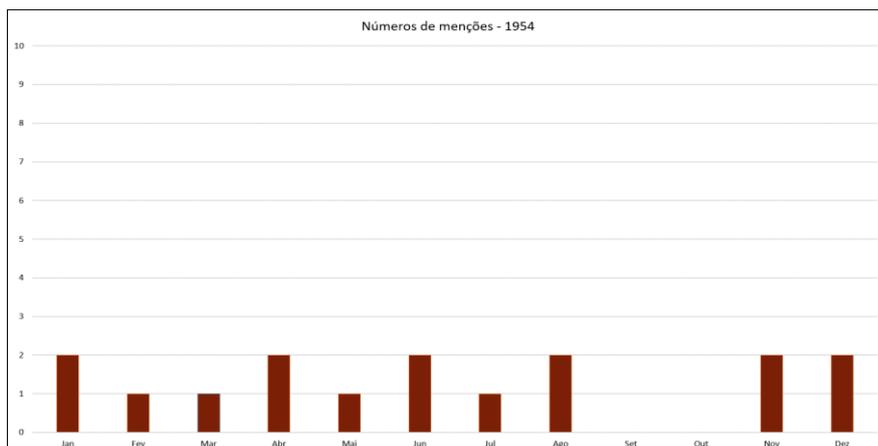
Fonte: elaborado a partir do levantamento realizado no jornal Correio Paulistano

Gráfico 4 – Número de menções no ano de 1952

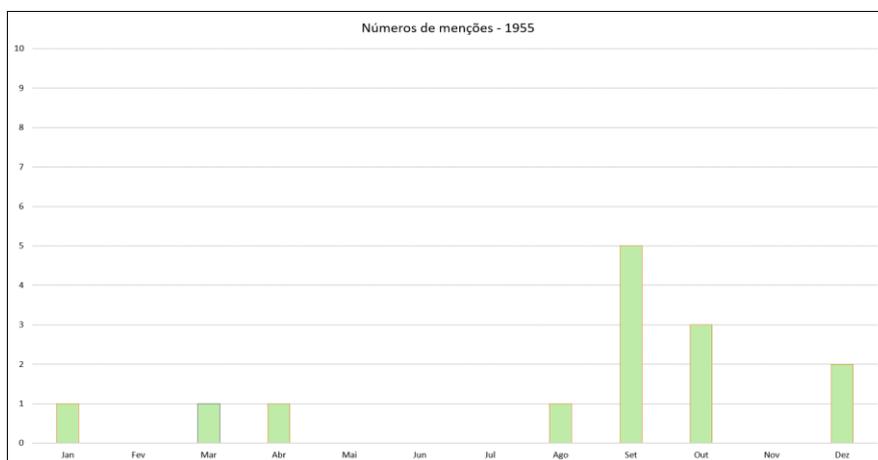
Fonte: elaborado a partir do levantamento realizado no jornal Correio Paulistano

Gráfico 5 – Número de menções no ano de 1953

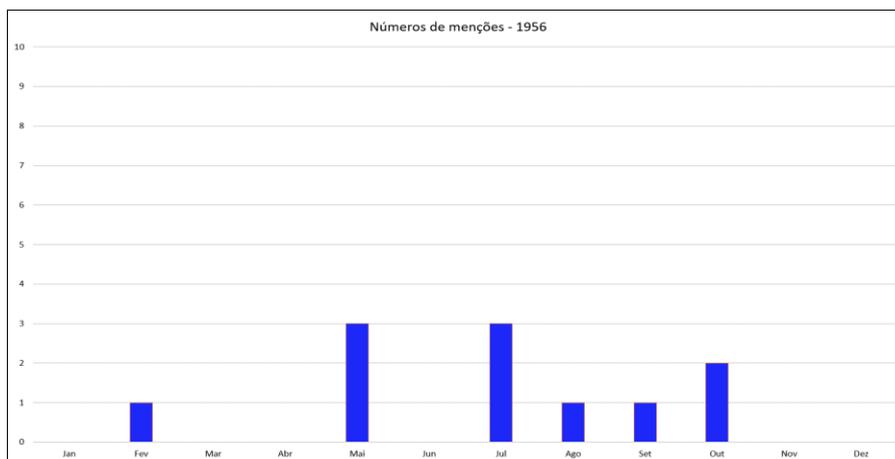
Fonte: elaborado a partir do levantamento realizado no jornal Correio Paulistano

Gráfico 6 – Número de menções no ano de 1954

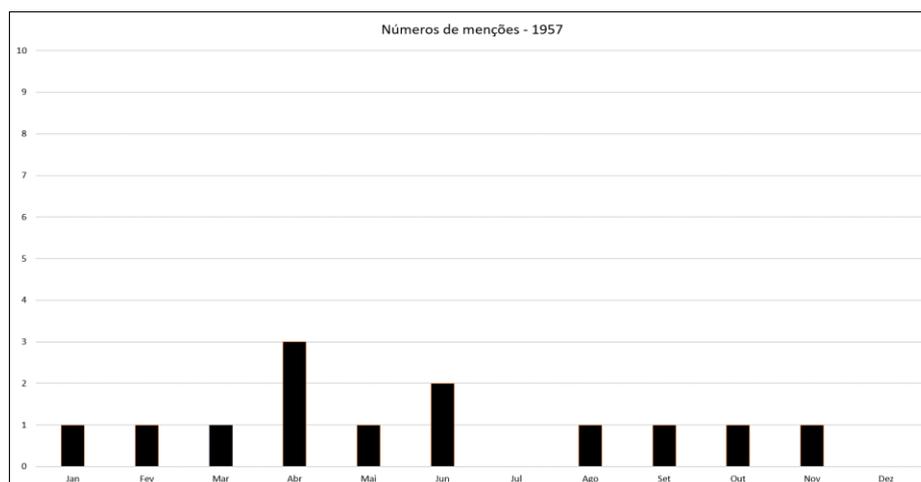
Fonte: elaborado a partir do levantamento realizado no jornal Correio Paulistano

Gráfico 7 – Número de menções no ano de 1955

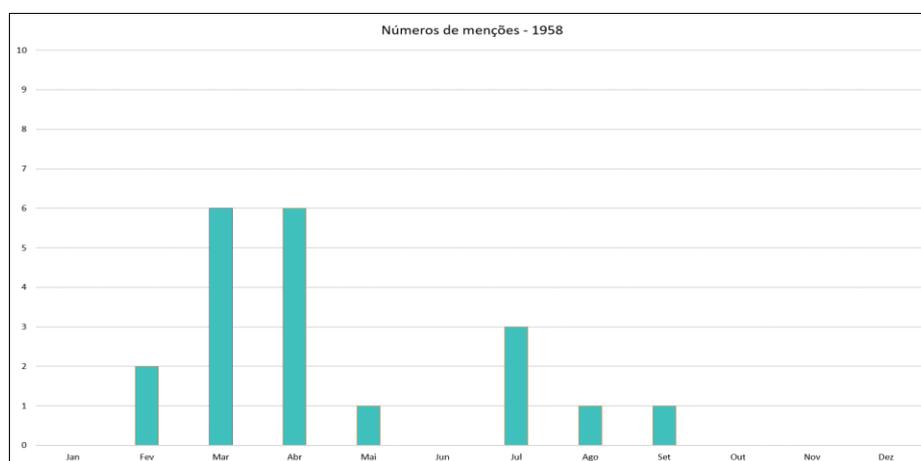
Fonte: elaborado a partir do levantamento realizado no jornal Correio Paulistano

Gráfico 8 – Número de menções no ano de 1956

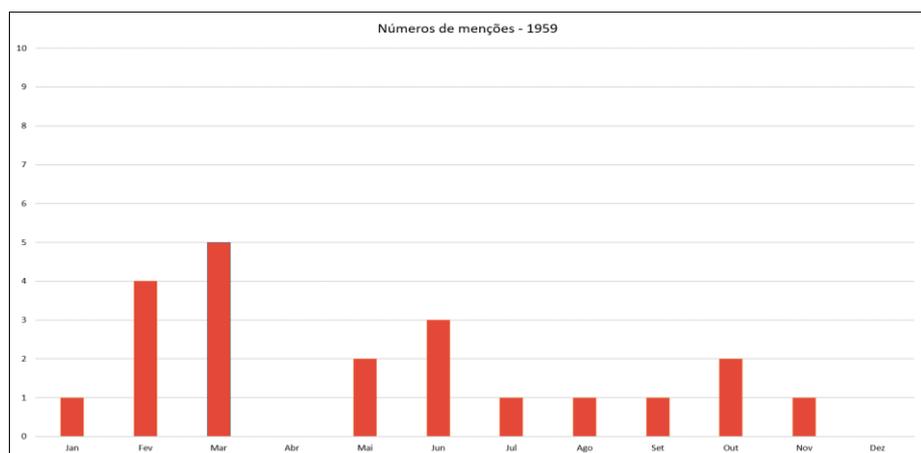
Fonte: elaborado a partir do levantamento realizado no jornal Correio Paulistano

Gráfico 9 – Número de menções no ano de 1957

Fonte: elaborado a partir do levantamento realizado no jornal Correio Paulistano

Gráfico 10 – Número de menções no ano de 1958

Fonte: elaborado a partir do levantamento realizado no jornal Correio Paulistano

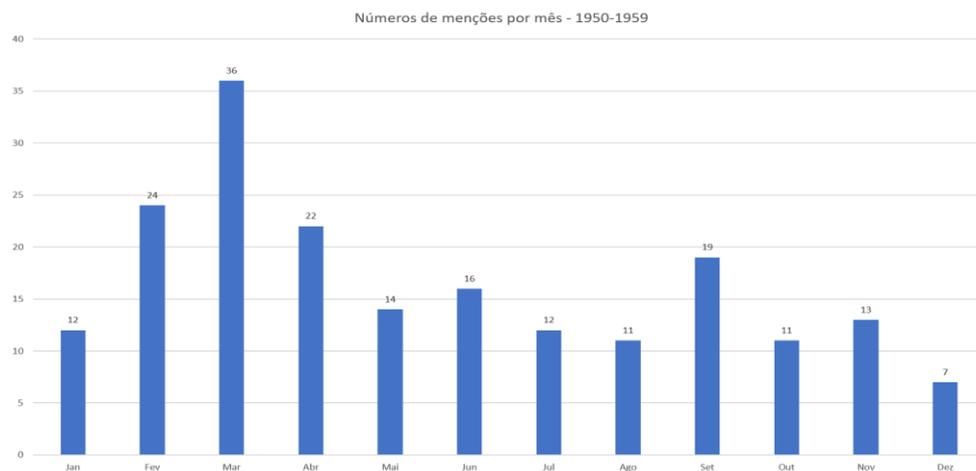
Gráfico 11 – Número de menções no ano de 1959

Fonte: elaborado a partir do levantamento realizado no jornal Correio Paulistano

Analisando-se cada ano da década, é possível perceber um desenho similar na frequência em que nordestinos foram tematizados ao longo do ano em metade dos anos acompanhados, sendo eles 1951, 1952, 1953, 1958 e 1959. Os gráficos destes anos guardam semelhança nos meses próximos a março, formando uma “onda maior” em comparação ao restante dos meses. Esse desenho provavelmente está relacionado à relevância do dia de São José, comemorado no Brasil em 19 de março, para a predição do regime de chuvas do ano que se inicia. Segundo a sabedoria popular, se não chove no dia de São José é sinal de que o período de chuvas, popularmente chamado de inverno, será insuficiente para as culturas semeadas ou inexistente. A data do dia de São José quase coincide com o equinócio de outono do hemisfério sul, que em geral ocorre em torno dos dias 20 e 21 de março. Com o sol incidindo diretamente sobre a linha do equador, a evaporação decorrente do calor pode reunir condições propícias para a precipitação no dia santo. Se no referido dia não chove, a sabedoria popular indica um ano de seca. A predição incutida nesta lógica se torna ainda mais relevante ante o acúmulo de anos seguidos de seca.

A tendência em se pautar temas relacionados a nordestinos em torno do mês de março fica ainda mais nítida ao se sobrepor as citações de todos os meses da década de 50.

Gráfico 12 - Número de menções por mês na década de 1950



Fonte: elaborado a partir do levantamento realizado no jornal Correio Paulistano

É possível, portanto, que a maior presença de citações em respeito aos nordestinos em torno do mês de março esteja relacionada à relevância do dia de São José para notícias que destacam a movimentação de populações para as capitais do Nordeste ou para a chegada de migrantes a São Paulo.

4.4 FALAR DE NORDESTINOS É FALAR DE POLÍTICAS PÚBLICAS

O tema mais frequentemente relacionado à migração nordestina ao longo do decênio é a miséria. Retratados com frequência como sinônimo de retirantes e flagelados, a migração de nordestinos é sempre colocada como um sintoma direto das medidas adotadas pelo estado, seja sobre suas ausências ou por presenças consideradas desastrosas. Nas páginas do Correio Paulistano falar de nordestinos com frequência é falar também de soluções para o drama retratado e, com frequência, essa solução passa pela mão do estado na forma de políticas públicas. Os debates, portanto, giram em torno de que políticas deveriam ser adotadas para “resolver” a “questão nordestina”. De maneira geral, há os que enxergam na própria migração um problema e que por isso vão demandar ações que evitem a chegada dos migrantes a São Paulo. As justificativas para tal são variadas. Há desde aqueles que entendem que a migração nordestina não é apropriada para o contexto paulistano aos que creem que o nordestino seria mais feliz em sua terra natal, defendendo que o que os leva a migrarem é uma sucessão de equívocos que terminam por iludi-los e explorá-los.

Os críticos da migração nordestina não necessariamente se contrapõem aos que defendem políticas mais adequadas para a permanência do nordestino em sua terra natal. Se no começo da década há um debate intenso sobre que obras poderiam minimizar o “flagelo” da seca com a defesa de políticas que consistiriam na construção de mais açudes e distribuição de alimentos, à medida que a década se aproxima de seu fim ganham espaço os debates que pautam mudanças estruturais, como a importância de uma reforma agrária e a industrialização do Nordeste como saída para o desemprego.

A presença de milhares de migrantes nordestinos em São Paulo contribuiu de maneira importante para o destaque que temas como reforma agrária e desigualdades regionais ganharam no debate político e social em nível nacional. A intensa migração demandava uma urgente reflexão sobre a estrutura fundiária da região Nordeste: seria ela a responsável pelo “atraso” nordestino. Fontes (2008) destaca o discurso do presidente do Instituto Nacional de Imigração e Colonização, Francisco de Toledo Piza, que tomava posse do cargo em 1954, em que ele destaca a estrutura agrária como “a causa principal do êxodo das populações rurais, mais séria e mais atuante que a própria seca no Nordeste como fator determinante de uma fuga em massa”. Fontes considera que para além das lutas sociais dos trabalhadores rurais nordestinos sob contexto do surgimento das Ligas Camponesas, a presença de migrantes rurais nas grandes cidades teve um efeito catalizador sobre os debates que apontavam os efeitos nocivos de nossa estrutura agrária.

Há também as críticas e sugestões em torno das políticas adotadas para receber e acolher os migrantes nordestinos recém-chegados a São Paulo. Entre estas políticas está um tema que foi recorrente por toda a década de 1950, a Hospedaria do Imigrante, assunto da coluna “De camarote”, publicada na data de 24/11/1950 e assinada por “S.”.⁴

Num primeiro momento ela se encontra indisponível para alojar os que chegam do Nordeste. A sociedade civil se mobiliza e até o cantor Luiz Gonzaga empresta o prestígio de que goza para atrair doações para o que se pretendia ser a construção de uma Hospedaria do Trabalhador Nordestino em São Paulo.

Argumentando que esta seria uma obrigação do governo estadual, “S.” recapitula um pequeno histórico dos espaços destinados a receber os imigrantes, iniciando por 1886, quando o Conde de Parnaíba inaugurou a hospedaria da Mooca. No entanto, aponta que depois de 1930, foi desvirtuada a finalidade do prédio que chegou a ser presídio, quartel e escola em distintos momentos. Nesta época, cumprindo o que deveria ser sua função, ficou um outrora armazém de café inconvenientemente localizado no Campo Limpo. O problema relatado por “S.”, segundo o mesmo, data de 1943 e só agora, com a esperada mudança da Escola de Aeronáutica que desocupará o prédio, ele julga que será corrigido. Com o retorno da Hospedaria da rua Visconde de Parnaíba os nordestinos não ficariam mais ao relento e, portanto, a iniciativa que se fez porta-voz o prestigiado Luiz Gonzaga não teria motivos para existir.

No começo da década de 1950, uma política pública intensamente debatida dizia respeito à Hospedaria de Imigrantes, localizada à rua Visconde de Parnaíba. Inaugurada em 1887, ela havia passado, desde 1924, por uma gradual mudança de funções que culminou com seu prédio sendo ocupado em 1943 pelo Ministério da Aeronáutica que ali instalou a Escola Técnica de Aviação (SÃO PAULO, 202-, *On-line*)⁵. Diante das levas cada vez maiores de migrantes nordestinos que chegavam a São Paulo no início da década de 1950, os jornais registravam uma pressão cada vez maior para a retomada da antiga função da Hospedaria. Essa pressão toma forma de diversos artigos de opinião, reportagens e colunas que demandavam uma política mais organizada de recebimento dos migrantes que aqui

⁴ S. O homem que vem de longe. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 29028, 24 nov. 1950. Coluna De camarote, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=4237 Acesso em: 13 set. 2021.

⁵ SÃO PAULO. Secretaria da Cultura e Economia Criativa. **Museu da Imigração**: história. São Paulo, 202-, *On-line*. Disponível em: <http://museudaimigracao.org.br/sobre-o-mi/historia> Acesso em 12 set. 2021.

aportavam.

A inauguração da rodovia Rio-Bahia em 1949 diminuiu muito do penoso processo de viagem que levava imigrantes para São Paulo. Estruturalmente, durante a década de 50, o sistema rodoviário apresentava uma melhoria que ecoava nas facilidades de migração. Em 1950 apenas 12% dos migrantes entraram em São Paulo por rodovias. Em 1952, esse número já havia crescido para 38% (FONTES, 2008). No jornal do dia 12/04/1951 mais uma reportagem entre muitas daquele período denunciava o transporte irregular de migrantes para São Paulo. A reportagem se refere à vinda constante de “caminhão repleto de refugiados da seca”, ainda sem falar “pau-de-arara”, termo que designaria mais tarde o transporte nestas características. Um dos passageiros abordados fala que “alguns retirantes têm promessas de empregos”.⁶

São enumeradas ações contra esse tipo de transporte. É enfatizada as ações do estado em repressão a estes caminhões, como a recém proibição pelo Departamento de Estradas de Rodagem junto a Departamentos Estaduais do trânsito de caminhões com passageiros nas estradas Rio-Bahia e Rio-São Paulo, o que visa “beneficiar essa pobre gente”. É destacado que o governo federal combinou com os Estados Nordestinos e mais alguns outros da federação a proibição, por meio das barreiras, do tráfego destes “traficantes de flagelados” nas estradas federais.

Falar de política pública com frequência significa também destacar escândalos em que o dinheiro destinado para ela é desviado. Ainda na mesma reportagem, ao final, é reproduzido o resumo de uma notícia de um jornal de Fortaleza em que se destaca o desvio de dinheiro que seria usado no combate aos efeitos da seca por corrupção de agentes envolvidos.

Segundo o Correio Paulistano, “o matutino “Gazeta de Notícias”, numa destacada nota de última página, refere que o açude “Taborda”, em Alto Santo, no município de Limoeiro do Norte e que tem a capacidade de mais de 12 milhões de metros cúbicos d’água, foi orçado em 1.500.000.00 em 1940. Era uma barragem para ser feita numa colaboração do Estado com o governo federal. No final das contas foi construída por 286.000,00, desaparecendo-se o restante da verba. O mesmo jornal convida o governo a um inquérito e ataca veementemente o antigo secretario da Viação sr. Paulo Ferreira, acusando-o de sonegar o restante da verba”.

⁶ PROSEGUE a exploração dos flagelados do Nordeste. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 29143, 12 abr. 1951. Seção Notícias do Rio e dos estados, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=5800 Acesso em: 13 set. 2021.

No jornal publicado em 26/07/1951, uma matéria na última capa apresentava quatro fotos das quais três estavam relacionadas à manchete que dizia “Nem tudo já foi dito a respeito do drama dos retirantes nordestinos”. Das três fotos da matéria, duas representavam migrantes nordestinos em roupas humildes e trouxas desembarcando em estações ferroviárias e a outra representava uma “família nortista” chegando numa fazenda do interior paulista. A reportagem denuncia a falta de tutela do governo federal sobre a migração nordestina, êxodo que enfrenta, além da dificuldade inerente, a exploração de vários agentes em seu percurso.⁷

O texto evidencia no primeiro parágrafo que a imigração é um dos temas da ordem do dia seja pelos europeus refugiados que seguem afluindo para o Brasil como pelo número crescente de nordestinos que aportam em São Paulo. Sobre ambas imigrações o Departamento de Imigração e Colonização da Secretaria da Agricultura tem recebido críticas sobre suas instalações e assistência prestada. Apesar das precariedades, é dito que esse departamento, sem mais se referir aos migrantes europeus, “já resolveu o problema representado por 110.000 nordestinos que aqui aportaram”.

Depois de enumerar todos os objetivos deste departamento, o texto lamenta que ele não consegue dar conta da demanda de imigrantes e que competiria ao governo federal fornecer o prédio da Rua Visconde de Parnaíba para o devido órgão já que informações da reportagem apontam que o prédio seria desocupado pela Escola de Especialistas da Aeronáutica.

Segundo a reportagem, muitos “retirantes nordestinos”, vivenciando o “drama” que “ninguém desconhece”, acabam estacionando, por falta de recursos para seguir a viagem, em Juazeiro na Bahia e em outras cidades mineiras. A reportagem destaca que é nestas cidades que os inspetores do Departamento de Imigração e Colonização da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo selecionam os nordestinos para embarque para o Estado Paulista. O texto segue fazendo críticas ao governo federal que pouco atua na organização deste processo ou no provimento de condições mais decentes para a viagem dos imigrantes. Uma vez chegados a São Paulo, os nordestinos são inspecionados, vacinados, alimentados, sofrem inspeção médica e são alojados em hotéis e pensões. (CORREIO PAULISTANO, 26 jul. 1951, p. 12)

A reportagem destaca que um inspetor do serviço, tendo inspecionado várias

⁷ NEM TUDO já foi dito a respeito do drama dos retirantes nordestinos. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 29231, 26 jul. 1951, p. 12. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=nortista&pagfis=7191 Acesso em: 13 set. 2021.

fazendas no interior quanto à demanda por trabalhadores, possibilidades econômicas do proprietário, condições de higiene e habitação, culturas e água; oferece aos imigrantes as oportunidades existentes para sua escolha. Um quadro com o número de imigrantes encaminhados é publicado.

Quadro 1 – Imigrantes alocados em fazendas no interior de São Paulo / ano

1947.....70.000
1948.....75.000
1949.....110.000
1950.....100.000
1951 (até junho)..... 120.000

Fonte: CORREIO PAULISTANO, 26 jul. 1951

Finalizando o texto, o autor homenageia os 32 inspetores que realizam este “serviço insalubre” por se exporem à possibilidade de contrair doenças do migrante nordestino.

Na Coluna “Respingos e Recortes” do dia 20/02/1952, se identifica que o movimento migratório teria sua genealogia em 1777, ano da primeira grande seca, segundo o jornal. Primeiro o nordestino teria buscado a Amazônia e depois o “sul”, indo para São Paulo. A coluna identifica um caráter pendular na migração nordestina, o que comprovaria que o nordestino, se tivesse meios de subsistência, ficaria na sua terra. Ao final se demanda do governo política públicas que auxiliem na permanência dos nordestinos na terra natal. A vinda de nordestinos a São Paulo é retratada como um problema que geraria um esvaziamento populacional no Nordeste enquanto termina por trazer a São Paulo pessoas que aqui vêm para sofrer.⁸

Os argumentos presentes no jornal, desde o início da década, representam o migrante nordestino como uma vítima de pessoas mal-intencionadas, no caso, os condutores de caminhões que, ao realizar transporte de cargas para o Nordeste, voltariam para São Paulo trazendo migrantes, pessoas retratadas como miseráveis iludidos e explorados pelo condutor

⁸ COMO FAZER baixar o custo da vida. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 29406, 20 fev. 1952. Seção Respingos e recortes, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=9842 Acesso em: 13 set. 2021.

que os seduz com promessas de uma cidade utópica.

Na mesma coluna “Respingos e Recortes”, o assunto é resgatado no dia 07/03/1952. Se fala do “pavoroso problema das migrações” que segundo se diz deixa o Nordeste esvaziado de pessoas, mas também não torna as mesmas felizes no sul do país. Para combater este problema são apontadas como medidas ineficazes, porém necessárias, a aplicação das sanções relativas ao art. 207 do Código Penal, que aponta como crime o aliciamento de trabalhadores, e ao art. 6 do Código de Trânsito, que estipula que veículos de carga só podem transportar carga. Aqui, pela primeira vez no jornal Correio Paulistano se registra o termo “pau-de-arara” como referência aos caminhões que transportam nordestinos em direção à São Paulo.⁹ Os “paus-de-arara” se converteram em símbolo do transporte dos trabalhadores nordestinos. Paulo Fontes (2008) destaca que “dados sobre o movimento de migrantes na estrada Rio-Bahia em 1954 mostram que quase 60% do transporte de passageiros no sentido norte-sul era feito através de caminhões”. Donos dos caminhões paus-de-arara também atuavam como agenciadores no interior nordestino. Muitos deles trabalhando diretamente para fazendeiros, industriais ou agências especializadas sempre contando vantagens do mercado de trabalho nas cidades sudestinas ou na zona rural paulista ou paranaense (FONTES, 2008).

Somadas a essas ações, a coluna destaca outras medidas que poderiam ser aplicadas concomitantemente e que teriam, advoga, um efeito muito mais efetivo contra a migração nordestina. A primeira é a sugestão do ministro João Cleofas que propõe a desapropriação de terras na beira das estradas das vias de migração, sendo auxiliados pelos estados, inclusive no que diz respeito aos vales úmidos e terras públicas das zonas de açudes. Se relata que o deputado Paulo Sarasate concorda, mas acredita que antes o governo deve intensificar as obras públicas na zona flagelada criando um “pleno emprego” e instalando hospedarias para os migrantes. O colunista expressa a ideia de que ambas poderiam ser aplicadas ao mesmo tempo, se completando junto às de repressão ao êxodo.

Os debates sobre as políticas mais apropriadas para a fixação do nordestino a sua terra prosseguem sendo documentadas pelo jornal. O texto publicado em 12/03/1952 busca oferecer um resumo de uma entrevista realizada com Plácido Aderaldo Castelo, à época secretário da Agricultura do Ceará em que ele reflete sobre dois problemas: a seca e o êxodo

⁹ EXODO Rural. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 29419, 7 mar. 1952. Seção Respingos e recortes, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=9842 Acesso em: 13 set. 2021.

dos nordestinos. Segundo o texto, o secretário enfatiza que o Ceará não é uma terra sem recursos, tendo inclusive serras, regiões úmidas e muitos açudes construídos que, da maneira apropriada, poderiam ser desfrutados pela população local. No entanto ele enfatiza que o que agrava permanentemente o êxodo é “a carência de capital financeiro para aquele fim”.¹⁰

Aponta ausência e negligência do Governo Federal a respeito das obras contra a seca no Nordeste. O texto destaca que nunca se falou tanto em obras contra as secas como depois de 1930, o que é colocado como uma contradição, pois afirma-se que nunca antes um chefe de governo brasileiro visitou tanto o Norte e o Nordeste, o que faz o autor supor se estas viagens não tiveram apenas propósito turístico. Não se aponta uma ausência de recursos direcionados ao Nordeste, mas afirma-se que são insuficientes ao ponto que o investimento uma vez aplicado se perde pela incompletude das obras.

Os debates sobre que políticas seriam mais apropriadas para fixar o nordestino à terra seguem intensos no ano de 1952 assim como as reflexões sobre a natureza da migração nordestina. Na coluna “Notas e Comentários” do dia 15/03/1952 se diz que um jornal carioca observou que a migração dos nordestinos para o Sul não os faz desligar totalmente da terra natal, havendo um desejo e tendência ao retorno, o que indica que, segundo o jornal mencionado, os nordestinos não viriam ao sul se houvesse no Nordeste alguma chance de sobrevivência.¹¹

Na mesma coluna se questiona também se a seca seria a grande causadora da migração de nordestinos para São Paulo. O autor lembra que as grandes levadas que chegam de migrantes a São Paulo não são só de nordestinos, mas de pessoas que vêm de regiões onde não assola a seca, o que seria preocupante posto que assim fica evidente se tratar de um movimento que também existe independente do convívio com a seca. A consequência destas migrações seria a hipertrofia da cidade, caracterizando o progresso brasileiro como uma faca de dois gumes, pois se limita a um pedaço apenas do sul do país.

Na primeira página do segundo caderno do jornal *Correio Paulistano* do dia 27/03/51 destaca que não há hospedagem para os “imigrantes nordestinos”. A matéria é ilustrada com quatro fotos em que se pode ver as famílias migrantes, duas delas com os

¹⁰ O FLAGELO das secas. *Correio Paulistano*. São Paulo, v. 1, n. 29423, 12 mar. 1952, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=10108
Acesso em: 13 set. 2021.

¹¹ UMA FACA de dois gumes. *Correio Paulistano*. São Paulo, v. 1, n. 29426, 15 mar. 1952. Seção Notas e comentários, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=10108
Acesso em: 13 set. 2021.

migrantes dentro do trem e as outras duas com essas famílias aportando. Se inicia o texto destacando que todos os dias pela manhã cedo chegam migrantes de diferentes idades “encardidos, sujos, sentados em cima de trouxas e malas. São retirantes nordestinos”. Diz que com frequência são vistos “arrebanhados” para um canto próximo em que, pela primeira vez segundo o autor, muitos deles verão o “tubinho” da vacina contra a varíola. Mas nem todos os que chegam são nordestinos, se destacando que os migrantes mineiros são parecidos com os nordestinos com a diferença de que aqueles seriam mais limpos que estes. Os migrantes são descritos como vítimas da seca, problema segundo se relata centenário e que, somado aos baixos salários na terra natal fazem com que o nordestino veja o Sul como uma Canaã.¹²

Aqui dá-se mais um registro de matéria que pressiona as autoridades a resgatar a Hospedaria de Imigrantes como instituição a dar abrigo aos recém-chegados migrantes nacionais. Um argumento frequentemente utilizado para tal era comparar a qualidade das políticas públicas ofertadas há algumas décadas aos imigrantes europeus com o descaso que se denunciava diante da chegada de migrantes nacionais. A reportagem dá ênfase a que, se antes os imigrantes europeus encontravam conforto ao chegar num enorme casarão da rua Visconde de Parnaíba, agora se aponta que o mesmo está ocupado pela Escola Técnica de Aviação. Isso torna a chegada dos nordestinos mais difícil, principalmente se chegam pela noite, quando não podem dar continuidade à sua viagem pegando um dos trens que levam para o norte paulista ou para o Paraná. Não só a assistência na chegada entre as duas levas de migrantes é comparada, mas a viagem também, em que se destaca que o europeu tinha maior conforto em sua viagem ao Brasil do que o “retirante nordestino” que “viaja como animal nas gaiolas que descem o São Francisco”. Para reforçar as imagens evocadas na matéria e acentuar a gravidade enxergada no fenômeno, o autor relembra a seca de 1877 e toda fome e mortes que compuseram o quadro da epidemia de varíola.

Anuncia a reportagem que atrás da Estação Roosevelt, na rua Alegria, se constrói o que virá a ser a futura Hospedaria de Imigrantes. Enquanto não é concluída e não oferece hospedagem, o já funcionamento de algumas seções garante à sua frente “centenas de homens vestidos de brim encardido”: “São os nordestinos”. O texto afirma que lá eles são recenseados e encaminhados para “pontos de destino”. Segundo a mesma reportagem, ainda é possível afirmar que 95% dos migrantes nordestinos são “analfabetos” e que 99% nunca foram

¹² NÃO HÁ hospedagem para os imigrantes nordestinos em S. Paulo. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 29129, 27 mar. 1951, p. 9. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=5606 Acesso em: 13 set. 2021.

vacinados, sem que, no entanto, tenha sido apontado no texto as fontes destes dados.

Ao final o texto conclui que ninguém nega que “São Paulo deve grande parte de sua riqueza ao trabalho dos nordestinos” apontando que a manutenção de muitas fazendas no interior só se deveu aos braços desses migrantes e que, portanto, “colocando seu espírito de brasilidade acima de quaisquer regionalismos e burocracia” é importante que seja logo disponibilizada uma hospedaria para recebê-los encontrando rapidamente uma solução para o problema a fim de que os nordestinos não sigam “atirados como animais no cimento frio da Estação do Norte”.

Esta reportagem é um exemplo da frequência com que os migrantes sofriam sutis analogias com animais nos textos do jornal, num processo de desumanização que, se por um lado podia servir ao tom de denúncia e urgência, por outro cristalizava uma imagem animalesca dos migrantes que se sustentava por meio de outras imagens frequentemente mobilizadas em torno dos nordestinos, como sujeitos, portadores de doenças, vítimas passivas da natureza e capazes de arroubos de violência. Num primeiro momento, são “arrebanhados”, “descem” o São Francisco para São Paulo “como animal nas gaiolas” e ao final são “atirados como animais no cimento frio”.

Uma política pública muito demandada e debatida no jornal é a repressão aos “paus de arara” sob justificativa da ilegalidade da prática. Na edição do dia 28/03/1952, o Governador Paraibano, J. Américo, se pronuncia sobre as críticas referentes à “proibição do êxodo de nordestinos” esclarecendo que a medida adotada atinge apenas os caminhões “paus de arara”. A necessidade desse esclarecimento supõe uma interpretação existente da medida que combate este tipo de transporte como se tratasse de uma proibição à migração rumo ao sul.¹³

Um tema recorrente no que diz respeito a políticas públicas para migrantes nordestinos é a necessidade de que exista uma casa de acolhimento para os migrantes recém-chegados. Na edição do dia 18/09/1952, Honório de Sylos vê como demagoga a disposição do vereador Tarcílio Bernardo em construir em São Miguel Paulista a “Casa do Nortista” destinada a acolher os recém-chegados migrantes. Ele aponta que esta competência não é do município, cabendo ao Estado e à União, o que já seria desempenhado pelo Departamento de Imigrantes e Colonização, que recebe imigrantes nacionais tão bem quanto os internacionais,

¹³ J. AMÉRICO e os paus de arara. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 29437, 28 mar. 1952. Seção Notícias do Rio e dos estados, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=10347 Acesso em: 13 set. 2021.

“apesar do brasileiro não ter cônsul em São Paulo”.¹⁴ Destaca ainda que a tradicional hospedaria da Mooca já foi devolvida a São Paulo pela Aeronáutica.

As políticas públicas são com frequência confrontadas quanto a sua eficiência. A comparação entre soluções retrata um cenário de concorrência por recursos públicos. Na edição do dia 21/09/1952, por exemplo, o Bispo de Bom Jesus do Gurguéia, Dom Inocêncio Lopes Santamaria, lamentando as dezenas de mortes por inanição presenciadas, demanda a construção de uma estrada ligando a zona da seca à fértil região do Rio Gurguéia, no Piauí. Segundo o reverendo, a região seria tão fértil que, sozinha, poderia sanar toda a região assolada do Piauí e da Bahia. O Bispo observa que, em vez de concentrar recursos em estradas que favoreçam a chegada de migrantes em São Paulo, o Governo Federal poderia investir na construção de estradas como esta.¹⁵

Aos poucos o debate sobre a estrutura fundiária da região Nordeste ganha espaço no jornal. Como no registro do dia 10/03/1953 em que debates entre deputados repercutem o propósito de Getúlio Vargas de promover desapropriações de latifúndios “em prol dos nordestinos”. Os debates registrados destacam falas simpáticas à medida e sua importância para o Nordeste. As falas registradas mais dissonantes à medida, quando muito, questionavam se há grandes latifúndios no Nordeste e se a prioridade a uma política de irrigação não necessariamente excludente à desapropriação não geraria um maior impacto.¹⁶

A percepção de que o nordestino depende inerentemente de ajuda estatal gera especulações sobre como esta dependência pode “formar” o caráter dos que vivem no Nordeste e dos que migrariam de lá. É o que transparece na coluna “Notas e Comentários” do dia 29/03/1953 em que o autor disserta sobre quão inócua pode ser a filantropia, destacando como pauta de sua reflexão a forma como as outras áreas do Brasil têm tratado o Nordeste e sua população vítima do mais recente “flagelo”. Como “seres dependentes”, o nordestino como vítima se sentiria humilhado e teria desenvolvido “um certo complexo de inferioridade”

¹⁴ SYLOS, Honório de. Mais bom senso, menos demagogia. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 29584, 18 set. 1952. Seção De camarote, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=nortista&pagfis=12769 Acesso em: 13 set. 2021.

¹⁵ SETENTA mil nordestinos teriam entrado em São Paulo durante o ano passado. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 29587, 21 set. 1952. Seção Notícias do Rio e dos estados, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=12811 Acesso em: 13 set. 2021.

¹⁶ DESAPROPRIAÇÃO de terras na área do Nordeste. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 29729, 10 mar. 1953. Seção Notícias do Rio e dos estados, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=15052 Acesso em: 13 set. 2021.

como fator psicológico. O autor defende, portanto, que em vez de filantropia, seja construído um grande açude a resolver os problemas da população. Encerra com uma alegoria em que diz que, antes de dinheiro, deve-se dar ao “pobre” trabalho, pois assim ele pode não só viver como ir além adquirindo uma “personalidade”.¹⁷

As reflexões sobre a estrutura fundiária no Nordeste ganham novo fôlego e são retomadas com o Encontro de Bispos em 26/05/1956 defendendo a desapropriação de posses próximas à açudes para aliviar drama nordestino.¹⁸

As políticas públicas destinadas aos nordestinos que chegam já eram debatidas com frequência no início da década. Elas voltam a ser pensadas neste segundo momento em torno do ano de 1957. Como é o caso de uma matéria de última página, ilustrada com três fotos, veiculada no dia 03/04/1957. O texto descreve a passagem de nordestinos pela Central do Brasil, no Rio de Janeiro, entreposto de muitos que migram do Norte para São Paulo ou dos que retornam à sua terra de origem. Apesar do título fazer alusão à “desilusão” dos nordestinos com a “Terra da Promissão”, o corpo do texto toma discurso quase contrário ao afirmar que “desprovidos de dinheiro” são apenas os que vem do Norte para o Sul, afirmando que muitos dos que voltam para o Nordeste, o fazem na intenção de chegar a tempo para aproveitar as festas juninas, o que justifica o maior movimento no mês de junho. A reportagem define que fazem parte da “migração nordestina” “infelizes alguns, malandros outros”.¹⁹

Essa movimentação dos que vêm, somados aos que vão, deixa sobrelotado o galpão de apoio construído como abrigo, conhecido como Pacaembuzinho, visto que deveria comportar no máximo 300 pessoas, mas acolhe diariamente cerca de 800 pessoas, segundo a reportagem.

A assistência de iniciativas privadas aos migrantes nordestinos que chegam a São

¹⁷ O AUXÍLIO aos nordestinos. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 29746, 29 mar. 1953. Seção Notas e comentários, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=15325 Acesso em: 13 set. 2021.

¹⁸ POSIÇÃO da igreja frente aos problemas do Nordeste brasileiro. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 30720, 26 mai. 1956, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=31515 Acesso em: 13 set. 2021.

¹⁹ NORDESTINOS em viagem de regresso, desiludidos da terra da promessa. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 31042, 13 jun. 1957, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=nordestina&pagfis=37432 Acesso em: 13 set. 2021.

Paulo segue sendo enunciada no jornal, como noticiado no dia 01/02/1958. O Coronel Médico José Francisco da Silva divulga uma nova sociedade por ele fundada, a “Beneficência dos Nortistas de São Paulo”, com a intensão de “completar” a ação do governo de assistência aos migrantes com o propósito de oferecer “assistência médica, judiciária, dentária, orientação para emprego e hospitalização de indigentes”.²⁰

Em 30/03/1958 uma reportagem na última página se voltou para ouvir o diretor da Hospedaria de imigrantes e saber de sua experiência com os nordestinos. A matéria foi ilustrada com duas fotos: a primeira retratando famílias de nordestinos sentadas a uma grande mesa, provavelmente na Hospedaria de imigrantes; a segunda registrando três crianças comendo.²¹

A reportagem se volta à Hospedaria de Imigrantes a fim de ouvir a história dos “infelizes”. Em primeiro lugar ouviram o diretor da hospedaria, Hélio Lourenço Cagno. Ele destaca reserva “ilimitada” para suprir as demandas de alimentação e que pode alojar 1.800 pessoas. Ele acredita existir um ciclo de secas que aflige o Nordeste a cada 6 ou 7 anos. A matéria destaca que, segundo o regulamento, a permanência na hospedaria pode ser no máximo por seis dias, muito embora afirme que o migrante nordestino se desloque antes do prazo terminar. Já o imigrante estrangeiro, destaca o entrevistado, tende a ficar mais tempo “em virtude de ser sua situação mais complexa”.

Ele ainda frisa que os nordestinos geralmente vêm com destino certo a alguma localidade, convocados por “seus patrícios”. Não havendo este contato prévio, cabe ao Serviço de Colocação da Hospedaria de Imigrantes as providências para encaminhamento.

O diretor destaca os anos de 1951 a 1953 como datas “das grandes estiagens”, sendo este intervalo, segundo ele, correspondente à chegada respectivamente por ano de 208.515, 249.586 e 110.380 nordestinos. No ano anterior, 1957, havia sido apenas 44.850. O diretor ainda destaca que, antes de virem para São Paulo, os nordestinos se voltam para as cidades mais próximas.

O nordestino é, por natureza, de boa índole, - acrescentou nosso entrevistado. Tem verdadeiro horror à mentira. Sua vida no meio em que vive, é ainda uma vida

²⁰ FUNDADA a “Beneficência dos Nortistas de São Paulo”. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 31239, 1 fev. 1958, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=nortista&pagfis=41251 Acesso em: 13 set. 2021.

²¹ VOLTAM-SE para São Paulo as esperanças dos nordestinos. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 31287, 30 mar. 1958, p. 20. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=42160 Acesso em: 13 set. 2021.

primitiva, dentro de um ambiente rural, de modo que, os atritos, as brigas e mesmo as mortes por eles ocasionadas, segundo se verifica pelo noticiário dos jornais, quando aqui já estão radicados, deve-se a um traumatismo provocado pela diferença de hábitos e de costumes. Enquanto permanecem na hospedaria, nenhum de seus atos demonstra ser ele um indivíduo atrabiliário. É verdade que eles se encontram em grande atraso, no tocante à educação, em relação a nós. (CORREIO PAULISTANO, 30 mar. 1958, p.20)

Apesar do tom elogioso que aparenta em suas considerações, Gagno define o nordestino como atrelado a uma vida “primitiva” e que vive traumas quando confrontado com as diferenças de uma cidade grande como São Paulo. O médico gestor ainda destaca o “atraso” em que se encontra a “educação” destes migrantes. A reportagem também destaca os migrantes como vítimas de exploração, vítimas frequentes em trabalhos na lavoura. Destaca ainda que, de todos os entrevistados nordestinos, nenhum sabia ler.

A reportagem termina sua redação destacando a fé e esperança dos migrantes, apesar da “sorte adversa e da precariedade da alimentação”, e que os nordestinos aguardam “o dia em que possam deixar a casa onde os recebeu por algum tempo a generosidade do povo paulista”.

Finalizando a reportagem, um curto informativo destaca dados obtidos da Hospedaria quanto ao número de imigrantes nacionais. Destaca que entre o decênio de 1937 a 1947 chegaram em São Paulo um total de 430.320 brasileiros, enquanto no decênio de 1948 a 1957 desembarcaram 1.162.827 brasileiros. No que se refere ao último decênio, a quantidade de brasileiros é registrada por ano: 1948, 72.615; 1949, 102.243; 1950, 100.123; 1951, 208.515; 1952, 249.586; 1953, 110.380; 1954, 94.326; 1955, 90.992; 1956, 89.197; 1957; 44.850.

No final da década, passam a ser cada vez mais frequentes as reportagens que questionam a estrutura agrária da região Nordeste retratando-a como um resquício do passado. O discurso adotado de “estágios de civilização” lembra o mobilizado por parte da intelectualidade paulista em 1932 (WEINSTEIN, 2006). Com frequência os latifundiários no Nordeste são retratados como “senhores feudais”. Na coluna da edição dia 27/09/1957 intitulada “Feudalismo e Terrorismo Político”, o autor faz uma resenha de uma reportagem publicada no semanário “Manchete”, do Rio de Janeiro, de autoria de Newton Carlos, sob a epígrafe “Latifúndio por trás da metralhadora”. Nesse sentido, ele destaca o terrorismo político em Alagoas como resultados de conflitos entre “grupos feudais”, famílias que dominam o Estado. Ele exemplifica com os membros da União Democrática Nacional, a UDN, antigos usineiros que usavam tração animal e que agora conservam seu poder sendo fornecedores de cana, e com os membros do Partido Social Democrático, o PSD, integrantes

dos donos das usinas modernas. A política em Alagoas, assim como no restante do Nordeste, seria pautada não pela ideologia partidária, mas sim por vinganças de fundo econômico.²²

Ao final do texto o autor destaca que graças à cafeicultura, não há feudalismo em São Paulo, embora, pondera, o tipo de propriedade rural, uma grande fazenda, se apresenta como uma contradição e está atrelada à crise do café, sendo mais interessante a formação de pequenos sítios produtores “tal como na Colômbia”.

A vinculação do Nordeste com o passado também é retratada na segunda reportagem de uma série especial assinada por Alberto Tamer veiculada na edição do dia 06/04/1958. A reportagem é ilustrada com duas fotos de Francisco Carvalho Henriques, sendo a primeira uma visão aérea de uma fazenda e a segunda uma foto de homens trabalhando numa lavoura.²³

Trata-se de um relato de viagem de avião de Recife até Serra Talhada, cidade considerada o coração do sertão. O repórter narra a mudança da paisagem que passa pela zona da mata, lugar de muito verde, mas “privilégio de alguns senhores feudais”. O avião segue e cruza o agreste e por fim chega ao sertão até o destino final.

O repórter relata a presença de três mil retirantes no entorno da cidade a demandar emprego ou comida à prefeitura, que não podia mais oferecer nem uma coisa, nem outra. Ele descreve uma situação de quase revolta e saque da população miserável a uma feira livre, tensão só atenuada pela doação dos feirantes de mantimentos aos miseráveis.

Já em visita ao Posto Distribuidor, outro ponto em que se detém o repórter é diante da informação de que os flagelados iam ao armazém de sementes para plantio com a finalidade de compra-las para o preparo de alimentos, dada a situação de fome em que se encontrava. Ele encerra refletindo sobre esses dois espaços.

Era o nordestino faminto, representando o drama da seca, que suplicava por uma esmola ou por um emprego que lhe daria quarenta cruzeiros por dia, o suficiente unicamente para comprar milho e arroz, pois o charque custa 80 cruzeiros o quilo. (TAMER, 1958, p. 8)

²² FEUDALISMO e terrorismo político. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 31133, 27 set. 1957, p. 8.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=nordestina&pagfis=39204 Acesso em: 13 set. 2021.

²³ TAMER, Alberto. Premidos pela fome, comem os sertanejos as sementes fornecidas para a plantação.

Correio Paulistano. São Paulo, v. 1, n. 31292, 6 abr. 1958, p. 7. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=42239 Acesso em: 13 set. 2021.

A série escrita por Alberto Tamer tem continuidade na edição do dia 08/04/1958. A reportagem dessa vez é ilustrada com uma imagem do mapa de Pernambuco e uma foto com uma estrada de terra onde três homens caminham.²⁴

Tamer descreve o que acredita ser um “círculo vicioso” que atua estagnando a situação vivenciada pelos nordestinos na seca. Segundo ele, durante a seca, com os milhões gastos pelos governos federal e estadual, obras de construção de estradas e açudes impedem, pela contratação de flagelados, que estes ataquem as casas comerciais por comida. “Quando a seca ameniza”, os mesmos trabalhadores voltariam para suas roças, abandonando as obras em questão. Com o retorno da seca, voltam os camponeses às obras “cuja paralisação foi a causa da própria seca”, “Tudo volta à estaca zero”.

O autor menciona o governo como responsável por essa dinâmica, insistindo na ideia de que “é preciso fixar o homem ao solo”, tarefa julgada como equivocada por Tamer, já que aquele solo não teria serventia e o que tem, na Zona da Mata, é propriedade de “senhores feudais, que só plantam cana de açúcar”.

Apesar de focar o chamado “círculo vicioso” e seus efeitos na seca, numa passagem mais próxima ao final do texto, o jornalista salienta que “ano após ano” a estiagem vem diminuindo seus efeitos graças ao “progresso constante”, “embora limitado”. Ele evoca como evidência o fato de que, se em 1877 e 1932 podia-se encontrar cadáveres de flagelados que tentavam chegar às cidades, o mesmo não ocorreu na seca de 1953.

Encerrando o texto, Tamer narra sua conversa com o prefeito de Serra Talhada, em que este alega ter conversado com o governador de Pernambuco e sugerido a ele que aproveitasse parte da Zona da Mata para o cultivo de cereais a fim de garantir abastecimento em épocas de seca. Governador haveria respondido que não o faria porque “temia consequências danosas a economia do Estado, dependente da cana de açúcar. O repórter finaliza trazendo uma citação de Josué de Casto em que este aponta que há coisas piores que o transitório fenômeno da seca no Nordeste, “o latifundiarismo e o feudalismo agrário”, elementos responsáveis pelo pauperismo permanente na região.

Sob o Governo de Presidente Juscelino Kubitschek, em 1958, Celso Furtado coordena o recém-criado Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN), que se transforma no Conselho de Desenvolvimento do Nordeste (Codeno), órgão pertencente

²⁴ TAMER, Alberto. Gasta-se o dinheiro da luta contra a seca na alimentação de suas vítimas. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 31293, 8 abr. 1958, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=nordestina&pagfis=42261 Acesso em: 13 set. 2021.

à Presidência da República, e, em dezembro de 1959, finalmente, assume a frente da Sudene.

Uma nova visão de desenvolvimento era pautada para o Nordeste. Se a industrialização da região era vista como uma estratégia nova, as tradicionais maneiras de tentar minar os difundidos efeitos da seca recebiam impressões negativas diante de tanto tempo sem aparentemente trazer resultados. Um traço dessa desconfiança aparece em 27/01/1959 em um comentário pequeno no compilado “Tabloide”, de Maurício Loureiro Gama. Nele, dizia-se que “um órgão insuspeito ao governo” havia denunciado “seis bilhões de cruzeiros” gastos no último ano com o drama da seca nordestina. O autor sugere que “montados” nessas verbas surgiram vários “novos-ricos”. Enquanto isso, destaca, nos “Estados produtores do Sul”, milhares de toneladas de alimentos estariam na eminência de apodrecer por falta de transporte.²⁵

Tom parecido é adotado no final da década no dia 01/11/1959 na coluna chamada “Pequena Nota”, escrita por Moupir Monteiro. Nela, o autor critica a “colossal fortuna” enviada pelo governo federal para o Nordeste brasileiro desde Epiácio Pessoa. O autor infere que existe em curso uma “indústria da seca”, sobre a qual não há interesse, por parte dos políticos nortistas, que sejam alteradas as suas bases, pois eles se beneficiariam desses montantes redirecionados para o Nordeste. Na sequência, o autor aponta medidas a serem adotadas pelo governo que acredita serem mais efetivas contra a pobreza, como planejamento de irrigação e garantia de moradia de famílias de lavradores próxima à açudes. Por fim, aponta que a estrutura agrária atual compõe o problema na medida em que só os grandes latifundiários tendem a se beneficiar dos atuais açudes.²⁶

Na edição do dia 08/02/1959, duas matérias abordam possíveis políticas para fixar o nordestino à sua terra. Na primeira, a reportagem anuncia “A Educação Impedirá o Êxodo do Nordeste”. Ela se baseia nas afirmativas do professor Renato Ramos de Farias, diretor do Instituto Agrônomo do Nordeste, diretor executivo do Centro Regional de Treinamento para o Nordeste e catedrático da Universidade Rural de Pernambuco, sobre como conseguir prosperidade para a região. Ele destaca a importância para o investimento em uma “educação

²⁵ GAMA, Maurício Ribeiro. Veriano Perdiz formula gravíssima acusação ao Sedai de São Paulo. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 31542, 27 jan. 1959. Coluna Tabloide *Ridendo Castigat Mores*, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=nordestina&pagfis=46937 Acesso em: 13 set. 2021.

²⁶ PEQUENA nota. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 2, n. 31778, 1 nov. 1959. Coluna Agricultura e pecuária, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=nortista&pagfis=51062 Acesso em: 13 set. 2021.

profissional do nordestino, educação objetiva, eficiente e adequada” tanto como meio de que as políticas até então empreendidas, como a construção de açudes, surtam o efeito desejado como para conseguir “tirar da terra os elementos para sua sobrevivência e bem-estar”.²⁷

Na segunda reportagem, se destaca “Repousa na industrialização: Solução dos Problemas Capitais do Nordeste”. Nela destacam-se ideias enfatizadas numa conferência de Celso Furtado no Conselho Coordenador de Abastecimento. Segundo a reportagem, Furtado compartilha ideias que encontram aceitação entre a plateia de aproximadamente 200 pessoas. Ele afirma que o problema inicial do “drama” no Nordeste é a política errada que sempre tem sido adotada e que a solução para a região reside no investimento em indústrias, pois “a mão de obra do Nordeste é a mais barata de todo o território” e o operário nordestino já provou facilidade de adaptação aos mais diversos setores industriais. Apesar disso, grandes investimentos nunca são feitos na região, sendo concentrados no Sul. A solução atenuaria os efeitos da seca, tiraria da miséria grande número de famílias e impediria o êxodo.²⁸

No ano de 1959, várias matérias passaram a tematizar a chamada “Operação Nordeste”. Em 20/02/1959, na primeira página do periódico, uma reportagem elogiosa ao referido conjunto de esforços anunciados pelo governo, políticas sancionadas com a intenção de reestruturar a economia nordestina. O texto se baseia em depoimentos do cardeal dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota.²⁹

O cardeal aponta as vantagens de obras atreladas a esta iniciativa em construção, como rodovias e hidrelétricas, para a qualidade de vida do nordestino, pois favorecerá a industrialização. Sugere inclusive que uma dessas hidrelétricas possa alimentar canais a fim de levar água do Rio São Francisco para o semiárido. Aponta que a construção de Brasília como capital é conveniente diante do “excesso de população do Nordeste” que “encontra um campo imenso aberto à sua nova residência e sua atividade agrícola e industrial. Segundo a

²⁷ A EDUCAÇÃO impedirá o êxodo do nordestino. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 31553, 8 fev. 1959. Coluna Correio Paulistano no mundo da economia, p. 10. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=47124 Acesso em: 13 set. 2021.

²⁸ REPOUSA na industrialização: solução dos problemas capitais do Nordeste. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 31553, 8 fev. 1959. Coluna Correio Paulistano no mundo da economia, p. 10. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=47124 Acesso em: 13 set. 2021.

²⁹ OPERAÇÃO Nordeste, iniciativa de autêntico nacionalismo. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 31562, 20 fev. 1959. Reportagem de Capa, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=47267 Acesso em: 13 set. 2021.

reportagem, Brasília teria um sertão sem sertanejo que poderia ser ocupado por migrantes que não têm onde plantar, “gente sem terra para a terra sem gente”. Entre aspas, a reportagem reproduz outra fala do Cardeal:

Tanto mais isso é verdade, quanto devemos dizer que o nordestino é um ótimo trabalhador de que o Brasil dispõe. É o menos exigente e o mais eficiente. Reparemos mesmo em São Paulo, o serviço confiado ao nordestino – abertura de estradas, de esgotos, etc. Ademais, o nordestino não tem medo de penetrar o sertão que, naturalmente, faz pavor ao imigrante europeu. O nordestino, no interior, está no seu “habitat”, na sua casa, e não sofre a nostalgia dos grandes centros civilizados. (CORREIO PAULISTANO, 20 fev. 1959, p.1)

Além da alcunha de trabalhador adaptado ao trabalho braçal, o cardeal compara a “qualidade” do migrante nordestino com o migrante europeu, paralelo muito evocado durante toda a década de 1950.

Mas a política tão aplaudida de Juscelino Kubitschek também evocava críticas. Como o jornal destacou numa nota em 17/03/1959 em que um político sergipano da UDN, Seixas Doria, critica uma “Operação Nordeste” sem que se faça reforma agrária. Ele defende “reforma agrária em primeiro lugar” ou esse “simulacro de redenção” poderá aumentar a “submissão do nordestino aos barões feudais, agora eufóricos com a promoção a condes industriais”.³⁰

De maneira mais sutil, o nordestino também é citado no que diz respeito a políticas públicas relativas à urbanização de São Paulo. Em reportagem publicada na última página, em 13/07/1958, escrita por Miguel Ferreira, se reflete sobre que elementos da cidade de São Paulo podem fazê-la prosperar e ser “benéfica pra seus moradores” e quais podem condená-la e transformá-la num “aglomerado de tipo oriental”.³¹

O jornalista aponta um crescimento anômalo e sem programa definido. Ele destaca a logística e avanços na distribuição de energia elétrica como conquistas da metrópole e disserta sobre como ela se deu na cidade e como ela favoreceu a expansão econômica, o que pode ser também traduzido no crescimento demográfico da cidade.

³⁰ DROPS preliminares. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 31583, 17 mar. 1959. Coluna Crônica do Rio, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=47639 Acesso em: 13 set. 2021.

³¹ FERREIRA, Miguel. São Paulo na encruzilhada da salvação ou da perdição. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 2, n. 31375, 13 jul. 1958, p. 11. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=nordestina&pagfis=43886 Acesso em: 13 set. 2021.

Esse crescimento é ilustrado pelos números dos censos desde 1827, quando havia 837.354 “almas” na cidade, até 1950, com 9.134.423 moradores neste ano. Em seguida ele destaca um dos bairros em que o crescimento foi espantoso, São Miguel Paulista, “a maior cidade nordestina do país”. Se antes lá viviam 7.634 pessoas em 1940, no ano passado à data do jornal, em janeiro de 1957, já haviam 105.666 moradores.

Ele segue destacando o crescimento em outras localidades, que chegou a ser negativo nos bairros centrais onde aflorou o comércio, mas cresceu exponencialmente nas regiões periféricas. Também destaca este crescimento nas cidades próximas a São Paulo. Encerra advogando que mais estudos sobre este crescimento sejam realizados e que só assim a cidade poderia enfrentar a soma de erros e evitar virar um “amontoado oriental”.

No dia 23/08/1959 a reportagem escrita por Barros Ferreira disserta sobre o crescimento vertiginoso e não planejado de São Paulo. Ele destaca que o crescimento aconteceu sobretudo nos bairros ditos “proletários”, onde predomina “a população obreira”. Mais uma vez o bairro de São Miguel Paulista é “pitorescamente denominado a maior cidade nordestina do Brasil”. Depois ele segue uma análise do crescimento dos bairros tendo por base fatores econômicos, mas sem referências a outros migrantes, salvo no final, quando diz que a imigração de elementos estrangeiros e de outros Estados contribuiu de maneira decisiva para a expansão da cidade.³²

A edição do dia 02/10/1959 dá destaque ao Ministro da Aviação, almirante Amaral Peixoto, após viagem ao Nordeste, fala do progresso das obras do DNOCS em curso e dos benefícios delas para a irrigação que vai tornar a região “economicamente desenvolvida”. Ele conclui que com isso eles estavam “prestando um serviço a esse povo nordestino tão sacrificado, mas que luta com entusiasmo pelo progresso do Brasil”.³³

4.5 O “SOTAQUE” DA POBREZA

Ao longo do decênio a imagem do migrante nordestino é com frequência atrelada

³² FERREIRA, Barros. A expansão de São Paulo apresenta aspectos de arraial. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 31718, 23 ago. 1959, p. 8. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=nordestina&pagfis=50026 Acesso em: 13 set. 2021.

³³ REGRESSOU do Nordeste o ministro da aviação. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 31752, 2 out. 1959, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=50611 Acesso em: 13 set. 2021.

à necessidade de pensar e aplicar políticas públicas específicas para sua realidade. Parte dessa urgência está relacionada à concomitante vinculação estabelecida naquela década entre representação da pobreza e migração nordestina.

A narrativa de que a infraestrutura urbana da cidade estaria em risco com a chegada dos migrantes nordestinos também ganha espaço. A relação entre estes migrantes e os problemas que surgiam do rápido crescimento da cidade era não só enfatizada como apontava uma causalidade da primeira sobre a segunda. O contraponto entre uma cidade civilizada e próspera recebendo gente “atrasada”, “primitiva”, de “baixo nível cultural e técnico”, “economicamente nula” e “sem higiene” era alimentado nos discursos correntes em várias publicações, não só no *Correio Paulistano*. As secas que se seguiram na década de 50 só reforçaram essa imagem. Diante do assombro gerado, começaram a circular rumores que questionavam a possibilidade de que se impedisse a entrada desses migrantes em São Paulo, por mais que tal proposta fosse sistematicamente combatida sob a lembrança de que tal ideia seria inconstitucional (FONTES, 2008).

A relação entre a migração nordestina e a miséria se estabelece não só através de enunciados, mas também por meio do silêncio. Na edição o do dia 24/02/1951 o jornal descreve uma situação em que cerca de 200 pessoas foram atendidas em audiência pública com o governador Lucas Nogueira Garcez. Estas pessoas traziam demandas relacionadas a emprego, saúde, infraestrutura etc. Para identificar algumas pessoas e suas respectivas demandas naquele dia, o jornal não fazia referência a seus nomes, mas sim tendia a identificá-las pela idade aparente ou ocupação. Um homem identificado como “cidadão” apelava retorno à guarda-civil depois de ter sido demitido de sua função. Na sequência, o jornal identificou outro apelo, sendo este um “nortista com mulher e três filhos pequeninos” que “está ameaçado de despejo, não tendo um vintém”. A identificação deste como “nortista” foi única entre os casos relatados. Nenhum outro que apelou foi identificado pela sua origem geográfica. Apesar de que este exemplo possa ser confrontado com a possibilidade de que todos os demais citados tivessem um sotaque familiar, provavelmente por se tratarem de nativos de São Paulo, não se pode negligenciar o fato de que ao ser mencionado, o “nortista” tem sua identificação vinculada à vulnerabilidade social.³⁴

No jornal do dia 03/03/1951 outra audiência pública em que o governador ouviu

³⁴ CERCA de duzentas pessoas foram atendidas ontem na audiência pública do governador (continuação). **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 29104, 24 fev. 1951, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=nortista&pagfis=5206 Acesso em: 13 set. 2021.

as demandas de outros 200 cidadãos é destacada. A situação se repete: os casos destacados fazem referência a ocupações, como marceneiro ou cozinheira, ou à idade aparente, como em um velho ou uma moça. No entanto, em determinado trecho da matéria se destaca a demanda de um “nortista abandonado em São Paulo”, um pernambucano de 19 anos, que apelava por um lugar para morar e um trabalho. Mais uma vez os demais foram destacados pelo nome, ocupação ou idade. A única exceção, fora o nortista, foi o caso de um alemão que também apelou ajuda na audiência.³⁵

É publicada no jornal do dia 08/04/1951 uma matéria de última capa ricamente ilustrada por imagens (seis no total) de praias cearenses, coqueiros, pescadores levando uma jangada ao mar, cabras subindo uma duna e a imagem de um homem com traços indígenas e negros com chapéu de palha e trouxas de viagem a representar o “sertanejo”.³⁶

Sob o título “O ‘El Dorado’ Paulista através dos olhos dos cearenses”, a reportagem aponta que “o problema do nordestino está na ordem do dia”. No começo, o texto tece críticas ao governo federal, se queixando de que foi necessária outra seca para o que o governo federal queira dar um fim a “um estado de coisas que já dura alguns séculos”. E pondera:

Vai cessar a exploração do imigrante nordestino! Pelo menos, é isso que se afirma. São Paulo tem sido, aliás, um beneficiário dessa situação. O número de imigrantes nacionais que procuram o Estado mais progressista da Federação supera em muito ao de imigrantes estrangeiros. Infelizmente, o trato dispensado a uns e outros é bem diverso. Enquanto os segundos são acolhidos da melhor maneira – cama, roupa, comida, destino certo – os últimos o são de forma precaríssima. (CORREIO PAULISTANO, 8 abr. 1951, p. 24)

Na reportagem se diz que São Paulo despoeva involuntariamente os outros Estados. Aqueles que vendem tudo o que tem para migrar para o Sul, referindo-se a São Paulo, são designados “Sampauleiros”.

Sobre o Ceará, a reportagem destaca que a emigração “rouba” do “pequenino Estado do Norte milhares de valores humanos”, numa referência ao que poderia equivaler ao uso corrente do termo “fuga de cérebros”, embasando seu ponto com o testemunho de Rubens

³⁵ VINTE e cinco pedidos de glebas de terra foram feitos ontem ao governador do estado. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 29110, 3 mar. 1951, p. 7. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=nortista&pagfis=5299 Acesso em: 13 set. 2021.

³⁶ O ‘El Dorado’ paulista através dos olhos cearenses. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 2, n. 29140, 8 abr. 1951, p. 24. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=nortista&pagfis=5773 Acesso em: 13 set. 2021.

de Azevedo, astrônomo e quadrista que destacou haver encontrado muitos patrícios ilustres morando em São Paulo. O jornal, no entanto, destaca que o fenômeno em questão é diferenciado da migração das camadas mais pobres sertanejas, apresentadas como reféns do regime de chuvas que, em caso de seca, podem morrer à mingua ou atacam os estabelecimentos comerciais.

A seguir é perguntada a opinião de Rubens Azevedo sobre a migração “nortista”. Muito embora sua realidade fosse diferente das camadas mais pobres que migravam, Rubens Azevedo responde trazendo suas motivações e anseios. Ele faz referência às possibilidades de trabalho relacionadas às artes e ciências na cidade paulistana, uma expectativa apropriada para os anseios do astrônomo. Rubens destaca os preços abusivos cobrados por caminhoneiros dispostos a realizarem clandestinamente o transporte dos migrantes nordestinos.

A reportagem “Populações em fuga pelas estradas do Brasil” é veiculada no jornal do dia 02/03/1952. Trata-se de uma matéria de última capa ilustrada com seis fotos de grupos de migrantes nordestinos. No corpo do texto se relata que “flagelados pelo sol do Nordeste seco” são expulsos de suas terras pela natureza. No entanto, a maior parte da reportagem é ocupada pela discussão sobre a ação de aliciadores que tiveram sua ação tornada ilegal. Aponta que muitos nordestinos seriam enganados e que, em vez de São Paulo, muitos são levados para a lavoura do norte do Paraná, de forma que São Paulo é usado como entreposto e paga um ônus por isso na medida em que oferece ajuda e atendimento médico a estes migrantes.³⁷

Apesar de que o foco da reportagem são os migrantes nordestinos, enfatiza-se no corpo do texto que o número maior de migrantes nacionais em São Paulo à época era de mineiros, aliciados por representantes de empresas e indústrias da capital paulista.

O texto se volta outra vez para a migração advinda do Nordeste e é enfatizado o preço exorbitante que é cobrado nas passagens de “caminhão”. O termo “pau-de-arara” ainda não era utilizado. Para exemplificar as condições precárias da vagem oferecida se recorda um acidente ocorrido na estrada Rio-Petrópolis onde um desses caminhões “carregado de nordestinos” rolou abismo abaixo e vitimou homens, mulheres e crianças.

Ao final, se enfatiza a ausência de políticas públicas para o recebimento dos migrantes em São Paulo. Se lamenta que, além de toda “exploração” sofrida pelo migrante

³⁷ POPULAÇÕES em fuga pelas estradas do Brasil. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 2, n. 29415, 2 mar. 1952, p. 24. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=9992 Acesso em: 13 set. 2021.

nordestino até a chegada na cidade, há toda uma cadeia de intermediários em São Paulo que exploram ainda mais o nordestino, cadeia que existiria do dono do hotel até o homem que arranja empregos.

Na coluna “Respingos e Recortes” do jornal do dia 11/01/1953, se destaca que João Cleofas, ministro da Agricultura, voltou a defender “retirada” de uma verba de cinquenta milhões de cruzeiros das dotações concernentes à Defesa contra as secas do Nordeste. O que, na verdade, o ministro defende é que este dinheiro seja utilizado para assentamento e fixação de nordestinos em terras úmidas ao longo da estrada Rio-Bahia. Ele especifica que esta política seria direcionada para aqueles que, ao chegar em São Paulo, não conseguiram um emprego ou atividade, a fim de diminuir os que perambulam nas ruas de Rio ou São Paulo a esmolar. O ministro entende que a “disciplinação do fluxo migratório nordestino” se enquadra no “sistema de defesa contra os efeitos” da seca.³⁸ A ideia de Cleofas nunca vingou e nos anos seguintes reclamações que acusavam o governo de ser incapaz para lidar com a migração nordestina seriam constantes (FONTES, 2008).

Em clima de preparação para o recenseamento dos favelados da capital paulista que aconteceria em janeiro de 1956, o *Correio Paulistano* anuncia como foi sua visita na véspera de natal, na edição do dia 23/12/1955, à favela da Vila Prudente. A maior parte da matéria se dedica a descrever a pobreza das crianças. Entre os pouquíssimos adultos destacados na visita, uma nortista recebe atenção por vender ovos numa vendinha por um preço maior do que o valor comum. É insinuado que seus vizinhos compram ou por ignorância ou ingenuidade. Depois outra nortista, descrita com ênfase como gorda, recebe destaque por ir pedir esmolas junto aos seus filhos pequenos.³⁹

Reportagem do jornal do dia 04/08/1956 aponta que esferas públicas tem responsabilidade do aparente crescimento da mendicância na cidade de São Paulo. Ao falar das crianças que mendigam, faz referência a duas mulheres, uma grávida e outra com uma criança de colo e sobre elas criva que “com crianças ou não, muitos nordestinos já se

³⁸ FIXAÇÃO de Nordestinos. *Correio Paulistano*. São Paulo, v. 1, n. 29681, 11 jan. 1953. Seção Respingos e recortes, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=14289 Acesso em: 13 set. 2021.

³⁹ GEISHOFFER, Ruy. Miséria, fome, sujeira e desamparo vistos de perto em Vila Prudente. *Correio Paulistano*. São Paulo, v. 1, n. 30590, 23 dez. 1955, p. 8. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=nortista&pagfis=29224 Acesso em: 13 set. 2021.

acostumaram com a nova vida”.⁴⁰

Uma reportagem do jornal do dia 21/09/1956 aborda moradores de uma área na cidade de Santos onde há poucos dias ocorreu um desabamento. Uma senhora indagada do porquê de não se mudar daquele lugar, se descreve que ela “respondeu com aquele conformismo do nordestino acostumado as secas dolorosas” que não tinha para onde ir pelo preço dos aluguéis.⁴¹

Uma reportagem de última página tem destaque na edição do dia 27/03/1958 destacando a chegada do que se anuncia serem as primeiras levas de migrantes nordestinos flagelados pela última seca. A matéria é ilustrada com três fotos. Na primeira, nordestinos desembarcam de um ônibus, suas bagagens parecem amarradas acima do transporte. Na segunda, uma família com muitas crianças é registrada assim que chega a São Paulo. Provavelmente trata-se de uma foto de arquivo já utilizada em outras reportagens. Na terceira foto, dois pares de pés, um usando sandálias de couro, o outro descalço.⁴²

A reportagem fala da chegada de aproximadamente 100 nordestinos por ônibus a São Paulo. No primeiro parágrafo se destaca que são flagelados que fogem da seca. O autor faz referência à tradição que define o dia de São José, 19 de março, como decisivo para os migrantes no que diz respeito a permanecer ou não em sua terra, pois é nesse dia que, não chovendo, se sabe se haverá seca. Segundo o jornalista, a migração tende a ser maior quando não há chuva no dia de São José.

Ele descreve os que considera “a primeira leva dos flagelados nordestinos”. Depois de uma viagem de seis dias por estradas esburacadas, o repórter alega que a maioria não sabia que rumo tomar e muitos são explorados por bares e hotéis que lhes impõem prelos abusivos.

A reportagem alega ter apurado com o Departamento de Imigração e Colonização o envio de viaturas a fim de fazer o transporte dos recém-chegados “flagelados” até a hospedaria da rua Visconde de Parnaíba. A reportagem destaca, contudo, que entre várias

⁴⁰ A MENDICÂNCIA merece muito mais sua atenção que o Parque da Água Branca. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 30780, 4 ago. 1956. Um bilhete ao governador, p. 9. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=32597 Acesso em: 13 set. 2021.

⁴¹ TAMER, Alberto. O manto do esquecimento sobre o cenário das tragédias de Santos. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 2, n. 30821, 21 set. 1956, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=33322 Acesso em: 13 set. 2021.

⁴² CHEGAM a São Paulo as primeiras levas de nordestinos que a estiagem flagelou. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 2, n. 31284, 27 mar. 1958, p. 16. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=42108 Acesso em: 13 set. 2021.

queixas colhidas, há aquelas que falam da grande assistência destinada aos imigrantes estrangeiros em “flagrante contraste” com a prestada aos nordestinos. Outra informação colhida com os “retirantes” aponta que já se preparam “legiões de flagelados” que virão a São Paulo.

Na sequência se destacam as boas notícias da Paraíba e do Rio Grande do Norte que registram a chegada de chuvas na região, o que pode reduzir o contingente de migrantes do Nordeste em São Paulo. Ao final se dá destaque ao voto de congratulações da Assembleia Legislativa para o governador Jânio Quadros pelo “auxílio que pretende dar ao flagelado do Nordeste”.

Nem todo discurso no Correio Paulistano identificava o nordestino com a miséria. Em 27/04/1958, a reportagem de Alberto Tamer destaca “Maior a Migração Mineira do Que a dos Nordestinos”. Neste texto, além de se tentar desconstruir a ideia de que migrante nacional é um termo quase sinônimo aos migrantes nordestinos, Tamer também se volta contra a generalização que identifica na migração nordestina um processo essencialmente formado por pessoas miseráveis. Seu texto começa com a menção ao fato de que se constitui um erro “considerar migração nordestina como sinônimo de ‘pau-de-arara’”. Destaca em seguida a importância da mão de obra nordestina para as lavouras paulistas e paranaenses e explica essa corrente migratória como um efeito da taxa de crescimento vegetativo combinada com o “pequeno mercado de trabalho existente no Norte. Apresenta a migração nordestina como atrelada às épocas de safras no sul. Embora destaque que os nordestinos constituem a “corrente migratória mais importante”, não seriam os nordestinos os que mais imigram, mas sim os mineiros e faz referência aos dados do IBGE correspondentes a 1950 como fonte de sua informação. Tamer afirma que, segundo o IBGE, em 10 anos 333 mil mineiros chegaram em São Paulo. Apesar de o Estado paulista ter recebido 533 mil nordestinos nesse mesmo intervalo, São Paulo atua como um intermediário entre quem vem do Norte e vai para outros estados do sul. Então, terminadas as safras na lavoura paulista, 275 mil nordestinos abandonaram o Estado rumo a Estados como Paraná, Rio Grande do Sul e Goiás em busca de outros trabalhos, retornando a São Paulo para novas safras após visitarem seus estados de origem.⁴³

Tamer segue sua análise destacando que, segundo o Instituto Nacional de

⁴³ TAMER, Alberto. Maior a migração mineira que a dos nordestinos. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 31305, 22 abr. 1958, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=42506 Acesso em: 13 set. 2021.

Imigração e Colonização, no ano de 1954, em 1600 caminhões “pau de arara” chegaram a São Paulo pouco mais de 62 mil nordestinos. No entanto, os registros apontam que naquele mesmo ano haviam aportado em São Paulo cerca de 200 mil migrantes da mesma região, o que leva o repórter a concluir que nem todos os migrantes viriam de pau-de-arara e que, portanto, nem todos os que viriam a São Paulo seriam retirantes famintos “em busca de pão”.

Alberto Tamer afirma que “cerca de 50, 60 e mesmo 70% dos migrantes retornam depois das safras importantes para o Nordeste” e que estes só retornariam nas próximas safras ou “até o dinheiro acabar”. Segundo “dados oficiais” a que o jornalista se refere “porcentagem de retorno” seria por Estado de 60% no Rio Grande do Norte, 50% na “Paraíba do Norte”, 29% em Pernambuco, 28% em Sergipe, 20% Ceará e 5% na Bahia. Tamer sustenta que os dados apontam a migração nordestina como decisiva na economia agrícola do Sul, principalmente para São Paulo, não correspondendo à imagem de retirantes famintos e necessitados. É suficiente dizer que menos de 50% dos nordestinos que iam para São Paulo passam pelo Departamento de Colonização e Imigração; isto é, apenas essa proporção é de necessitados. (TAMER, 1958, p. 2)

Chama a atenção a relação estabelecida pelo jornalista entre migrantes miseráveis e a passagem pelo INIC.

Para provar seu ponto ele faz referência às declarações do diretor do Departamento de Colonização e imigração do Estado, segunda as quais, mesmo com a intensa seca no Nordeste naquele ano de 1958, não aumentou o número de “retirantes” dessa região do país chegados em São Paulo.

A reportagem na última página do jornal do dia 24/05/1958 destaca a chegada em São Paulo de 175 nordestinos vindos pela Central do Brasil, do Rio de Janeiro, o que totaliza 92.524 “retirantes” recebidos na Hospedaria de Imigrantes. A reportagem alega que a mesma Hospedaria esclareceu que ano passado haviam entrado apenas 47 mil “flagelados”.⁴⁴

O restante da reportagem se dedica a divulgar as mudanças previstas na Hospedaria do Imigrante que visa aumentar o refeitório, modernizar a cozinha e a lavanderia, fora a construção de um cinema e de uma capela. Finaliza destacando que na Hospedaria trabalham 13 médicos e 10 enfermeiros entre os 150 funcionários que se revezam 24 horas por dia, enfatizando-se que, com a ampliação das obras, novos servidores serão admitidos

⁴⁴ MAIS Nordestinos recebidos na hospedaria de imigrantes. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 2, n. 31332, 24 mai. 1958, p. 16. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=43042 Acesso em: 13 set. 2021.

futuramente.

O campo semântico que vincula o migrante nordestino à miséria é frequentemente interseccionado à ideia de explorado numa perspectiva passiva, como se consequência de uma ingenuidade ou vulnerabilidade social. No jornal que saiu em 05/03/1959, uma coluna comenta a notícia do “Diário da Noite” que descreve nordestinos sendo “vendidos” como escravos num esquema de agenciamento que vitimou “pobres famílias, famintas, desesperadas”. A coluna cita que no Amazonas os nordestinos também sofreram muito, tendo lá “vida de escravos”.⁴⁵

Antes de encerrar a coluna destacando o crescimento da aceitação do nome de Jânio Quadros para presidente no Nordeste, o autor enfatiza a grande desigualdade social existente nessa região entre miseráveis e políticos muito ricos, o que, sugere o autor, denota existência de corrupção.

No dia 20/03/1959 um editorial na primeira página do caderno “notícias da indústria” reflete sobre os debates da época sobre migração interna. O texto intitulado “A Mobilidade Social no Brasil” se inicia fazendo menção ao “fenômeno das migrações internas”. Este texto traz à tona um pano de fundo com a existência de críticos à migração nordestina e argumenta sobre ele. Embora mobilizando as mesmas ideias que reforçam a identificação desses migrantes como flagelados da seca, o autor sutilmente expõe o incômodo que existia sobre o migrante nordestino que não recairia sobre outros migrantes nacionais.⁴⁶

No editorial, o autor faz referência indireta aos que não se agradam das migrações internas as vinculando exclusivamente à migração de nordestinos, destacando-se que, no ano passado da publicação, em 1958, cerca de 200.000 nordestinos migraram “tangidos pela seca”. Se diz que alguns temem um “desequilíbrio demográfico” cada vez mais acentuado no Brasil com o risco de “Saaras humanos, de um lado, e formigueiros humanos, de outro” e se tal processo não poria a “segurança da nação” em risco.

Na metade do editorial aponta-se o erro de acreditar que as migrações internas existem apenas no sentido Norte-Nordeste rumo a São Paulo e Paraná. O texto enfatiza outros movimentos internos, como a grande “mobilidade social” que ocorre dentro do próprio

⁴⁵ EXCELENTE matéria prima. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 31573, 5 mar. 1959, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=47463 Acesso em: 13 set. 2021.

⁴⁶ A MOBILIDADE social no Brasil. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 2, n. 31586, 20 mar. 1959, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=47697 Acesso em: 13 set. 2021.

“Polígono das Secas” e do Nordeste para a Amazônia; do Norte para Goiás, Maranhão e Distrito Federal; Do Rio Grande do Sul para Mato Grosso e Paraná; de Minas para Goiás e de São Paulo para o Paraná e outras partes do Brasil. Todavia, ele não nega São Paulo como o maior centro de convergência de migrantes.

O autor relembra que, segundo o censo de 1950, dos mais de um milhão de migrantes nacionais residindo em São Paulo mais da metade desse contingente “não era de procedência nortista”, vindo do “Sul” do país, o que ele entende como o território que vai de Minas Gerais “para baixo”.

Por fim, o texto expressa não acreditar que alguma força possa deter a migração de populações em busca de “condições de vida e perspectivas de trabalho mais animadoras”. Citando Roger Bastide no seu livro “Brasil, terra de contrastes”, o editorial aponta que se esses movimentos migratórios rompem o equilíbrio demográfico, por outro lado são importantes para amenizar os contrastes da realidade brasileira e ainda incentivar sentimento de unidade nacional.

No Correio Paulistano do dia 03/05/1959 é publicado uma matéria de última página, escrita por Lucio Kowarrick, ilustrada com seis fotos e que anuncia “‘Gaiolas’ percorrem o São Francisco levando carga humana como animais”. A referência direta a “nordestino” aparece também na legenda de duas fotos. Na primeira, um homem vestido e de chapéu está sentado numa rede ao lado de uma bicicleta, o jornal subscreve: “este fleumático nordestino viaja de segunda classe, ‘confortavelmente’”. Na segunda, uma criança aparece sobre sacas cheias de alimentos, o jornal subscreve “os sacos servem de leito. Na face inocente da criança já se nota o conformismo do nordestino”. A cristalização de um “conformismo” que seria próprio do nordestino é um elemento frequente em textos da época. Seu emprego, com frequência, se vincula à condição de pobreza e de vítimas das intempéries ambientais.⁴⁷

A reportagem narra como se organiza e operam as ditas “gaiolas”, embarcações que percorrem o rio São Francisco transportando passageiros, animais, produtos e víveres. Ele destaca que estas embarcações possuem duas classes. Na segunda, situada no primeiro piso, os passageiros dormem sobre sacas e redes e recebem alimentação duas vezes por dia com um prato fundo e colher, embora o repórter destaque que “a maioria despreza a colher, preferindo

⁴⁷ KOWARRICK, Lucio. Gaiolas percorrem o São Francisco levando a carga humana como animais. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 2, n. 31622, 3 mai. 1959, p. 24. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=48362 Acesso em: 13 set. 2021.

comer com as mãos”. Ele destaca que é grande o número de nordestinos na segunda classe para em seguida enfatizar que é através da “gaiola” que alguns migram para o Sul e que outros voltam para o Nordeste. No entanto, ele enfatiza que apesar da falta de higiene e conforto, as pessoas da segunda classe são “alegres e faladores, patenteando o típico conformismo tão peculiar das regiões subdesenvolvidas”. Cabe destacar que, fora as legendas das fotos, esta é a única passagem a utilizar o termo “nordestino”, muito embora a descrição e a identificação do Rio São Francisco com a região tragam esse dado implicitamente. Em seguida descreve rapidamente a primeira classe, com membros da pequena burguesia e graduados, viajando num lugar “mais limpo e confortável e a alimentação mais abundante”. Sobre a tripulação da “gaiola” o jornalista os descreve como “44 homens: indivíduos de estatura mediana, bronzeados, extremamente musculosos e fortes”.

A identificação dos nordestinos com a miséria também é operada em descrições de precárias condições sanitárias. É o caso de uma reportagem publicada na edição do dia 14/06/1959 que relata uma visita à Favela Curupacê, localizada numa baixada da Mooca, no fim da rua Curupacê.⁴⁸

Primeiramente se faz um histórico da origem da favela, a quem pertencia o terreno e que agora dá abrigo a mais de 800 pessoas. Em seguida se destaca a quantidade de crianças na comunidade, “o favelado é muito fecundo”, inicia o parágrafo que descreve que a equipe foi seguida por um grupo de 20 crianças, a maioria entre 2 e 5 anos. A primeira pessoa com quem conversam é “uma senhora baixa de olhos tristes” chamada Severina, “seu falar era do Norte”. A segunda pessoa abordada pela equipe é questionada se todos na favela eram de São Paulo. Ela responde. “Paulista não mora em favela. São tudo nortista e baiano, sim sinhô. Mas tem algum mineiro também”.

A exposição constante das condições de vida desses migrantes reforça um temor sanitário quanto à presença de nordestinos, elemento muito frequente nos textos veiculados no referido jornal. Comparações e metáforas veiculadas na década de 1950, mesmo que bem-intencionadas, reforçavam os temores quanto às doenças que poderiam ser trazidas com a presença dos migrantes.

É o que acontece em notícias como na veiculada na edição do dia 29/05/1959, em que se dá visibilidade a um grupo de bispos do Nordeste mobilizados em minimizar os efeitos

⁴⁸ FAVELA Curupacê: “isto aqui é muito ruim, mas eu gosto”. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 2, n. 31658, 14 jun. 1959, p. 20. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=nortista&pagfis=48962 Acesso em: 13 set. 2021.

da seca sobre os “flagelados”. Segundo o jornal eles denunciam que há nordestinos que estão “vivendo pior que animais”. Se por um lado denúncias como esta buscavam mobilizar solidariedade ante os problemas sociais vividos no Nordeste, por outro reforçavam a relação que se fazia da presença nordestina em São Paulo com um risco sanitário.⁴⁹

4.6 A MIGRAÇÃO COMO RISCO SANITÁRIO

Ao longo da década de 1950, em paralelo à identificação do nordestino com a miséria, há constantemente a sugestão de que sua presença pode ser danosa para a salubridade da cidade de São Paulo. Esse elemento com frequência aparece tanto de maneira explícita, quanto implícita no desejo de que os migrantes que não conseguissem se encaixar no mercado de trabalho fossem “remanejados” ou “devolvidos” para a terra de origem.

Essa relação é estabelecida tanto nos textos que relatam dramas vividos pelos nordestinos em seus lugares de origem como em notícias relacionadas aos migrantes desta região. É o que acontece ao final de uma matéria da última capa sobre a atuação do Departamento de Imigração e Colonização da Secretaria da Agricultura, publicada no jornal do dia 26/07/1951, em que se homenageia os 32 inspetores da instituição que realizam o dito “serviço insalubre” de selecionar migrantes nordestinos para o embarque rumo a São Paulo. A homenagem do jornal se deve ao fato destes inspetores estarem “sujeitos ao perigo de contágio de doenças desde a tuberculose até o tifo, de que não raro são portadores os retirantes nos pontos de concentração”.⁵⁰

No jornal veiculado no dia 09/07/1953 é publicada uma notícia da Paraíba. O *Correio Paulistano* destaca um inquérito instaurado pelo médico militar Dr. Vilar do Martins. O médico, presidente da junta militar de João Pessoa, registrou no documento que dos 2.000 recrutas convocados para o serviço do Exército naquele Estado, 85% foram recusados por motivos de doença e de fatores relacionados à desnutrição.⁵¹

⁴⁹ SCANTIMBURGO, João de. A obra de salvação do Nordeste. *Correio Paulistano*. São Paulo, v. 1, n. 31644, 29 mai. 1959, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=48707 Acesso em: 13 set. 2021.

⁵⁰ NEM TUDO já foi dito a respeito do drama dos retirantes nordestinos. *Correio Paulistano*. São Paulo, v. 1, n. 29231, 26 jul. 1951, p. 12. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=nortista&pagfis=7191 Acesso em: 13 set. 2021.

⁵¹ ANALFABETOS, desnutridos e doentes. *Correio Paulistano*. São Paulo, v. 1, n. 29830, 9 jul. 1953, p. 3. Disponível em:

Já na “Coluna Católica” do jornal do dia 06/11/1953 alardeia a urgência de que se solucione o problema da falta de habitações na cidade de São Paulo, demandando políticas como a da “casa própria”. A coluna se detém da descrição da falta de salubridade de comunidades pobres relacionando este meio à ocupação por migrantes nordestinos.⁵²

Consequência dessa ingente falta de casas é a aglomeração de gente em porões, cortiços e logradouros públicos (quem já não viu a “pilha de carne humana”, de nordestinos, na Estação Sorocabana?), com perigo imenso para a saúde com o contágio de moléstias e falta de asseio, de ar, de espaço para folguedo às crianças, de luz, de calor... Pior, contágio de vícios em razão da promiscuidade. A juventude só tem que perder, crescida em tais “antros” e revoltada por vez ao ver perto vivendas ultra-luxuosas de inúmeros nababos sem alma... (CORREIO PAULISTANO, 6 nov. 1953, p. 2)

Na última página da edição do dia 18/08/1954, uma reportagem destaca a continuidade da “exploração” operada pelos motoristas de paus de arara sobre os “imigrantes vindos do Nordeste” e demanda políticas de repressão contra esse tipo de transporte. Sobre esse “comercio criminoso” é destacada uma situação como exemplo em que o caminhão com passageiros é parado pela Polícia Rodoviária Federal e a viagem interrompida e todos tiveram que sair e voltar para o ponto de partida⁵³.

Mais parecendo animais que seres humanos, nossos humildes e infelizes patrícios ouviram, olhos esbugalhados, calados, apáticos, a enunciação do preceito legal que proibia terminantemente a viagem. (CORREIO PAULISTANO, 18 ago. 1954, p. 12)

Se demanda mais uma vez a construção de uma hospedaria para os migrantes do Nordeste, se apontando como consequência a distribuição desses migrantes pelas calçadas de São Paulo, onde desamparados espalham “endemias de que são portadores”.

Se compara esse “desamparo” com a forma em que o imigrante estrangeiro é recebido no Brasil, com condução até a hospedaria de imigrantes, com leito e comida quente.

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=16706 Acesso em: 13 set. 2021.

⁵² CURATO da Sé. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 29933, 6 nov. 1953. Seção Coluna Católica, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=18347 Acesso em: 13 set. 2021.

⁵³ CONTINUA desenfreada a exploração dos imigrantes vindos do Nordeste. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 30173, 18 ago. 1954, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=22433 Acesso em: 13 set. 2021.

Se destaca que nem todos estes imigrantes estrangeiros viriam para trabalhar e implicam em mais gastos ao governo quando, desgostosos, exigem passagem de volta.

O atrelamento da presença nordestina em São Paulo às situações de risco sanitário também é frequente quando noticiados surtos epidemiológicos ou aumento de casos de uma determinada enfermidade. É o que acontece na edição do dia 20/08/1954, reportagem motivada em razão da recém realizada Conferência Nacional de Tuberculose. Na notícia, Roberto Brandi destaca que dois fenômenos podem estar por trás do aumento dos casos na capital paulista. O primeiro diz respeito à migração nordestina que após “viajar sob as piores condições nos ‘paus de arara’”, além da fome e miséria em que se encontram, se contagiam ao chegar no “grande centro urbano”. O segundo, acusa, seria a carestia de produtos básicos, o que fragilizaria a saúde da população.⁵⁴

Na véspera de natal, na edição do dia 24/12/1955, uma reportagem é publicada sob o frequente mote que trazia as dificuldades vivenciadas por pessoas pobres no período natalino. Com texto e imagens de Ruy Geishofer, a reportagem é ilustrada por três fotos. As imagens estampam cada uma um grupo de crianças brincando em “fossas contaminadas”, um bode com barracos ao fundo e uma criança negra em trajes sujos. Na reportagem se descreve a visita a uma favela paulistana em época de Natal. A julgar pelas legendas das fotos, a visita se deu na Favela da Vila Prudente. A maior parte do relato gira em torno do primeiro morador a ser descrito, um homem em torno de seus 40 anos, triste e que manifestava uma tosse seca com frequência. É narrada a saga deste morador, que chegara de Pernambuco há dois anos. A reportagem o descreve como “pernambucano de fibra, acostumado à luta dura das ‘caatingas’”. Ele conta ao repórter que trabalhava para um “coronel” e que, numa reunião com opositores em que uma confusão se formou, fora acusado injustamente do assassinato de uma vítima da contenda. A prisão o deixou doente. Veio para São Paulo com a família quando voltou à liberdade. Conseguia manter um trabalho na construção civil até ser visto tossindo sangue, o que lhe fez ser despedido. Para o Natal, os poucos presentes para os sete filhos foram conseguidos em uma fila de doação em que a esposa teve que aguardar quatro horas.⁵⁵

⁵⁴ GANHARA campo a “peste branca” com o aumento do custo de vida. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 30175, 20 ago. 1954, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=22455 Acesso em: 13 set. 2021.

⁵⁵ GEISHOFFER, RUY. Pobre e triste o natal das favelas paulistanas. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 30591, 24 dez. 1955, p. 8. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=29240 Acesso em: 13 set. 2021.

Ao final da reportagem, são narradas duas histórias curtas que visam retratar o natal das pessoas moradoras da favela, sem, no entanto, fazer menção se se tratam de locais ou migrantes.

Uma reportagem na subsecção “Governo da Cidade” do dia 03/04/1957 se anuncia que 4.000 crianças matriculadas em grupos escolares municipais realizaram exames médicos em que se verificou que 80% das crianças eram portadoras de verminoses e 60% de amidalite. “De modo geral”, ele afirma que pode se constatar que as crianças da periferia são subnutridas e que as crianças de origem nordestina eram as que mais sofriam dos casos apontados, sem falar que vinha delas alguns casos de esquistossomose, sem, no entanto, apontar dados para respaldar sua constatação.⁵⁶

No Diário Paulistano de 09/02/1958 é publicada uma reportagem em que se pauta o poder avassalador da esquistossomose sobre o Brasil. Logo no início se destaca os efeitos sociais de esta ser a doença que mais aflige o povo brasileiro àquela época.⁵⁷ Sendo um problema exclusivamente sanitário, essa moléstia apresenta repercussões de caráter social, principalmente no Norte, provocando a apatia do homem do campo, minado pelo mal. (CORREIO PAULISTANO, 9 fev. 1958, p. 3)

Na sequência se destaca que as autoridades não deram ouvidos aos alertas de cientistas e que por isso várias bacias hidrográficas estavam sendo comprometidas o que ocasionou a contaminação de cerca de 10% da população brasileira. Ele finaliza com uma citação do prof. Alípio Corrêa Neto em que ele destaca que essa enfermidade mina o desenvolvimento físico e intelectual e que seus acometidos tendem a seguir “o caminho para o parasitismo social”. No entanto, em seguida, ao destacar que se costuma dizer que o nortista “é indolente e apático”, o professor lembra que além da esquistossomose, o nordestino sofre com moléstia de Chagas e “outras endemias sub-reptícias” e que, apesar disso, se constituiu uma civilização e uma riqueza.

A reportagem expõe com os argumentos do professor escutado um pensamento corrente que essencializava a condição social do nordestino como uma consequência das marcas deixadas em seu corpo e mente por doenças adquiridas no Nordeste. O professor tenta

⁵⁶ EXAMES médicos. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 30983, 3 abr. 1957, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=nordestina&pagfis=36293
Acesso em: 13 set. 2021.

⁵⁷ A ESQUISTOSSOMOSE está avassalando o Brasil. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 2, n. 31243, 9 fev. 1958, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=41389
Acesso em: 13 set. 2021.

fazer frente a este pensamento ao final da reportagem. Ele volta a ser entrevistado em 11/04/1958 em outra reportagem sobre disseminação de esquistossomose em todo o país.⁵⁸ Ao final da reportagem, o professor Alípio Correia Neto responde que não é verdade que é “só o nordestino que tem trazido a esquistossomose para São Paulo”. Ele afirma que todo portador do Schistosoma que “venha” a São Paulo é um transmissor, destacando que em “Belo Horizonte é onde existe hoje o maior foco da referida moléstia”.

Na edição do dia 24/02/1959 é retomado o tema “Operação Nordeste”. No entanto, repercute a opinião do médico Otacílio de Carvalho Lopes “conhecedor dos problemas daquela região brasileira”. Ele acredita que a “Operação Nordeste” é inviável pela ausência de homens para executá-la, dificuldades técnicas, escassez de recursos e desvio de verbas.⁵⁹

O médico defende que mais efetivo seria trazer nordestinos para o sul, já que o nordestino não produziria em sua terra porque a doença “não lhe permite”; o que seria consequência tanto da ausência de higiene como das condições locais.

O nordestino é um homem trabalhador. Note-se que mal chega ao sul, região onde os meios lhe facilitam empregar sua inteligência, adquirir cultura e expandir sua vivacidade, em pouco tempo arruma sua vida. E os que aqui se radicam jamais voltam, a não ser com raras exceções. (CORREIO PAULISTANO, 24 fev. 1959, p. 16)

O entrevistado conclui defendendo que o governo devia trazer os nordestinos para o sul para só depois lançar a “operação Nordeste”, recuperando primeiro o homem para só depois procurar recuperar a terra.

4.7 O CORPO NORDESTINO E A DISCRIMINAÇÃO RACIAL

As menções às características físicas atribuídas ao corpo dos migrantes nordestinos ocorriam ocasionalmente nas reportagens e colunas do jornal Correio Paulistano. Em alguns casos eram mais específicas, como a referência à dita “cabeça-chata”; em outros

⁵⁸ CINCO milhões de portadores de esquistossoma em todo o país. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 2, n. 31296, 11 abr. 1958, p. 20. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=42332 Acesso em: 13 set. 2021.

⁵⁹ A FALTA de técnicas e de homens dificulta a “Operação Nordeste”. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 2, n. 31565, 24 fev. 1959, p. 16. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=47338 Acesso em: 13 set. 2021.

casos eram mais vagas e davam a entender contar com o repertório social adquirido pelo leitor.

No jornal veiculado em 24/11/1950, na coluna “De camarote”, o autor “S.” enfoca a campanha que ganha destaque com o apelo de Luiz Gonzaga para doações que viabilizem a construção da Hospedaria do Trabalhador Nordestino em São Paulo. O autor indaga, “mas, então, é necessário que os cabeças chatas, aqui residentes, abram subscrição para erguer um abrigo que acolha nossos patrícios do setentrião?”⁶⁰

A “cabeça-chata” do nordestino é evocado outra vez em 28/01/1951 numa reportagem que investiga as causas e efeitos das chuvas e enchentes em São Paulo. O repórter opta por iniciar a análise dos índices pluviométricos com uma “anedota irreverente”. Ela narra que um nordestino, em seguida enfatizando se tratar de um cearense, se encontrou com São Pedro para pedir mais chuvas no Ceará. O santo pergunta como saber onde fica o Ceará. O cearense responde que basta procurar um lugar com uma porção de “pessoas de cabeça chata”. A anedota encerra destacando que no dia seguinte caiu um temporal que inundou tudo em São Paulo.⁶¹

Por vezes, a definição de “cabeça-chata” também se dá em companhia de algum outro elemento, como a estatura corpórea ou a cor da pele, numa reportagem veiculada na edição do dia 27/03/1951, a reportagem do Correio Paulistano descreve o que viu ao presenciar a chegada de migrantes a São Paulo.⁶²

Muitos são do centro do País, de Minas ou Bahia. Esses vêm mais limpos que os demais. São escuros como os outros, mostram na pele aquela cor de cuia que o sol dá mas, não obstante, são facilmente discrimináveis entre os demais. A maioria, no entanto, revela ao olho menos experimentado as características do “cabeça chata” este herói anônimo que enche de vida as fazendas do sul e as terras por desbravar. (CORREIO PAULISTANO, 27 mar. 1951, p. 9)

Mais adiante o mesmo texto o autor descreve novamente o fenótipo dos nordestinos que ele encontrou para escrever sua reportagem. Ao falar da nova Hospedaria de

⁶⁰ S. O homem que vem de longe. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 29028, 24 nov. 1950, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=4237 Acesso em: 13 set. 2021.

⁶¹ PROVOCADAS pela devastação das matas as atuais enchentes. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 2, n. 29082, 28 jan. 1951, p.20. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=4928 Acesso em: 13 set. 2021.

⁶² NÃO HÁ hospedagem decente para os imigrantes nordestinos em S. Paulo. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 2, n. 29129, 27 mar. 1951, p.10. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=5606 Acesso em: 13 set. 2021.

Imigrantes que seria construída na Rua da Alegria, o autor destaca que desde já algumas seções têm funcionado, o que garante à sua frente “centenas de homens vestidos de brim encardido, morenos todos, embora alguns tenham cabelos louros e olhos azuis sobre a pele cor de cuia. São os nordestinos”.

A presença nordestina, sob a designação generalista de “baiano”, denotava alguma relação com a negritude dos migrantes que aportavam em São Paulo. De acordo com um levantamento do início de 1962, aproximadamente 60% dos migrantes que chegavam a São Paulo nos anos de 1950 eram “pardos ou negros” com uma presença perceptível de baianos (FONTES, 2008). Nos textos dos jornais é alta a frequência com que, ao se descreverem nordestinos, se enfatiza a cor da pele dos migrantes, que nos textos dos jornais tendem a ser retratados como pessoas de pele escura, sendo eles considerados negros ou “queimados de sol”.

Francisco C. Weffort (1988), aponta que uma das primeiras reações populares à chegada expressiva de migrantes nordestinos na década 1950 foi a disseminação das conhecidas como “piadas de baiano”. Atuando como demarcadores simbólicos sobre a etnia dos que aportavam em São Paulo naquela época, essas piadas expressavam o racismo recreativo (MOREIRA, 2020) que dividia a percepção de grupo do “nós” sobre o “outro”, no caso, o nordestino. Os temas giravam em torno da ideia de inaptidão dos migrantes às exigências técnicas do trabalho na cidade grande, sendo retratada também como uma força de trabalho mais barata (WEFFORT, 1988).

Outra “anedota” é narrada no jornal do dia 08/04/1951, numa matéria que falava sobre as belezas do Ceará e entrevistava o astrônomo cearense a respeito de suas impressões sobre o tema da migração nordestina. Como mote para iniciar a conversa, se narra uma anedota presente em São Paulo sobre o “nortista”.⁶³ O nortista tem cabeça chata (é braquicéfalo) porque ao atingir cinco anos de idade o pai lhe bate na cabeça e diz – “meu filho, vai para São Paulo, ganhar a vida...”. (CORREIO PAULISTANO, 8 abr. 1951, p. 24)

Uma entrevista veiculada na última página da edição de 02/11/1954 comemora o ganhador de um prêmio literário. Osman Lins, jovem bancário de Recife, é congratulado como ganhador do prêmio “Fábio Prado” com sua obra “O Visitante”. No início da entrevista, o autor é descrito como um “nortista típico: meia estatura, atarracado, e conformação craneana característica”.⁶⁴

⁶³ CORREIO PAULISTANO (n.29140), *Op. Cit.*, p.24.

⁶⁴ LINS, Osman. Também o prêmio “Fábio Prado” do centenário foi conquistado por um escritor de Recife. [Entrevista cedida ao Correio Paulistano] **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 30237, 2 nov. 1954, p.12.

Outras características também eram frequentemente mencionadas ao se citar traços físicos considerados como nordestinos. No jornal publicado no dia 31/10/1953 o Deputado Tenório Cavalcanti é descrito como tendo um “rosto enxuto de nordestino, de zigomas salientes”.⁶⁵

A cor da pele também é pautada algumas vezes, como aconteceu na coluna “Notas & Novidades”, presente na edição publicada em 24/12/1954, entre pequenos apontamentos referentes a artistas e pessoas famosas, Bendito Corsi é descrito sendo “queimado como nordestino”.⁶⁶

Num raro texto, entre os que citaram nordestinos, assinado por uma mulher, Waldisa Simões Pinto Russio reflete em uma coluna sobre a chegada dos migrantes nordestinos e, em tom elogioso, reifica passagens de Euclides da Cunha, como “tabaréu canhestro” e “Hércules-Quasímodo”, mas, sobretudo, dá destaque especial à ideia de “titã acobreado” moldado pelo clima de origem. Ainda no texto, relembra que “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”.⁶⁷

Em outros casos, as características do nordestino são referenciadas, mas não descritas, recorrendo-se a elementos que se pressupõem o leitor ter conhecimento. É o caso da edição veiculada no dia 27/02/1953, Lima Barreto, na ocasião de uma exibição de seu filme “O Cangaceiro”, destacou que escolheu os atores do elenco tendo em vista o “tipo físico adequado ao respectivo papel”, como foi o caso de Milton Ribeiro. Segundo o jornalista Walter Rocha, o cineasta disse ainda, sobre a escolha dos atores que “selecionou obedecendo àquele critério e baseado nos caracteres antropométricos que os poderiam mais facilmente identificar com os tipos da história e do local”. Ainda é destacado que “a única artista que diferia do tipo nortista era Marisa Prado”, pois seu papel como professora justificaria que ela

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=nortista&pagfis=23477 Acesso em: 13 set. 2021.

⁶⁵ EM NADA beneficiará a vida democrática a instituição do ‘Fundo Partidário’. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 29928, 31 out. 1953, p.8. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=18273 Acesso em: 13 set. 2021.

⁶⁶ NIMTZOVITCH, Oscar. União quer vender o “Broadway”. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 30262, 2 dez. 1954. Seção Comédia, p.6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=23863 Acesso em: 13 set. 2021.

⁶⁷ RUSSIO, Waldisa Simões Pinto. O sertanejo é, antes de tudo um forte. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 30289, 5 jan. 1955, p.6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=24311 Acesso em: 13 set. 2021.

tivesse saído de outra parte do Brasil, “possivelmente do Sul”.⁶⁸

Na segunda metade do ano de 1955 é deflagrado um debate em torno do preconceito racial de que os migrantes nordestinos estariam sendo vítimas. Numa reportagem escrita por Dorian Jorge Freire veiculada no dia 28/08/1955 é abordado o crescente desemprego em São Paulo. De pronto, o autor considera superficial a ideia de que esse fenômeno seria resultado direto da afluência de migrantes nordestinos para a cidade, pois graças a este fluxo migrante somado às outras levadas de imigrantes internacionais é que a cidade tanto cresceu.⁶⁹

A matéria também trata de alguns agrupamentos que são duramente afetados pelo desemprego. Destaca que existem leis que proíbem e punem severamente manifestações de preconceito de cor e raça, embora ele considere se tratar de mais uma das leis “para inglês ver”.

Assim é incrível ter que constatar que em São Paulo, o centro mais civilizado do país, há ainda preconceito. Os funcionários do Serviço de Colocação e Informação Profissional da Secretaria do Trabalho, de vez em quando são surpreendidos (o fato agora já nem pode causar surpresa) por firmas que se negam terminante a empregar negros e... nordestinos. Nem todos têm o descaramento e a ousadia de proclamar a razão exata da recusa. Acontece, porém, que logo que o oferecimento é feito de operários brancos, não nortistas nem nordestinos, aquele mesmo empregador que ontem, laconicamente, afirmava o clássico “não há vagas”, abra as portas de sua firma ao novo empregado. As condições de branco e não nordestino é quase que um “abre-te Sésamo”. Sobre o assunto, disse-nos o sr. Vicente Branco: “Não creio haja na construção civil de pequenas estruturas tais preconceitos. Nunca fizemos distinção com o nordestino porque é nordestino, mas algumas vezes por que não tem a menor instrução e não é especializado. A crise, se os atinge e aos pretos, atinge a todos especialmente a classe média que não tem mesmo onde morar”. (CORREIO PAULISTANO, 28 ago. 1955, p. 24)

A negativa quanto à possibilidade de que o nordestino venha a ser vítima de preconceito é do presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil de Pequenas Estruturas do Estado de São Paulo, Vicente Branco. Ao final, o texto destaca que nem sempre é a seca que traz o nordestino para São Paulo, mas os “indivíduos exploradores” que conduzem paus-de-arara, descritos como aliciadores que iludem os migrantes para uma vida próspera na capital paulista só para depois as deixar ao léu onde vivem em miséria pelas ruas

⁶⁸ ROCHA, Walter. Lima Barreto fala sobre O Cangaceiro. *Correio Paulistano*. São Paulo, v. 1, n. 29720, 27 fev. 1953, p.6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=nortista&pagfis=14906 Acesso em: 13 set. 2021.

⁶⁹ FREIRE, Dorian Jorge. Enchem as ruas de São Paulo legiões de desempregados. *Correio Paulistano*. São Paulo, v. 2, n. 30489, 28 ago. 1955, p. 24. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=27580 Acesso em: 13 set. 2021.

da cidade.

Durante a entrevista com o Sr. Vicente Branco, chama a atenção a negação sobre a possibilidade de que o nordestino seja vítima de preconceito em São Paulo. Atrilando os limites de mercado não à origem, mas sim a indivíduos com pouca ou nenhuma “instrução”, Branco atribui uma possível exclusão das vagas ofertadas à baixa qualificação de trabalhadores, o que, certamente, justificaria atos de preconceito contra nordestinos.

Paulo Fontes (2008) destaca que este tema se espalhou como um debate também em outros jornais. O jornal *Última Hora*, naquele mesmo ano, denunciava que várias fábricas da Região Metropolitana se recusavam a contratar nordestinos e negros. A polêmica subsequente não deixou de ser respondida por outros jornais e agentes públicos que fizeram questão de se referir ao fenômeno constatado como não representativo da realidade geral, destacando-se a hospitalidade de São Paulo e de seu povo com qualquer um que venha morar na cidade. Fontes (2008) aponta um trecho do discurso de um deputado paulista, Derville Alegretti, registrado nas Atas da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo do dia 21/10/1955 em que ele diz que “não é concebível que haja brasileiros (...) que possam imaginar que em São Paulo se pratique um tratamento desigual entre paulistas e entre filhos dos outros estados, com relação aos nordestinos”.

A possibilidade de que o racismo contra nordestinos tenha se reproduzido sob discursos que justificavam a não contratação pela baixa formação educacional dos migrantes é uma possibilidade diante da vinculação que se fazia dos migrantes nordestinos com o analfabetismo. Esse destaque dado à baixa formação dos nordestinos aparecia principalmente quando comparadas a migração nordestina com as levas de imigrantes europeus.

Esse paralelo pode ser verificado num artigo publicado no *Correio Paulistano* do dia 24/02/1959, na primeira página do caderno de economia. O texto reflete novidades conceituais no campo da administração pública. Diante desses novos conceitos, demonstra expectativas diante do censo demográfico que será realizado em 1960 como esclarecedor sobre a dinâmica econômica nos entornos de São Paulo. Afirma que entre 1936 a 1958 haveriam vindo para São Paulo 2.274.093 nordestinos, mas se questiona quantos de fato teriam permanecido no Estado. Em seguida compara nordestinos com outras levas de imigrantes.⁷⁰

⁷⁰ FLUXO do consumo, concentração demográfica e agricultura. *Correio Paulistano*. São Paulo, v. 1, n. 31565, 24 fev. 1959, p. 8. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=47330 Acesso em: 13 set. 2021.

Essa mão-de-obra agrícola é, lamentavelmente, sob o ponto de vista técnico, assaz inferior à que nos vem da Holanda, do Japão, da Itália e de Portugal. (...) O nordestino é um inquieto, não se radica, talvez por causas ecológicas e psíquicas. (CORREIO PAULISTANO, 24 fev. 1959, p. 24)

Logo em seguida e finalizando o texto, o autor destaca o desequilíbrio que há com a expansão das indústrias e das cidades enquanto a agricultura “retem mão-de-obra de baixíssima eficiência em sua maioria, quando se trata de migrantes nacionais”. Cabe destacar que em todo o texto os únicos “migrantes nacionais” citados foram os nordestinos, se estabelecendo uma correspondência quase sinonímica entre os dois termos.

Na última página do jornal veiculado dia 07/09/1955 se repercute os casos denunciados de preconceito contra nordestinos e o governador do Estado, Jânio Quadros, indica que punições deverão servir de exemplo para inibir essa prática após reunião com “representantes de organizações de negros” e “centros nordestinos desta capital” juntamente ao Comitê Pró Melhores Relações Humanas.⁷¹

Embora o corpo do texto pautasse “negros e nordestinos” a chamada em letras grandes, na última página, se destaca apenas ao grupo dos nordestinos, possivelmente por, entre os dois, ser a novidade quando se aponta uma vítima de “discriminação”.

É dado destaque para o nome depreciativo pelo qual o trabalhador nordestino é conhecido: “pau-de-arara”. O governador Jânio Quadros orienta que casos dessa natureza devem ser encaminhados diretamente para a Secretaria de Justiça com a intenção de “reprimir essa onda de preconceitos (contra negros, judeus e nordestinos), se necessário com as sanções legais”. Chama a atenção a inclusão, na matéria, de referência ao antissemitismo, sem que antes fosse feita qualquer menção ao “preconceito” contra judeus, um efeito, possivelmente, da centralidade que o antissemitismo ganhou na Segunda Guerra Mundial, encerrada havia apenas 10 anos àquela época.

Ao final, a matéria, em retrospectiva, destaca que o assunto havia sido abordado na Assembleia do Estado por vários deputados, com especial atenção para uma denúncia que envolvia a “*Société Sucrierie Brésilienne*”, de Piracicaba, como uma empresa que não aceita nordestinos, o que leva alguns deputados a exigir que o governador processe dita empresa.

Uma coluna veiculada no jornal do dia 15/09/1955 faz referência às recentes denúncias de “discriminação racial” em São Paulo contra “trabalhadores de origem

⁷¹ CONDENA o governador do estado a discriminação contra nordestinos. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 2, n. 30497, 7 set. 1955, p. 16. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=27716 Acesso em: 13 set. 2021.

nordestina”. O autor destaca que as denúncias foram reproduzidas por deputados de estados nordestinos e prontas medidas institucionais demandadas. Crê o autor que os discursos adotaram tom de generalização, imputando a todo o Estado as ações de “meia dúzia de racistas tresnoitados”. O colunista supõe que essa “grita extemporânea” não se justifica e que essa generalização “mais parece, aliás, produto de recalque antigo e longamente sopitado”. Ele encerra perguntando se os mesmos que generalizam as ações de “meia dúzia de empregadores deslocados” lembraram alguma vez de “propor moções de congratulação” pela acolhida que São Paulo oferece aos brasileiros que o procuram ou pelos benefícios que o Estado proporciona a todo o País.⁷²

No Correio Paulistano do dia 22/09/1955 se pronuncia a Associação Nortista de São Paulo (ANESP) que, por meio de um telegrama direcionado às autoridades federais, se demanda iniciativas sobre “algumas firmas que estariam recusando trabalho ou emprego” à nordestinos vindos à São Paulo.⁷³

Na edição distribuída no dia 05/10/1955, na parte destinada à reprodução de artigos escritos em jornais do interior de São Paulo, Jotafilho assina o artigo “A Meca dos Nordestinos”. Nele, o autor desacredita as denúncias do deputado federal Colombo de Souza quanto à possibilidade de nordestinos estarem sendo vítimas de preconceito no “Estado de São Paulo”. Ele sugere que o deputado estaria “cego pelo despeito e pelo orgulho jacobino”.⁷⁴

Seu argumento se inicia contextualizando que é impossível sair de casa sem “topar” com um nordestino, incluindo nessa caracterização os paraenses. Ele justifica seu aparente erro apontando quem seriam os nordestinos em São Paulo.

Porque, para os paulistas, nordestinos são todos aqueles que descem para São Paulo, partindo da Bahia, e porque, igualmente, todos têm os mesmos caraterísticos faciais, antropológicos e mesológicos tão bem estudados por Nina Rodrigues, Euclides da Cunha, Gilberto Freire ou pelo saudoso Artur Ramos. Os paulistas nunca fizeram descaso ou criaram preconceito de qualquer espécie com os homens do norte (...).

⁷² POR TODO o país. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 30504, 15 set. 1955, p. 16. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=nordestina&pagfis=27820 Acesso em: 13 set. 2021.

⁷³ ASSOCIAÇÃO Nortista de São Paulo. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 30510, 22 set. 1955, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=nortista&pagfis=27925 Acesso em: 13 set. 2021.

⁷⁴ JOTAFILHO. A Meca dos nordestinos. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 30521, 5 out. 1955, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=28111 Acesso em: 13 set. 2021.

Quer viessem os nortistas em “paus de arara”, em aviões, automóveis ou vapor costeiro, nunca os paulistas cogitaram de ver nisso motivos para rejeitá-los nem para negar-lhes a cooperação amiga e necessária (...). Nunca se pensou ou se cogitou de oporem-se barreiras sociais a esses devotados filhos do norte, quer por serem crioulos, amorenados e pardos, quer por não serem simpáticos aos homens de São Paulo, fossem estes elementos de todas as atividades-econômicas ou administrativas. (CORREIO PAULISTANO, 5 out. 1955, p. 6)

Após a negativa, há um enaltecimento da força de trabalho nordestina e sua “contribuição exponencial” para a grandeza de São Paulo, substituindo, por ser “rijo e incansável”, nos serviços pesados em “equipolência de forças” o “elemento alienígena” de imigrantes portugueses e italianos. Afinal, os nortistas são brasileiros resistentes e acostumados aos reverses da vida, e daí o fatalismo com que encaram a realidade. (CORREIO PAULISTANO, 5 out. 1955, p. 6)

Curiosamente, após a polêmica relativa à possibilidade de o nordestino ser alvo de “preconceito racial”, nenhuma outra menção à traços físicos de nordestinos é encontrada até o ano de 1958. Como as próprias denúncias de racismo contra nordestinos viriam a dar destaque, pensar numa vítima de “preconceito racial” no Brasil era pensar numa pessoa negra. O racismo antinegro era, portanto, a experiência social existente mais óbvia ao se falar em “preconceito”. A experiência brasileira de racismo é muito intimamente relacionada à percepção da constituição dos corpos, elencando sinais que permitam categorizar as pessoas entre negras e brancas. Se o nordestino era vítima de preconceito racial, é de se supor que a categorização também ocorresse levando em consideração o corpo do migrante e de suas supostas características. É provável que realçá-las e destacar que o corpo do nordestino era diferente do corpo de um paulistano poderia não só alimentar a polêmica como colocar o próprio jornal no meio dela. Portanto considero plausível pensar que o debate em torno do preconceito contra nordestinos tenha tido um efeito de autocensura sobre os agentes que compõem o jornal.

Cabe lembrar que outro evento ocorrido a partir de 1955 foi a venda do Correio Paulistano para João de Scantimburgo, que passou a ser o novo proprietário do jornal.

A rara exceção ocorre em 30/07/1958, na coluna “Tabloide” escrita por Maurício Loureiro Gama. Nela, o autor começa apontando as dificuldades para se acessar direitos em São Paulo. A “sobrecarga de serviço” se identificaria na falta de vagas em escolas ou leitos nos hospitais e a razão seria por que “os governos consideram mais fácil atirar sobre as costas largas de São Paulo (...) os nossos pobres irmãos do Nordeste”.⁷⁵

⁷⁵ GAMA, Maurício Loureiro. João Goulart foi ver “Moral em concordara” no Teatro Maria Delia Costa. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 31389, 30 jul. 1958. Coluna Tabloide *Ridendo Castigat Mores*, p. 3. Disponível em:

Para o autor, a grande tragédia do Nordeste não seria a seca, mas sim o latifúndio e o coronelismo. O Brasil está no dever, segundo o colunista, de empreender uma reforma agrária de forma que as grandes extensões territoriais não mais pertençam aos coronéis, os únicos que se beneficiariam com as verbas destinadas à região.

Sua justificativa é que “São Paulo não comporta mais a enchente desse rio humano que está desaguando aqui, superlotando escolas e hospitais”. Ele também destaca como consequência da “tragédia do Nordeste” o fenômeno a que chama de “escravidão branca”. Segundo o colunista, proprietários de paus-de-arara estariam vendendo “retirantes nordestinos” como se fossem “objetos” para fazendeiros do Triângulo Mineiro, em Montes Claros, Minas Gerais.

Além de essa ser a única menção às características físicas nordestinas após 1955, também é a única ocasião em que a identificação do Nordestino se dá com os considerados brancos. Identificar a imposição de um regime de escravidão a nordestinos como “escravidão branca”, não só representa os nordestinos como brancos, como pretende causar estranheza, uma vez que “escravidão”, se subtende, já faria menção automática às pessoas negras.

Depois daquele ano, denúncias continuaram a aparecer, embora com menor atenção e repercussão dos veículos de imprensa. Em 1958, um vereador de São Bernardo do Campo, Irineu Silva, denunciou a firma Martini e Rossi na qual um de seus sócios haveria dito que “não aceitaria elementos da raça negra, nem nortistas, alegando que estes elementos não prestam”. Em 1960, o vereador paulistano Rio Branco Paranhos denunciava que, ao visitar a Associação Beneficente e Cultural Progresso em Mauá, escutou de vários nordestinos presentes que várias fábricas não contratavam trabalhadores nordestinos, mas ofereciam vagas quando os candidatos a elas eram de outras procedências (FONTES, 2008).

4.8 COMPARAÇÃO ENTRE NORDESTINOS E IMIGRANTES INTERNACIONAIS

Na década de 50 São Paulo recebeu levas de migrantes nordestinos numa quantidade nunca antes registrada. Com frequência essas levas eram comparadas a outras levas de migrantes internacionais, principalmente aos italianos. Os migrantes do Nordeste, embora brasileiros, não só eram comparados a povos de outros países como a diferença quanto às ações do governo para recepcionar essas populações era constantemente posta em

perspectiva.

No jornal do dia 10/01/1950, Paulo Henrique em sua coluna defende que os cuidados dispensados aos imigrantes “alienígenas” sejam os mesmos dispensados às vítimas da seca. Segundo o escritor, ao contrário dos que o acusam de xenófobo, ele não se condiciona por demais ao exterior e diz se condoer tanto do sofrimento “patrício” quanto do “alheio”, equilíbrio que ele não enxerga em seus críticos.⁷⁶

A partir deste ponto o colunista aponta contrapontos. Destaca a “Folha da Manhã” que, num editorial, acusou de racistas a diretriz oficial pelo que o autor chama de “restrições legítimas”. Paulo Henrique afirma que não há brasileiro mentalmente são que defenda a abertura dos portos “aos milhões de negros estadunidenses, aos assírios, ou aos chineses e “hindus” que aqui viriam por atacado”. Sobre os “negros ianques”, seu motivo não seria por eles serem “homens de cor”, mas sim por serem “portadores de recalques e complexos inculcados em séculos de segregação racial”.

Ele cita outro artigo do mesmo jornal que compara o progresso dos Estados Unidos ao da Austrália e que justifica o maior enriquecimento do primeiro como uma consequência de sua política de “portos abertos”, diferente das restrições adotadas pela Austrália. O autor argumenta que os “E.U.” gozam de mais riquezas naturais.

O colunista adota uma postura ambígua sobre a imigração internacional. Num primeiro exemplo que envolve povos não europeus a rechaça, mesmo insistindo que os motivos de sua resistência não têm conotação racista. Num outro que envolve a abertura de portos a migrantes europeus o autor defende a imigração pelo seu potencial quanto ao desenvolvimento econômico. No entanto, ante esta migração europeia e a migração nordestina, o autor defende que as políticas priorizem o nordestino.

Para ilustrar a diferença de tratamento dado ao imigrante nacional e internacional, o autor menciona o jornal “A Cidade”, de Ribeirão Preto, em que se destaca a fala de um dos diretores de Holambra, sobre a que o autor questiona a inexistência de apoio equivalente aos migrantes nacionais.

“Obtivemos dos Governos da União e do Estado um empréstimo de 20 mil contos, amortizáveis em prestações anuais durante 15 anos – após o 3º ano – com juros de 7% a. a.” Por que não há disso para nós? Por que não há também um cônsul patrício (...) que livre o sertanejo das violências dos “coronéis”, da prepotência dos “senhores de engenho”? Por que não proporcionar a cada grupo de professores rurais

⁷⁶ HENRIQUE, Paulo. Imigração. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 28760, 10 jan. 1950, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=nordestina&pagfis=112 Acesso em: 13 set. 2021.

uma “perua”, como a cada agrônomo um “jeep”? (HENRIQUE, 1950, p. 4)

Como destacado por Monsma (2016), a presença de um “cônsul patricio” ou de um outro conterrâneo mais poderoso da terra de origem dos migrantes mais pobres pode oferecer mais alento e auxílio para as levas de migrantes mais vulneráveis. O autor percebe a proteção que alguém assim pode ofertar, tendendo a surtir impactos positivos nas políticas públicas de recebimento e fixação de migrantes.

Em seguida o colunista prevê que, se a desigualdade entre a migração europeia e a nordestina seguir sendo reproduzida, se formarão no futuro duas castas dispare: “loiros cultos e ricos, e miseráveis mestiços que um dia reeditarão Canudos”. O autor encerra seu texto reafirmando seu compromisso com o migrante nacional. Quero ser-lhes a pena, a defesa, o clamor. Se isto é ser xenófobo, xenofobia não me espanta: se isto é pecado, o inferno me agrada. (HENRIQUE, 1950, p. 4)

Se por um lado, havia os que denunciavam uma certa predileção do governo por migrantes europeus e se opõem a esta postura, há os que pressionam as esferas públicas por mais migrantes europeus. É o que se desprende da coluna publicada em 19/02/1950 pelo fazendeiro José Procópio Ferraz. No texto, o fazendeiro apela à Sociedade Rural Brasileira o retorno a medidas apropriadas e políticas públicas que tornem a vinda ao Brasil outra vez atraente a imigrantes europeus. ⁷⁷A ideia de atrair outros nacionais gerou, segundo o autor, uma desorganização da marcha do trabalho não impactando num real proveito das “lavouras então desfalcadas do antigo braço adestrado, ambicioso e eficiente do colono europeu”. Ainda sobre a imigração europeia, Ferraz destaca:

Impunha-se, era evidente, a medida de renovação de correntes imigratórias europeias, aptas e inteligentes como soem ser, principalmente das raças Mediterrâneas, as que mais nos convêm. O proveito seria não só de ordem econômica, como também racial, social e política para o país. (FERRAZ, 1950, p. 3)

Ele encerra por concluir que o recrutamento de mais famílias europeias só não segue por “falha ou inépcia governamental”, sendo, desde então, “preferido” e “iniciado o deslocamento do braço nordestino” para as lavouras de São Paulo. Por fim, convoca que a “Rural” restaure “serviço de tão grande alcance”.

⁷⁷ FERRAZ, José Procópio. Imigração: apelo dirigido à sociedade brasileira. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 28795, 19 fev. 1950, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&pesq=Nordestino&pasta=ano%20195&pagfi s=614 Acesso em: 13 set. 2021.

A suposta diferença de tratamento também não passava ao largo dos agentes políticos que formulavam e aprovavam as políticas públicas. No jornal veiculado em 15/04/1950 são descritos pronunciamentos nos informes que pontuam o que foi debatido no palácio da Assembleia Legislativa.⁷⁸ Nessa sessão do periódico se destaca como primeiro tema “o drama do imigrante do Nordeste” por Arimondi Falconi. O deputado afirma que o tratamento recebido pelo migrante patricio não é o mesmo que o dispendido com o estrangeiro. No caso do migrante nacional ele identifica abandono e desamparo, com nenhuma medida governamental que tenha concorrido para minorar o sofrimento do “caboclo”, resultando num estado de miséria visível nas ruas da cidade. Já o imigrante estrangeiro receberia “todas as atenções”, com providencias de governo como “moderna maquinaria, isenção de impostos, assistência médica e doação de terras, como sucedeu com a última leva de holandeses aqui chegada”. Falconi encerra sua fala falando da necessidade de se ter um prédio próprio para recepção dos imigrantes nacionais.

No Correio Paulistano de 05/04/1952, é noticiado que algumas Associações apoiam a iniciativa de Renato Azzi, representante da Secretaria de Agricultura, posto à disposição do Governo Federal para integrar a missão rumo à Itália para selecionar 500 famílias italianas a serem trazidas como imigrantes para o Brasil, a fim de que trabalhem ao menos um ano numa fazenda a ser designada.⁷⁹

O diretor do Departamento de Imigração da secretaria, Mario Penteado, destacou que o “emigrante nordestino” não deve ser esquecido no momento em que se se prepara para receber o elemento estrangeiro.

No jornal de 06/02/1953, na última página, o Governador de São Paulo Lucas Nogueira Garcez comunica que a portaria que visava manter o trabalhador rural estrangeiro fixado às fazendas em que vem a trabalhar, principalmente quando tem dívidas contraídas, fora suspensa. Os associados da Sociedade Rural Brasileira sentiram “agilidade” por parte do governador a fim de evitar um caso diplomático. Se elogia na matéria as condições ofertadas pelas fazendas e se destaca um caso de um fazendeiro paranaense e sua frustração e prejuízo

⁷⁸ A FALTA de número prejudicou ontem novamente os trabalhos da Assembleia. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 28840, 15 abr. 1950, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=1316 Acesso em: 13 set. 2021.

⁷⁹ A COLOCAÇÃO dos imigrantes italianos. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 29444, 5 abr. 1952, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=10467 Acesso em: 13 set. 2021.

com a vinda de 20 famílias italianas que sequer haviam descido dos caminhões em que vieram por alegar que a fazenda não estava preparada para recebê-los. O autor conclui que os italianos deveriam ter um nível de vida melhor na Itália. Outro associado, Rafael Sales Sampaio, destaca que o clima, o sistema de trabalho e a alimentação não são favoráveis ao imigrante italiano, apregoando ao final que se aproveite a “prata da casa”: o nordestino.⁸⁰

Não foi só nesta notícia que o nordestino foi pautado como o trabalhador que aguentava o trabalho considerado “impróprio” para os imigrantes estrangeiros. Com frequência o nordestino passou a ser retratado como a solução para os braços que a lavoura paulista demandava, sendo exaltadas suas qualidades como corpo nativo e resistente.

A edição do dia 14/02/1953 publicou a coluna de Luiz Tenório de Brito, natural de Pedra, Pernambuco. Nela se destaca as possibilidades de um melhor aproveitamento da migração nordestina.⁸¹

Ele inicia seu texto apontando a frequência com que os jornais têm abordado o “trágico cenário nordestino martirizado pela seca implacável”. Cita o caso de um secretário de Pernambuco que, ao voltar do interior, se desespera ao constatar que a situação é ainda pior. O autor reclama da solução demandada ao Governo Federal: a construção de mais açudes. Brito não crê no potencial dessas medidas para combater o problema da seca e considera mais apropriado que outras iniciativas sejam pensadas. Considera que o remanejamento de imigrantes em direção a outros estados do Sul que demandam mão-de-obra nas lavouras seria o ideal. Cita São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Inclusive destaca a importância dessa possibilidade num contexto em que “a tentativa de imigração italiana” acabou em “um tremendo fracasso”. Aponta como responsável o Governo Federal e traz como possível solução a condução do Departamento de Colonização e Imigração do Estado de São Paulo um “nordestino de Pernambuco”, Henrique Dória de Vasconcelos, a quem tece longos elogios.

No Correio Paulistano do dia 06/11/1953 é noticiado que o Sr. Bianor Penalber, que se encontra à frente do Departamento de Imigração, lamenta o grande contingente de migrantes nordestinos numa “debandada” desesperada que ou vai para o Sul ou para o

⁸⁰ OPINAM os fazendeiros sobre o êxodo rural iniciado pelos italianos. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 29703, 6 fev. 1953, p. 12. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=14644 Acesso em: 13 set. 2021.

⁸¹ BRITO, Luiz Tenório de. A calamidade da seca no Nordeste. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 29710, 14 fev. 1953, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=14744 Acesso em: 13 set. 2021.

“extremo norte” causando transtornos aos poderes públicos, como no caso de Belém em que os migrantes se negam a sair da hospedaria. Ele conclui que “o estado das coisas” deve ser imediatamente modificado.⁸² “Os nordestinos só devem sair de seus Estados devidamente amparados e tratados com humanidade, como fazemos com os estrangeiros que aqui chegam e muitas vezes não nos convêm.” (CORREIO PAULISTANO, 6 nov. 1953, p. 4)

Na coluna L.V. Giovannetti, publicada na edição do dia 14/10/1956, escreve inicialmente sobre o momento em que se encontram as correntes migratórias vindas da Itália. Ao falar sobre o Brasil, destaca que o camponês italiano, contemporâneo àquela época, importava como condição para migrar um padrão superior de ganhos e estrutura do que o Brasil hoje poderia oferecer. Na sequência ele faz um paralelo entre o Sul italiano e o Norte brasileiro, onde haveriam iniciado ambas as civilizações, onde há forte tradição de cultura filosófica e política, de onde viria os maiores juristas e homens públicos dessas nações, mas também de onde haveria mais necessidade de melhoramentos econômicos. Se em ambos os lugares há uma minoria dominante e rica, há a seu lado uma “massa pobre e desamparada”.⁸³ O autor aponta os migrantes nordestinos iram suprir as demandas de trabalho no Centro e Sul brasileiros.

Esta gente nordestina possui qualidades positivas e um espírito de resignação e paciência. Uma vez reeducada, será um elemento utilíssimo para o progresso geral do Brasil. Já agora substitui o agricultor estrangeiro em alguns pontos do país, particularmente em São Paulo e no Paraná. (GIOVANNETTI, 1956, p. 4)

Se o nordestino servirá para o campo, Giovannetti defende que para o progresso das cidades sejam trazidos migrantes italianos, indicando que novos acordos entre Brasil e Itália estarão sendo firmados para tal, a fim de organizar e ampliar uma corrente migratória para o Brasil “normal e bastante intensa”.

Quando, na edição do dia 17/02/1957, João de Scantimburgo escreve em sua coluna um breve histórico do crescimento econômico de São Paulo, ele chega a comparar

⁸² DESIGUALDADE de tratamento ao imigrante nordestino. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 29933, 6 nov. 1953, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=18349 Acesso em: 13 set. 2021.

⁸³ GIOVANNETTI, L. V. O mercado brasileiro. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 30841, 14 out. 1956, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=nordestina&pagfis=33681 Acesso em: 13 set. 2021.

paulistas e nordestinos.⁸⁴ A civilização do planalto, ao contrário da nordestina, nada tem de contemplativa, nem de gratuitamente aplicada às atividades que não tenham relação com a economia. (SCANTIMBURGO, 1957, p. 1)

Ao final de seu texto, o autor faz uma homenagem a quem acredita compor o quadro de crescimento industrial de São Paulo.

Os grandes capitães de indústria do Brasil são paulistas, ou radicados em solo paulista: Matarazzo, Gamba, Pugliese, Scarpa, Street, no passado; Matarazzo Júnior, Simonsen, tão cedo falecido, Ermírio de Moraes, Bellotti, Bonfiglioli, Belian, Pignatari, Aliperti, Richenbach, Jafet, Calfat, Fernandes, Romi, Pais de Almeida, e outros, muitos outros que seria longo citar (...). (SCANTIMBURGO, 1957, p. 1)

O novo, àquele momento, proprietário do Correio Paulistano enumera as famílias a quem ele considera se dever o crescimento industrial de São Paulo. Entre sobrenomes de sonoridade italiana ou libanesa, Ermírio de Moraes, Pais de Almeida⁸⁵ e Fernandes são os que tem uma sonoridade mais familiares ao português. Dos três sobrenomes, dois foram identificados como relativos a industriais atuantes na época. O primeiro é Sebastião Pais de Almeida, nascido em 1912, advogado fundador da Companhia de Vidros do Brasil (Covibra) e da Real Transportes Aéreos. Nascido em Minas Gerais, Pais de Andrade desde 1956 exercia a chefia do Banco do Brasil nomeado pelo presidente Juscelino Kubitschek. O segundo é José Ermírio de Moraes⁸⁶, nascido em 1900 em Pernambuco, engenheiro fundador do grupo Votorantim, que, entre outras coisas, atuavam nos ramos de cimento e metais e era proprietário da Fábrica da Nitro Química em São Miguel Paulista. Um empresário mineiro e outro pernambucano foram considerados pelo dono do jornal “radicados em solo” paulistano.

Na coluna de João de Scantimburgo, veiculada na edição do dia 13/03/1958, publicada na última página, ele relata as conversas de um jantar em que se faziam presentes o cardeal dom Carlos e o padre Victor. Segundo o relato, o cardeal diferencia num primeiro instante a importância das migrações internas, porém enfatizando as distinções entre as

⁸⁴ SCANTIMBURGO, João de. A indústria e a civilização do planalto. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 30946, 17 fev. 1957, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=nordestina&pagfis=35583 Acesso em: 13 set. 2021.

⁸⁵ ALMEIDA, Sebastião Pais de. (1912-1975). In: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro: pós 1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/almeida-sebastiao-pais-de> Acesso em: 13 set. 2021.

⁸⁶ MORAIS, Ermírio de (1900 - 1973). In: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro: pós 1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-ermirio-de-moraes> Acesso em: 13 set. 2021.

“migrações de andorinha” e as definitivas, sendo as primeiras negativas.⁸⁷

Do ponto de vista antropológico, sociológico e técnico-profissional, as imigrações estrangeiras são valiosas, por trazerem contribuição apreciável à causa da miscigenação e ao fortalecimento biológico do brasileiro. Vêm com os imigrantes, a herança do aparato cultural dos países de onde procedem e conhecimentos técnicos que ainda não têm as populações mais atrasadas dos nossos sertões. Todo esse complexo contribui para a nossa prosperidade, o nosso desenvolvimento. (SCANTIMBURGO, 1958, p. 21)

O relato segue e destaca que, no entanto, o imigrante que vem desses “países culturalmente mais adiantados”, na prática, tem apresentado um comportamento indesejável e desajustado, o que se deveria à ausência de uma política imigratória.

O colunista encerra concluindo que a ausência de uma política imigratória adequada pode ser vista nas ruas de São Paulo ao se contemplar o abandono em que vivem os nordestinos. Aponta que uma política imigratória só será possível quando a prioridade for “pensar nos brasileiros e cuidar de sua sorte, amparando-os”.

As ideias sobre a natureza das migrações internacionais e nordestinas definiam também as imagens que eram atreladas a cada uma. Se o nordestino era retratado como um “refugiado” das secas, o imigrante era visto como alguém com escolha que preferiu ir ao Brasil. Essa diferença entre as imagens evocadas por cada migrante pode ser percebida na primeira página do jornal publicado em 27/03/1958. Nela, duas fotos representam nordestinos recém-chegados a São Paulo e anuncia “ampla reportagem na última página desta edição”. O texto que legenda ambas descrevem a primeira, uma mãe de cabeça baixa com seus cinco filhos evoca sofrimento e esperança. Na segunda foto uma idosa, descrita como “castigada por outras secas” e que tem nos olhos a firmeza de quem viveu “caminhos ásperos e conhece as misérias do mundo”, é contraposta ao seu neto “rechonchudo” que segura no colo, “forte que até parece imigrante estrangeiro”.⁸⁸

Na última página da edição publicada no dia 12/04/1958, o jornal denuncia o direcionamento de verbas vindas do Governo Federal para colônias de imigrantes estrangeiros

⁸⁷ SCANTIMBURGO, João de. A justiça na política migratória. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 2, n. 31271, 13 mar. 1958, p. 21. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=41859 Acesso em: 13 set. 2021.

⁸⁸ CHEGAM a São Paulo as primeiras levas de nordestinos que a estiagem flagelou. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 31284, 27 mar. 1958, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=nordestina&pagfis=42093 Acesso em: 13 set. 2021.

no interior do País. Baseando-se nas declarações de Francisco Antônio de Toledo Piza, presidente da Cooperativa Central Agrícola de São Paulo e vice-presidente da FARESP, as informações teriam sido dadas ao Correio Paulistano. O presidente da Cooperativa destaca ao jornal as notícias que o presidente da República Juscelino Kubitschek havia autorizado ao Ministro da Fazenda a entrega de 98 milhões de cruzeiros ao presidente do Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC) para aplicação em três colonizações ocupadas por imigrantes estrangeiros. O dado, segundo Toledo Piza, teria sido reforçado pelo cônsul brasileiro Helio Antonio Scarabotolo quando dissera que o Fundo de Desenvolvimento Econômico encaminharia ainda naquele ano o valor de dois milhões de dólares para três colônias, que segundo o entrevistado são as mesmas a serem repassadas pelos INIC.⁸⁹

As referidas três colônias agrícolas estariam estabelecidas no país há mais de dez anos tendo recebido apoio financeiro e técnico dos governos dos Estados do Paraná e São Paulo, do governo Federal e dos seus governos de onde provém os imigrantes. O governo italiano teria subsidiado a colônia de Pedrinhas, no município paulista de Assis e o governo da Holanda teria enviado remeças para a colônia de Holambra, no município paulista de Mogi Mirim, e para a colônia de Castrolândia, no município paranaense de Castro.

O entrevistado destaca que dinheiro proveniente do Fundo de Desenvolvimento Econômico ou do Tesouro Nacional para estas colônias constitui numa “irreparável injustiça para a colonização nacional”. Ele destaca que tudo fica mais grave se se levar em conta que o INIC possui núcleos de colonização no norte e no sul do país com falta de recursos para aplicar suas políticas. Por fim o entrevistado pede que o presidente revise este assunto recordando que milhares de brasileiros sofrem com fome e sede ocasionadas pelas secas no Nordeste que poderiam estar sendo “beneficiados com a ampliação da colonização com elementos nacionais”.

Também foram registradas ocasiões em que os nordestinos foram comparados a povos de outros países, porém com a finalidade de se gerar afinidades. No jornal do dia 29/01/50 um artigo destaca a importância do caju para a dieta do nordestino fazendo paralelo com a importância da Tâmara para o árabe e o beduíno, inferindo-se uma comparação entre a

⁸⁹ GRAVE e irreparável injustiça contra o retirante nordestino. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 2, n. 31297, 12 abr. 1958, p. 20. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=42352 Acesso em: 13 set. 2021.

capacidade de sobrevivência desses povos em seus respectivos climas hostis e desérticos.⁹⁰

Um correspondente do jornal noticia, no dia 04/06/1959, na última página o drama de uruguaio atingidos por enchentes. Diante das inundações que atingiram a cidade uruguaia de Paso de Los Toros, os repórteres Jonas Barcelos e F. C. Henriques consideram que a “vontade indômita” daquele povo uruguaio apenas se compararia “à bravura dos nossos irmãos nordestinos” que diante da seca, bate em retirada, mas com o seu final, retornam às suas localidades.⁹¹

4.9 NORDESTINO: BOM POR QUE “AGUENTA” O TRABALHO

Durante o decênio 1950-1959 as consideradas qualidades do nordestino eram exaltadas com frequência. Luiz Tenório de Brito mantinha uma coluna frequente no *Correio Paulistano* no começo da década. Ele, pernambucano, carregava uma longa história como agente político de São Paulo. Chegou em São Paulo em 1908, aos 21 anos, tendo lutado ainda na Revolução de 1924 e na Revolução Constitucional de 1932. No *Correio Paulistano* de 04/05/1950, sua coluna comentava a visita de um conterrâneo.⁹²

Ele narra sua viagem com Coronel Antônio Japiassú, produtor de algodão em Pernambuco, para a região algodoeira do interior de São Paulo. Advoga que a melhor forma de auxiliar a migração nordestina seria não agir a respeito, deixando o migrante “em paz”. Defende que assim se conferiria maior liberdade de escolha aos migrantes, não se despovoaria nenhuma região específica do Nordeste e ainda seria possível “retemperar as fibras do homem forte”.

Em determinado momento em que cruzam juntos com um grupo de trabalhadores nordestinos, Brito comenta sobre o que considera ser a origem da força de seus conterrâneos.

⁹⁰ CAJÚ, temos caju! *Correio Paulistano*. São Paulo, v. 2, n. 28777, 29 jan. 1950, p. 11. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&pesq=Nordestino&pasta=ano%20195&pagfis=350 Acesso em: 13 set. 2021.

⁹¹ HENRIQUES, F. C. Da intrepidez de um povo nascerá dos escombros uma cidade moderna. *Correio Paulistano*. São Paulo, v. 2, n. 31649, 4 jun. 1959, p. 16. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=48806 Acesso em: 13 set. 2021.

⁹² BRITO, Luiz Tenório de. Trabalhadores nordestinos em S. Paulo. *Correio Paulistano*. São Paulo, v. 1, n. 28855, 4 mai. 1950, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=nortista&pagfis=1570 Acesso em: 13 set. 2021.

Trazendo para São Paulo a frugalidade de alimentação com que estão habituados no torrão natal, com base no feijão, no milho na mandioca, na abóbora e no leite de cabra, apresentam-se joviais e saudáveis esses homens dispostos, que, confiantes, enfrentam o futuro na terra paulista, boa e dadivosa. Deixam o seu rincão de caminhões, navegam o S. Francisco, viajam de estradas de ferro até alcançarem a capital bandeirante onde são acolhidos por autoridade competente que os encaminha aos centros agrícolas de preferência deles. (BRITTO, 1950, p. 4)

Norberto Mayer Filho, em sua coluna publicada no jornal de dia 12/08/1951, aborda a importância dos inspetores de imigração de São Paulo no sertão mineiro, entreposto da travessia de muitos migrantes. A vinda de mais inspetores é bem recebida pelos viajantes e pelas autoridades locais, pois eles fornecem meios para que os migrantes sigam sua viagem.⁹³

Ele enfatiza que “o sertanejo, homem trabalhador e bom, como todo camponês, é fundamentalmente honesto. Pode morrer de fome, mas não rouba. Mesmo quando, premido pelas circunstâncias, transgride a lei, o que aliás é raro, o sertanejo o faz com honestidade”. E segue narrando a história de um armazém invadido em que o ladrão roubou apenas mantimentos básicos e deixou uma carta se justificando e pedindo que o roubado procurasse a prefeitura para ressarcimento.

Outro ponto abordado pela coluna é a ausência de uma hospedaria para os nordestinos recém-chegados em São Paulo. Ele lembra que a tradicional Hospedaria de Imigração da rua Visconde de Parnaíba havia sido requisitada pelo “governo federal” durante a última guerra para fins militares, o que não foi revertido com o final da guerra.

Fontes (2008) destaca que, ao longo de 1950, enquanto o Nordeste virava uma “questão nacional”, muitos imigrantes se reapropriavam da ideia de “nordestinidade”, associando sua identidade regional à de trabalhadores. Em suas entrevistas era frequente a ênfase dos entrevistados na importância da mão-de-obra nordestina para a existência de São Paulo. Isso era mobilizado num discurso de enfrentamento a uma ideia que apontava o trabalhador brasileiro como obstáculo ao progresso e que, segundo Weinstein (2000), entre 1940 e 1950 era difundida por industriais, gerentes e técnicos de instituições como o Sesi e o Senai. O despreparo desses trabalhadores era apontado como o impeditivo de um país mais desenvolvido. Em contraposição a esse discurso, os migrantes enfatizavam o poder da sua força de vontade e persistência para o progresso identificado em São Paulo.

Um evento que durou do final de 1951 ao começo de 1952 atraiu as manchetes do

⁹³ MAYER FILHO, Norberto. Moço, me dá um passe prá São Paulo? **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 2, n. 29246, 12 ago. 1951, p. 16. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=7424 Acesso em: 13 set. 2021.

Correio Paulistano e de outros jornais: a saga de cinco jangadeiros cearenses que, a bordo da jangada “Nossa Senhora da Assunção” realizavam a viagem por mar de Fortaleza até Porto Alegre a fim de demandar ao Presidente Getúlio Vargas a inclusão de seu ofício nas leis trabalhistas, como foi noticiado no jornal do dia 18/12/1951.⁹⁴

No jornal do dia 09/01/1952, “RIB”, que assina a coluna “Vida Social”, aborda a saga dos “intrépidos e paupérrimos” pescadores que usam “o mais primitivo processo de navegação, que é a jangada”. Cita que para sobreviver como pescadores eles demonstram diariamente a “mais eloquente demonstração de fibra rija e do espírito estoico de uma raça de verdadeiros heróis”. “Gente simples e boa” que não muda sua fonte de renda, segundo o autor, por falta de opção. Ao final, exalta a nobreza desses jangadeiros e equipara sua bravura e esperança a de todo o povo brasileiro.⁹⁵

O feito dos jangadeiros e a atenção subsequente atrai outros aventureiros dispostos a estar sob holofotes. Na edição do dia 22/05/1953, remadores, provavelmente potiguares, enfrentam um percurso de 95 dias no trajeto entre Natal até o Rio de Janeiro. Ao final do percurso, foram recebidos por uma banda do Corpo de Bombeiros. Questionados sobre a finalidade do “raide”, disse um deles que o grupo de cinco visava apenas demonstrar a fibra do homem nordestino.⁹⁶

A coluna “Tabloide”, escrita por Mauricio Loureiro Gama e publicada no jornal de 15/07/1959, dá espaço para a carta de um solidário padre Joaquim Simões, de Araruna, no interior da Paraíba. A carta inicia com o padre fazendo menção à própria coragem, pois o nordestino “tem coragem de mamar em onça”.⁹⁷

⁹⁴ CHEGARAM ao Rio de Janeiro os denodados jangadeiros cearenses. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 29353, 18 dez. 1951, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=9104 Acesso em: 13 set. 2021.

⁹⁵ VIDA social: jangadeiros. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 29370, 9 jan. 1952, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=9363 Acesso em: 13 set. 2021.

⁹⁶ COMPLETARAM o raide Natal-Rio os remadores potiguares. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 29789, 22 mai. 1953, p. 10. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=16027 Acesso em: 13 set. 2021.

⁹⁷ GAMA, Maurício Loureiro. Mercado de gado humano em Goiânia: solteiros, 900 cruzeiros; casados 1.600 – mercadoria: nordestinos. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 31684, 15 jul. 1959. Coluna Tabloide *Ridendo Castigat Mores*, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=49445 Acesso em: 13 set. 2021.

4.10 O PERIGO PELO CRIME, PELA FOME E PELA REVOLUÇÃO

A imagem do nordestino, sobretudo do homem, tendia a ser vinculada às notícias que abordavam crimes ou agressões. Um estereótipo muito disseminado na época era o do nordestino agressivo. Os migrantes do sexo masculino eram comumente relacionados a uma irracional propensão à violência. Principalmente depois da década de 1950, essa representação passou a ser cada vez mais disseminada e explorada pela imprensa sensacionalista se configurando quase em um senso comum entre os moradores da cidade. A justificativa para essa representação se baseava na ideia de que se tratava de uma herança do ambiente hostil e agressivo do Nordeste, onde esses homens haviam sido criados. Essa imagem era facilmente vinculada ao estereótipo do cangaceiro. A “peixeira” se tornou um símbolo importante na construção desse estereótipo. Se, no campo ela não passava de um instrumento trivial entre tantos necessários às tarefas cotidianas, na cidade ela tomava contornos ameaçadores, se tornando um símbolo da periculosidade daqueles migrantes. Desta forma ela ganhou, em várias ocasiões, destaque nas manchetes sensacionalistas dos jornais. Essa vinculação se refletia também na produção artística da época, como na composição de 1960 “Tiro ao Álvaro”, autoria de Adoniran Barbosa e Oswaldo Moles, em que “teu olhar mata mais” do “que peixeira de baiano” (FONTES, 2008).

Um exemplo é a notícia do Correio Paulistano do dia 01/06/1950. Na página de ocorrências policiais se lamenta um fiscal de renda ter sido morto a golpe de punhal. Uma “brutal cena de sangue”, é anunciado, envolveu o funcionário da secretaria da Fazenda, Carlos Venturi, de 44 anos e origem não mencionada, com um motorista profissional conhecido como “Nortista”. Segundo o jornal, o desentendimento entre uma vaga para carros quase foi dissolvido, mas “Nortista” seguiu provocando o fiscal o que deu início a um novo conflito que terminou com a fuga do motorista após golpe de “faca-punhal” no fiscal. Apenas ao final da notícia se menciona o nome do foragido como José Francisco de Paula.⁹⁸

Uma nota publicada no jornal do dia 14/03/1952 dá destaque ao drama de Walter Dantas que denuncia estar sendo seguido por um indivíduo barbado com sotaque nordestino. Afirma ao delegado que “desconfia tratar-se de um assassino profissional, contratado para

⁹⁸ MATOU o fiscal de renda com um golpe de punhal. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 28879, 1jun. 1950, p. 8. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=nortista&pagfis=1957 Acesso em: 13 set. 2021.

eliminá-lo”.⁹⁹

No *Correio Paulistano* do dia 15/09/1955, J.J., em sua coluna “Janela indiscreta”, relata o assalto ocorrido com um jornalista. O relato descreve que este, chamado, Edwino Trielli, voltava para casa nos arredores do Pacaembu quando foi surpreendido por uma “voz com sotaque nortista” lhe pedindo fogo para só em seguida anunciar o assalto.¹⁰⁰

Na última página da edição do dia 07/10/1955, Motorista chamado Karli Lichy sofre tentativa de latrocínio por um “jovem, alto, de sotaque nortista, que embarcou no seu carro”.¹⁰¹

Em suas entrevistas com migrantes, moradores e trabalhadores não-nordestinos no bairro de São Miguel Paulista, Fontes (2008) aponta que essa caracterização dos homens nordestinos como perigosos tomou contornos de fato social, sendo evocados com constância. Os relatos também essencializam determinadas características atribuídas aos migrantes como ser “temperamental”, “pavio curto” e “nervosos” (FONTES, 2008). Sendo a violência tratada como uma característica natural dos migrantes, muitos a vinculavam com um “atraso” e “vida rústica” que seria próprio do Nordeste. As tentativas de entender as características atribuídas aos homens nordestinos passavam pela ideia de Nordeste como terra atrasada e arcaica, presa em um tempo distinto do vivenciado por paulistas nos anos de 1950. O discurso racista articulado publicamente era o de “estágios da civilização” (WEINSTEIN, 2006), que, embora ainda não fosse visto como racista àquela época, essencializava no homem nordestino características que seriam derivadas de seu pertencimento a outra temporalidade. Mesmo quando o argumento indicava que estas características não seriam próprias do homem nordestino, mas que surgiriam como resultado do choque civilizacional deste com um centro urbano como São Paulo, o argumento se vale do discurso racista já muito presente nos portavozes paulistas do conflito de 1932.

A atribuição destas características que poderiam estigmatizar o homem nordestino

⁹⁹ SENTEM-SE ameaçados o filho de José Dantas e o delegado de polícia. *Correio Paulistano*. São Paulo, v. 1, n. 29425, 14 mar. 1952, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=10136 Acesso em: 13 set. 2021.

¹⁰⁰ J. J. Janela indiscreta. *Correio Paulistano*. São Paulo, v. 1, n. 30504, 15 set. 1955, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=nortista&pagfis=27821 Acesso em: 13 set. 2021.

¹⁰¹ LADRÕES tentaram matar um motorista de praça. *Correio Paulistano*. São Paulo, v. 2, n. 30523, 7 out. 1955, p. 16. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=nortista&pagfis=28153 Acesso em: 13 set. 2021.

como um potencial criminoso, por outro lado, era reapropriado pelos próprios migrantes como um elemento empoderador. Paulo Fontes (2008) traz relatos que atestam que esse estereótipo não era reproduzido apenas por não-nordestinos, mas também pelos próprios migrantes do Nordeste. Enquanto que eram raros os crimes de assaltos, os trabalhadores entrevistados destacaram as brigas de bar como um importante gatilho da violência sentida no bairro de São Miguel Paulista. Apesar de pautar uma certa propensão à violência dos homens nordestinos, os relatos expostos por Fontes tendem a responsabilizar principalmente a existência de bares e a bebida pelas confusões. Se Fontes aponta que a maior parte dos migrantes condenava a violência, a valentia, por outro lado, era um atributo muito valorizado pelos nordestinos em São Paulo. A valentia e a coragem compunham um senso de masculinidade de muitos migrantes em São Miguel. A figura do “cabra macho”, aquele que impõem respeito entre seus pares era largamente cultivada. A imagem do cangaceiro também passava por uma reapropriação pelos nordestinos como símbolo de masculinidade que refletia coragem e bravura. A própria ideia de que a peixeira implicava num contato físico e exigisse habilidade para ser manuseada, se apresentava com nobreza diante da covardia que seria usar uma arma de fogo num embate. Reagir de forma violenta a qualquer tipo de agressão podia implicar numa questão de honra: reforçava a autoestima e demarcava uma diferenciação valorativa em relação aos “sulistas” (FONTES, 2008). Existe aqui, talvez, um fenômeno em que, se por um lado reafirma uma construção negativa sobre o nordestino que o vincula ao atraso e à animalidade, por outro, reforça a masculinidade do indivíduo.

Essa racialização do homem nordestino passou a ser sentida em outras esferas de convivência dos migrantes com a sociedade paulistana. Muitos alegavam ser discriminados na hora de acessar serviços triviais, como abrir crédito na compra de um produto. A ideia de que os nordestinos eram pagadores inadimplentes se baseava em boatos que narravam histórias de trabalhadores que fugiam para as suas terras sem cumprir acordos e deveres, deixando suas dívidas para trás (FONTES, 2008).

Se os relatos de crimes retratavam em sua maioria a ação individual de migrantes podendo gerar nos paulistas algum receio diante da convivência com homens nordestinos, notícias de saques de famintos nos sertões do Nordeste geravam um medo voltado para a coletividade de migrantes. É noticiado na edição do dia 22/02/1953 que o ministro da Agricultura João Cleofas segue sua visita pelos Estados nordestinos, reportando suas tristes constatações ante a pobreza da população ao presidente da República. Os impactos da seca são narrados de uma perspectiva que desperta compaixão, num primeiro momento, mas evolui até um tom ameaçador, quando passa a relatar os “inúmeros casos de invasão de cidades por

bandos de esfomeados. A visita do ministro é seguida por duas notícias. A primeira, sobre Campina Grande, aponta uma “invasão” da cidade por “uma legião de flagelados famintos” demandando ações como providenciar abrigo para eles. As notícias advindas de Sobral são ainda mais alarmantes pois aponta que “trezentos homens armados pretendem invadir a cidade” como efeito direto da fome que assola a região.¹⁰²

Dos dias 14 até 28 de fevereiro de 1953 foi publicada uma série de reportagens sobre “os flagelados” da seca e sua viagem e chegada ao Sudeste. As notícias se estendem por março e destacam também os ataques de grupos de “flagelados” a estoques, cooperativas de gêneros alimentícios, mercearias e galpões. “Atos de violência” em nome da fome são destacados.

Esse medo da massa nordestina famélica dialogava com outros temores que pairavam sobre a década de 1950. Já num contexto de Guerra Fria, a União Soviética e a ameaça comunista eram temas recorrentes nos jornais da época. Atrelado ao medo de revolta decorrente do impacto da fome e do abandono sobre a região Nordeste se desenvolve um receio de que, ressentidos por uma possível negligência da nação, os nordestinos pudessem se engajar com a Rússia comunista. O risco de que uma insurgência social pudesse brotar no seio da miséria como consequência do descaso com a região era frequentemente lembrado por deputados da época em tom de ameaça ante a possibilidade de redução das verbas de combate à seca.

Anunciado como uma coluna especial na edição de 16/09/1955, Eudocio Ravines descreve o que seria uma sequência de etapas definidas por Moscou para invasão e dominação do Brasil. O quinto passo retrata o Nordeste como um “ponto fraco” dado o abandono de que sofreria a região.¹⁰³

[...] 5 – A direção do golpe estratégico fundamental deveria ser descarregada na região mais abandonada e mais pobre do Brasil, promovendo como ideologia a luta por independência e a ação separatista do Brasil, criando, por meio da propaganda, um “nacionalismo nordestino e antibrasileiro”. A ação devia abarcar a região amazônica inteira, desde o Atlântico até Iquitos, no Peru. (RAVINES, 1955, p. 4)

¹⁰² SOMBRIA a perspectiva para o Nordeste com a extensão do flagelo da seca. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 29716, 22 fev. 1953, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=14835 Acesso em: 13 set. 2021.

¹⁰³ RAVINES, Eudocio. As resoluções do Comintern sobre o Brasil. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 30505, 16 set. 1955, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=27836 Acesso em: 13 set. 2021.

Segundo o autor, a intenção seria suprir parte dos movimentos revoltosos com um submarino soviético que o faria adentrando no Brasil através do rio Amazonas. Esse medo passa até mesmo a ser instrumentalizado para agregar mais verbas para a região, como documentado no jornal de 26/04/1956. Na Câmara Federal, Milton Brandão lamenta as dificuldades que vive o povo nordestino com o corte de verbas que seriam destinadas à construção de açudes. Ele alerta para seu receio de que, seguindo assim, recorra o povo nordestino à uma “revolução social”.¹⁰⁴ Esse medo sobre o nordestino e seu inflamável potencial revolucionário tinha relação não só com uma visão disseminada do Nordeste como “o filho maltratado” da nação, mas também com uma relação construída desde o final da Segunda Guerra Mundial e principalmente ao longo da década de 1950 entre o migrante nordestino e movimentos operários.

Paulo Fontes, ao estudar a organização dos trabalhadores da Nitro Química no bairro de São Miguel Paulista, conhecido reduto de migrantes nordestinos, exemplifica como os migrantes nordestinos passaram a desenvolver uma forte relação com temas e símbolos de entidades de trabalhadores próximas a organizações comunistas.

Esse senso comunitário em São Miguel imbricou-se com a criação, tensa e relacional, de uma identidade nordestina por parte dos imigrantes. No específico contexto dos anos 1950 em que a “questão nordestina” ganhava forma, os migrantes exerceram um papel fundamental nesse processo. Essa identidade “nordestina”, criada e recriada em São Paulo, articulou-se, por sua vez, a uma identidade de trabalhadores, o que abriu espaço para um forte sentimento classista entre muitos migrantes. (FONTES, 2008, p. 317)

No jornal do dia 02/09/1957, Francisco Silva Jr. comenta o caso do nordestino que apunhalou com sua peixeira um pacato cidadão no Aeroporto Santos Dumont. Alegando não diferenciar por critério de classe social, o autor se refere a “uma mentalidade que nos parece bastante estranha” em casos parecidos com este. Traz um outro exemplo ocorrido no “elegante salão de Copacabana” onde descreve um paraibano se gabar de seu irmão já ter matado uns quinze nos “sertões do Nordeste”.¹⁰⁵

¹⁰⁴ COMISSÃO de inquérito para apurar a traficância cambial. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 30694, 25 abr. 1956, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=31050 Acesso em: 13 set. 2021.

¹⁰⁵ SILVA JÚNIOR, Francisco. Um problema delicado. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 31085, 2 ago. 1957, p. 6. Disponível em:

Aqui em São Paulo, a crônica policial vem relatando com assustadora frequência as mais estúpidas agressões quase sempre provocadas por esses estranhos forasteiros, sempre cheios de brios e de recalques. Quem de nós não terá tido algum conhecido ou amigo agredido ou estupidamente assassinado em consequência de uma simples advertência merecida? E quantos patrões paulistanos já não foram para o hospital ou para o necrotério por terem chamado à ordem um desses desajustados? Para o sociólogo curioso, sugira-se um exame das estatísticas do Hospital das Clínicas ou dos presídios do Estado. (SILVA JUNIOR, 1957, p. 6)

Na sequência, ele imputa ao governo federal a necessidade de que lhe cabe “medidas preventivas na fonte”. Ele pontua que os paulistas devem ter coragem de denunciar a situação e que recorrer a discursos de “fraternidade” seria disfarçá-la e ao mesmo tempo fomentar o preconceito já existente contra os nordestinos.

Reconheça-se que o infeliz retirante vem de um deserto de leis e de convenções sociais. É pouco mais do que o selvícola que ignora os mandamentos de Deus e do Homem. Transportado como gado para a nossa cidade grande, é largado entre nós sem qualquer orientação para a vida em tão estranho meio. (SILVA JUNIOR, 1957, p. 6)

Ele segue frisando que tudo na cidade de São Paulo é hostil ao migrante nordestino, a começar pelo clima que, com o frio, o castiga. A busca por trabalho seria um “drama” pois a mulher como doméstica não conhece os aparatos tecnológicos presentes nas cozinhas da cidade e nem tem condições de ser babá de crianças ou animais domésticos por desconhecer noções básicas de higiene. Os homens, reconhecendo não saber dominar máquinas, se limitariam apenas a tarefas braçais sem poder se desenvolver intelectualmente.

Quando muito, é aceito nas células suburbanas dos doutrinadores vermelhos, levado pelo recalque da inferioridade. O problema está exposto. Com as frases feitas do falso nacionalismo é que não vamos tornar o nordestino mais feliz e mais assimilável. De portas abertas, mas de braços fechados, só poderemos gravar essa situação nos nossos hospitais, nos nossos asilos e nas nossas cadeias. (SILVA JUNIOR, 1957, p. 6)

Em seguida Silva Jr. sugere pressão para que as autoridades empreendam um sistema seletivo visando triar, por meio de seu preparo físico e mental, os nordestinos que chegam “desordenadamente” em São Paulo. Ele também sugere que estes migrantes devam passar por aulas práticas que lhes permitam ser úteis à São Paulo assim que chegam. Ao final

ele indica que o clima temperado explica a inadequação do nordestino, diferentemente de outros migrantes.

O imigrante japonês, italiano, escandinavo ou árabe deve sentir-se muito mais à vontade em São Paulo, do que esses nossos irmãos desajustados, trinta por cento dos quais estão voltando para o Norte por não conseguirem assimilar-se. (SILVA JUNIOR, 1957, p. 6)

Majoritariamente, quando noticiado o envolvimento de um nordestino em algum ato de violência, a representação descreve um arrombo impensado, uma agressão quase instintiva sob nenhum planejamento. Uma das poucas exceções aconteceu no jornal publicado no dia 08/08/1958, em que se noticia que um motorista profissional que atuava na ilegalidade transportando migrantes nordestinos da Estação Roosevelt até a Estação da Luz sofre o que o jornal define como “o feitiço virou contra o feiticeiro”, sendo o motorista lesado por “um passageiro de sotaque nordestino” que lhe pagou a corrida com uma nota falsa de 500 cruzeiros e ainda recebeu troco.¹⁰⁶

4.11 NORDESTINOS: O PROBLEMA OU A SOLUÇÃO?

Travou-se no jornal durante o período estudado, embates que divergiam sobre a necessidade ou não da presença nordestina no estado de São Paulo. Para alguns, a presença destes migrantes se configurava em um gerador de problemas sociais para o Estado e para a Cidade. Para outros, a vinda destes migrantes era oportuna e benéfica para a economia de São Paulo. Estes debates coabitavam com caracterizações por vezes contraditórias. O nordestino podia ser agressivo e manso ao mesmo tempo. Resignado e revoltoso; produtivo e economicamente nulo; problema e solução.

Durante a década de 1950-1959 o jornal *Correio Paulistano* veiculou notícias e textos de opinião em que há uma identificação muito forte entre a migração nordestina e a pobreza. Pensar em nordestinos era pensar em pobreza e pensar pobreza era, além de outras coisas, também pensar em nordestinos. Diante deste quadro, o estado é pressionado a dar respostas em forma de políticas públicas. As sugeridas pelos agentes públicos e privados são as mais diversas. Desde reprimir os paus-de-arara que traziam os migrantes, passando por

¹⁰⁶ FEITIÇO contra o feiticeiro. **Correio Paulistano**. São Paulo, v. 1, n. 31397, 8 ago. 1958, p. 9. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=Nordestino&pagfis=44276 Acesso em: 13 set. 2021.

uma assistência adequada aos que chegavam a São Paulo até a defesa de um projeto de industrialização e reforma agrária para o Nordeste, o discurso corrente reafirmava a ideia do nordestino como vítima da seca e alguém sempre dependente da ajuda estatal.

Sendo caracterizado frequentemente como miserável e dependente do estado para sobreviver, falar em Nordeste e nordestino era evocar sentimentos de um problema ainda não resolvido. Como resolver o “problema Nordeste” era uma pauta constantemente evocada pelo jornal naquela época. Resultado dessa relação é a indicação de que a presença nordestina estaria pondo em risco a própria estrutura da cidade de São Paulo, seja pela ocupação desta de forma “desordenada”, seja pelo elemento que a ocupa. À migração nordestina é atrelada uma série de adjetivos como “atrasada”, “primitiva”, de “baixo nível cultural e técnico”, “economicamente nula” e “sem higiene”.

A miséria retratada nos migrantes com frequência desemboca em discursos de “risco sanitário”. Estes discursos elegiam com frequência a migração nordestina como causa de surtos endêmicos que com frequência atingiam a cidade, mesmo que especialistas negassem essa relação. Nos jornais, os migrantes eram “sujos” e sua permanência na cidade era “desordenada”: eram tão pobres e “sem educação” que se sujeitavam a viver em lugares inadequados, pondo em risco os demais cidadãos da cidade. Várias reportagens, principalmente as especiais de natal que consistiam em visitas a alguma favela paulistana, reforçam uma identificação da pobreza com a migração nordestina. Frequentemente a grande maioria das pessoas entrevistadas eram “nortistas”. Essa identificação da migração nordestina com a extrema pobreza também vai intensificar uma sensação de que os nordestinos representam um risco sanitário aos paulistas. Apesar das revoltantes condições a que se viam submetidos, os nordestinos eram vistos como uma migração passiva ao flagelo social a que estavam submetidos.

Elementos a reforçar a caracterização do nordestino como “passivo” são sugeridos em passagens que destacam a desigualdade social no Nordeste como um resultado da corrupção, portanto, cabe destacar, um lugar visto por muitos como estéril ao investimento do estado. A região era descrita com frequência como um lugar em que havia uma grande maioria de miseráveis a rodear os pouquíssimos muito ricos. Essas descrições são com frequência acompanhadas com juízos de valor que exclamam sobre o quão revoltante é a distribuição de riquezas na referida região, ao mesmo tempo em que o nordestino é retratado como resignado e conformado com o próprio destino. Está presente nestes discursos uma construção que intenciona culpabilizar os nordestinos pobres pela sua própria desgraça. Um fenômeno observado com frequência nos textos a descrever as situações desumanas a que os

migrantes podiam ser submetidos era o paralelo que se fazia com animais. A frequente animalização dos nordestinos nas descrições sobre as condições sanitárias em que os migrantes viajavam se por um lado podia ser um recurso a gerar empatia e solidariedade no público leitor, também reforçava a imagem de que os migrantes adotavam uma postura de resignação e tolerância com tratamentos que não deveriam ser admitidos.

Embora pareça contraditório, enquanto era caracterizado como passivo e submisso, o nordestino homem era frequentemente retratado como um potencial agressor e a massa faminta como um barril de pólvora prestes a explodir. Os casos de violência urbana envolvendo nordestinos que eram constantemente noticiados pelos jornais atribuem características negativas aos migrantes homens como temperamentais, “pavio curto” e nervosos. Essas características eram atribuídas à vida “rústica” e “atrasada” que os nordestinos levavam em seu rincão natal. Este estereótipo encontrava acolhida entre os próprios migrantes que enxergavam na “valentia” uma qualidade digna de admiração no universo masculino e que demarcava uma diferenciação valorativa diante dos “sulistas”.

Se o medo de homens nordestinos individualmente encontra explicações que fazem menção aos “estágios da civilização” (WEINSTEIN, 2006), na medida em que o medo transborda para um elemento mais coletivo como o evocado nos saques a armazéns no Nordeste, se faz referência a justificativas sócio-históricas, como a miséria e a falta de investimento nacional. Esse medo da coletividade encontrava eco nas ameaças constantes reproduzidas de deputados inconformados com as reduções de repasses para a Região, na identificação que se fazia do Nordeste como um potencial lugar de revolução comunista e no envolvimento de muitos nordestinos em São Paulo com a luta sindical (FONTES, 2008).

O discurso racista de “estágios da civilização” também era muito reproduzido quando se pretendia criticar a estrutura rural e latifundiária presente no Nordeste. Os senhores de terras eram chamados de senhores feudais em tom pejorativo e identificados como um símbolo de atraso da Região. Apesar da presença de grandes senhores de terras também no Sudeste e no Sul, o mesmo discurso nestas regiões não foi verificado.

Com frequência o nordestino era comparado com outros contingentes populacionais. Mais do que comparações com os nativos de São Paulo, com os nordestinos eram estabelecidos paralelos frequentes com a migração europeia, em especial, a italiana. O nordestino é frequentemente descrito como um migrante que não fixa raízes e que por isso se trata de uma migração menos interessante aos destinos escolhidos por eles. Em alguns momentos se reconhece que uma parte desses migrantes se fixa no Estado ou na Cidade a fim de “construir São Paulo”, mas quase nunca se deixa de destacar a parcela dos que vêm,

acumulam alguma riqueza e retornam à cidade natal.

Durante a década um discurso saudosista que reflete esperanças de que novas levas de imigrantes europeus cheguem ao Brasil se alterna com discursos conformados de que não teremos mais levas tão grandes quanto antes de imigrantes italianos. Não raramente são opiniões que trazem embutidas ideias de que nosso clima, sistema de trabalho e alimentação não seriam apropriados para estes imigrantes, diferente da migração nordestina, com corpos nativos e resistentes, características que tomam contornos de elogio à mão-de-obra migrante. As qualidades evocadas sobre os nordestinos descavam sua honestidade, humildade, resignação, postura estoica, resistência, corpo rijo e fibra.

Outras opiniões presentes no jornal denunciavam constantemente a diferença de tratamento das instâncias públicas dispensado aos migrantes nacionais e aos internacionais, destacando-se que a preferência deveria ser dada aos nordestinos, quando na realidade acontecia o inverso.

Cabeça-chata foi um elemento recorrente nas descrições físicas dos migrantes nordestinos, cabendo destacar que também muito frequente era a menção à cor da pele. Recorrências a elementos físicos aos quais se infere que o leitor saiba do que se está falando eram comuns. Com a polêmica de 1955 sobre o “preconceito de raça” sobre nordestinos em empresas e fábricas que se negavam a contratá-los, tem-se a impressão de que as ditas características não são mais tão rememoradas e reproduzidas nos textos do jornal como antes.

É nesse momento que sistemas de justificação sobre o “preconceito” denunciado também ganham espaço no jornal. Se alguns minimizam a existência deste preconceito como um fenômeno excepcional e isolado, outros o negam totalmente e atribuem tudo a um mal-entendido dos migrantes, já que sugerem a possibilidade de que eles tenham sido julgados pela sua baixa escolaridade e não por serem nordestinos. Ainda na intenção de rebater as denúncias sobre situações de preconceito vivenciadas por nordestinos em São Paulo, com frequência os migrantes são elogiados por serem “rijos e incansáveis”, “resistentes”, “acostumados ao sofrimento” e, por isso, “fatalistas”.

Miseráveis, vítimas, dependentes, desordeiros, atrasados, primitivos, sem cultura, sem educação, economicamente nulos, sem higiene, sujos, doentes, passivos, submissos, agressivos, explosivos, temperamentais, nervosos, valentes, honestos, humildes, resignados, estoicos, resistentes, cabeças-chata, morenos, incansáveis e fatalistas. Muitas foram as descrições e características atribuídas aos migrantes nordestinos no jornal *Correio Paulistano* durante a década de 1950. Entendendo que estes elementos eram os mais frequentemente articulados pelos jornais, é importante lembrar que a sociedade não absorve determinadas

construções se em seu seio não houver predisposição para este processo. Dentro do vocabulário racializador presente nos discursos dos jornais, que elementos foram de fato sentidos pelos nordestinos nesse processo como componentes de uma essencialização negativa? Como é sentido o processo de racialização no contexto paulista pelos migrantes nordestinos? Que consequências foram sentidas em suas vidas? O que suas experiências nos indicam sobre os elementos racializadores assimilados com os jornais pela sociedade paulista? É tentando responder a estas questões que o próximo capítulo se volta para entrevistas com nordestinos em São Paulo.

5 MIGRANTES NORDESTINOS EM SÃO PAULO: RELATOS DE INSERÇÃO E EXCLUSÃO

Nesta seção faz-se uma análise, à luz da bibliografia e das observações anteriores, de entrevistas realizadas com nordestinos a fim de entender os impactos da racialização vivenciada em São Paulo sobre suas trajetórias. A partir do tratamento dos dados destas entrevistas, tento entender como estes sujeitos sentem o processo de racialização, sobre em que medida isso foi sentido como um fator limitante ou vexatório, que vias de fuga ou estratégias foram utilizadas para tentar burlar ou ressignificar os efeitos dessa racialização sobre suas vivências e busco identificar que elementos presentes nos relatos dialogam com as construções presentes na bibliografia e nos discursos dos jornais na década de 50.

No capítulo anterior pautamos sobre como o discurso a respeito dos migrantes nordestinos nos jornais da década de 50 do século XX reproduziam elementos de um processo de racialização sobre os nordestinos. Entendendo que as categorias mobilizadas no discurso público impactam a vida dos migrantes nordestinos numa faixa de tempo que excede o momento de sua publicação, as vivências aqui relatadas compreendem migrantes que chegaram em São Paulo entre 1951 e o 1978. As entrevistas foram feitas durante estadia no estado de São Paulo sendo realizadas entre as datas 03/11/2018 e 21/11/2018. O acesso aos entrevistados aconteceu por meio de contatos repassados por amigos e conhecidos e por meio de abordagens feitas de maneira casual nas regiões visitadas. Depois de estabelecido o primeiro contato, caso o entrevistado conhecesse mais alguém que se encaixasse no perfil desejado, a pessoa era contatada e sondada sobre poder dar uma entrevista. Na cidade de São Paulo as entrevistas aconteceram nos bairros Bela Vista, Tucuruvi, São Miguel Paulista e Tatuapé. Além da cidade de São Paulo, também foram colhidas entrevistas em cidades que dão continuidade à periferia da capital paulista, no caso, Guarulhos no bairro dos Pimentas, em Taboão da Serra no bairro Jardim Santo Onofre e em Diadema no bairro Vila Nogueira.

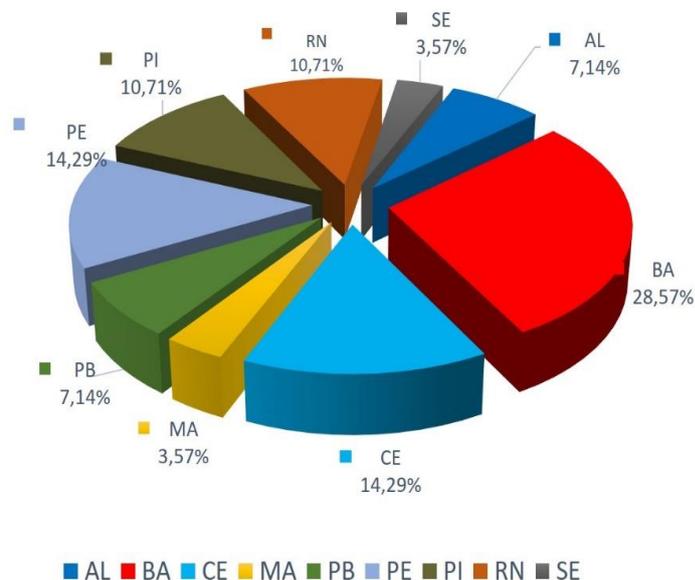
As entrevistas semiestruturadas registraram recortes como a autodeclaração racial, idade, gênero, escolaridade, ano de chegada e Estado de procedência. Foram entrevistados um total de 28 migrantes; destes, 17 mulheres e 11 homens. Quando vieram a São Paulo, suas idades variavam de 9 a 25 anos. Todos os estados nordestinos foram representados no grupo de entrevistados, embora a representatividade estadual não tenha sido perseguida como meta. Representando a Bahia foram 8 pessoas; Ceará e Pernambuco foram ambos representados por 4 pessoas cada; Rio Grande do Norte e Piauí foram representados por 3 pessoas cada; Alagoas e Paraíba foram representados por 2; Maranhão e Sergipe foram representados por um

entrevistado cada. A transcrição deste material resultou num documento de 469 páginas.

Gráfico 13 – Esquema representativo de entrevistados por estado do Nordeste



Números de Entrevistados por Estado



Fonte: Coleta de dados da pesquisa

A entrevista semiestruturada guiou-se pela busca de informações consideradas importantes para entender os motivos que levaram os entrevistados a migrar; seus contextos de vida na chegada a São Paulo; os empregos e ocupações em que eles se engajaram; seus sentimentos sobre a cidade e sobre os paulistanos numa perspectiva comparada com o contexto social de suas terras natais; que conflitos já foram vividos e qual a natureza destes; como eles reconhecem outros nordestinos; que situações de discriminação foram vividas e em que contexto elas ocorreram; de que termos pejorativos eles já haviam sido chamados e que sentimentos foram vivenciados nessas situações de preconceito.

Para tentar entender a centralidade dessas vivências de discriminação na vida dos nordestinos, outros temas foram tratados sem que antes se pautasse temas como racismo, discriminação e preconceito. Desta forma se esperou que a manifestação a respeito dessas situações surgisse antes de que o tema fosse apresentado na entrevista, o que ocorreu em diferentes momentos. O cuidado para não enviesar as respostas dos entrevistados norteou a

disposição das perguntas e temas da entrevista, sendo levantados antes temas mais gerais sobre a vida dos nordestinos, seguidos por temas que pudessem evocar lembranças de desavenças em seu cotidiano e por fim questões relacionadas a situações de discriminação. Como um funil, primeiro se abordava assuntos mais abertos, que davam a possibilidade ao entrevistado de trazer os aspectos de sua vida considerados mais importantes em sua vivência como migrante até a conversa convergir para situações de racialização, primeiro tangencialmente, depois sendo pautadas pelo entrevistador.

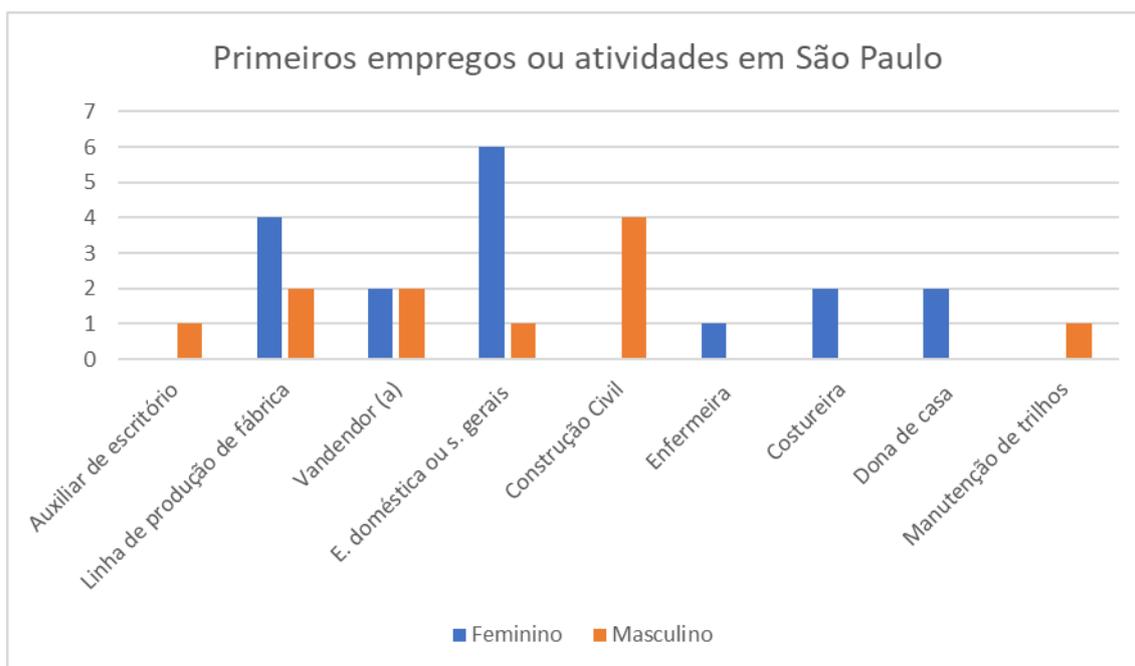
Desta forma, as primeiras questões giraram em torno de temas como a vinda a São Paulo, o mercado de trabalho, o que mais gostou e o que mais gosta em São Paulo, que atividades eram consideradas como lazer, se muitas amizades foram consolidadas, como eram estes círculos de amizade etc. Na sequência, questões que abordavam de forma aberta se a situação do nordestino em São Paulo melhorou ou piorou possibilitava que o entrevistado fizesse análises complexas sobre sua vida e a dos demais nordestinos. Esta pergunta pode indicar que elementos e mudanças foram importantes para ele como indivíduo e coletividade. Depois, num terceiro momento, perguntas que pudessem acessar sentimentos mais negativos eram apresentadas, como a que questionava as dificuldades vividas em São Paulo, impressões de se estar sendo prejudicado e dificuldades vividas por amigos nordestinos. O quarto momento da entrevista pode ser descrito como uma sondagem sobre o que o entrevistado pensa sobre o nordestino. Para isso, foi perguntado se o entrevistado era capaz de reconhecer outros nordestinos e como, que qualidades o entrevistado acredita serem próprias do nordestino e quais as diferenças gerais ele enxergava entre nordestinos e paulistas. Num quinto momento, se perguntava a respeito de situações vivenciadas de preconceito ou discriminação. Sabendo-se que tende a ser é mais fácil narrar a um desconhecido como o entrevistador situações desagradáveis vividas por terceiros do que situações vividas em primeira pessoa, antes era perguntado se algum amigo ou conhecido já havia sido alvo de preconceito para só depois perguntar se o entrevistado já tinha vivido algo similar. Em seguida, o entrevistado era questionado se já havia escutado palavras como “baiano” e “baianada”, se sim, em quais contextos e se considerava estas palavras ofensivas. Ao final, dados como escolaridade, raça-cor e idade encerravam a entrevista.

É importante destacar que esta ordem nem sempre era seguida rigidamente, sendo flexível às temáticas trazidas e narradas pelos entrevistados, com exceção da pergunta sobre termos em geral tratados como pejorativos (baiano, baiana e baianada) que vinha sempre subsequente à pergunta sobre vivência de situações de preconceito, disposição que tomou um contorno de “pergunta armadilha”, uma vez que muitos negavam a vivência de situações de

racismo. É importante enfatizar que os termos “preconceito” e “discriminação” empregados nesta pergunta não correspondem a conceitos analíticos, mas a conceitos nativos usados frequentemente para mencionar, principalmente, situações de racismo. Como consequência de uma condução de entrevista que não primava por uma cadência de perguntas sobre as disposições de expressão dos entrevistados, alguns migrantes não responderam a algumas das perguntas previamente estabelecidas o que faz com que alguns dados não compreendam o número total de 28 entrevistados.

A organização de uma “pergunta armadilha” possibilitou entender que os entrevistados não viam as situações de discriminação narradas como situações desta natureza, sendo vistas como brincadeiras desagradáveis ou práticas de pessoas ruins, neste caso sendo apontadas como um problema moral, próprio das relações interpessoais e de âmbito particular dos agentes envolvidos. Desta forma, termos pejorativos contra nordestinos tendem, em sua maioria, a não ser identificados como manifestações de preconceito ou discriminação com a mesma carga semântica com que estas questões são identificadas em relação ao racismo antinegro, por exemplo. Percebe-se uma tendência de enxergar estas situações não como sintomas de uma estrutura coletiva, mas como questões individuais.

As razões que motivaram a migração com frequência indicam a ausência de empregos na terra natal como principal motor. Perguntados sobre o que eles mais gostaram ao chegar em São Paulo, 70,83% dos entrevistados indicaram elementos diretamente relacionados ao emprego e à ascensão social. Questionados sobre o que mais gostam atualmente em São Paulo, 42,10% dos que responderam a esta questão indicaram o mesmo grupo de palavras relacionadas à emprego e poder de compra. Em sua maioria, os entrevistados já contavam com conhecidos ou parentes morando em São Paulo, contatos importantes no processo de chegada e fixação. Entre as dificuldades vividas na chegada a São Paulo são apontadas o frio, a complexidade do transporte público, a falta de autonomia financeira num primeiro momento e as saudades de familiares que ficaram na terra natal. Apenas um dos entrevistados citou o preconceito como uma das dificuldades já sentidas num primeiro momento. Entre os que procuraram empregos, todos apontam experiências que de comum indicam facilidades nesse processo. Os primeiros empregos ou atividades desempenhadas puderam ser distribuídas no seguinte gráfico:

Gráfico 14 – Primeiro emprego em São Paulo

Fonte: Coleta de dados da pesquisa

Todos os entrevistados, ao chegar em São Paulo, desempenharam atividades que não demandavam um alto grau de escolaridade à época. Entre as atividades, a maior parte das mulheres buscou trabalhar como empregada doméstica, enquanto a maior parte dos homens se voltou para o ramo da construção civil.

Quando perguntados do que mais gostam em São Paulo, 42,10% dos que foram perguntados a respeito responderam filhos ou família, mesmo percentual dos que responderam palavras correlatas a emprego. Junto ao trabalho, a família ocupa muita centralidade nas perguntas que se voltam para temas positivos e prazerosos. Quando perguntados sobre as principais atividades desempenhadas em seus momentos de lazer na juventude, programas familiares como passeio em parques públicos, parques de diversão, excursões, cinema e missa, se destacam sobre passatempos boêmios.

Tendo por base os relatos dos entrevistados, é possível identificar em suas visões sobre seus descendentes uma percepção complexa sobre suas identidades. Por vezes, ao identificar a ocupação de melhores postos de trabalho pelo grupo a que se pertence, alguns migrantes destacaram essas conquistas, seja de filhos, sobrinhos ou netos, como vitórias dos migrantes. A ascensão social de descendentes foi exposta como uma conquista do próprio grupo migrante. Por outro lado, em outros momentos, há ênfase no fato de que esta descendência agora é “paulista”. Por exemplo, quando pontuam o porquê de não desejarem o

retorno e reestabelecimento a seus Estados de origem, muitos migrantes tendem a destacar que sua família agora é “toda daqui”. Isso ficou nítido nas afirmativas que falavam da família.

Não ficou claro se os descendentes de migrantes tendem a ser identificados como nordestinos. A possibilidade de serem vistos como “paulistas” pelos nativos de São Paulo existe, mas não foi possível sondar até onde essa “revelação” de parentesco com os pais ou avós interferiria na vida em São Paulo desses descendentes.

Se nas manchetes de jornais é comum observar as comparações entre migrantes nordestinos e italianos, os descendentes dos primeiros não são tão reconhecíveis como os descendentes dos segundos. A ascensão econômica de migrantes italianos e seus descendentes é creditada às supostas qualidades dos ítalo-brasileiros. Os empreendimentos deste grupo e seus componentes que alcançam reconhecimento e riqueza tendem a ser facilmente identificáveis principalmente pela sonoridade característica dos sobrenomes de ascendência italiana. Já as empresas e personalidades de ascendência nordestina não gozam deste recurso identificador de legados. Nomes de empresas, grandes ou pequenas, ou o sobrenome de filhos de nordestinos não são reconhecidos como “nordestinos”, tendendo a serem “naturalizados” enquanto “paulistas”, uma vez que a descendência não carrega nenhum outro traço reconhecível que a vincule com as levas de nordestinos do passado. Um fenômeno parecido pode ser identificado nas empresas tidas como paulistas, mas que foram fundadas por portugueses.

5.1 MECANISMOS DE RECONHECIMENTO

Nos processos de identificação de outros nordestinos, os entrevistados deram destaque ao sotaque como forte elemento a denunciar a sua procedência. Alguns, no entanto, destacaram a possibilidade de serem reconhecidos pelos traços e pela roupa, segundo alguns, mais colorida que o normal para o padrão de São Paulo.

Quando perguntados sobre como reconhecem outros nordestinos, 86,95% dos entrevistados apontaram o sotaque como fator importante nesse processo. Esse elemento se destacou como o principal indicador de identificação de um nordestino nas entrevistas. A pernambucana Laudicéia, moradora do bairro do Pimentas. Tendo chegado em 1971 a São Paulo, ela sugere que o sotaque do nordestino é marcado por expressões mais intensas.

O sotaque é o principal. Alguém me identifica logo ou porque eu falo mais do que a boca... nordestino fala mais do que a boca. A gente puxa muito pelo “s”... temos muito sotaque forte, por mais que a gente esteja morando aqui há mil anos. Mas eu não me incomodo de dizer assim... eu quero ver qual é! Falar paulista? Não! Eu quero falar nordestino mesmo, a minha terra, o meu lugar, onde eu nasci. Não vou deixar minhas origens de lado. Sou de lá, por que vou negar? Sou de lá!

Laudiceia, 66.

Ela também indica a possibilidade de “falar paulista” como um processo de atenuar os marcadores mais fortes do entendido como sotaque nordestino. Outra menção a este fenômeno é destacada pela cearense Antônia, de 60 anos, no que ela chama de “falar paulistano”:

Cada um tem o seu sotaque. Por isso que às vezes a gente conhece bem nordestino, né? Apesar de que tem uns que chegam aqui e querem mudar o sotaque. Eu fico danada quando tem um nordestino que fica querendo falar paulistano! Eu acho que a gente tem que ser... é claro que a gente tem que mudar sim, algumas coisas... assim... o nome das coisas que lá você conhece por uma coisa e aqui é outra. Aí você tem que... às vezes eu falava o nome de alguma coisa aqui e meu filho perguntava “mãe o que é isso”? Eu tinha que explicar para ele. Dentro da minha casa eu chamo do jeito que chamava no Nordeste. Aí meu filho falava “mãe o que é isso”? Aí eu explicava para ele o que que era (risada).

Antônia, 60.

Antônia demonstra descontentamento com o nordestino que venha a tentar disfarçar o próprio sotaque de origem. Seu sentimento combinado com o fato de que este elemento é considerado o mais acionado no reconhecimento de nordestinos indica, junto ao testemunho de Laudicéia, que talvez tentar “falar paulistano” seja uma via de “camuflagem” de nordestinos entre os paulistanos. Do mesmo jeito a aversão das duas entrevistadas a esta estratégia explicita uma ética que repudia aquele que, em alguma ocasião, venha a tentar fugir do reconhecimento como nordestino. Antônia também destaca o papel do vocabulário como vetor de confusão na comunicação com nativos paulistanos, sendo preciso, em prol de uma comunicação com menos ruído, a concessão a palavras entendidas pelos paulistanos. Concessão esta que ela não se mostra disposta a reproduzir em espaços privados.

O “falar nordestino” em si é uma abstração, uma vez que cada estado da região tem vocabulários, ritmos e fonemas diferenciados. No entanto, o “sotaque nordestino” se apresentou como uma categoria orgânica nos relatos dos entrevistados, compreendendo toda a diversidade presente na região que consegue ser distinguida do “falar paulista” ou “falar paulistano”. Tem-se ciência das especificidades do sotaque de cada estado que compõem o

Nordeste, no entanto, Zé Raimundo, de 88 anos, entende que há uma proximidade perceptível entre as “falas” dos Estados nordestinos.

Diferença de um nordestino para um paulistano? É o sotaque da pessoa. O sotaque do nordestino conversar é um jeito e o sotaque do paulistano conversar já é de outro jeito. O paranaense: o sotaque do paranaense para o paulistano já é diferente. Cada Estado o sotaque da conversa é diferente. O nordestino: o sotaque da conversa do baiano é um ritmo e do pernambucano já é outro, do cearense já é outro. É quase a mesma coisa nordestino tudo, né? Bahia fazendo som de Bahia. Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte, cada um tem um sotaque. É quase a mesma coisa tudo parecido porque é tudo nordestino, né? Mas há uma diferençazinha dentro do sotaque.

Zé Raimundo, 88.

Assim como Zé Raimundo, Zilmar, de 71 anos, corrobora a especificidade de cada sotaque nordestino, o que a permitiu identificar um grupo de cearenses em uma padaria.

Por causa da fala, aqui mesmo na padaria tem um pessoal que eu cheguei lá e eu falei: escuta, vocês são cearenses? Disseram: Por que a senhora está perguntando? Digo: por causa da fala! A gente percebe bastante quando chega assim, de vez. A gente já percebe que é diferente a fala.

Zilmar, 71.

O testemunho de Zilmar também indica uma utilização prática do reconhecimento de nordestinos por meio do sotaque nos processos de socialização e identificação de patrícios. O sotaque se destaca como o principal elemento articulado no reconhecimento de outros nordestinos pelos migrantes da mesma forma como é sentido também como uma das principais características mobilizadas para o reconhecimento de migrantes por paulistas. Neste segundo caso os relatos tendem a destacar as experiências desagradáveis do processo de racialização, já que, principalmente diante de paulistanos, ser reconhecido como nordestino por alguém é um fenômeno concomitante à desagradável experiência com o racismo.

A pernambucana Maria do Carmo ao responder sobre quais foram as dificuldades quando ela chegou em São Paulo destaca o preconceito linguístico de que foi alvo.

Assim, o preconceito com a língua. Porque hoje em dia se chega uma outra pessoa de outro lugar para falar assim da minha terra, que é a língua que eu conheço, eu chego a achar bonito. E é curioso que eu acho que eu falo igual o povo do Norte, mas quando eu chego lá, eu vejo que muitos anos aqui a gente perde a convivência.

Quando eu chego (lá): “eu não falo mais como o povo daqui”! Porque é automático. Mas hoje, eu acho, se eu for falar com uma pessoa que seja de outro lugar, eu acho bonito independente do lugar. Eu acho bonito a pessoa falar. Naquela época não! Naquela época a gente era chamada atenção se falasse assim: “bote isso aqui”. A pessoa falava: “bote, não, ponha”! É um preconceito, né? Então foi essa a maior dificuldade. Foi o preconceito com a língua. Os costumes... porque, quando eu vi esse meu tio, ele chegou e falou assim: “olha, nada do que vocês comem aqui vocês vão comer lá, não”. Enquanto que assim, naquela época, era muito difícil você achar uma casa que vendesse as coisas de lá.

Maria do Carmo, 68.

Quando perguntada sobre se já havia sido alvo de outros tipos de preconceito, a pernambucana negou e destacou que apenas se sentiu discriminada em ocasiões em que sua fala foi criticada. Assim como Maria do Carmo, Sivaldo também relata péssimas experiências sobre como se comportaram diante de sua forma de falar. O baiano ao responder sobre em que ocasiões identificou empáfia nos paulistanos sobre si destacou situações em que seu jeito de falar foi menosprezado.

Sim, porque tem gente as vezes tira sarro. Por exemplo, as pessoas que às vezes não têm um estudo avançado, às vezes a gente fala palavras erradas, né? O português muitos não falam correto, às vezes falam uma palavra errada, um português errado. Mas eu já vi pessoas na televisão que tem estudo! Às vezes eles falam palavras erradas!

Sivaldo, 68.

O baiano especula que suas experiências desagradáveis estariam relacionadas com a sua baixa escolaridade, o que o faz falar “um português errado”. No entanto, ele reconhece erros equivalentes reproduzidos por pessoas que gozam de prestígio e que não sofreram as mesmas situações vexatórias que ele.

Além do sotaque, os entrevistados indicaram outros elementos no processo de reconhecimento. Eles apontaram que roupas, gostos, traços físicos e o “jeito” como outros indicativos que ajudam a reconhecer outro nordestino. Esse possível “jeito” foi um termo utilizado para descrever percepções de distintas naturezas. Essa palavra foi usada para descrição física, virtudes e comportamentos. Como comportamento, as menções foram diversas, de diversas naturezas, desde o conhecimento de regras de etiqueta em restaurantes à postura do nordestino em vias públicas. Essa plasticidade do termo inculca, frequentemente, a atribuição de virtudes, qualidades e desvantagens que, atribuídas a um grupo específico, caracteriza um processo de racialização.

Muitos andam dando uns pulinhos, né? Às vezes se vai dois ou três, às vezes vai um atrás do outro, quando vem de lá, né? Depois pega o jeito daqui, mas você pode ver: quando o nordestino vem de lá, até as mulheres, vai uma atrás da outra, não vai igual, parelhadas, vai uma atrás da outra, aí você sabe, não é daqui. Se conversar com você na hora você descobre (risos).

Geraldo Brito, 77.

Geraldo Brito, de 77 anos, comerciante, apontou a possibilidade de reconhecer nordestinos pelo andar e pelo padrão de disposição deles ao caminhar em grupo, que seria diferente do padrão de disposição dos locais, sugerindo que são trejeitos que tendem a se perder e que “depois pega o jeito daqui”. No entanto, o entrevistado destaca que a certeza só vem com a percepção do sotaque advinda de uma conversa, fortalecendo este elemento como o mais mobilizado neste processo de reconhecimento. A comparação do nordestino ao paulista é recorrente nas respostas sobre como reconhece outros nordestinos.

Geralmente eles não têm a postura da pessoa paulista, né? (...) A postura do paulista é mais refinada, né? Já vem aquela coisa educada desde pequeno. Nordestino vem da roça, do ambiente mais interiorano. Sem muito preparo para sociedade, né? Não tem nenhum preparo para sociedade geralmente... não todos, né?

Maria do Esp. Santo, 58.

A maranhense Maria do Espírito Santo, de 58 anos, embora destacando que não deseja generalizar, reproduz outro contraponto do nordestino ao paulistano. Enquanto o primeiro seria rural, pouco preparado para a “sociedade”, o segundo seria “refinado” e identificado com o urbano. Outros entrevistados repudiam essa vinculação entre o nordestino e a zona rural. A ideia de inadequação ante as regras de convivência exigidas no cotidiano paulista é citada pelo baiano Bené, de 63 anos, que julga já ter sido discriminado, portanto também reconhecido, enquanto nordestino por não dominar, num primeiro momento de sua chegada, as regras de etiqueta para se comer em um restaurante.

Isso, o jeito. Às vezes você não tinha aquela finesse de chegar no restaurante, o guardanapinho, aquela frescurinha toda, chegava já querendo comer e aquela coisa... de uma forma muito abrupta, né? (risadas). Então, as pessoas... mesmo você estando pagando, as pessoas não olhavam você com bons olhos.

Bené, 63.

Bené acredita que isso aconteceu por ser reconhecido como nordestino, no entanto, esse constrangimento, também tende a acontecer com pessoas pobres ou migrantes de outros países não detentoras desses códigos de conduta. Por vários momentos, o processo de reconhecimento mobilizado ou de que se foi alvo margeia outros fatores como a leitura de que a pessoa em questão pertence às camadas mais pobres. Os elementos que apontam para uma

pobreza do indivíduo em questão, por si só, podem ser alvo de menosprezo e exclusão. Não se exclui, no entanto, a possibilidade de que a exigência e cobrança de uma etiqueta considerada adequada seja maior com nordestinos do que com os estabelecidos.

Assim, como ela mesmo falou, é o sotaque é mais assim (...). Porque hoje em dia, assim, as roupas e as coisas estão bem populares, lá mesmo se você chega lá (no Nordeste), olha, eu conheço um povo bem de vida... Ele tem três filhos e uma filha. A filha se formou em biomedicina. Até eu fui perguntar para ela porque eu não sabia o que era, né? Sim, pelas roupas você reconhecia fácil, hoje em dia pelas roupas não (...). Bom, pela própria condição de vida que era bem inferior, a própria chita que se vestia, porque não tinha condição de comprar uma coisa melhor.

Maria do Carmo, 68.

Maria do Carmo aponta que antigamente o nordestino era também reconhecível pelas roupas de material barato que tendiam a ser usadas pelos migrantes, embora ela destaque que, com o enriquecimento da região, este elemento não seria mais válido no presente para reconhecer quem vem do Nordeste, apontando como exemplo deste quadro a ascensão social de filhos de parentes e conhecidos via conclusão de ensino superior. Já outra entrevistada, a cearense Elenita, de 62 anos, acredita que as roupas dos nordestinos tendiam a se destacar entre locais.

Às vezes é a roupa exagerada, né? Tem umas roupas que não tem nada ver, né? Aí a gente fala: esse é baiano! (risada) Mas não é porque a gente tem nada contra baiano! É a mesma coisa que falar que a loira é burra, não é a loira... é intitulada, né?

Elenita, 62

Elenita acredita que os nordestinos tendem a usar roupas em São Paulo de maneira antiquada, percepção que não ficou clara se existe pela diferença de climas que impele os migrantes a usar vestimentas nunca antes necessárias ou se por destaque ante a diferença de padrões estéticos entre locais e migrantes. A roupa e o “jeito” também são elementos articulados pelo paraibano Ivan, de 58 anos, que, junto a estes elementos, alega ser possível identificar um nordestino por traços físicos também.

O nordestino tem aquela fisionomia! Meio atrapalhado, estrambelhado, roupa colorida: fora do padrão paulistano. Paulistano quer se vestir como europeu e o nordestino ele se veste à vontade com roupa alegre, espalhafatosa. E o formato da cabeça, né? (risada) Você entendeu? É aí que a gente vê que é do Nordeste.

Ivan, 58

Ivan acredita que é possível reconhecer o nordestino através de suas vestes que se distanciam do “padrão paulistano” por não perseguir um estilo europeu. Conecta o estilo do vestuário nordestino a supostas características que também ajudariam a identificar estes

migrantes. O nordestino se veste com muitas cores porque usa uma roupa “alegre”, pois assim também Ivan considera os migrantes nordestinos. Ele também considera que o formato da cabeça do nordestino é reconhecível. Outras menções físicas a possíveis traços de nordestinos também foram destacadas por outros entrevistados no processo de reconhecimento.

Pelo andar, pelo jeito de falar, a cabeça também é meio diferente (risos). De todo jeito: tem cabeça chata, tem cabeça redonda, outros sem pescoço, pescoço afundado no corpo, no Piauí tem muitos assim (risada).

Geraldo Brito, 77.

Geraldo Brito, de 77 anos, pernambucano, menciona um termo recorrente nas descrições dos entrevistados que fizeram menção a traços físicos identificadores de nordestinos, a “cabeça-chata”.

Muitas das vezes através da fala, da cabeça... porque o nordestino tem uma cabeça diferente, principalmente pernambucano(...). É uma cabeça meio estranha. É meio estranha cabeça de pernambucano... é meio estranha. Pela cabeça! Eu não sei explicar, mas é uma cabeça meio estranha. E às vezes pelo sotaque, pela fala da pessoa você já vê que é nordestino...

Antônia, 60.

Antônia, de 60 anos, baiana, assim como Geraldo Brito, aponta o formato da cabeça como uma forma de reconhecimento. Embora os dois tenham enfatizado este elemento para o reconhecimento de nordestinos, eles destacam o protagonismo dos gentílicos de outros estados nordestinos que não o seu de origem na manifestação desta característica. Antônia, baiana, destaca os pernambucanos; Geraldo Brito, pernambucano, destaca os piauienses. No entanto, deve-se enfatizar que ambos se ancoram também na identificação através do sotaque para em seguida destacar os traços físicos como fatores de reconhecimento.

Acho que o jeito da pessoa, o rosto é diferente do daqui(...). Ele é meio diferente dos daqui(...). É... (risos) tem um rostinho comprido (risos) que nem o nosso(...). A maioria dos nordestinos tem o rosto chato, né, menino? E o paulistano é o rosto comprido(...). É, ajuda (a reconhecer), se tiver assim, dez paulista e um pernambucano, um nordestino no meio (deles) que nem eu. Conhece, é ou não é?

Maria de Salete, 71.

Embora Maria de Salete, de 71 anos, potiguara, indique a fala como fator importante para o reconhecimento de outros nordestinos, ela também faz menção ao formato do rosto no processo de reconhecimento.

Dá para gente ter uma noção olhando para pessoa e dizer que é nordestino, por causa do sistema de conversar, né? Às vezes a fisionomia, o jeito (...). Por muito que a pessoa pareça com outro, mas a fisionomia tem diferença. A fisionomia é uma coisa bem grave, bem difícil da pessoa distinguir, de uma fisionomia para outra. Uma igual à única pessoa não tem parecido! Por exemplo, fulano de tal parece com fulano de tal. Só parece, mas não é. Parece, mas tem uma diferença. A pessoa olhando direitinho, diz assim: “olha, Antônio parece com Pedro, não parece? Será que são irmãos”? Parece, mas tem uma diferença na fisionomia. Ninguém tem a fisionomia para bater igualzinha. Até sendo gêmeos tem uma diferença na fisionomia (...). A fisionomia do nordestino é uma fisionomia alegre, né? Nordestino pode estar na situação ruim, mas ele sempre é alegre. (...) Bom, é desse jeito que eu estou falando, uma pessoa divertida.

José Raimundo, 88.

Na descrição de José Raimundo, traços físicos se confundem com qualidades atribuídas aos nordestinos no que consistiria a “fisionomia” de um nordestino. Assim como José Raimundo, muitos alegaram ser possível reconhecer um nordestino pelo “jeito” na medida em que esta palavra se traduz em qualidades e comportamentos.

O nordestino ele é brincalhão, ele é hospitaleiro. Ele já chega puxando conversa com quem ele nem conhece e o paulistano mesmo, que é nascido em São Paulo, é fechadão, é caladão, é desconfiado. Nordestino não, ele nem conhece a pessoa já vai convidando para almoçar, para jantar, para tomar café, para visitar a casa dele. Isso que faz a diferença, né?

Ivan, 58.

Ivan, de 58 anos, ao descrever a possibilidade de reconhecer um nordestino pelo “jeito”, enumera qualidades que acredita serem próprias dos migrantes nordestinos. A contraposição ao paulista na enumeração das qualidades se traduz num processo que também vincula ao paulistano qualidades e defeitos, com frequência, opostos às qualidades e defeitos apresentados pelo nordestino.

Igual eu falei, o nordestino é espontâneo, ele é alegre, ele é uma pessoa hospitaleira, já o paulistano não. O paulistano é fechado, é desconfiado, é trancado, vive no mundo dele, né? E o nordestino não, o nordestino quer que os outros compartilhem o mundo dele. O paulistano é trancado. Ele quer viver como se fosse dentro de um cubículo, trancado ali, né? Nordestino é aberto é espontâneo, entendeu? É hospitaleiro, é uma pessoa dada, né? As características do nordestino são: coragem, trabalho... o nordestino é trabalhador. O nordestino ele corre atrás, ele tem garra, ele tem determinação. O nordestino está aqui pronto para tudo e aí quando ele vem do nordeste mesmo, que ele vê uma oportunidade, ele abraça a oportunidade pra tentar sobreviver e se manter.

Ivan, 58

Ivan destaca no processo de reconhecimento várias qualidades que identifica no nordestino com uma frequente comparação com o “paulistano”. Sivaldo, de 68 anos, depois de identificar o sotaque como elemento principal para o reconhecimento de outros nordestinos,

indica que através da postura ao conversar é possível perceber um nordestino.

Pelo jeito da pessoa de conversar. Tem pessoas nordestinas que são muito simples, que não tem arrogância, sabe? Os paulistanos mesmo que você já conhece, são muito arrogantes. Qualquer coisa que você fala, paulistano já fica tirando sarro, já fica zoando. O paulistano zoa muito com nordestino, porque eu tive contato com paulista e eles se acham...

Sivaldo, 68.

Sivaldo, ao apontar que a postura de uma pessoa possibilita o seu reconhecimento também vincula, assim como Ivan, qualidades opostas entre nativos e migrantes. Maria do Espírito Santo, de 58 anos, após declarar que consegue distinguir nordestinos através do sotaque, também indica o “jeito” como fator auxiliar.

Só essas duas formas. Por que são muito humanos também. São muitos bons, tem muitos nordestinos bons, que são amigos de verdade, que ajudam de verdade, diferentemente do paulista, que não é muito solidário com as pessoas. Mas o nordestino é solidário. Tem muito nordestino que dá a sua cama para você dormir e vai dormir na rede. Ah, São Paulo não tem essas coisas. “Dorme aí no chão que eu durmo na minha cama”.

Maria do Espírito Santo, 58.

Assim como Sivaldo, Maria também estabelece as alegadas qualidades características de nordestinos em contraponto às supostas características dos locais. Com frequência, seja nos relatos sobre o que permite o reconhecimento de um nordestino, seja nos relatos sobre discriminações sofridas, o contraponto entre nordestinos migrantes e paulistas ou paulistanos, os locais, foi frequente na construção das supostas “qualidades” dos nordestinos. Seja de forma explícita, como colocaram Sivaldo e Maria do Espírito Santo, seja de forma mais sutil, como relatou Valdete.

Não, eu conheço quando a pessoa é nordestina e quando é o paulista, que o nordestino ele é muito dado, ele é muito... sabe... é uma pessoa bacana, sobre os nordestinos, não nunca tive isso de falar.

Valdete, 82.

Fica implícito na fala de Valdete, de 82 anos, que, enquanto o nordestino seria alguém que se entrega às relações sociais, o paulista seria mais fechado, pelo menos em comparação ao nordestino.

Nas vivências relatadas sobre ser reconhecido como nordestino, é frequente a ideia de que este reconhecimento já vem embutido de valores e ideias com frequência atribuídas pelos locais aos nordestinos. A experiência em vivenciar algo assim foi relatada

como desagradável por Antônia, mesmo ela tendo dito que nunca vivenciou uma situação de preconceito.

A gente nunca sabe, se é negativo se é positivo, a gente nunca sabe se é de gozação ou... eu não ligo para isso, tem gente que acha... um dia eu estava na feira e o homem: você é mineira, né? Eu falei, “não gosto de falar minha raça, se você está falando que eu sou mineira deixa eu ser mineira” ... O mineiro é muito conhecido, o mineiro eu conheço facinho por causa do jeito dele falar.

Antonia, 60.

Embora o sotaque seja considerado um dos principais mecanismos acionados no reconhecimento de nordestinos, esse mecanismo nem sempre permite o reconhecimento destes migrantes, provavelmente por que a diversidade de sotaques da região tende em alguma medida a escapar dos padrões que tentam encapsular o sotaque nordestino em uma constante reconhecível. Outros entrevistados relataram situações parecidas em que o interlocutor na narrativa não sabia identificar a origem deles os confundindo com brasileiros de outras partes do país, como cariocas, por exemplo. A postura de Antônia em, não sendo reconhecida como nordestina pelo seu sotaque, preferir manter sua “raça” em segredo do estranho, pode indicar uma preferência pelo anonimato de sua origem quando possível for a fim de se poupar de qualquer inferência negativa que este reconhecimento possa proporcionar à baiana.

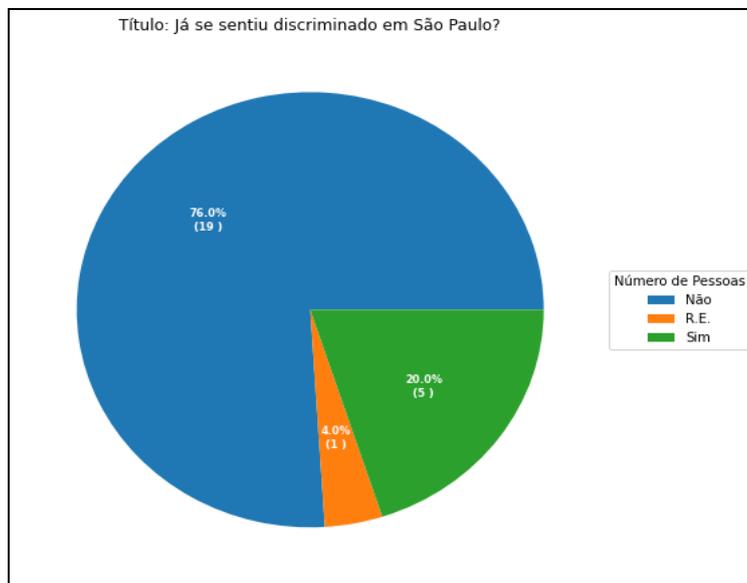
5.2 SITUAÇÕES DE RACISMO CONTRA NORDESTINOS

Para sondar as possíveis situações de racismo vivenciadas pelos nordestinos, foram pensadas duas perguntas que articulavam as palavras “preconceito” e “discriminação”, categorias nativas que em sua utilização no dia-a-dia, tendem a abarcar as categorias analíticas como exclusão de bens e serviços, estruturas de opressão e casos de racismo. Essa mudança no vocabulário foi necessária num esforço em traduzir as questões teóricas para a linguagem nativa a fim de que as questões sobre racismo pudessem ser entendidas pelos entrevistados (GUIMARÃES, 2003). Num primeiro momento, se perguntava se o entrevistado conhecia algum nordestino que já tivesse vivido uma situação de preconceito. Só depois a pergunta era voltada para a própria vivência do migrante.

Quando perguntados se já sofreram algum tipo de discriminação ou preconceito por serem nordestinos, 76% dos entrevistados disseram nunca ter vivido essa situação, enquanto 20% afirmou que já ter vivenciado ao menos uma vez uma situação desta natureza e

4%, no caso um entrevistado, deu resposta evasiva.

Gráfico 15 – Já sofreu discriminação em São Paulo?



Fonte: Coleta de dados da pesquisa

Quando perguntados se conhecem algum nordestino que já foi vítima de preconceito, 75,86% disseram não ter conhecido, enquanto 24,13% afirmaram que sim. Apenas duas entrevistadas, ambas cearenses, Zilmar, de 71 anos, e Elenita, de 62, apontaram já ter tanto sofrido preconceito quanto conhecer um terceiro que já tenha vivenciado situação similar. Elenita, que chegou criança a São Paulo, relata que logo no começo sentiu muito preconceito por ser pobre e nordestina. Ao narrar um momento em que considera ter sofrido preconceito, foi questionada sobre como ela sabia que a discriminação recaía sobre o fato de ela ser nordestina e não sobre o fato de ela ser pobre. Ela acredita que as brincadeiras das crianças com o seu sotaque são indícios de que o que deflagrou a situação foi a sua origem.

Porque imitava nossa voz (...). E não deixavam a gente entrar na roda da brincadeira, as mães não deixavam (...). Não deixavam, nós éramos excluídos (...). Ah, por que a gente era diferente, realmente a gente se apresentava diferente da modalidade daqui. A roupa da gente, por exemplo. Lá no Norte você sabe que tem vestido colorido, essas coisas, né? As mulheres gostam de usar aqueles batons, aquelas coisas diferentes. Aí você chega aqui com aquelas coisas todas, o pessoal olha assim, né? Já percebe que não é daqui.

Elenita, 62.

Elenita interpreta a separação sofrida de outras crianças em um momento de lazer pelas suas mães como uma situação vivenciada de racismo e supõem os elementos que ela julga importantes para o seu reconhecimento enquanto nordestina: sotaque, padrão de vestes e

maquiagem. Também destacou outra situação de que se lembrava, já adulta, em que identifica uma situação de preconceito contra nordestinos.

Tem umas colegas minhas, não falo nem amiga, são colegas, né? Elas falam assim: “aí, esses nordestinos, vem lá não sei de onde, não sei o que veio fazer aqui em São Paulo! Esses troços têm tudo que voltar para lá”! Isso é preconceito, né?

Elenita, 62

O relato de Elenita dá destaque a conversas presenciadas em que é deixado claro o incômodo das “colegas” com a presença de migrantes nordestinos. Não foi destacado, no entanto, se essas colegas sabiam da origem de Elenita no momento em que ela presenciou declarações desta natureza. Zilmar, de 71 anos, corrobora com a sua leitura do tratamento dado aos migrantes a existência de discursos parecidos ao que Elenita relata.

Eu sei que aqui tem pessoas... eu sei por que escuto falar, né? Tem pessoas que quando nordestino chega: “eita, lá vem fulano! Ah, só vem”... entende? Como se a pessoa fosse atrás das coisas deles. Aqui tem muito disso aí, que é aquela pessoa que lutou para conseguir alguma coisa... quando tem, quer subir em cima dos outros, entendeu? Aqui tem muito disso, tem aqueles que vieram primeiro, conseguiram alguma coisa, aí quando vê um nordestino lá na casa dele, pensa que vai atrás do que ele tem, né? Não é isso não, mas eles acham que é. Na cabeça deles acham que é.

Zilmar, 71 anos.

A percepção de Zilmar de que o migrante nordestino é visto como um invasor que não é bem-vindo, disposto a tomar recursos dos locais encontra base em seus relatos desde quando chegou em São Paulo, identificando ao longo de sua permanência situações de preconceito.

Quando a gente chegava aqui, em primeiro lugar a gente era discriminado. Nordestino o pessoal não dava muito valor, mas eu nunca... em todos os lugares que chegava, a gente... só pela fala, a gente já era discriminado. Só que eu nunca dei importância para isso não. Nunca me incomodei não. A mim nunca me incomodou isso aí, por que eu sempre vivi uma vida livre. Eu nunca tive: “ah, por que fulano não gosta de mim, não sei o que eu vou” (...) eu não, nunca tive isso (...). Uma vez eu cheguei na firma e eu escutei a moça falando: “lá vem a nordestina”! Eu digo: sou nordestina com muito orgulho! Falei para ela “isso não está me atingindo em nada, minha filha, eu não vou negar minhas origens”, falei para ela. Aí pronto. Morreu... nunca mais ela veio com isso...

Zilmar, 71.

Zilmar reforça o sotaque como elemento de reconhecimento de nordestinos e apresenta duas formas com que teve que lidar com situações de discriminação. A primeira é a minimização do ocorrido, “não dando importância” a situações em que se viu vítima de

preconceito. A segunda é o confronto direto contra o agente da ação. No entanto, a cearense destaca a atual disponibilidade de ações judiciais como um outro mecanismo que, em sua avaliação, diminuiu as situações de racismo contra nordestinos em comparação com tempos passados. De seu testemunho é possível extrair a percepção de que a possibilidade atual de processos judiciais que envolvam injúria racial ou racismo inibiram manifestações desta natureza, mecanismo que antes não estava à disposição de seu grupo social.

Não, hoje não. Sabe por quê? Por que hoje qualquer coisinha já dá uma indenização e o pessoal é tudo doido para acontecer alguma coisa, para pôr a pessoa no pau para ganhar algum dinheirinho. (risos) Aí hoje em dia é muito difícil discriminarem.

Zilmar, 71.

Assim como Zilmar e Elenita, a baiana Gilda, de 66 anos, disse já ter sido alvo de preconceito. No entanto, perguntada sobre como se deu a situação, ela não se lembra de um episódio em específico e relata, de modo geral, o que já ouviu “na rua”.

Você tem que ficar quieto, né? Fazer o que? “Essas baianada vem tudo pra cá, esses nordestino vem tudo pra cá, em vez de ficar no seu lugar fica só enchendo o saco” (...). “Esse pessoal do Nordeste em vez de ficar quieto para lá, vem tudo pra cá, São Paulo já tá cheio de gente”.

Gilda, 66.

Gilda cita falas que já escutou e pontua que sua reação, no caso em espaços públicos, a expressões como estas é a resignação, evitando-se o conflito, postura que é diferente da adotada em âmbito privado, como demonstra ao ilustrar diálogo com seu marido.

Às vezes na brincadeira (...). Às vezes as pessoas falam até sem sentir, né? Meu próprio marido às vezes fala: “esses baiano...”. (Eu respondo) “‘esses baiano’ e pra que você casou com uma baiana, então”? (...) Ele fica quieto.

Gilda, 66.

Apesar da reação de Gilda a seu marido, ela entende estas manifestações também como “brincadeiras” e, por vezes, reações quase automáticas, dando a entender que quando se manifestam sob estas condições, essas expressões são menos graves. Assim como Zilmar, Gilda e Elenita, Bené, de 63 anos, é um dos entrevistados que reconhece já ter sofrido algum tipo de discriminação por ser nordestino. Assim como Zilmar, ele destaca que no passado as demonstrações de preconceito eram mais explícitas, embora também acontecessem de forma mais velada.

Não, assim, muitas vezes você ia no teatro ou queria ir no cinema “tal”, aí já: “pô, aí, essa baianada não tem lugar para onde ir”? Esse tipo de coisa assim, entendeu? (risos) Dependendo da maneira que você fala ou se comporta, às vezes a gente dá risada alto, as pessoas já discriminavam: “aquele ali é nordestino, no mínimo”? (risos) Esse tipo de coisa, assim (...). Mas são coisas assim, que não machucavam. Para mim não machucavam. Para mim era orgulho falar que era baiano, pô! Sou baiano, graças a Deus, sou baiano (risos). A maior parte (acontecia) quando você, por exemplo, estava num lugar que só era frequentado por bacanas assim, de repente você não se sentia bem. Você, mesmo querendo, podendo, você não se sentia bem. Por que até o garçom para te atender, te atendia de uma forma diferente, entendeu? (Antes, o nordestino) ele se sentia diminuído, ele se sentia humilhado, ele tinha vergonha de dizer que era nordestino.

Bené, 63.

Se referindo a um período em que julga que as demonstrações de preconceito eram muito intensas, Bené exemplifica a vivência de preconceito com duas situações. No cinema, sob o anonimato do escuro, outros frequentadores direcionavam descontentamento com a presença de nordestinos na sessão. No restaurante, relata um mal-estar que se formava em torno de si em decorrência da reação do entorno à sua presença. Embora considere que sempre reagiu incólume e de forma orgulhosa a essas situações, destaca que o nordestino, de maneira geral, se sentia humilhado e envergonhado de expor suas origens.

Diferentemente de Zilmar, que acredita que os locais, em geral, melhoraram suas reações à presença da migração nordestina, Bené acreditava à época da entrevista que houve uma piora no quadro geral de manifestações preconceituosas contra nordestinos.

Hoje está começando a ter um retrocessozinho novamente, uma discriminação ao nordestino, coisa que não existia, entendeu? Eu acho. Não é que tem voltado, mas você vê nas redes sociais acontecendo, entendeu? Hoje você não vê essas pessoas... (elas) não falam diretamente, mas você vê pelas redes sociais (...). Por que até quando você entrava no avião, você estava de férias, ia viajar pro Nordeste, você via as pessoas olhando pra você com um... entendeu? Só porque você era nordestino.

Bené, 63.

Diferentemente de Zilmar, Bené identifica uma piora no quadro geral de manifestações preconceituosas pois leva em consideração a importância do ambiente virtual para essa reprodução de violências e exclusões. Se por um lado ele considera que as manifestações públicas de racismo contra nordestinos têm minguado na forma como elas se expressavam antes, na conformação de ambientes hostis ao nordestino ou em sua expressão mais explícita como discurso em ambientes compartilhados, por outro lado ele identifica nos discursos racistas proferidos na internet uma piora no quadro geral de manifestações de preconceito.

A maior parte dos entrevistados perguntados a respeito acredita não ter vivido uma situação de preconceito por ser nordestino. Alguns destes, no entanto, alegam conhecer nordestinos que vivenciaram situações de discriminação, como é o caso da maranhense Maria do Espírito Santo, de 58 anos. Ela nega ter sofrido preconceito, mas relata ter visto outros nordestinos sendo vítimas dessas situações.

Não, mas eu via fazerem com as pessoas que chegavam aqui recém, né? Sofre muito bullying, era bullying mesmo. Chamavam você de Bahia, cabeça chata, isso é tudo preconceito. (...) Humilhar, simplesmente. Se achar. Que ele é do Sul, que ele é melhor que eles? Porque é puro preconceito, às vezes ele nasceu com a cabeça chata e, pior do que isso, chamam o coitado de cabeça chata e a cabeça dele é chata... só porque ele é paulista não tem a cabeça chata? Mas era coisa de ignorante (...). Ofendido, (o nordestino) às vezes ele não falava nada, mas se sentia ofendido (...). Às vezes até brigava, né? Tinha uns que não aceitava (...). “Ah, lá aquela baianada lá! Ah, turma de baianada aí”! Estava aquela turma de gente lá...baianada, cabeça chata, essas coisas é tudo bullying, né? Ainda bem que eu não vejo mais isso muito, mas antigamente era demais.

Maria do Espírito Santo, 58.

Maria do Espírito Santo circunscreve estas situações a um passado que acredita não mais se repetir no presente. Considera ofensivo o termo cabeça-chata e aponta duas possíveis reações na configuração de uma ofensa a um nordestino: a primeira com resignação; a segunda com enfrentamento físico.

Bento, de 88 anos, foi outro entrevistado que apontou conhecer nordestinos que já tenham vivido preconceito. No entanto, antes de ser perguntado a respeito, ao comentar sua relação com os vizinhos, mencionou os atritos que já teve com suas vizinhas e as ofensas decorrentes nessas ocasiões.

Um dia eu saí para ir pagar uma luz, naquele tempo não tinha tanto banco que nem tem hoje, porque naquele tempo só tinha na cidade, na Penha... aí eu fui pagar uma luz atrasada, fui pagar lá, quando eu vinha de lá para cá um cara falou: “você é Bento de Carvalho”? Digo: “Sou”! “Você tem uma casa assim? Mas, seus vizinhos, ninguém gosta de você”(…) e a Nadir me xingava de todo nome, tanto a Nadir como a velha... a velha mesmo falava assim: “Seu Bento é um velho cangaceiro, chato, magro e feio”! Mas fazer o que, né? (risada).

Bento, 88 anos.

Chama a atenção nessa narrativa a utilização pela vizinha de “cangaceiro” como termo pejorativo com intenção de ofender o entrevistado. No entanto, quando perguntado se já presenciou uma situação de preconceito com outro nordestino, ele não cita a má relação com a vizinha, mas enumera outras ofensas.

Porque diz que nordestino é preguiçoso, vagabundo, fica catando uma pinga e não

era isso. Não era isso. Eu mesmo, vendia pinga, mas não bebia. Vendia cerveja, mas não bebia também.

Bento, 88.

A representação do nordestino como preguiçoso, vagabundo e bêbado, lembra muito a representação dada a outros povos racializados que ocuparam em São Paulo, a base da hierarquia de grupos sociais. Podemos destacar a representação dada a africanos e seus descendentes, indígenas e até a italianos nos primeiros anos da imigração italiana (MONSMA, 2016). A vinculação dos migrantes nordestinos a estas características poderia impactar em suas inserções no mercado de trabalho de São Paulo, fato que ele confirma ao responder sobre a empregabilidade de nordestinos segundo suas impressões. É importante destacar que ele frisa, ao dizer “aqui”, que esse tratamento mudou com o tempo: “aqui”, o “hoje” do tempo, seria diferente. Para o entrevistado, esse tratamento mudou e não mais acontece.

Ave Maria! Nordestino era tratado que nem ladrão, velho, preguiçoso, pingüço (risada) e aqui é diferente (...). Naquela outra linha lá, quando eu saí, fui mandado embora, o mercado lá fechou, eles pagaram tudo pra mim. Aí, o cara falou: “o que você faz”? Eu falei: “eu sou padeiro”. “Então deixa eu ver seus documentos”. Quando ele viu os documentos que eu não tinha... “não estudou”! Ele falou: “eu sei, você é padeiro, mas você é nortista, eu não tenho serviço para você, não, tá? (Diz) nesse documento aí que você é nortista e eu não dou serviço para você não, por causa que você é nortista” (...). É. Também eu comprava fiado e tinha tempo que eu não podia pagar. Eu comprava cama no japonês, não podia pagar. Logo que eu me casei e hoje graças a Deus (posso). (...) A primeira coisa, olhavam no documento: “você é nortista, né”? Digo: “sou” (...). Não queria.

Bento, 88 anos.

Bento relata não só uma situação explícita de racismo em que foi excluído de uma vaga de trabalho por ser reconhecido como “nortista”, como ilustra também mecanismo similar operando nas linhas de crédito para compra de móveis. Embora Zé, de 68 anos, diga que não se sente discriminado nem conhece alguém que tenha sido discriminado em São Paulo, concorda com Bento que antes o comportamento dado ao nordestino diferia do da época da entrevista.

Dava para perceber em tudo, até no modo da pessoa se comportar. Jeito de andar... e o paulista era meio... tinha um certo ciúmes do nordestino. Não sei se ciúmes, mas existia meio que um preconceito de nordestino aqui para tomar o lugar do paulista. Na realidade, não tomava porque o paulista nunca gostou de trabalhar no pesado. Quem pegava no pesado mesmo era quem vinha de fora, né? O cara que vem de fora segura qualquer barra, né (...)? Hoje não tem mais isso, não. Se tiver é muito pouco. Sempre tem, mas muito pouco (...). Eu não tive problema nenhum, mas existia esse negócio de paulista ter um certo preconceito contra o nordestino. Mas nada de violência, eram coisas de intelectual mesmo.

Zé, 68 anos.

Zé percebia um tratamento diferente destinado aos nordestinos pelos paulistanos. Em seu relato, nada muito explícito ou violento era dirigido ao nordestino. Ele faz referências à sutileza do tratamento distinto que recebia por ser nordestino, identificando aí um fenômeno que ele primeiro aponta como uma possível inveja ou algo similar ao que ele considera ser preconceito. Sua suposição é que esse tratamento decorreria da competição por postos de trabalho, disputa em que vê vantagem dos nordestinos sobre os paulistas. Maria de Lourdes, 67 anos, vinda de Alagoas, negou já ter vivido ou presenciado uma situação de preconceito direcionada a nordestinos. No entanto, assim como Zé, ela também sente que melhorou o tratamento dado aos nordestinos em São Paulo.

Eles ficam falando: “ah, esse só pode ser nordestino” (...). Agora até acho que eles pararam, mas antigamente acho que eles falavam mais (...). Na rua, né? Qualquer coisa: “Ah, tinha que ser filho de nordestino”! Então nordestino era o castigo do são paulino, né?

Maria de Lourdes, 67 anos.

Maria de Salete, assim como Maria de Lourdes, também sente que o tratamento direcionado ao nordestino mudou com o tempo. Mesmo respondendo não conhecer um nordestino que tenha vivido uma situação de preconceito, ela faz um paralelo com o racismo já vivenciado por ser negra ao indicar que a legislação passou a inibir as manifestações que outrora eram tão comuns.

Que eu saiba, não. É que antigamente não tinha, né, filho, esse negócio... a pessoa podia xingar a pessoa do que quisesse, não era? Agora que tem esse negócio de preconceito, se eu era negra, o povo me xingava de negra e eu tinha que ficar quieta. Não podia responder, não era verdade? Agora não, agora tem isso aí.

Maria de Salete, 71.

Assim como Maria de Salete, Sivaldo, de 68 anos, também considera que um tratamento negativo destinado aos nordestinos era mais frequente no passado. O entrevistado nascido na Bahia entende que o principal fator a inibir tratamentos humilhantes e ataques destinados aos migrantes foi a mudança de legislação.

Naquela época era pior, agora diminuiu um pouco devido às leis que combatem o que eles falam, né? De bullying! Aqui eles falam de bullying e... tem outro ditado que eles falam aí... eu esqueci! Mas agora de tanto as leis mudando e combatendo muito, melhorou um pouco. Mas quando eu vim pra São Paulo era pior. Melhorou bastante agora (...). Pessoas que humilhavam, pessoas que quando via que era nordestino fazia humilhação. Às vezes acontecia de atacar também, mas isso mais aqueles grupos de não sei qual o nome... aqueles que raspa a cabeça (...). Pelo pouco que eu vi, eles acham assim: devido à cidade que eles nascem, acham que os estados nordestinos são caipira, esse tipo de coisa, né? Eles acham que (por que)

nasceram na cidade grande... que eles são o tal, né? Eu nunca tive uma explicação sobre isso aí, porque quando a gente tem uma explicação a gente sabe explicar ou definir a diferença de um, mas eu não sei...

Sivaldo, 68 anos.

Essas impressões são importantes para dimensionar o impacto da legislação sobre as situações vivenciadas de racismo. Parece consolidada a visão de que legislação, nestes casos, funciona como um instrumento de proteção e inibição de agressões.

De todos os entrevistados, 35,71% alegaram já ter ou sido vítimas de preconceito por serem nordestinos ou conhecer algum nordestino que já tenha sido discriminado. Entre os migrantes, 64,28% quando perguntados responderam negativamente às duas situações, não tendo nem presenciado nem vivido esse tipo de discriminação. Sivaldo faz parte deste segundo grupo e, no entanto, reconhece uma melhora no tratamento dirigido ao nordestino como efeito de mecanismos legais. O entrevistado identifica situações de discriminação por outros nomes articulados em seu testemunho, como *bullying*, humilhação e ataques. O fato de que as situações relatadas não sejam identificadas como preconceito ou discriminação pode indicar que para ele estas palavras podem ser entendidas como pertencentes a um campo semântico mais relacionado à outras formas mais reconhecidas de opressão, como o racismo antinegro ou a homofobia. Sivaldo também busca compreender o motivo dessas “humilhações” ao apontar a possibilidade de que o tratamento diferenciado estaria relacionado à identificação, pelos locais, do nordestino com o mundo rural, enquanto os nativos de São Paulo ostentariam como diferencial e vantagem seu pertencimento a uma grande cidade. Laudicéia, pernambucana de 66 anos, apesar de, assim como Sivaldo, pertencer aos 64,28% dos que não consideram ter sofrido preconceito e não conhecem quem o tenha vivenciado por ser nordestino, parece encaixar o termo preconceito na “desvalorização” que reconhece se abater sobre os nordestinos por meio dos locais.

Eles acham que o nordestino não tem valor. Eles não valorizam o nordestino, nordestino sempre... eu falo que nordestino, igual o negro, sempre tem um quêzinho para menos, não sei por quê (...). Quando eu casei morava lá no Jaçanã, a maioria de lá onde eu morava era tudo paulista, aí a minha vizinha às vezes: olha mudou uma moça aqui, ela é nordestina! “Ela é nordestina”, como se estivesse vindo do Japão. Aí ela perguntava para mim: “de onde você é”? “Eu sou pernambucana”. Ah, tá! E a roça está bem? “Eu não sei moça porque eu sou do Centro, sou do Centro de Recife, eu não conheço roça, nunca nem fui na roça”. Muitas vezes eu falava com meu marido, muita gente perguntava (para ele) “e aí, a roça está bem”? (Eu) falava: meu filho responde “eu não sou da roça, eu vim da capital, sou da capital do Recife, Pernambuco, você conhece? Beira de praia, você conhece o mar” (...)? Eu acho que sempre acharam que a gente veio lá do Nordeste porque estava passando necessidade: nordestino vem para São Paulo porque está em situação crítica. Eu nunca tive situação crítica no Recife, fui bem-criada, graças a Deus, fui

bem-criada pelos meus pais, morava próximo da praia. Não ia na praia, naquele tempo moça de família não podia ir na praia, né? Mas fui bem-criada no Recife, não tenho o que reclamar. Só acho assim... que as pessoas sempre acharam que o nordestino veio com fome pra São Paulo e não é isso! Veio porque quis! Não veio porque estava com fome. Eu vim porque eu quis, não por que eu estava passando necessidade lá. Poderia viver lá muito bem, hoje em dia. Graças a Deus já tenho minha casinha lá, então quando eu quero: partiu Recife!

Laudicéia, 66.

Laudicéia percebe uma equivalência entre o tratamento dado aos nordestinos e o direcionado à população negra em seu contexto social. Talvez por vir de um contexto urbano, em suas vivências revela o desconforto da frequente relação presenciada pelos locais entre o nordestino e o meio rural. Relação esta que para ela obedece a uma hierarquia na forma como é expressada; como que se ser “da roça” também significasse ser menos. Sentido que também é percebido por Sivaldo quando supõem que eles consideram que os estados nordestinos são “caipira”.

Laudicéia também destaca o seu desconforto com a imagem de fome e pobreza vinculada à imigração nordestina. Assim como ela, Antônia, de 60 anos, também revela descontentamento com a ideia que vincula a mazela da fome com a migração nordestina.

É uma imagem que nordestinos vieram para cá, que passavam fome e que lá não chove, que no Nordeste não chove e que os nordestinos é tudo morto de fome (...). Eu acho ridículo, porque se em todo lugar tem gente que passa necessidade de fome! Aqui é cheio de gente que passa fome e muita gente do Nordeste, você sabe, não passa fome! Têm alguns que passam fome, mas tem muitos que não passam, eu nunca passei fome (...). Ai eu não gosto, eu não gosto, se tem uma coisa que me irrita é quando eu escuto eles falando isso, que o nordestino é morto de fome, veio pra cá morto de fome. Eu não gosto eu acho ridícula essa imagem que eles têm, eu acho ridículo.

Antônia, 60 anos.

O incômodo com essa caracterização poderia estar vinculado com a situação social das entrevistadas. Antônia nasceu em Boa Viagem, interior do Ceará; não terminou o ensino fundamental, mas trabalhou em São Paulo numa metalúrgica. Laudicéia que vivia no centro de Recife; não terminou o ensino médio; migrou em decorrência da viagem de lua de mel para São Paulo e se orgulhou de nunca ter tido que morar em “comunidades”. É importante destacar, no entanto, que esta representação do nordestino também causava desconforto mesmo em entrevistadas que viveram situações mais precárias, como foi o caso de Dona Carmelita, sergipana de 78 anos, não alfabetizada, que, quando adolescente em Aracaju, “foi pra roça trabalhar na enxada” e, quando veio a São Paulo, trabalhou como empregada doméstica. Após confirmar conhecer pessoas que já sofreram preconceito por

serem nordestinas, Carmelita narra atritos vividos com uma cunhada e a recorrência com que esta apela a caracterizações sobre o Nordeste que são ofensivas à entrevistada. Chama a atenção o fato de que Carmelita, na mesma entrevista, afirmar nunca ter sido ela uma vítima de preconceito por ser sergipana.

Ela mesma fala que nordestino não presta, “vem de lá para cá morrendo de fome”. Aí eu respondo para ela, “pelo contrário, se você vai na casa de um parente meu lá, você vai morrer é de comer”. Nordestino tem fartura com eles, a mesa do café da minha irmã de manhã, nossa! Parece com o almoço! Com quantos anos que eu não via ela! Anos e anos cheguei lá, adorei lá, café da manhã, almoço a janta. Muito legal... e os paulistas tem muito orgulho, eles não gostam muito de quem é nordestino, não (...)! Eles metem o pau, fala, xinga (...). Xinga de tudo quanto é nome, que é tudo preguiçoso, vem pra cá pra matar a fome, ela mesmo fala isso, quando eu converso com ela... que não adianta, não adianta! A irmã não conversa com ela, a cunhada, que sou eu, não conversa e fica assim nesse dilema. Aí eu falo: e vocês paulistas? Você não fale dos nortistas não, por que eles sabem se alimentar muito bem! Ela começa a xingar.. “xinga aí”! Eu fecho minha porta, vou para o meu quarto descansar, não dou nem a mínima atenção. Escutar conversa de gente doida? (Ela) que diz que é crente! O que ela faz para mim não é de crente. Os vizinhos daqui de cima... Eu estava conversando com um pernambucano e ele: “engraçado, eles desfaz da gente, né dona Carmelita”? A gente trabalha aqui, mas acho que vem fazer essa pergunta para gente é porque acha que nortista tem coragem de trabalhar. O paulistano não gosta de trabalhar, não, são tudo preguiçoso.

Carmelita, 78.

Dona Carmelita, além de se incomodar com as representações que vinculam os nordestinos a pessoas que sofrem com a fome, principalmente quando enunciadas pela sua cunhada, revela já ter trocado impressões sobre os paulistanos com “um pernambucano”. Essas trocas parecem dar suporte a um processo interno na comunidade de migrantes que racializa os locais e que dialoga com as relações de trabalho e os cargos tradicionalmente ocupados por nordestinos e paulistanos. Os paulistanos seriam “preguiçosos”, segundo alguns entrevistados.

Das 28 entrevistas, em 25 delas é detectada alguma forma de ofensa vivenciada. Entre os 25 que relatam já terem sido ofendidos por serem nordestinos, 22 descreveram situações em que o termo “baiano” e derivados como “baiana doida”, “baianada”, “baianão” e “baianinho” foram empregados de maneira pejorativa e ofensiva, estando subtendidos defeitos relacionados a cada situação. Entre os 22 que são ofendidos por ‘baiano’ e derivados, em 17 aparece outras formas de ofensas. No total, entrevistados que relatam ofensas não relacionadas à “baiano” e derivados foram 20.

Além do generalizado termo de “baiano” e seus derivados, dez entrevistados relataram o uso de termos relacionados à origem deles de forma pejorativa. Os termos

destacados do contexto em que foram empregados, assim como “baiano”, em si não se constituem em ofensa, tendo sido relatado o uso de “paraíba”, “cearense”, “nordestino”, “nordestina”, “nortista”, “do Norte” e “passou de Minas pra lá”. Outra ofensa sintetizada numa palavra aparentemente sem sentido foi relatada por uma entrevistada quando ela disse ter sido chamada de “troço”, termo comumente utilizado para se referir a coisas inanimadas, geralmente quando elas atrapalham uma ação ou se acumulam.

Três entrevistados relataram ter escutado o termo “cabeça-chata” e “Bahia cabeça-chata” em tom ofensivo. Outros três narraram situações em que as ofensas faziam referência ao estereótipo de “nordestino perigoso” sintetizadas nos termos “valente”, “estourado”, “cangaceiro”, “da faca” e “brigar, matar os outros”. Ainda próximo semanticamente deste estereótipo, dois relataram ter sido chamados de “ladrão”, um contou já ter sido chamado de “bandido” e outro descreveu ter sido ofendido com “pinguço”, “catando pinga”, “ignorante” e “malandro”.

Dois entrevistados destacaram ofensas relacionadas a uma suposta “fraqueza” derivada da fome ou de doença sintetizada em “sangue fraco nordestino” e “barriga verde”. Outros dois entrevistados relataram experiências desagradáveis com vizinhos tendo sido chamados por eles de “macumbeiro” e “faz macumba”, termos com usos pejorativos agravados segundo cada um já que ambos se apresentavam como cristãos. Também foram relatados um caso em que o entrevistado foi chamado de “caipira” num tom ofensivo e outro em que o entrevistado foi ofendido com “preguiçoso”.

5.3 O ELOGIO DO SACRIFÍCIO NA INVERSÃO DE HIERARQUIAS

Para acessar as atribuições morais e potenciais dos nordestinos na comunidade entrevistada, duas perguntas foram preparadas. A primeira pergunta consistia em saber que qualidades ou características o entrevistado atribuiu aos nordestinos. A segunda pergunta questionava sobre quais diferenças existem entre nordestinos e paulistanos. A primeira foi preparada no intuito de sondar que características tendem a ser atribuídas quando se pensa no nordestino sem contraposição a outro elemento. A segunda insere o contraponto representado pelo paulistano uma vez que essa polaridade entre estabelecido e o outsider confere qualidades opostas do “nós” ao grupo visto como “eles”.

Nos depoimentos dos entrevistados, o trabalho aparece como um termo central para o ideário do que é ser nordestino. Uma das perguntas direcionadas aos entrevistados inquiria sobre quais eram as características dos nordestinos. Diferente da outra pergunta

similar, esta não pedia diferenças dos nordestinos em relação aos paulistanos, mas, assim como a outra questão, não havia limite para o número de qualidades que eles pudessem elencar. Dos 26 perguntados neste ponto, apenas um disse que não há qualidades específicas. O intuito desta questão foi saber que qualidades eles confeririam aos nordestinos sem a necessidade de os contrapor a outro grupo. Quando perguntados quais as características dos nordestinos, 42,30% deles citaram “trabalhador” como uma dessas características.

“Trabalhador” nos discursos dos entrevistados é um termo interconectado com muita frequência a uma ideia de sofrimento virtuoso, como um processo enobecedor capaz de conferir honestidade e bondade aos migrantes. Não à toa 38,46% dos entrevistados descreveram o nordestino dentro de um campo semântico correspondente à ideia de bondade com termos como “bondoso”, “humilde”, “amoroso”, “generoso”, “solidário”, “humano” e “coração bom”. Outro campo mais conectado à ideia de honestidade, representada por palavras como “verdadeiro”, “honesto” e “correto”, apareceu em 19,23% dos entrevistados. A ideia do trabalho como um sofrimento está relacionado às características dos postos de trabalho disputados por estes migrantes quando chegaram a São Paulo, com frequência em situações insalubres e em que se exigia dos migrantes muita resistência e esforço físico. A baiana Maria das Graças, ao responder sobre que características acredita serem próprias dos nordestinos, aponta virtudes como solidariedade e hospitalidade.

Nordestino tem um coração... eles são mais hospitaleiros, mais solidários. Eles são umas pessoas que gostam muito de ajudar e os paulistanos não (...). Nós gostamos de dividir; eu convivo com muitos paulistanos e eles são mais egoístas. Eles só querem para si. Se você caiu ali, eles não tão nem aí... passam, vão embora e você fica aí. O nordestino já não, ele já é mais solidário.

Maria das Graças, 63.

Marlene, quando perguntada sobre a diferença entre nordestinos e paulistanos, num primeiro momento nega que haja diferença, mencionando que todos somos iguais. No entanto quando perguntada que características ela identifica nos nordestinos, a baiana os qualifica como “trabalhadores” e afirma que quem construiu São Paulo foram os nordestinos. Em outro momento, enquanto me explicava por que acredita que o nordestino tem melhor inserção no mercado de trabalho que outros trabalhadores, ela enaltece a bondade do nordestino como razão para sua empregabilidade.

Porque trabalha bem, faz amizade...tem respeito pelas pessoas. Eles não são pessoas más, eles são bons.

Marlene, 67.

Assim como a bondade, muitas das virtudes destacadas guardavam relação com a potencialidade dos migrantes para o mundo do trabalho. O paraibano Zé Raimundo considera o nordestino versátil e lutador.

Olha, eu acho que é um lutador. Um cara que veio por que precisava. Porque precisa, né? É trabalhador, de encarar qualquer barra, qualquer situação.

Zé Raimundo, 68.

O piauiense Sérgio Pereira destaca a proatividade dos migrantes como uma qualidade quando diz que o nordestino é “Estourado”.

Nordestino é estourado (...). Estourado: assim e vai (...)! Quando quer resolver uma coisa, quer resolver logo e é assim.

Sérgio, 94.

A pernambucana Maria do Carmo também destaca a proatividade como qualidade dos migrantes, mas ainda acrescenta honestidade, resistência e coragem. No entanto, considera que a situação precária e limítrofe nas quais se encontravam os nordestinos ajudava a forjar seu caráter.

Bom, entre qualidade e defeito, é isso: ser verdadeiro e trabalhador. Dificilmente você vê um nortista - tem, mas não é comum - preguiçoso. É aquela pessoa assim de garra, sabe? Acho que a própria situação ajuda a pessoa. Tipo assim, é como uma sobrevivência, ele encara. Em outras palavras, a vizinha disse que São Paulo é construída pelos nordestinos sim, porque são aquelas pessoas de coragem, acostumados com o pesado.

Maria do Carmo, 68.

Por vezes, outras qualidades que os entrevistados consideravam relevantes nos nordestinos emergiam em outros momentos da entrevista, como quando o baiano Sarapião ainda relatava seu processo de chegada em São Paulo. O baiano narra que no dia seguinte à sua chegada já conseguiu emprego como aprendiz de pedreiro.

Eu sempre fui muito curioso. De um pouco eu via eles fazendo... pega a colher, vai fazendo aí, vê o que você pode fazer... com dois meses, eu já estava fazendo parede! “Você é inteligente”. Digo: não, baiano burro nasceu morto (risos).

Sarapião, 74.

Quando perguntados sobre quais diferenças os entrevistados identificam entre

nordestinos e paulistas, de um total de 25, 6 disseram não ver diferenças enquanto um deu uma resposta evasiva. Dos que destacaram diferenças, 66,6% deles se pronunciaram sobre nordestinos e paulistas, mas um terço apenas destacou características dos nordestinos, se omitindo sobre quais seriam as qualidades dos paulistas. Nenhum entrevistado falou apenas dos paulistas. Todas as características citadas eram de natureza valorativa, qualificando ou desqualificando migrantes e locais no que diz respeito às virtudes e potencialidades, não fazendo, em suas respostas a estas perguntas, referências a possíveis características físicas.

Trabalho é um dos termos centrais nos discursos que os nordestinos têm sobre si. Dos 18 que deram qualidades aos nordestinos na pergunta sobre diferenças entre nordestinos e paulistas, 27,7% destacaram qualidades diretamente relacionadas a contextos de trabalho, como “disposto” e “trabalhador”. Entre os 12 migrantes que estabeleceram diferenças citando os dois grupos, três destacaram nordestinos como valorosos para o trabalho num contraponto seguido por três menções que qualificam os paulistas por “não gostar de trabalhar”, “menos disposto” e “acomodado”. Uma entrevistada, Maria das Graças, subverteu essa tendência e relacionou os nordestinos a “sossegado” e “cansado”, enquanto os paulistas foram identificados como “proativos”. Uma outra entrevistada respondeu que a diferença entre o nordestino e o paulista é que o primeiro “não tem cultura” enquanto o segundo foi “educado”.

Essas representações dialogam entre si na medida em que se percebe que de maneira geral, nos discursos dos entrevistados, a palavra trabalho é muito relacionada à ideia de trabalho braçal, que era o tipo de trabalho ofertado à grande maioria dos migrantes nordestinos, portanto a natureza de trabalho com que eles têm mais intimidade e experiência. Por outro lado, há uma identificação dos paulistas com os trabalhos mais intelectualizados e postos de comando e gerência. Campo de atuação visto pelos migrantes como um tipo de trabalho “mais fácil”. Quando esse trabalho é visto como produtor de riqueza, temos a visão singular de Maria das Graças, baiana que reproduz o estereótipo que representa o nordestino como passivo e estagnado.

A diferença de um nordestino para um paulistano, é que o paulistano ele é uma pessoa... eles são muito ativos, gostam mais de mandar. Eles são mais torcedores para o time, são mais políticos... agora, o nordestino é mais uma pessoa sossegada. Ele não é de correr muito atrás. Por isso que falam de baiano cansado. Ele não é de querer correr para subir na vida, ele se acomoda muito. Para mim, na minha visão, eu acho paulistano não se contenta com pouco não.

Maria das Graças, 63.

Diferentemente de Maria das Graças, a grande maioria dos entrevistados tendeu a

valorizar mais trabalho do nordestino em detrimento do desempenhado pelos paulistas. O depoimento de Sivaldo, de 68 anos, ilustra essa visão geral.

Os paulistanos aqui... na verdade, o povo falava que, na época que eu trabalhava, o paulistano era muito preguiçoso. Quem constrói e fez São Paulo crescer foi tudo do Nordeste, nordestinos. Os paulistanos aqui não gostam muito de trabalhar não.

Sivaldo, 68.

Se por um lado a visão geral dos entrevistados talvez indique um entendimento de que o que tende a ser desempenhado pelos paulistas não seria tão reconhecido como “trabalho” quanto o que em geral é desempenhado pelos nordestinos, talvez esteja subjacente à interpretação de alguns a percepção do quanto seu trabalho é imprescindível para a produção de riqueza e para a prosperidade da região de São Paulo.

Nos discursos dos nordestinos sobre os paulistas pode-se perceber um processo de racialização dos nativos. Fora discursos focados na natureza do trabalho desempenhado pelos locais, outras qualidades surgiram nos relatos como próprias dos paulistas, seja espontaneamente, seja na pergunta mais direta em que se pedia as diferenças entre eles e os nordestinos. Quando perguntados diretamente, os paulistas também foram retratados quanto ao seu comportamento em sociabilidade. Qualidades como “fechado”, “desconfiado”, “reservado” e “calmo” foram evocadas pelos migrantes.

Aí os paulistanos têm uma coisa: fica uma pessoa doente, eles nem falam. Guardam o segredo. Eles não falam de doença. O nordestino já fala, né? Os paulistanos não falam. Às vezes morre e você não fica nem sabendo. O nordestino é diferente nessa parte (...). Eles não querem visita. Eles não querem que vá na casa ver o doente. É assim, a gente não fica nem sabendo. Às vezes quando você fica sabendo, da rua mesmo, quem a gente conhece, morre a mãe de fulano, cicrano, quando você vai saber... ô! Já tem um mês ou mais! Eles são assim de não gostar de visita não. Mesmo que esteja doente, eles não gostam.

Antonia, 60.

As diferenças de sociabilidade na memória dos migrantes ficam marcadas como uma discrição exagerada ao ponto de que até sob uma situação de muita fragilidade, como a iminência da morte, os paulistanos são tidos como “fechados”. Enquanto o nordestino seria retratado por alguns como “alegre”, “brincalhão”, “hospitaleiro” e “amigo”, outras respostas ainda indicaram que o paulistano seria “menos humilde”, “orgulhoso” e “metido”. No contexto geral das falas esses adjetivos também são reafirmados. Embora tenha respondido que “não há” diferenças entre paulistanos e nordestinos, Sivaldo atribui aos nativos vários adjetivos destacados por outros entrevistados.

Sabe, a pessoas paulistanas elas se acham! O legitimo, de sangue, família de paulistano mesmo! Agora quem é paulistano e já é misturado, já é diferente! Mas aqueles que são paulistanos mesmo, eles se acham e são falsos pra caramba. Você não pode confiar muito em paulistano não (...). Eles são muito falsos, os paulistanos. Eles falam aqui na sua frente uma coisa e depois pelas costas eles já metem o cacete. (risos) Eu zoo com minha esposa porque ela é paulistana (...). Eu zoo ela. Um dia eu falei para ela: “nossa, paulistano é muito falso”! Ela falou assim: “então por que você casou com paulista”? “Sei lá, porque eu não sabia”! Mas o paulistano é uma raça falsa que misericórdia! Eu zoo com ela, ela fica brava.

Sivaldo, 68.

Sivaldo atribui aos paulistanos características como “falsidade” e “pedantismo”. Quando perguntado quais as diferenças entre nordestinos e paulistas, ele diz não haver, embora enfatize que a única diferença que existe é os paulistanos se acharem diferentes dos nordestinos.

Chama a atenção na fala de Sivaldo a ideia de “família paulistana de sangue legítimo” como diferencial do paulistano “misturado”. É possível inferir em sua fala um processo de racialização que se remete a um ideal de corpo do paulistano a que se faz referência, uma vez que é muito comum que no Brasil palavras como “de sangue” e “legítimo”, quando conectadas à família, orbitem um espaço relacionado à branquitude, enquanto que “misturado” seja mais comumente relacionado à negritude. Não é inédita a identificação e representação de um ideal de paulistano como uma pessoa branca (WEINSTEIN, 2006). Outra entrevistada, a alagoana Cícera, enquanto falava de uma desafeto, transpareceu compartilhar da mesma ideia de corpo paulistano que Sivaldo.

Pode até pensar que não, mas tem pessoas que se sentem mal com a sua felicidade e era o caso dela. Porque mais nada eu tinha: ela era de cor, era piauiense, que é do Nordeste também. Por que se fosse alguma paulistana loira, coisa assim, não! Ela era de cor! Não tinha nada do que eu não tinha. As qualidades e essas coisas todas eram a mesma coisa! Então acho que no fundo ela tinha raiva de ver a pessoa de bem.

Cícera, 61.

Cícera se refere a uma vizinha com quem teve muitos atritos, outra nordestina negra como ela, o que torna essa situação para a alagoana não compreensível. Dentro de sua vivência, mais compreensível seria se estes atritos partissem de uma “paulistana loira”. O fato de esta “paulistana” idealizada ser mencionada como loira é outro provável indício de que há um ideal de paulistano que, do alto da hierarquia social, é representado como branco.

Este “outro”, da perspectiva dos nordestinos, é racializado a partir de determinadas características e tem também um corpo idealizado que o incorpora, um corpo

branco. Mas quem poderia ser considerado este “outro”? A maioria dos relatos oscila entre menções ao paulistano e ao paulista como identificação dos estabelecidos da região, sem ficar claro se a nomenclatura é uma referência exclusiva ao gentílico da Cidade ou ao gentílico do Estado. Alguns relatos chegam a expandir o território considerado válido para identificar o nativo da região, como fez Antônia ao incluir entre os paulistanos uma vizinha paranaense.

Essa minha vizinha que mora aqui, ela é do Paraná. Mas é tipo assim, (...) ela já tem uns 12 anos que ela mora aqui. 12 anos e eu já conhecia ela, pouco, mas eu já conhecia por que ela já morou nessa rua de aluguel. Eu nunca entrei na casa dela. Ela nunca me convidou para entrar na casa dela. Ela já entrou na minha. Eu a convidei, não foi só uma vez. Ela já veio na minha casa, porque assim eu ia ensinar um crochê para ela. Ela entrou, eu ensinei. Outra vez ela veio para preparar uma massa de bolo... de pão que eu não sabia. Mas na casa dela ela nunca me convidou para entrar. É assim, quando eu chego lá para alguma coisa, ela já vem e é resolvido ali (aponta para o portão). Gosto muito deles, se você precisar para qualquer... você pode pedir que eles ali fazem o que podem. Mas assim para você chegar no portão, “entra fulana”! Assim não.

Antônia, 60.

Mais uma vez pautando o que julga uma discriminação exagerada e excludente por parte dos paulistanos, Antônia narra o histórico de relação com sua vizinha como exemplo para ilustrar suas impressões sobre o paulistano, embora o exemplo consista na sua relação com uma migrante paranaense. Isso pode indicar que a alternância de nomenclatura dos nordestinos sobre os estabelecidos vai além de uma confusão entre quem nasceu na cidade e quem nasceu no Estado, substancialmente se configurando numa imprecisão interna entre os migrantes sobre quem são estes nativos e a que critérios eles devem atender para ser enquadrados nessa alteridade.

5.4 ANTES ERA BOM, MAS ERA DIFÍCIL; HOJE É RUIM, MAS É MELHOR

Com o intuito de que os entrevistados pudessem citar situações adversas do presente e do passado na intenção de sondar se a partir destes casos seriam descritos episódios de racismo, foi perguntado se “a situação do nordestino em São Paulo melhorou ou piorou”. A pergunta foi construída propositalmente para permitir que o entrevistado pudesse trazer reflexões à cerca de que elementos ele considera importante. Em 59,25% dos casos a resposta imediata deles foi de que consideram que a situação melhorou; 33,3% apontam que houve uma piora e 7,4% consideraram que não mudou. Estes dados dão apenas um vislumbre geral do que cada um entende como importante para si e para os outros nordestinos. Cada

entrevistado apontou motivos diferentes para justificar sua resposta, com frequência apontando também outras percepções que justificariam uma resposta diferente da dada. No entanto um padrão se esboçou ao se verificar que com frequência as respostas refletiam sobre o mercado de trabalho de antes e o mercado de trabalho presente.

Apesar de não ter sido o foco intencional das entrevistas o tema trabalho foi recorrente e ficou nítida uma visão geral de que a disponibilidade dos postos de trabalho mudou. Se antes era mais fácil conseguir trabalho que exigisse pouco nível de formação, agora seria mais difícil. Por outro lado, postos de trabalho antes inacessíveis aos nordestinos na visão destes entrevistados, agora estariam ao alcance dos migrantes.

Um elemento frequente nas entrevistas foi a autovalorização dos entrevistados enquanto “nordestino trabalhador”. Os entrevistados com frequência relacionaram a sua identidade enquanto nordestino ao seu valor como empregado esforçado e honesto, capaz de corresponder às exigências e, por isso, conseguir uma fácil inserção no mercado.

(Naquela época) era difícil, teve época boa, mas era serviço mais braçal também. Hoje se o cara sabe ler e escrever bem, arruma serviço bom. O que está matando mais o cara que vem do Norte chegar aqui é o estudo, que não tem. Se não tem estudo suficiente ele pena, até pegar as manhas, né (...)? (Os nordestinos) têm vantagem porque são trabalhadores, né? Nordestino não vem para cá para dar leite, não! Vem para tirar o leite mesmo! (risada) Trabalha duro, trabalha de todo jeito. Agora, aqui, o pessoal que estuda, que é estudado, ele não quer pegar no pesado. Se todo mundo fosse desse jeito e ninguém pegasse no pesado como é que ficava, né? Geralmente eles (empregadores) preferiam mais o nordestino por causa disso, porque são trabalhadores e os paulistas não gostam de pegar no pesado. Nunca gostaram, né? Então o nordestino topa tudo. Naquele tempo não tinha os maquinários que tem hoje, levantar prédio, virar concreto igual eu fiz, virar concreto na mão, bater concreto... aqueles viadutos da 23 de maio eu trabalhei neles ali virando concreto na mão ali, ali eu sei.

Geraldo Brito, 77.

Geraldo Brito, baseando-se na própria vivência enquanto trabalhador da construção civil, entende que a migração nordestina desempenhou serviços imprescindíveis para a economia paulistana por serem eles os que “pegaram no pesado”. Na sua interpretação, as vagas de trabalho disponíveis aos nordestinos são aquelas das que não precisam de muita qualificação. O trabalho disponível é penoso. É com o sacrifício envolvido em sua ideia de trabalho, que ele também encontra valor em si e nos demais migrantes. Sua visão sobre o “nós” enquanto migrantes resvala também em racialização dos “eles” nativos, paulistanos ou paulistas, como grupo “preguiçoso” e que “não gosta de pegar no pesado”. Essa visão dualista entre nordestinos e paulistanos é corroborada por outros entrevistados.

(Meu marido) chegou aqui e foi trabalhar numa fábrica em que ele usava uma chave que pesava 13 quilos. Era um serviço muito bruto, muito bruto e ele enfrentava. Os paulistanos gostam de moleza. O nordestino tinha essa qualidade. Agora, não é mais todos que têm não. Eles enfrentavam mesmo, eles aguentavam o baque, tanto é que eles falam que em São Paulo... quem ajudou São Paulo a crescer foram os nordestinos, né? Os nordestinos tinham coragem mesmo de trabalhar. Os paulistanos não, eles são mais molengas, eles gostam mais de moleza.

Antônia, 60.

O discurso que defende que, sem a migração nordestina, São Paulo não teria crescido também é reproduzido por Antônia. Os paulistanos, segundo a entrevistada, não tiveram e não têm a mesma disposição para o trabalho que de fato faria São Paulo crescer. Laudicéia também reproduz essa dualidade entre migrantes e locais, enfatizando que a natureza do trabalho do nordestino facilitava sua inserção no mercado de trabalho, porém essa mesma natureza consistia numa “desvantagem” uma vez que lhe eram oferecidos os serviços mais desgastantes e que ofereciam poucas oportunidades de ascensão social.

(Ser nordestino no mercado de trabalho, antes, era) Vantagem num modo e desvantagem em outro. O que eu acho daquela época... nordestino aqui servia para trabalhar. Trabalho pesado: quem é? Nordestino. Vai trabalhar para cavar buraco, fazer isso, fazer aquilo... então, eles tinham poucas oportunidades. Até hoje você vê que existem muitos contra o nordestino, até esse que se diz presidente. Mas tudo bem. Eu acho que se você olhar o lado nordestino e o paulista, a maioria das pessoas falam que os paulistas são preguiçosos, não sei se vocês são paulistas... mas o pessoal não fala que paulista é preguiçoso? Quem é que veio para ajudar São Paulo? Nordestino. Tire os nordestinos de São Paulo para ver o que fica. Vazio! (risada) Fica vazio. E a construção civil? Parada. Por que quem levanta a construção civil são os nordestinos (...). Mas hoje em dia acho assim: se tirar o nordestino de São Paulo, São Paulo “fiu” (afunda)! Não é, dona Maria?

Laudiceia, 66.

A entrevistada faz menção ao presidente ainda não empossado à época, porém já eleito Jair Bolsonaro. Vários de seus eleitores atacaram e ofenderam os nordestinos nas redes sociais pelo resultado do primeiro turno que levou o candidato Fernando Haddad a competir com Bolsonaro no segundo turno. O Nordeste foi a única região em que Jair Bolsonaro não obteve maioria no primeiro turno. A motivação dos ataques se calcava na ideia de que o voto dos nordestinos foi o responsável pela não vitória no primeiro turno do candidato do PSL.

Laudicéia também dá a entender que existe um consenso interno na comunidade de migrantes sobre os paulistas serem “preguiçosos”. No entanto, enquanto fala de seus filhos, ela não os conecta às qualidades conferidas aos paulistanos, dando a entender que, para ela, os filhos e descendentes estão mais relacionados ao grupo migrante que ao grupo nativo. Esse discurso também foi percebido em outros entrevistados.

Gilda, baiana de 66 anos, que ao chegar a São Paulo trabalhou como empregada

doméstica, confirma que antes o mercado de trabalho oferecia mais vagas aos nordestinos, porém não crê que essa oferta esteja muito menor nos dias atuais.

Acho que naquela época era melhor, que hoje está tão difícil emprego (...). É que geralmente era mão-de-obra, né? Era muito procurada, né? Até hoje é procurada a mão-de-obra. Você vê que o nordestino não tem moleza, eles pegam qualquer coisa. O paulistano já tem mais frescurinha, né? O nordestino já... eu pelo menos, pegava qualquer coisa. Não tinha escolha de serviço! Nordestino não tem escolha de serviço.

Gilda, 66.

A facilidade alcançada pelo nordestino na inserção no mercado de trabalho, apesar de vista como positiva pela entrevistada também é reconhecida como limitada. A entrevistada se refere à categoria de empregos em geral ocupadas por nordestinos como “mão-de-obra” e enfatiza a capacidade do nordestino de “pegar qualquer coisa” em contraponto, mais uma vez, ao paulistano. Zé, paraibano de 68 anos se referindo aos locais como “sulistas”, foi outro entrevistado que mencionou a capacidade do nordestino de “encarar o pesado” enquanto, nas palavras dele “os demais, os sulistas, não eram muito de encarar o pesado”. A baiana Valdete também enfatiza esse contraponto entre os dois grupos. Um “com coragem” de encarar o trabalho “pesado” e outro sem essa “coragem”.

Porque depende do serviço. Depende da caneta e depende do serviço pesado. Serviço pesado: nordestino. Outro (serviço): paulistano. Paulistano? Serviço de escritório, serviço de andar na gravata. Se eu tiver errada me perdoe (...). (Os nordestinos), coitados, só pegam no pesado. Se tem nordestino que for trabalhar num escritório, ele não fica, ele sai, porque só quer trabalhar no pesado. Não quer (...)! (Mas) quando nordestino quer trabalhar num escritório, ele trabalha. Os paulistas não gostam de trabalhar não. Você está vendo esse prédio daqui da esquina, que tem mais de 20 andares? Então, eu conversando com eles aqui, eles falam “todos nós trabalhamos aqui nesse prédio, nós somos todos nordestinos, aqui não tem nenhum paulista” e eu falei “exatamente, porque nordestino tem coragem para trabalhar”. Quem mora aqui em São Paulo não tem coragem de pegar num pesado desses aí não!

Valdete, 82.

A entrevistada enfatiza a aparente segregação entre os postos de trabalho. Ela também sugere uma possível inadequação dos migrantes ao ritmo do “trabalho de escritório”, embora enfatize que o nordestino tem tanta capacidade quanto o paulistano de ocupar postos de trabalho mais qualificados.

Quando os entrevistados pautavam as mudanças no mercado de trabalho para os nordestinos, independente das respostas, com frequência, era expressa a ideia de que houve

uma piora nas ofertas de postos trabalho que demandam uma menor qualificação. Antônia, além de perceber o aumento de desemprego entre os postos de trabalho que no tempo de sua chegada tendiam a ser ocupados pelos nordestinos, também expressa seu descontentamento com os salários hoje ofertados aos mesmos postos.

Ah, piorou! Meu Deus do céu, se eu fosse um nordestino eu nem vinha mais para cá, porque não tem mais emprego! Não tem! Não tem mais salário! As firmas se aproveitam do desemprego para explorar! Está muito difícil, muito difícil. Eu uma coisa agradeço a Deus: eu vou fazer 38 anos de casada agora em janeiro e eu nunca vi meu marido desempregado. Agora ele já é aposentado, ainda trabalha. Meu marido nunca ficou desempregado nem um dia, mas de uns anos para cá, emprego aqui está péssimo. É muito difícil. Antes, o povo aqui até conseguia as coisas, mas agora está muito difícil conseguir, porque não tem salário e nem emprego. Quando tem emprego, o salário ô (sinal de pouca quantidade)! Não é nada, aqui já foi muito bom para o nordestino, agora não presta mais não.

Antônia, 60.

Quando se afirma que “a situação do nordestino piorou no mercado de trabalho”, com frequência refere-se à antiga forma de ascensão social que acontecia pelo acesso a empregos que exigiam menor qualificação, como empregada doméstica, vigia, trabalhador de linha de produção e costureira. No entanto, os entrevistados apontam que hoje os migrantes têm a oportunidade de ocupar postos em que se exige maior qualificação. Oportunidades antes reservadas, em sua percepção, aos paulistanos.

Hoje o nordestino vem para cá e já entra numa faculdade, já estuda. Naquela época para você estudar, você tinha que ser filho de rico. Não tinha faculdade para pobre, só pra rico. Então não tinha campo para eles aqui, agora já tem, né? A gente já faz faculdade, já estuda... se quiser estudar, estuda, abriu um leque da educação para as pessoas, em todo lugar do país, não só aqui.

Maria do Espírito Santo, 58.

Maria do Espírito Santo sente que a migração nordestina tem acesso a vagas de trabalho que antes eram restritas aos “filhos de rico”, vagas que antes não eram ocupadas pelos nordestinos que chegavam a São Paulo. O acesso limitado dos migrantes à educação nos estados de origem formava uma verdadeira barreira a limitar os inúmeros postos de trabalho disponíveis. Enquanto a empregabilidade era vasta numa mobilidade horizontal aos trabalhadores com baixa escolaridade, ela era limitada à mobilidade vertical, o que era sentido como um muro difícil de transpor.

Primeiro de tudo é falta de estudo. Falta de estudo para arrumar emprego não é fácil. Mesmo se arrumasse, era conforme o estudo. Eu mesmo trabalhava: deu vaga para trabalhar em caixa de padaria. E a turma falava: “por que não coloca o Seu

Bento para trabalhar”? Falaram: “ele é muito honesto, mas acontece que ele não tem estudo e quem não tem estudo”... a primeira coisa que é os vendedores olhavam os documentos, viam que o cara não é estudado, já metiam a faca para roubar! Então eu não ia para frente (...).

Bento, 88.

O piauiense Bento aponta os limites dos empregos disponíveis quando se não apresenta o nível de formação exigido. Sendo reconhecido pelos colegas como um trabalhador honesto, indica pelo menos uma oportunidade em que teria tido a possibilidade de ascensão social frustrada pela sua baixa escolaridade, elemento que também, reconhece o entrevistado, o deixava mais exposto à ausência de direitos e à uma maior exploração por parte de seus chefes. Essa barreira era sentida e estratégias para a ascensão social que a transpusessem eram adotadas pelos migrantes. Uma delas consistia na prioridade de recursos destinados à educação dos filhos.

Mas hoje em dia sem estudo você não consegue o que eu consegui antes sem estudo. Isso que meus filhos eu criei... depois entrei na última empresa que eu me aposentei... entrei em 86, saí em 2005. Fiquei 19 anos na empresa porque eu me aposentei e trabalhei mais 4 anos para poder dar estudo para eles. Por que eu falei para eles: eu sou pobre, não posso dar nada para vocês, mas pelo menos estudo, que eu não tive, vou dar para vocês. Então juntou eu e minha esposa trabalhando também, a gente pagou estudo, comprava livro para eles...

Sivaldo, 68.

Sivaldo tem a percepção que mesmo as vagas antes existentes para pessoas com baixa escolaridade, vagas as quais ele pôde ocupar quando migrou para São Paulo, estavam exigindo cada vez mais escolaridade como crivo em processos seletivos. A estratégia adotada por sua família foi de investimento na formação dos filhos a fim de que eles pudessem ter mobilidade vertical e disputar vagas em que se exige maiores qualificações.

Muitos entrevistados compartilharam da impressão de Sivaldo de que as vagas antes disponíveis se tornaram com o tempo mais inacessíveis. A percepção geral dos entrevistados identifica uma “piora” na inserção nestes postos de trabalho e cada um tenta entender este fenômeno a partir de seu repertório. Ivan acredita que a concorrência com outras lavas de imigrantes internacionais ou a crise econômica mundial podem ter contribuído para o atual quadro de desemprego.

A situação hoje em São Paulo para o nordestino está difícil. Devido a que antes era só a migração, hoje é a imigração. Por mais difícil que seja a vida em São Paulo é uma cidade cobiçada pelo mundo inteiro, tanto que aqui você encontra pessoas de todo o mundo. Eu conheço cubano, eu conheço árabe, eu conheço egípcio, eu conheço americano, eu conheço chineses, pessoas do mundo inteiro tem os olhos em São Paulo. O que acontece? O espaço ficou pequeno para o brasileiro aqui, não só

para o nordestino, mas para o brasileiro, para o paulistano, para o paulista, ficou difícil (...). O nordestino, hoje, a dificuldade dele não é nem com os outros conterrâneos dele de outros estados, mas sim com a concorrência internacional. Hoje tem uma concorrência muito grande e hoje, nós nordestinos e brasileiros, não temos as mesmas oportunidades que os estrangeiros que vem para cá têm. Por que quando a pessoa vem para cá de outro país, ela tem mais oportunidades do que nós, que somos brasileiros. Diferente dos americanos: o americano dá mais privilegio para o seu povo do que nós brasileiros, desprivilegiados pelos próprios brasileiros. As nossas autoridades, eu vejo assim, dão mais oportunidade a quem é estrangeiro do que ao próprio brasileiro. Então, o nordestino, ele sofre hoje a dificuldade, tanto quanto os outros, com a concorrência internacional (...). O nordestino naquela época tinha mais vantagem. Por que é o seguinte: o nordestino naquela época vinha para o tudo ou nada. Era o El Dorado aqui. Era como se se descobrisse uma Serra Pelada aqui em São Paulo. Então você tinha que garimpar, tinha que cair para cima. Os preguiçosos, os fracos ficaram para trás, entendeu? E os que tinham garra... eu mesmo já cheguei a trabalhar em três empregos! Então, quer dizer, as oportunidades vinham e você tinha que abraçar e segurar e cair para cima. Porque o nordestino tem a característica de ser trabalhador de ser aguerrido, de ser valente, diferente de outros, né?

Ivan, 58.

Ivan faz parte do grupo de entrevistados que alega uma piora na situação geral para dos nordestinos em São Paulo. O paraibano acredita que a concorrência por postos de trabalho com imigrantes de outros países pode ter estrangulado a disposição das vagas antes garantidas aos migrantes nordestinos. Seu argumento o reinsere como um nacional junto aos paulistanos diante de uma imigração estrangeira recente de forma similar à maneira como os imigrantes italianos passaram por um processo de “embranquecimento” nos Estados Unidos. Antes vistos como um grupo racial à parte, os imigrantes italianos nos EUA conseguiram ser integrados à branquitude estadunidense à medida que adotaram o discurso racista contra os afro-americanos (JACOBSON, 1998). Assim como os italianos se incorporaram à branquitude por meio de um discurso que fortalecia a racialização de outros grupos, Ivan pode estar expressando um movimento análogo em relação à migração nordestina da qual ele faz parte racializando outros grupos de imigrantes a fim de se incorporar aos “brasileiros” num contexto paulistano que historicamente também racializa os nordestinos.

Diferente de Ivan, entre os entrevistados que responderam que a situação em geral para os nordestinos tem “melhorado” é possível identificar o otimismo com a abertura de postos de trabalho que exigem maior qualificação como mais acessíveis hoje para os nordestinos em decorrência de um acesso à educação formal que antes era muito restrito.

Melhorou pela opção que as pessoas tiveram, pela história do próprio supletivo, da pessoa estudar e adquirir conhecimento, uma profissão (...). Melhorou, no meu conceito melhorou, pelas pessoas terem mais oportunidades de arrumar um emprego melhor por conta de ter a chance de estudar (...). Como já te falei anteriormente, acho que está relativo pela chance que a pessoa tem de estudar e de conseguir uma coisa melhor, que na época era só a construção civil mesmo, para

quem tem leitura.

Maria do Carmo 68.

A pernambucana Maria do Carmo também via as exigências de qualificação como um obstáculo à ocupação de vagas que exigiam uma maior escolaridade. Com frequência, a baixa escolaridade foi apontada como uma barreira para postos de trabalho considerados melhores pelos entrevistados.

Dos 27 entrevistados que responderam seu nível de escolaridade, 7,4% deles estavam em situação de analfabetismo e o mesmo percentual se declararam apenas alfabetizados. A grande maioria chegou a começar, mas não terminou o ensino fundamental, constituindo 44,4% do total. Somando-se os 14,8% dos que conseguiram terminar o ensino fundamental, totalizam-se 74% de entrevistados que não chegaram a cursar o ensino médio. Os que chegaram a iniciar o ensino médio, mas que não o concluíram foram 7,4%, metade do percentual que alegou ter terminado o ensino-médio, que foram 14,8%. Apenas uma entrevistada dos 27 que responderam esta pergunta chegou a cursar o ensino superior.

Enquanto alguns entrevistados apontam determinadas situações vividas ou presenciadas como evidências de preconceito contra nordestinos, outros não tem certeza sobre a natureza do preconceito vivido. Muitos entendem que outros fatores podem ser preponderantes nesse processo, como um lugar de moradia estigmatizado, a roupa que denuncia a própria pobreza, a cor da pele ou o nível de educação formal. Este fenômeno também pôde ser percebido nos impedimentos encontrados para ocupar vagas uma vez pretendidas. Alguns entrevistados desconfiam que as barreiras encontradas pelos nordestinos no mercado de trabalho estavam relacionadas apenas à baixa escolaridade dos migrantes, como é o caso de Zé Raimundo, baiano que não concluiu o ensino fundamental.

O paulista tinha um certo grau de cultura bem mais adiantado, né? Acho que era mais ou menos por aí. E o nordestino, na maioria dos casos, era analfabeto ou semianalfabeto.

Zé, 68.

Poderíamos supor que essa percepção seria própria de migrantes como Zé Raimundo, que, não tendo concluído o ensino fundamental, acreditam que apenas aí reside o impeditivo para a ocupação de outros postos de trabalho, mas trata-se de uma impressão também compartilhada pela maranhense Maria do Espírito Santo, única entrevistada que chegou a cursar e concluir o ensino superior.

Ele é muito excluído... eu não, nem tanto. Tem muito nordestino que está em cargos bons, mas também tem nordestino que tem cargos ruins, porque, justamente, ele não teve o nível de escolaridade bom, né? Mas tem também, quando eles têm o nível de escolaridade... eles não usam muito para essa... não olham muito para essa parte de ser nordestino. Eles olham muito pela cor de pele, entendeu (...)? Se ele tiver um conhecimento bom, for inteligente, consegue um trabalho bom em qualquer lugar (...). Agora, eu vejo preconceito pela cor de pele, né? Com nordestino também tem, mas ninguém vê mais ninguém humilhar o nordestino como antigamente, antigamente era demais.

Maria do Espírito Santo, 58.

A maranhense acredita que não recai sobre os nordestinos um processo de racialização capaz de limitar o acesso destes a outros cargos, justificando essa impressão com a ideia de uma menor escolaridade dos migrantes. Por outro lado, entende que o racismo antinegro sim segue sendo mobilizado para impedir a ascensão social de uma parte da população.

Assim como Maria do Espírito Santo, a pernambucana Maria do Carmo também acredita que a baixa formação escolar de nordestinos migrantes justificava em parte o não acesso a determinadas vagas de trabalho. No entanto, acredita que além desta limitação técnica que recaía sobre os migrantes, também havia uma limitação decorrente de um racismo com nordestinos.

Olha, se fosse um serviço pesado era o nordestino. Agora, se fosse entre um nordestino e outro, pelo preconceito, se o outro fizesse o mesmo serviço, ele contratava o outro, porque, sempre teve, o preconceito sempre foi evidente (...). Ah, porque... eu não sei bem assim te explicar, mas é... achar que... assim como que valorizando mais o outro e desvalorizando o nortista pelo preconceito. Eu acho que é isso. Dele dar mais chance ao outro como que por desfeita do nortista.

Maria do Carmo, 68.

Os entrevistados percebem, à sua maneira, que sobre o nordestino paira, historicamente, um racismo de exploração. É unânime a percepção que o nordestino, quando vinha para trabalhar em postos de trabalhos de baixo status social, formava uma força de trabalho imprescindível para o desenvolvimento das empresas e da vida das classes médias e altas paulistanas. A percepção frequente é de que agora é mais difícil conseguir ocupar estes mesmos postos de trabalho ao passo de que se tornou mais viável ocupar postos que exigem maior qualificação. Essa configuração somada a outros sinais como os discursos mais expressos na época das eleições que culpavam os nordestinos pelos problemas nacionais, com retórica separatista e de extermínio, pode denotar, a longo prazo, um deslocamento de um racismo de exploração para um racismo de exclusão sobre o nordestino.

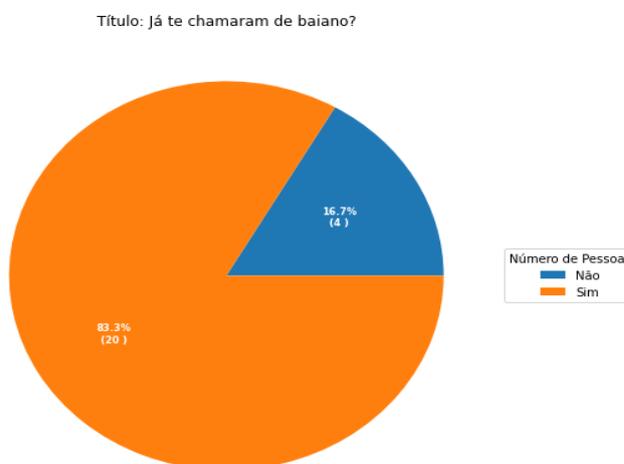
5.5 BAIANOS E BAIANADAS

Na primeira experiência de campo em São Paulo ficou nítida a aversão dos entrevistados em se considerarem vítimas de preconceito no momento da entrevista formal. Essa mesma aversão não era percebida em momentos de conversa informal quando, com frequência, os mesmos entrevistados relatavam situações de racismo e discriminação. Quando percebido que a maioria dos nordestinos não relacionavam as situações de discriminação vividas com termos como “preconceito” e “discriminação”, a estratégia para garantir a sondagem dessas vivências sem enviesar as respostas consistiu em saber se o entrevistado já havia escutado os termos “baiano” ou “baianada” e em que contexto estes termos foram usados, sob que objetivo e o que ele sente quando escuta. Na sequência da entrevista semiestruturada essa pergunta assumia uma condição de “pergunta armadilha” já que pretendia sondar em que medida os termos usados nas perguntas faziam sentido para a realidade vivenciada.

Num primeiro momento, é perguntado ao entrevistado se ele já viveu alguma situação de “preconceito ou discriminação”, termos muito evocados na realidade brasileira para designar situações de racismo ou de opressão. Como era tendência, com frequência a resposta foi negativa. No entanto, depois de outras questões, o tema era resgatado sob outro formato. Quando perguntados se já haviam escutado termos como “baiano” e “baianada” e se já haviam sido chamados assim, a resposta quase sempre era afirmativa. Seus sentimentos sobre essas situações oscilavam entre tristeza, desconcerto, resignação e menosprezo.

Apesar das respostas referentes a vivências próprias ou de conhecidos em condição de vítima de preconceito, dos 24 entrevistados que responderam se já haviam sido chamados de “baianos”, 83,3% acenaram positivamente enquanto 16,7% disseram nunca ter sido chamados de baianos. Apesar disso, alguns destes apontaram que, embora não tenham sido chamados, relataram situações em que esta palavra foi usada, inclusive quando ela se deriva num outro termo semelhante, “baianada”.

Gráfico 16 – Já te chamaram de baiano?



Fonte: Coleta de dados da pesquisa

A segunda pergunta consistia em saber o que eles achavam do emprego da palavra “baiano”, se ela era um termo negativo ou positivo. Dos 23 que responderam a esta questão, 78,2% consideram que a utilização desta palavra representa contextos negativos, enquanto 17,3% acham que se trata de um termo positivo. A entrevistada cearense Maria do Carmo, correspondente a 4,3% dos que responderam, disse que interpreta o termo como neutro, destacando que, para ela, não faz diferença se é utilizado como positivo ou como negativo.

Não faz diferença não... “baianada”, tipo assim... se você fizer uma besteira: “ah, fulano fez uma baianada” (...). É negativo porque está desfazendo, né? Como se diz, está tirando sarro, né? E não deixa de ser também uma humilhação para aquela pessoa que foi chamada de baiana. Acho que está desfazendo... está humilhando. Por que não pode ser baiano? Não tem qualidade? É como que se não tivesse qualidade: “fulano fez uma baianada” (...). Desfeita. Porque se está com a intenção de humilhar está se julgando superior ao outro. Como que se aquela pessoa estivesse desvalorizando o outro. Eu penso assim.

Maria do Carmo, 68.

Embora a resposta da migrante, objetivamente, dê a entender que ela não vê no termo “baiano” nem conotação positiva nem negativa, como foi devidamente registrado, sua reação aparentou dizer mais sobre sua postura de resiliência ante a utilização que outrem faz do termo do que sobre o que ela julga ser a intenção dos que utilizam o termo. Intenção que

ela depois revela interpretar como “desfeita” tanto para “baianada” como para “baiana”.

A generalização que se faz do nordestino sob o termo de contornos pejorativos “baiano” expressa o grande contingente de migrantes vindos daquele Estado. Fontes (2008) destaca que órgãos de controle de migração registraram, entre 1952 e 1961, aproximadamente 330 mil trabalhadores provenientes da Bahia que chegaram à cidade de São Paulo, o que os colocava como o maior grupo migrante do período, compondo 30% do total dos que chegaram à São Paulo.

Conformando comunidades distintas derivadas das redes sociais de amigos e familiares de cada estado, os migrantes não gostavam do tratamento homogeneizante que surgia sob a nomenclatura de “baiano”, termo utilizado tanto por uma mídia sensacionalista, como no cotidiano das conversas despreziosas. Entre os trabalhadores da Nitro Química, no bairro de São Miguel Paulista, entrevistados por Paulo Fontes (2008) relataram a irritação com que trabalhadores nordestinos lidavam com o termo “baiano”, fazendo sempre questão de identificar sua origem e sua especificidade ante o termo homogeneizador e pejorativo. O mesmo processo não acontecia, segundo o autor, com o termo “nordestino” ou “nortista”. Embora não deixassem de reafirmar suas diferenças internas, a generalização com o que eram tratados favorecia a construção dessa alcunha em São Paulo (FONTES, 2008). Sendo esse termo uma palavra generalista utilizada com frequência para designar, em contextos informais, todos os migrantes provenientes da região Nordeste, há uma predisposição natural em incomodar mais aqueles que não nasceram no Estado da Bahia.

A maranhense Maria do Espírito Santo, por exemplo, antes mesmo de ser perguntada a respeito do termo, quando ainda respondia afirmativamente à pergunta sobre conhecer nordestinos que tenham vivido situações de preconceito em São Paulo, usa o termo “baiano” como exemplo ilustrativo dessas situações.

Esse negócio de chamar você de baiano... isso é preconceito. Não é por que o cara é do Nordeste que ele é baiano: ele é maranhense, piauiense... chamar você de baiano, ele estava se referindo a você ser nordestino, então é preconceito, não é? O cara é lá do Sergipe e chamam o cara de baiano... então para mim isso é preconceito. Que baiano para ele é tudo nordestino, é tudo a mesma coisa. Não! É diferente! Baiano é baiano, sergipano é sergipano, alagoano é alagoano. Não tem nada que ficar chamando todo mundo de baiano! É nordestino: é baiano. Isso é preconceito!

Maria do Espírito Santo, 58.

A generalização dos gentílicos de diversos estados ao termo “baiano” soa ofensivo para Maria do Espírito Santo que entende essa nomenclatura como um sinal de desprezo e preconceito. A homogeneização de populações que veem diferenças entre si já é um processo

que acontece sobre o termo “nordestino”, termo que em si não soa ofensivo à entrevistada. Já o termo “baiano” aparenta incomodar por submeter todos os outros Estados da região à Bahia. Já o piauiense Sérgio Pereira, de 94 anos, único não baiano a considerar o termo positivo, entende que a alcunha não ofende por que não há nada de negativo em ser baiano, em suas palavras: “aí é positivo porque baiano é uma pessoa igual a gente”! No entanto, ao ser perguntado se gostava de ser chamado de baiano, ele responde: “não, gostar não gostava, mas é como diz a história, a gente não come só o que gosta”.

Já com alguns dos migrantes de fato baianos foi percebido uma ressignificação do termo como positivo, já que é um termo que define de fato o seu Estado de origem, mesmo que a intenção negativa de seu uso não escape às suas percepções. Como é o caso da baiana Marlene, de 67 anos, que em resposta à conotação de uso do termo diz: “não, eu amo, sou baiana e tenho orgulho de ser baiana. (...) Eu não ligo não”.

No entanto, os seis baianos que responderam a esta pergunta, analisando-os como grupo isolado dos demais, se dividiram. Metade dos baianos consideram o termo positivo enquanto a outra metade considera negativo. Entre todos os entrevistados que responderam a esta pergunta, apenas 4 deles, equivalente a 17,3%, consideraram o termo como algo positivo, sendo que, destes, 3 são baianos e apenas um piauiense.

A baiana Valdete, de 82 anos, foi uma das entrevistadas da Bahia que acusaram o tom negativo em que a palavra baiana tendia a ser usada. Para exemplificar como isso acontecia, ela reproduziu um diálogo.

“Baiana doída, veio de lá para cá se acabando, morrendo”! Digo: não, morrendo não! Por que eu estou viva graças a Deus! Graças a Deus estou vivinha!

Valdete, 82.

Os termos que acompanham a palavra “baiana” contribuem para o entendimento de que se está referindo a mais do que apenas ao gentílico da Bahia, mas a um campo semântico que envolve um processo de estigmatização pois a identifica como alguém que chegou “se acabando” e “morrendo”. Mesmo os baianos que consideravam “baiano” uma alcunha positiva ao se referir à palavra derivada “baianada” apontam o uso desta com sentido pejorativo.

Diz que baianada é pessoa errada: “só faz baianada, não faz nada que preste”! Eu acho isso errado, certo não é. Eu já vi o pessoal falando, aqui dentro de São Paulo mesmo, esses caras, metido a idiota, que quer dar uma de gostoso. Às vezes é de lá dentro mesmo, da Bahia, chega aqui, começa a crescer um pouquinho, já pensa que é paulista. Os baianos e os paulistanos... não é só os baianos! Os mineiros: “ah,

que baianada você está fazendo”! Eu acho que isso é errado.

Sarapião, 74.

Sarapião revela o seu descontentamento com o significado que identifica no uso corrente do termo “baianada” como algo reprovável. Ele ainda destaca que o uso do termo não seria usado apenas por paulistanos, mas também por mineiros e até por outros baianos como, talvez, uma estratégia para se sobressair aos conterrâneos, uma estratégia de fuga da racialização que se ancora numa tentativa de se igualar aos paulistanos no desprezo aos migrantes da Bahia. Nas palavras de Sarapião, “dar uma de gostoso”.

Excetuando-se todos os baianos de fato; das respostas, o percentual dos que consideram o termo “baiano” negativo cresce para 88,2% com apenas um migrante considerando o termo positivo e apenas uma se mantendo neutra, ambos equivalentes a 5,8% do total cada.

O percentual de migrantes que já foram chamados de baianos e que consideram esta palavra um termo negativo destoa dos 80% dos entrevistados que disseram nunca ter vivido uma situação de preconceito ou dos 75,86% que afirmam não conhecerem pessoas que já sofreram preconceito. Estes dados levam a crer que as vivências relatadas sobre si ou sobre outros quando perguntados sobre o termo “baiano” não são entendidas como situações de preconceito ou discriminação pelos entrevistados.

A alagoana Maria de Lurdes ilustra a carga negativa do termo “baiano” com uma situação em que a partir dele se criou indisposição, o que tencionou as relações entre os presentes numa fila de lotérica.

O outro dia, estava na lotérica ali na Jurema e um rapaz olhou para mim e falou: “tinha que ser baiana”! Falei: “com muito orgulho”! Ai o outro cara que estava na minha frente falou: “qual o preconceito você tem sobre baiano”? Ele disse: “nada”! Ele disse: “então, porque você está chamando ela de baiana, você sabe se ela é baiana”? Falei: “mas se eu não sou, tinha orgulho de ser é nordestino”! Fazer o que, né (...)? Eu acho que esse senhor que falou não estava girando bem da cabeça.

Maria de Lurdes, 67.

Vários dos entrevistados destacaram situações similares à vivenciada por Maria de Lurdes, relatando o desconforto envolvido ao se escutar expressões como “tinha que ser baiano”. Na narrativa da entrevistada é possível observar dois tipos de reação ao termo “baiano”. Maria de Lurdes, apesar de ser alagoana e de considerar o termo negativo, tenta ressignificar a expressão destacando seu “orgulho” de ser baiana. Já outro comportamento foi o de outro interlocutor da fila, possivelmente outro nordestino, que indaga em tom

intimidatório o primeiro sobre qual seria o problema de a Maria ser baiana, desconcertando-o. Quando perguntada sobre em que situação ela costumava ouvir a palavra “baianada”, Maria enfatizou sua postura já exemplificada em enfrentar os interlocutores à sua maneira.

Ignorei, porque tem um ditado que fala: “tem que ser nordestino, tem que ser baiano” (...)! Eu deixei para lá porque é um orgulho terem te chamado de baiano, de nordestino, né (...)? Eu acho que é tirando uma com o baiano, que nem essa gíria. Acho que é machucando alguém (...). Eu acho que eles acham que só paulista que é bom e isso e aquilo outro. Do nordestino, o pessoal fala assim. Tem muita fama, né? Mas nem todo mundo é o que eles dizem (...). Digamos assim, teve um assalto: “ah, tem que ser baiano! Foi baiano! Foi nordestino”. E não é sempre assim, né? Às vezes o nordestino leva umas famas por outras pessoas.

Maria de Lourdes, 67.

Maria de Lourdes relata testemunhar estas situações em que o nordestino é tratado com desprezo, mas diz preferir responder a estas provocações relevando-as com uma postura silenciosa ou com a positivação dos termos com os que se tenta depreciar. Já o piauiense Bento relata ter vivido essas situações com tristeza quando era chamado de baiano. Ele destaca que houve um tempo em que a reação a essa palavra era mais violenta.

De primeiro, se chamasse baiano nessa rua aí, a turma metia a faca (...) “oh, baiano”! Eles metiam a faca (...). Os próprios donos da padaria não me chamavam pelo nome, chamavam de baiano (...). Houve uma ocasião em que um baiano ia descendo nessa estrada aí, com radinho ligado. Chamaram ele de baiano. Acabou de chamar de baiano, o cara arrancou a faca e já matou o cara nessa rua aí só porque chamou ele de baiano. Naquele tempo era muito manjado o baiano (...). Agora não, mas naquele tempo era muito manjado o nortista, porque diziam que nortista em vez de descansar ia tomar pinga, brigar, matar os outros... e naquele tempo era desse jeito mesmo.

Bento, 88.

Bento relata um episódio de reação violenta em que o ofendido assassinou quem o chamou de baiano. Ele considera que antes o “nortista” tendia a ser mais ofendido com mais frequência pelo estigma que recaía sobre os migrantes. No entanto, Bento considera que esse estigma se justificava.

Para alguns entrevistados como a potiguar Maria de Salete, o significado de termos como “baianada” pode parecer vago e indefinido, mas ela identifica em seu emprego que o termo tem conotação negativa.

Às vezes tem um monte de gente conversando e uma pessoa solta uma bobeira e o povo fala “a baianada de fulano, né” (...)? Não sei, acho que estão chamando a pessoa de bobo, né? De alguma coisa assim, não sei... acho que é negativo.

Maria de Salete, 71.

Apesar de que o termo “baiano” tende a ser reconhecido pela ampla maioria dos entrevistados como um termo negativo, migrantes como Maria de Salette comentaram ter suas dúvidas sobre o significado exato do uso da terminologia. Essa indefinição sobre os usos do termo permite diferentes interpretações a respeito da intenção de quem a utiliza, revelando entre os entrevistados gradações de gravidade que vão desde a raiva mortal até aqueles que entendem no termo disposições menos ofensivas.

5.6 RACISMO RECREATIVO: QUANDO A OFENSA NÃO DÓI

Frases racistas sob a áurea de brincadeiras possibilitam uma maior tolerância a manifestações que, em um contexto de seriedade, seriam entendidas como muito ofensivas. Esse recurso possibilita que o emissor revele sob um viés de descontração seus pensamentos racializadores. Gilda é uma baiana que, como metade dos entrevistados de fato baianos, considera o termo “baiano” positivo. Ao responder se já havia escutado o termo “baiana” ela revela que, casada com um descendente de Japonês, já presenciou brincadeiras de seu marido com os migrantes nordestinos.

Às vezes na brincadeira (...). Às vezes as pessoas falam até sem sentir, né? Meu próprio marido às vezes fala: “esses baianos...”. (Eu falo) “‘esses baianos’ e para que você casou com uma baiana então”? Ele fica quieto. (E sobre o termo baianada) você tem que ficar quieto, né? Fazer o quê? “Essas baianada vem tudo pra cá, esses nordestino vem tudo pra cá, em vez de ficar no seu lugar, fica só enchendo o saco”!

Gilda, 66.

Gilda enfatiza que muitas das expressões sobre os “baianos” tendem a ser emitidas quase automaticamente, “até sem sentir”. Como ilustração, destaca uma situação em que seu marido, ao ser confrontado por ela, se calou. Já quando o termo evocado é “baianada”, ela manifestou mais pesar e revelou que sua reação a este termo tende a ser o silêncio.

O racismo recreativo como artifício a diminuir o impacto de afirmações racistas também é percebido como um atenuante mesmo nos que consideraram a palavra “baiano” negativa. Alguns destes entrevistados identificam o termo com conotações mais leves quando em um contexto de “brincadeira”. O piauiense Macário, quando questionado se já havia sido chamado de baiano, identifica na alcunha nuances de irreverência, embora considere que o termo penda mais para o negativo do que para o positivo.

Fui chamado, mas foi na brincadeira... às vezes, né? A gente também não vai reclamar, né (...)? Eu acho que pode ser nenhuma das duas, mas talvez mais para negativa do que para positiva (...). Porque quando eles querem reclamar de uma coisa que não gostaram, diz que é de baiano, né? Então é mais para o negativo do que para o positivo, né?

Macário, 77.

Assim como Macário, a cearense Zilmar identifica no termo uma alcunha negativa. No entanto, também como ele, ela considera que, em boa parte das situações, a utilização é leve por se inserir num contexto de brincadeiras. Quando perguntada se já foi chamada de baiana ela dá a entender que foram muitas vezes, mas que, apesar do evidente incômodo, procura não se chatear tanto por não ser exatamente uma ofensa.

Já! Nossa! Mas eu não ligo, não! É preferível chamar de baiana do que de vagabundo ou de outras coisas, né? Não, (o tratamento é) na brincadeira! “Vai para lá, sua baiana”! Tudo na brincadeira! Não discriminando! Não desfazendo!

Zilmar, 71.

Zilmar não vê desfeita quando a intenção dos que a chamam de “baiana” é propiciar um momento de descontração. No entanto, o racismo recreativo possibilita que estruturas racistas possam ser reproduzidas sob um viés cômico que o torna aparentemente mais leve (MOREIRA, 2020). Ela destaca o inofensivo do ato ao colocar que, com frequência, não há uma intenção de se fazer “desfeita”.

A pernambucana Maria do Carmo é outra entrevistada que, apesar de considerar a palavra “baiana” negativa, não entende nela uma necessidade de ofender e para expressar isso, também destaca que, nestes casos, não há uma intenção de fazer “desfeita” com o migrante.

Sim, mas é tipo assim por uma gozação, né? Não na intenção de ofender, mas se uma pessoa quiser dizer que uma pessoa não é paulista, aí todo mundo é baiano! Mas é mais por uma brincadeira. Desfeita eu não vejo. O sentido de desfazer não, mas assim: invés de chamar de nortista, chama de baiano. Mas por uma brincadeira! Não vejo maldade, não.

Maria do Carmo, 68.

O pernambucano Geraldo Brito quando perguntado se conhece alguém que já sofreu preconceito por ser nordestino, responde que sim, mas enfatiza o caráter inofensivo das situações de que se lembra ao destacar que elas tendem a se manifestar como piada.

Piada, piada! A gente sempre recebe umas piadas! Mas dizer assim: “não te quero aqui porque você é nordestino” nunca vi não. Mas alguma piadinha... “você é do Norte...”. Às vezes as pessoas discutindo qualquer coisa, o cara tira um barato um com outro. Mas dizer assim: “você não vai entrar aqui porque você é nordestino” nunca vi isso não. Para mim é tudo igual. (Falado sério) só se tiver alguma

encrenca, alguma briga e o cara: “ah, você vem lá do Norte, não sei o que, tal” (...). Às vezes o cara está nervoso e pode falar essas besteiras, né? Mas eu acho que, no certo mesmo, maior parte tudo é igual. Não tem nada nem ninguém melhor do que ninguém. É igual lá no Norte. No Norte, quem é rico é rico, quem é pobre é pobre, né?

Geraldo Brito, 77.

Geraldo considera que o preconceito vivenciado como migrante nordestino se manifesta em maior parte em contextos irreverentes, não tão sérios como poderia ser um cerceamento de acesso a determinados espaços. No entanto, destaca que há poucas situações em que a ofensa toma contornos de seriedade, como quando há uma briga ou conflito. Ao comentar o assunto, Geraldo minimiza os eventos narrados ao destacar que somos todos iguais, argumentando que essa premissa também é válida no “Norte” onde ele dá a entender que fenômeno parecido com o preconceito contra nordestinos acontece lá entre ricos e pobres.

5.7 RACISMO COMO DEFEITO MORAL

Mesmo nos casos em que se vê a interpretação de que, se tratando de uma brincadeira, as colocações e situações vivenciadas não seriam tão graves, foi comum a demonstração de descontento também com estas situações. Uma postura frequente era atribuir tanto as “brincadeiras” quanto as situações mais graves aos defeitos morais de quem as enunciava, interpretando o fenômeno como circunscrito à esfera de relações interpessoais, de forma que caberia ao indivíduo afetado se impor ante o interlocutor ou ignorar a fala reprovável. As possibilidades de uma reação mais enfática podiam ser descartadas, se apontando que a melhor postura seria não dar atenção ou destaque a quem pensa dessa forma. Sobre esse fenômeno também tendia a ser articulada a ideia de que antes, no passado, o tratamento era mais rude e explícito, dando a entender que hoje o tratamento e reações similares seriam mais raras. Quando perguntado se conhece alguém que já sofreu preconceito, o potiguar Mafra enfatiza o que considera ser a melhor postura possível.

Hoje mudou, não está igual. Hoje ninguém mexe com nordestino não (...). Alguém para me falar, ele está falando mal dele mesmo. Ele é coitado, ele é inferior a mim (...). Por que se ele está colocando alguma chacota encima de mim é porque ele está preocupado comigo (...). Posso ter ouvido (alguma chacota), mas não ligo não, cara! Porque o cara está preocupado comigo. Eu incomodo ele. Você entendeu? O Q.I. dele é pequeno, uma pessoa infeliz. Quando você se preocupa com o que te atinge é só não ligar (...). Falavam muito “paraíba, você não sabe a cultura daqui, não sabe pedir as comidas, não sabe o que é bom, o que é ruim”. Eu ficava olhando o que os outros pediam. Olhava de rabo (de olho) se o prato era bonito. Eu não tinha base do que era. Lá no Nordeste só comia aquela comida que sua mãe faz. Chega aqui, tem um contrafilé à cavalo: “sei diabo o que isso”! Por exemplo, lá a gente pega

um café com leite, chega bem grande, né? Aí quando eu cheguei numa padaria fui pedir um café com leite, o cara trouxe um café bem pequenininho. Eu lembro que eu falei: “não, eu queria aquela xicara cheia”! “Oh, seu baiano, não sabe pedir não? Isso é um pingado”! Se eu fosse esquentar, iria ficar doido, não iria?

Mafra, 62.

Mafra enfatiza em seu relato vivências inéditas proporcionadas pelo contato com os equipamentos da cidade paulistana. Sua estratégia para passar por menos situações vexatórias era emular intimidade com a cultura local. Quando elas aconteciam, ele preferia “não esquentar” para “não ficar doido”.

Visando a própria sanidade e bem-estar, preferia se omitir quando se via ofendido. O entrevistado dá significado ativo à sua omissão diante de ofensas que o atingiam as ignorando como atitudes reprováveis próprias de pessoas inferiores.

Assim como Mafra, alguns entrevistados defenderam que, ao se deparar com situações de racismo, a melhor estratégia seria não dar importância às ofensas, agir numa perspectiva individualista em que o agente da ação é julgado pela vítima como alguém doente e sem valor. Quando o paraibano Ivan foi perguntado se conhecia alguém que já fora vítima de preconceito ele respondeu com desprezo similar ao de Mafra.

Eu, particularmente, não conheço, não, viu? Eu sei que tem, que existe, mas eu não conheço, não. Se tiver hoje – eu acho que sempre existiu – é por pessoas que tem a mente muito pequena, né? A pessoa que tem preconceito é fraca de espírito, fraca mentalmente. Ela tem problema. Para resumir, ela tem problema.

Ivan, 58.

O paraibano considera que qualquer um que venha a manifestar preconceito contra nordestinos deve ser considerado uma pessoa fraca, “de mente pequena”. Ivan, quando entrevistado, vivia com a sua família numa ocupação que reivindicava moradia o Bairro Bela Vista. Mafra, empresário do ramo de eventos de festas, trabalhava a algumas centenas de metros de onde Ivan morava. Ambos entendiam suas vivências de vítimas de racismo como defeitos cognitivos e morais do agente da discriminação. A baiana Maria das Graças adota estratégia parecida e defende que essa postura seja estendida a preconceitos de outra natureza. Quando perguntada se conhece alguém que já foi vítima de preconceito ela responde afirmativamente destacando o emprego do termo “baianada” na ocasião.

Já, o povo costuma falar: “aí, baianada”! Eu que não ligo para isso! Você está falando do preconceito de nordestino ou do preconceito em geral, né? Aqui eu já vi muitas pessoas falarem: “aquele é baiano”, “olha o baianão”! Se a pessoa vai comer e não tem etiqueta, fala alto... você entendeu? “Ah, só pode ser baiano”? Eu não ligo, você entendeu? Tem pessoa que se ofende, eu não estou nem aí. Eu não

estou nem aí para preconceito (...). Eu não me lembro (de ter sofrido preconceito), eu nunca liguei, eu ignorava. Eu nunca liguei para preconceito nenhum. Eu não estou nem aí. Eu tenho um sobrinho que eu vivo falando: “não ligue que alguém fique falando que você é gay, você é mesmo! E daí”? Agora vai processar os outros porque ele é gay?

Maria das Graças, 63.

Maria das Graças considera que a melhor postura de alguém que sofre preconceito é a indiferença. A grandeza da vítima estaria em não dar razão ao agente. Ao se ignorar a ação que discrimina, se reduziria o problema ao seu tamanho moral. A ação correta seria ignorar essas situações que não fazem sentido.

Assim como Maria das Graças, Bené diz não lembrar as situações em que foi vítima de preconceito, pois revela preferir se esquecer desses momentos ruins. Para o baiano, a melhor forma de conquistar o respeito de quem ofende os nordestinos é obtendo sucesso profissional.

Daqui a pouco você vai tendo sucesso em alguma coisa. Daqui a pouco você vai tendo o respeito daquela mesma pessoa que discriminou, entendeu? (Preconceito) diretamente, assim, é difícil. Não lembro. Já faz muito tempo (risos). Essas coisas ruins a gente vai procurando esquecer, sabia?

Bené, 63.

É possível que a pouca frequência com que discursos públicos sobre racismo, preconceito e discriminação são mobilizados expondo situações em que os nordestinos são o alvo gere uma situação propícia para a interpretação de que os momentos de racismo vivenciados sejam compreendidos como ataques pessoais aos migrantes e não como ataques à coletividade. Sendo identificadas as situações desagradáveis como indisposições pessoais, as estratégias para lidar com elas podem tomar contornos circunscritos às situações relatadas. Uma dessas estratégias, como relatado pelos migrantes, consiste em desprezar o agente da ação.

5.8 COMIDA AMARGA AO MENOS É COMIDA

Os entrevistados, de maneira geral, revelam um sentimento de agradecimento à cidade de São Paulo. Mesmo que este sentimento com frequência seja manifestado em declarações indicando dor pela saudade de amigos e parentes que ficaram na terra natal ou por queixas referentes à dinâmica social, suas colocações eram seguidas por outras de gratidão à cidade por permitir que o entrevistado “ganhasse seu pão” ou pela acolhida enquanto novo lar.

Esse sentimento era ainda mais destacado quando as lembranças da terra natal fazem referência a um contexto vivenciado de pobreza e privações, como foi o caso da alagoana Cícera, criada pela segunda esposa de seu avô materno, única sobrevivente de quatro irmãs, abandonadas pelo pai e depois pela mãe.

Eu falo: sou nordestina com tristeza, porque o Nordeste é um lugar que o governo não lembra de fazer nada pelo povo. Se aqui é difícil, lá é pior.

Cícera, 61.

Cícera se sente agradecida à cidade de São Paulo pela ascensão social conquistada. Conta que, quando sua família foi abandonada pelo seu pai, as propriedades que deveriam pertencer à sua mãe por direito foram reapropriadas pelo avô paterno. O agravamento dos transtornos psicológicos de sua mãe fez com que esta migrasse para São Paulo e deixasse as quatro filhas com o avô materno. Este, casado pela segunda vez, enviou suas irmãs mais velhas para serem mantidas pelo avô paterno, que, por sua vez, as tratou com, no mínimo, descaso para que todas elas viessem a falecer. Cícera foi criada pelo avô materno e sua esposa. Na juventude, a busca por emprego a levou a Salvador. De lá, foi para São Paulo onde conseguiu se empregar e constituir família.

O sentimento de gratidão nitidamente os constrangia em relatar situações difíceis e desagradáveis. Muitos entrevistados temiam ser vistos como ingratos aos ganhos e ascensão econômica possibilitada pela vida na cidade paulista. Quando o piauiense Macário foi perguntado se o mercado de trabalho antes era mais aberto ou mais fechado ao migrante nordestino, ele respondeu que considerava equivalente à situação de hoje, mas evita fazer ponderações mais específicas sobre suas experiências na cidade.

Acho que era a mesma coisa, né? Eu acho que era. O pessoal gostava de discriminar nordestino, mas dessa parte não posso reclamar porque quando cheguei eu vinha de lá trabalhando na roça e cheguei e arrumei logo (emprego), né?

Macário, 77.

Ao ensaiar dar destaque às situações de preconceito vivenciadas, o piauiense imediatamente às descredencia por que, diante dos benefícios, considera que “não pode reclamar”. Essa postura também foi reproduzida pela baiana Valdete ao responder se considera vantajosa sua vinda para a cidade, embora ela enfatize que viveu muitos momentos ruins em São Paulo.

Eu senti vantagem porque estou viva até hoje. Eu comi, eu bebi... não vou cuspir no prato em que eu comi, mas não foi muito bom, não. Foi amargurado (...). Para mim, São Paulo é bom porque eu estou viva. Acho que já tem 60 anos que eu vim da Bahia e estou aqui comendo e bebendo. É até uma falta de respeito falar mal, dizer que é negativo.

Valdete, 82.

Valdete se sente desconfortável em relatar a vivências negativas pois sente que deve a vida à cidade. Seus sentimentos são conflitantes uma vez que entende carregar uma dívida de gratidão com a Cidade ao mesmo tempo em que essa sobrevivência envolveu muitos sentimentos negativos. Assim como ela, o também baiano Sarapião enfatiza que foi graças a cidade que ele pôde comer e beber quando perguntado sobre as dificuldades vividas quando chegou.

Não, depois disso aí (a chegada) as coisas melhoraram tudo para mim, graças a Deus. E até hoje é coisa boa para mim. Não tenho o que falar de São Paulo. Não falo mal porque é onde eu estou comendo e bebendo, vivendo a vida. Não pretendo ir embora pra Bahia. Não pretendo, mas só vou lá a passeio, visitar o pessoal lá. Ir para morar não vou mais. Meu fim até o resto da minha vida é aqui em São Paulo (...). Vou te falar a verdade, por enquanto não tem o que falar de momento ruim meu aqui. Para mim, tudo está bom. Estando com a minha saúde, eu tenho tudo na vida.

Sarapião, 74.

O baiano refuta qualquer possibilidade de fazer menção a momentos ruins em São Paulo uma vez que todos as conquistas sentidas em sua vida ele deveria à cidade. A mera possibilidade de mencionar momentos difíceis é colocada como ingratidão. Assim como Sarapião, foi percebido que vários outros migrantes, mesmo quando fazendo menção a situações de preconceito ou outras dificuldades vivenciadas, também demonstraram desconforto diante da possibilidade de ter seu testemunho interpretado como ingratidão.

5.9 NOS JORNAIS DO PASSADO E NA VIDA DOS PRESENTES

A entrevista com os migrantes trouxe, em diferentes graus, todos os elementos centrais do processo de racialização presente nas páginas do *Correio Paulistano* da década de 1950. Com exceção dos adjetivos que orbitam o tema do migrante nordestino como “risco sanitário”, pode-se dizer que os demais elementos mobilizados no *Correio Paulistano* também foram citados na experiência dos migrantes em São Paulo.

Foram relatadas ofensas relacionadas ao estereótipo do nordestino miserável e retirante, como dois entrevistados que destacaram ofensas relacionadas a uma suposta

“fraqueza” derivada da fome em “sangue fraco nordestino”. Outros relatos destacaram ofensas como “barriga verde” e “morto de fome”.

As notícias que descreviam os homens do Nordeste como desordeiros, agressivos, explosivos, nervosos e valentes, em suma o estereótipo de “nordestino perigoso”, se refletiram em experiências em que as ofensas relatadas por três entrevistados foram “valente”, “estourado”, “cangaceiro”, “da faca” e “brigar, matar os outros”. Ainda próximo semanticamente deste estereótipo, dois entrevistados disseram já ter sido chamados de “ladrão”, um contou já ter escutado “bandido” e outro descreveu uma situação em que foi ofendido com “pinguço”, “catando pinga”, “ignorante” e “malandro”.

Alguns entrevistados demonstraram descontentamento com o estereótipo que vincula a migração nordestina ao meio rural, sempre reproduzido numa manifestação pejorativa. Termos como “caipira” e “da roça” foram relatados em situações em que eles entendiam a intenção em rebaixá-los enquanto cidadãos ao mesmo tempo que os conectava com um estereótipo da zona rural com pessoas pouco instruídas e pouco inteligentes.

Algumas características atribuídas aos nordestinos pelos textos do *Correio Paulistano*, não foram mencionados em situações de atritos com nativos de São Paulo, mas sim foram declarados pelos próprios migrantes como características de seus conterrâneos. E termos presentes na década de 1950 como “trabalhador”, “sem estudo” e “sem cultura” emergiram nos depoimentos dos entrevistados.

Quando perguntados quais as qualidades do migrante nordestino, o termo “trabalhador” aparece em destaque com quase metade dos migrantes destacando esta como uma característica frequente. No entanto, não é qualquer trabalho que é relacionado ao nordestino, mas principalmente o trabalho braçal, com características mais físicas, que exigem mais energia e resistência, portanto, os trabalhos que demandam menor qualificação e que tendem a ser menos valorizados. O trabalho pesado tendeu a ser retratado pelos nordestinos como o trabalho que era de fato importante para a manutenção da cidade, o que os caracterizava como pessoas necessárias para que São Paulo funcionasse. Suas visões sobre o trabalho, por vezes, tomaram contornos quase cristãos na descrição do árduo trabalho realizado que, de tão penoso e sofrido, exorciza e purifica a alma revelando a todos o caráter virtuoso de seu esforço. No *Correio Paulistano*, os elogios direcionados à migração nordestina destacavam, em tom de elogio, a resistência e corpos rijos dos migrantes, retratando-os como trabalhadores mais interessantes para o campo paulista que os imigrantes europeus. Na retórica dos entrevistados é presente uma valorização do nordestino por sua resistência ao trabalho pesado. Se o jornal de 1950 tendia a comparar os nordestinos com os

italianos, os nordestinos entrevistados em 2018 tendiam a contrapor suas características às dos nativos de São Paulo. Enquanto o nordestino é visto pelos migrantes como trabalhador, o paulista tende a ser retratado por eles como “preguiçoso”, qualidade que se alia nas narrativas aos postos de trabalho que exigem menos esforço físico e que são melhor remunerados. A percepção de que o paulista “não quer pegar no pesado” ao mesmo tempo em que goza de empregos mais bem remunerados, reforça a percepção de uma estrutura de racismo de exploração sobre os migrantes, em que eles se fazem desejados ocupando postos de trabalho não ambicionados pelos paulistas.

Há um reconhecimento por parte dos migrantes de que a migração nordestina em geral não era tão escolarizada a ponto de ocupar os melhores cargos disponíveis nas empresas, o que encontra respaldo na própria experiência dos entrevistados, todos tendo se empregado num primeiro momento em ocupações que demandavam pouca ou nenhuma qualificação técnica. Embora alguns suspeitem de que a referência à escolaridade era uma desculpa para justificar o impedimento aos nordestinos de ascender a cargos com maior prestígio social, a grande maioria entende que a própria escolaridade era um empecilho para galgar vagas de trabalho melhor remuneradas. No entanto, é possível que, dentro do que poderia ser possível aos migrantes ascender, alguns empregadores tenham se valido desse argumento para manter seus trabalhadores nordestinos em cargos subalternos. Vimos que no ano de 1955 no *Correio Paulistano* a negação da existência de um “preconceito de raça” contra nordestinos por alguns articulistas já se valia do mesmo argumento ancorado na baixa qualificação da mão-de-obra que vinha do Nordeste, o que provavelmente foi utilizado por muitos empregadores para encobrir casos de racismo. Diante desse histórico é plausível a suposição de alguns entrevistados de que a desculpa da baixa escolaridade tenha sido instrumentalizada para camuflar situações de racismo contra nordestinos.

Principal fator de reconhecimento mútuo é o chamado “sotaque nordestino”. Mesmo com alguns entrevistados apontando outros elementos, elas adquirem um caráter acessório nesse processo. De forma que “falar paulista” desponta como uma possível rota de fuga do processo de racialização. Um dos elementos destacado entre os auxiliares ao sotaque no processo de racialização foi a referida “cabeça-chata” do nordestino. Sobre o “formato da cabeça” há um sentimento majoritário que inspira riso entre alguns entrevistados. Entre outros, no entanto, trata-se de uma associação ofensiva. Três entrevistados relataram já ter escutado o termo “cabeça-chata” e “Bahia cabeça-chata” como ofensa.

O “risco sanitário” foi, de todos os temas e representações relacionadas aos nordestinos no *Correio Paulistano* de 1950, o único que não encontrou eco nas vivências

relatadas pelos entrevistados, o que não quer dizer que não tenham ouvido ou vivido situações racistas baseadas na ideia de que os nordestinos são portadores de doenças. A única situação que talvez reflita algo desse medo incutido pelos jornais é quando a entrevistada Elenita relata lembrar ter sido separada num parquinho de outras crianças paulistanas pelos pais delas. Talvez estes pais o tenham feito com a ideia de evitar que seus filhos “se contaminem” com os possíveis patógenos incubados na criança nordestina. No entanto, nada mais no relato de Elenita nos permite cravar que eram estes os motivos de tal ação.

Quando perguntados sobre já ter sofrido racismo, o que é reconhecido popularmente pelas categorias “discriminação” ou “preconceito”, a maioria declara nunca ter vivido algo similar por ser nordestino. No entanto, ao final das entrevistas, quando perguntados se já haviam sido chamados por termos pejorativos como “baiano” e similares, a grande maioria confirmou a familiaridade com essas situações. Com frequência os migrantes apelavam a outros nomes para descrever os casos de racismo vivenciados, como “*bullying*”, “humilhação”, “ataques”, “inveja”, “desvalorização” e “desfeita”.

O termo “baiano” e seus correlatos, como “baianada”, são reconhecidos pela maioria como um termo ofensivo. Apesar de o termo “baiano” ter contornos imprecisos e, por vezes, os migrantes revelarem não entender em que ele especificamente os ofende, é percebida por eles a carga pejorativa do termo nos contextos em que é dita. Os nordestinos entendiam o não dito daqueles momentos e, a partir disso, adotavam a postura e reação que acreditavam mais sensata e digna. Baiano aparece como um termo imerso em um caldo confuso de referências cujo sumo final cristalizava uma ideia que era muito bem entendida pelos migrantes: “você não é como eu, é pior”.

CONCLUSÃO

Processos de racialização e racismo podem estar circunscritos a um contexto que facilite o seu reconhecimento pelos indivíduos que compõem uma sociedade. Quando isso ocorre, é mais fácil ao grupo dominante reconhecer seus privilégios e ao grupo subalterno reivindicar justiça e medidas apropriadas para reverter o quadro de desigualdade.

No entanto, quando um grupo étnico sofre uma dominação simbólica, econômica e política por outro grupo étnico de forma sistemática, por meio de representações e ideologias que essencializam negativamente o primeiro grupo, se apresentando também neste processo uma justificativa para a sua exploração ou exclusão material, nem sempre sua situação é facilmente reconhecível como a de uma etnia que sofre racismo.

Antes mesmo de serem denominados de nordestinos, discursos sobre os povos do Norte do país e como seu habitat e mestiçagem ameaçavam o futuro da nação já se disseminavam nos debates intelectuais sobre o Brasil. Quando o Nordeste brasileiro foi delimitado como o Norte seco e seu povo passou a ser objeto de estudo, não só os discursos que já existiam sobre o Norte foram “reciclados”, como o “gentílico” da região foi alvo de novos discursos. O nordestino é retratado como o brasileiro autêntico pelos regionalistas do Nordeste. O mesmo acontece com a intelectualidade paulista, que, no entanto, via no brasileiro o problema para o próprio Brasil: era necessário se miscigenar com a genética europeia, retórica que resvalou para a hierarquia de civilizações quando as referências ao eugenismo racista já não eram bem vistas.

Historicamente a racialização do nordestino não só se configura em racismo como também indica elementos de um racismo próximo do que se define como racismo de exploração, valorizando-o enquanto trabalhador braçal: o “menos exigente e o mais eficiente”.

No jornal *Correio Paulistano* as opiniões transmitidas não eram homogêneas, revelando uma variedade interna de posições a respeito do Nordeste e da migração de nordestinos para o sul, o que o fazia palco para debates pontuais na década de 1950. A publicação virava um porta-voz de ideias aparentemente antagônicas, como ter tantos textos defendendo políticas que fixem os nordestinos à sua terra quanto textos que destaquem a importância da mão-de-obra nordestina para o campo paulista.

O nordestino, que já tinha sido “inferior” pelas raças que o constituem e pela sua cultura, foi alvo naquela década de especulações quanto a sua “dependência” de ajuda estatal e de como isso mal formaria o caráter de sua população, que desenvolveria um “complexo de inferioridade” como fator psicológico. O contato com São Paulo é frequentemente descrito

como traumático e maléfico para o nordestino.

Quando estouraram as denúncias de “preconceito racial” contra nordestinos em fábricas que se recusavam a empregá-los, os que tentaram minimizar o escândalo reclamavam que não eram todos os paulistas que agiam assim e justificavam que, se algum nordestino de fato foi impedido de assumir uma vaga de emprego, isso se devia ao suposto despreparo e baixa formação técnica dos migrantes.

A migração é descrita com frequência como uma escolha equivocada dos nordestinos, como uma ação fruto do impulso e do desespero que se prova pior para eles do que se continuassem em sua terra natal. Trata-se de um discurso que questiona a autonomia dos migrantes, reafirmando, nas entrelinhas, sua necessidade de tutela.

Quase não foram registrados elementos do racismo explicitamente vinculado ao discurso eugênico do começo do século. Por outro lado, referências à cultura do Nordeste alocada no discurso de “estágios da civilização” (WEINSTEIN, 2006) a retratavam como uma civilização “estacionada” no feudalismo. Há uma vinculação frequente do Nordeste como um lugar onde ainda reside o “passado”. A estrutura agrária, com frequência, é descrita como “feudal”. Quem se forma no passado, do passado parece padecer ao não se encaixar na cidade.

O meio também segue atuando sobre os corpos nordestinos nos discursos do jornal. É o “habitat” que, ao gerar corpos em meio às privações da seca ou das doenças, inviabiliza que o nordestino produza em sua região natal. Quando migrante no sul, ou ele se cura ou permanece como um risco sanitário. Se buscava, por um lado, mobilizar solidariedade ante a pobreza presenciada, por outro reforçava um estigma que apontava o nordestino como risco sanitário. Com frequência, são representados como foco de doenças.

Em torno do Nordeste e do nordestino um vocabulário se consolida como recorrente: miséria, flagelado, seca, retirantes, corrupção, passividade, conformismo, infelizes, rijo, incansável, resistentes, fatalistas, sujo e doente.

A representação do homem nordestino como alguém perigoso era constante. A notícia que descrevia um homem “de sotaque nortista” desferindo arroubos de violência física em desentendimentos cotidianos ou abordando vítimas em assaltos era constantemente divulgada.

Merece destaque as evidências de que donos de terra junto ao poder público de São Paulo seguiram tentando trazer imigrantes estrangeiros para o Brasil, ainda que a iniciativa fosse abertamente criticada, se denunciando a escassez de verbas e políticas públicas voltadas para os migrantes nordestinos. Entre essas defesas, se percebe a representação do nordestino como um trabalhador mais apropriado e resistente que o europeu.

Por vezes o caráter pendular da migração de boa parte do contingente de nordestinos que vinham para São Paulo era alvo de críticas.

Em alguns momentos há discursos que chegam a reconhecer que São Paulo deve boa parte de suas riquezas à presença da mão de obra nordestina que trabalhou nas fazendas do interior.

Nas páginas do *Correio Paulistano* com frequência é destacada a importância do migrante nordestino como mão-de-obra, o que indica, no discurso, uma inclinação para um racismo de exploração, em que o grupo subalterno é entendido como importante dentro das instâncias permitidas pelo grupo étnico dominante, desempenhando um leque de funções específicas e necessárias para os processos de produção de riqueza.

O discurso sobre o nordestino também se constitui numa naturalização de espaços ocupados por ele. É possível dizer que quando se falava em “migrante nacional”, “bairros proletários”, “população obreira”, “miseráveis nas favelas” e “pessoas necessitadas”, também se falava sobre nordestinos, já que o silêncio sobre outras migrações nacionais, principalmente sobre a mineira, era permanente, com raras exceções que destacavam seu maior contingente se comparação ao das levas de nordestinos. O discurso sobre o nordestino era veiculado junto a um “não-discurso” sobre as outras migrações nacionais, o que fazia com que recaísse consideravelmente sobre os migrantes do Nordeste estigmas e incômodos advindos do crescimento da cidade.

O discurso que racializava nordestinos no jornal *Correio Paulistano* refletia um pouco dos efeitos dessa racialização no cotidiano destes migrantes. Buscando entender como essa racialização era sentida pelos nordestinos, procurei entrevistar nordestinos idosos que migraram para São Paulo até a década de 1970.

Apesar de relatarem vivências que analiticamente retratam rotinas de interação e representações que denotam uma racialização essencialmente negativa (MONSMA 2016), os migrantes entrevistados não se veem como pessoas que tenham vivenciado situações de “preconceito”. Os idosos nordestinos que foram entrevistados tendem a denominar as situações desagradáveis vivenciadas com outros nomes, como “ciúmes”, “*bullying*” ou “desvalorização”.

Quando sondados sobre suas próprias vivências como discriminados, poucos nordestinos lembram de ter vivido essa situação. Fenômeno que se repetiu na pergunta sobre conhecidos que tenham vivido discriminação ou preconceito. No entanto, a maioria relatou em outros momentos da entrevista situações que se enquadram em vivências de racismo. Apesar de a grande maioria alegar não ter vivido ou conhecido alguém que viveu situações de

racismo, quando perguntados se já haviam ouvido expressões como “baiano” e “baianada” a grande maioria relatou situações de racismo vividas por si e por outrem, evidenciando que a maioria dos migrantes não entende essas vivências como situações de racismo. Entre as reações citadas pelos nordestinos diante de situações de racismo, alguns relatam convivência pelo caráter cômico dessas inserções. Eles destacaram que parte dessas situações acontecem num contexto de descontração e não de animosidade, que, por isso, não devem ser entendidas como mal-intencionadas.

Eram comuns os relatos que apontavam que a melhor reação a situações de preconceito era o desprezo e a passividade para com o agressor. Eles justificavam essa reação como a mais plausível diante de alguém que merecia o desprezo por manifestar um comportamento tão inferior intelectual e moralmente. Se percebia que os entrevistados entendiam o desrespeito numa esfera intrapessoal, como se a ofensa se limitasse apenas ao ofendido, sem ser direcionada a todo grupo social.

É importante destacar o desconforto manifestado pelos migrantes quanto às perguntas que sondavam situações difíceis vividas em São Paulo. Esse sentimento, presente nos relatos em menor ou maior escala, impediu que alguns migrantes narrassem situações de conflito ou constrangimento por temer serem interpretados como uma atitude de ingratidão à cidade que os permitiu sobreviver ou ascender socialmente.

A passividade diante de situações de racismo e a gratidão para com “São Paulo” que constrange até mesmo o reporte de situações desagradáveis são características de uma exploração simbólica (MONSMA, 2016). Vários entrevistados indicam resignação ante termos ofensivos como “baiano” e “baianada”. Quando estes termos são utilizados num contexto de racismo recreativo (MOREIRA, 2020), se tornam mais fáceis de serem tolerados, posto encobrir a hostilidade com o artifício do humor.

Essa dimensão simbólica do racismo de exploração também se revela no constrangimento dos entrevistados em narrar situações desagradáveis vivenciadas pelos migrantes em São Paulo. O sentimento de dívida de um grupo para com outro, característica do racismo de exploração, se revelou na expressão deste sentimento para com a cidade, como se o fato de relatar situações desagradáveis denotasse uma postura de ingratidão para tudo que foi conquistado ou mantido após a chegada na cidade.

Entre a minoria que apontou ter vivido ou sabido de situações de discriminação, foi unânime a percepção de que as manifestações explícitas de racismo têm minguado com o tempo, muito em razão das sanções possíveis com dispositivos legais. Um dos entrevistados acredita, no entanto, que o que aconteceu foi um deslocamento dessas manifestações

explícitas de racismo para o ambiente digital de internet.

Nas entrevistas ficou evidente o quanto a ideia de “nordestino trabalhador” era um elemento de afirmação. A interpretação de que o trabalho manual e exaustivo era mais trabalho que o desempenhado em cargos de chefia se constituiu em um elemento de valorização da migração nordestina. Com frequência a representação dada ao trabalho era que ele se constituía num sacrifício dignificante.

Quando perguntados sobre o que consideram ser as características dos nordestinos e sobre quais as diferenças entre nordestinos e paulistas, um número considerável das respostas orbitou em torno de virtudes e defeitos importantes nas relações trabalhistas. Os migrantes como um todo tendem a ver no nordestino qualidades muito relacionadas com os postos ocupados por eles, vinculando, portanto, elementos como esforço, honestidade e resistência aos migrantes. Essas qualidades eram descritas como essenciais para a realização do trabalho “de verdade”, aquele considerado mais nobre e necessário que o desempenhado pelos “paulistas” ou “paulistanos”, que tiveram por sua vez qualidades relacionadas à preguiça, fragilidade e pedantismo. Se em suas vivências os nordestinos tendiam a estar subjugados a paulistas na hierarquia dos postos de trabalho, por outro lado eles tendiam a enxergar seu trabalho como mais nobre e necessário que o tradicionalmente desempenhado pelos locais.

Todos os entrevistados, independentemente de considerarem este um processo benéfico ou maléfico, convergiram na percepção de que antes havia mais facilidade para ocupação de postos de trabalho que prescindiam de formação mais especializada, enquanto na contemporaneidade a ocupação destes postos estaria mais difícil. Por outro lado, eles apontam que os migrantes tendem agora a ocupar postos antes inacessíveis aos nordestinos, aqueles que exigem mais escolaridade.

Os entrevistados indicam que os mecanismos de reconhecimento acionados no processo de perceber outros migrantes nordestinos, seja por seus patrícios, seja por nativos de São Paulo, englobam uma miríade de características que vão desde o comportamento social, passando pelas vestes e compreende até as feições desses migrantes. No entanto, todos os relatos indicam que o reconhecimento dos sotaques relacionados aos Estados que compõem a região é o grande crivo que permite a certeza de que alguém é nordestino, fazendo com que as outras características tenham um caráter mais acessório do que determinante nesse processo. Todas as referências a possíveis características físicas dos nordestinos ficaram em segundo plano diante da importância do sotaque. Tendo o sotaque como central nesse processo de reconhecimento, alguns entrevistados indicaram se valer do silêncio e de evitar se pronunciar

em determinadas situações para não ser reconhecido ao mesmo tempo em outros repudiaram posturas de conterrâneos que “disfarçam” o sotaque, o que pode ser um indício de que esse recurso é utilizado para escapar da racialização.

Alguns migrantes acreditam que o nordestino pode ser percebido por características físicas, com referências frequentes à “cabeça-chata” dos conterrâneos. Para outros, no entanto, o termo tem conotações pejorativas, se configurando entre as ofensas relatadas. Outras ofensas destacadas foram aquelas que fazem representação do nordestino com alguém que passa fome; que vinculam a migração ao meio rural, partindo do pressuposto de que este representa um modo inferior de se viver que na cidade; que relacionam os nordestinos com religiões de matriz africana numa representação pejorativa; que dizem que os homens nordestinos são viciados em cachaça e que representam o migrante dentro do estereótipo de “nordestino perigoso”.

Com exceção da representação do nordestino como “risco sanitário”, todos os principais temas sob os quais os migrantes foram representados nas edições do *Correio Paulistano* da década de 1950 fazem parte da racialização descrita pelos entrevistados. O nordestino nos testemunhos dos migrantes aparece vinculado à miséria, ao perigo, à zona rural, ao trabalho pesado, à ausência de estudo e à representação física do “cabeça-chata”.

O estudo desenvolvido indica a necessidade de um aprofundamento sobre os descendentes de migrantes nordestinos e se a racialização sofrida por seus avós ou pais recai sobre eles.

Os resultados obtidos indicam a importância da promoção de um debate público que conscientize migrantes nordestinos sobre a possibilidade de serem vítimas de discursos e representações racistas, assim como destaca a importância de campanhas de conscientização sobre a disponibilidade de instrumentos legais que podem ser acionados.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2012. (Preconceitos).
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1998.
- APÓS reeleição de Dilma, eleitores do Nordeste são atacados nas redes sociais. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 26 de out. 2014. Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,apos-reeleicao-de-dilma-eleitores-do-nordeste-sao-atacados-nas-redes-sociais,1583393>. Acesso em 18 out. 2021.
- APOIADORES de Bolsonaro atacam o Nordeste após eleição. **Portal Terra**. São Paulo, 8 de out. 2018. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/eleicoes/nordeste-vira-alvo-de-apoiadores-de-bolsonaro,ca04357eb0f05d559757676390282cb83y8hpddm.html> Acesso em: 01 out. 2021.
- APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BACURAU. Direção: Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. Produção: Emilie Lesclaux, Saïd Ben Saïd, Michel Merkt. Elenco: Sônia Braga, Udo Kier, Bárbara Colen, Thomás Aquino, Silvero Pereira, Karine Teles *et al.* Brasil/França: SBS Productions; CinemaScópio, 2019. (132 min.)
- BANTON, Michael. **A ideia de raça**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BARTH, F. Introduction. In: BARTH, F. (org.) **Ethnic groups and boundaries: the social organization of culture difference**. Prospect Heights, Illinois: Waveland Press, 1998.
- BONDUKI, Nabil. Crise na habitação e a luta pela moradia no pós-guerra. In: KOWARICK, Lúcio (Org.). **As lutas sociais e a cidade – São Paulo: passado e presente**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **Meditações pascalinas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo, Perspectiva, 1982
- CORREIO PAULISTANO. São Paulo: Fundação Biblioteca Nacional (FBN), 1950 – 1959.
- DAMASCENO, Caetana Maria. “Em casa de enforcado não se fala em corda”: notas sobre a

construção social da “boa” aparência no Brasil. In: GUIMARÃES, Antonio Sérgio; HUNTLEY, Lynn (orgs.). **Tirando a Máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p 165-99.

DU BOIS, W. E. B. **As almas da gente negra**. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

DUMONT, Louis. **Homo Hierarchicus: o sistema das castas e suas implicações**. São Paulo: Edusp, 1992.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ELIAS, Norbert. Introdução: sociologia e história. In: **A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FANON, Frantz. **Pele negra, mascaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FONTES, Paulo. **Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-1966)**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. 346 p.

FREDRICKSON, George M. **Racism: a short history**. Princeton: Princeton University Press, 2002.

FREYRE, G. **Casa-Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: IN L-M EC, 1980.

FRY, P. **A persistência da raça, Ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

GÓIS, F. OAB-PE e deputados acionam Diogo Mainardi no MPF por declarações sobre nordestinos. **Congresso em Foco UOL**. 7 de nov. 2014. Disponível em: <http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/oab-pe-e-deputados-acionam-diogo-mainardi-por-declaracoes-sobre-nordestinos/>. Acesso em 18 out. 2021.

GUIMARÃES, A. S. A. **Preconceito Racial: modos, temas e tempos**. São Paulo: Cortez, 2012.

GUIMARÃES, A. S. A. **Racismo e antirracismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2009.

GUIMARÃES, A. S. A. **Preconceito e discriminação**. São Paulo: Fundação de Apoio a Universidade de São Paulo; Ed. 34, 2004.

GUIMARÃES, A. S. A. **Classes, Raças e Democracia**. São Paulo: Ed. 34, 2002.

HALL, S. **A identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JACOBSON, Matthew Frye. **Whiteness of a different color**. Cambridge, US: Harvard University Press, 1998.

JAMES, C. L. R. **Os jacobinos negros**: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos. São Paulo: Boitempo, 2010.

JENKINS, Richard. **Rethinking ethnicity**: arguments and explorations. Londres, UK: Sage Publications, 1997.

LANDER, E. Ciências Sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. (Colección Sur Sur)

MAIA, Mônica Emanuela Nunes. **A necessidade e o chicote**: seca e saque em Limoeiro do Norte (1951-954). 2005. 177f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza (CE), 2005.

MELO, Débora. PT faz ato contra declaração separatista de Coronel Telhada. **Portal Terra**. São Paulo, 6 de nov. 2014. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/pt-faz-ato-contra-declaracao-separatista-de-coronel-telhada,0975b5d4b6789410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html> Acesso em: 18 out. 2021.

MENESES, M. P. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

MILES, Robert. **Racism after 'race relations'**. Londres, UK; Nova York, US: Routledge, 1993.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

MONSMA, Karl. **A reprodução do racismo**: fazendeiros, negros e imigrantes no oeste paulista: 1880-1914. São Carlos: EdUFSCar, 2016.

MONSMA, Karl. Como pensar o racismo: o paradigma colonial e a abordagem da sociologia histórica. Raça e racismo numa perspectiva global. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v.48, n.2, p.53-82. jul, 2017.

MUNANGA, K. Mestiçagem como símbolo da identidade brasileira. In: SANTOS, B. S; MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. São Paulo: Autêntica, 2008. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

MUNANGA, K. **Negritude**: usos e sentidos. São Paulo: Autêntica, 2012. (Coleção Cultura Negra e Identidades)

NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história**: saques e outras ações de massas no Ceará. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

NOGUEIRA, O. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo**

Social, revista de sociologia da USP, São Paulo, SP, v.19, n.1, p 287 – 308, jun. 2007.
Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702007000100015> Acesso em 18 out. 2021.

OMI, Michael; WINANT, Howard. **Racial formation in the United States: from the 1960s to the 1990s**. 2 ed. Nova York, US; Londres, UK: Routledge, 1994.

PENNA, M. **O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o “escândalo”** Erundina. São Paulo: Cortez, 1992.

QUIJANO, A. Colonialidade do Poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. (Colección Sur Sur)

RATTS, A. **Traços étnicos: espacialidades e culturas negras e indígenas**. Fortaleza: Museu do Ceará; Secult; Imopec: 2009. (Coleção Outras Histórias, n. 56).

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SECRETO, María Verónica. A seca de 1877-1879 no Império do Brasil: dos ensinamentos do senador Pompeu aos de André Rebouças: trabalhadores e mercado. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.27, n.1, jan.-mar. 2020, p.33-51.

SOBRINHO, José Hilário Ferreira. **Catirina, minha nêga, tão querendo te vendê: escravidão, tráfico e negócios no Ceará do século XIX (1850 – 1881)**. Fortaleza: SECULT/CE, 2011.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SOWELL, T. **Affirmative action around the world: an empirical study**. New Haven, US: Yale University, 2004. 256p. Disponível em <http://site.Ebrary.com/id/10170784?ppg=14>. Acesso em 10 de jun. 2021.

THALASSA, Ângela. **Correio Paulistano: o primeiro diário de São Paulo e a cobertura da Semana de Arte Moderna – O jornal que “não ladra, não cacareja e não morde”**. 2007. 168 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

TODOROV, T. **A Conquista da América: a questão do outro**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Tópicos)

VETTORASSI, Andréa. **Laços de trabalho, fios da memória e redes migratórias**. Curitiba: Appris Editora, 2018.

VIANA, O. **Instituições políticas brasileiras**. Brasília: Senado Federal, 1999.

WADE, P. **Race and ethnicity in Latin America**. Londres, UK: Pluto Press, 1997.

WADE, Peter. **Raza y etnicidad en Latinoamérica**. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2000.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: Volume 1. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009, a.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: Volume 2. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009, b.

WEFFORT, Francisco. Nordestinos em São Paulo: notas para um estudo sobre cultura nacional e cultura popular. In: EDENIO, José Valle (Org.). **A cultura do povo**. São Paulo: Cortez; Instituto de Estudos Especiais, 1988.

WEINSTEIN, Barbara. Racializando as diferenças regionais: São Paulo x Brasil, 1932. **Revista Esboços**, Florianópolis, SC, v. 13. n. 16, p. 281-303, out. 2006.

WEINSTEIN, Barbara. **(Re)formação da classe trabalhadora no Brasil (1924-1964)**. São Paulo: Cortez, 2000.